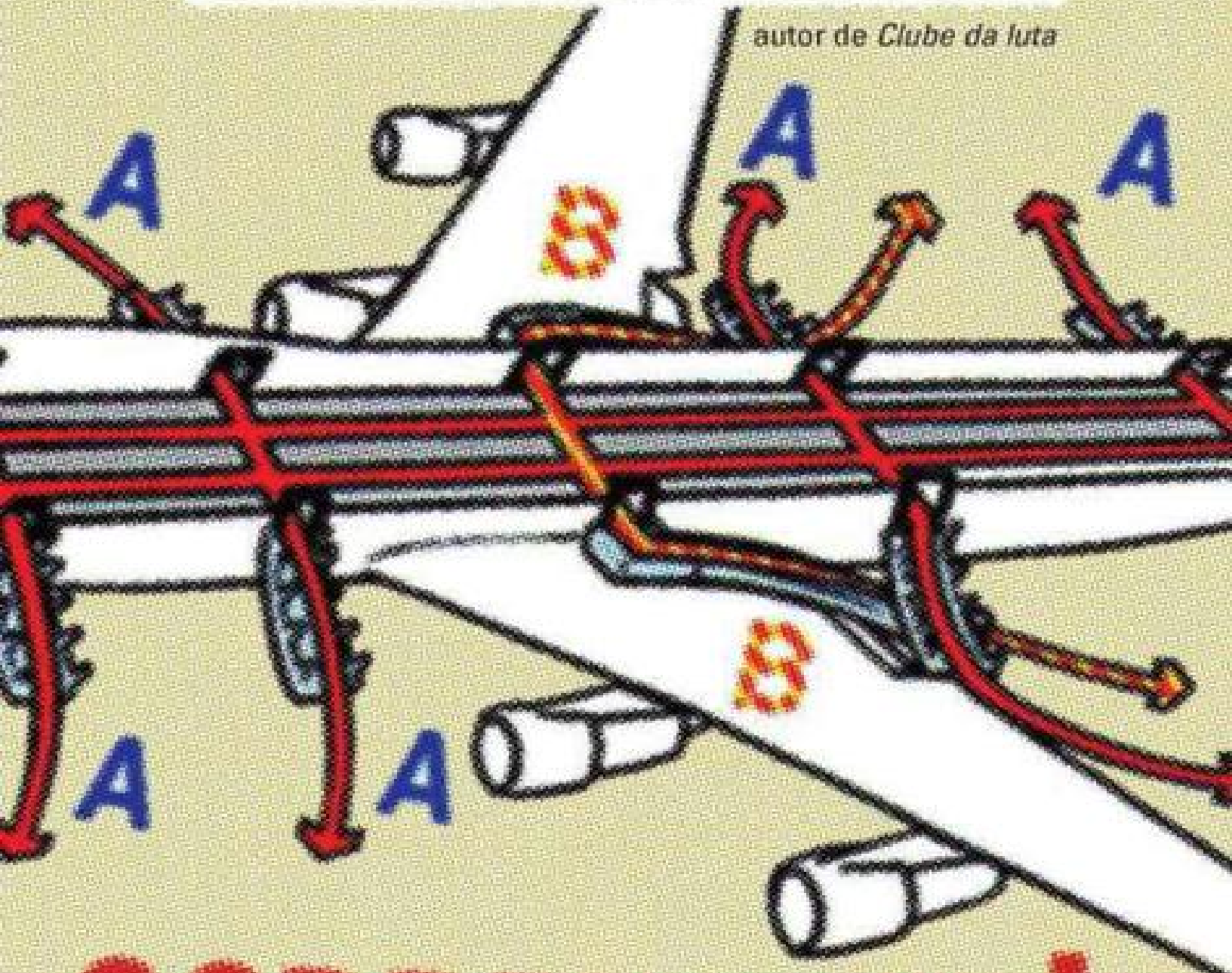


CHUCK PALAHNIUK

autor de *Clube da luta*



SOBREVIVENTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Para Mike Keefe e Mike Smith.

Para Shawn Grant, Heidi Weeden e Matt Palahniuk.

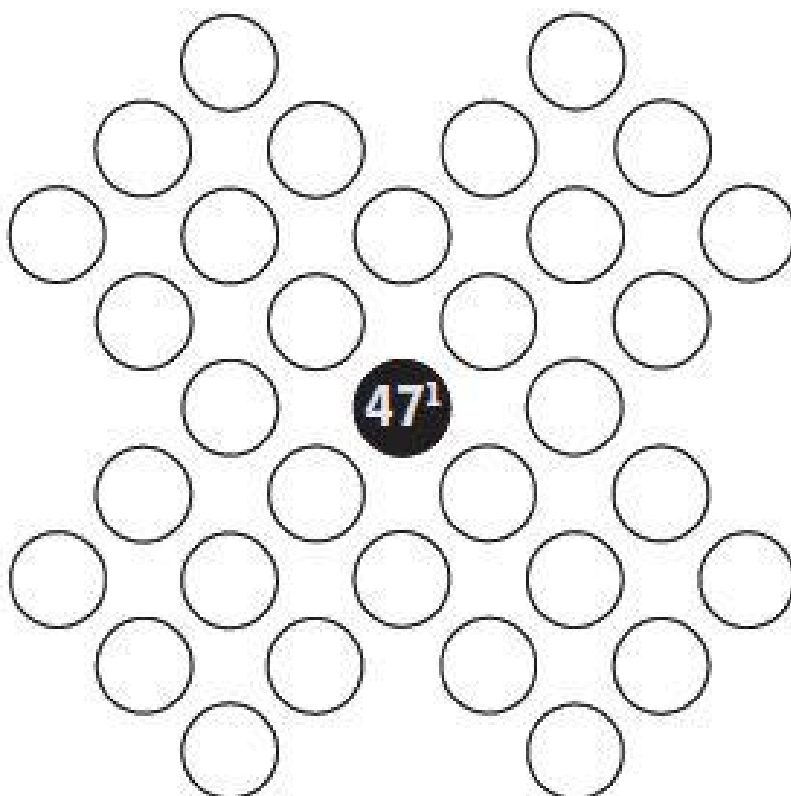
O agente neste livro não é Edward Hibbert, que representa meu trabalho com todo seu humor, energia e habilidade.

Ninguém neste livro é tão inteligente quanto meu editor, Gerry Howard.

Ninguém no mundo é tão implacável e prestativo quanto Lois Rosenthal.

Este livro não existiria sem a oficina Tuesday Night Writers na casa da Suzy.

Quem escreveu alguma coisa para a noite de hoje?



1. Os capítulos, bem como as páginas, são numerados de trás para a frente. (N. da T.)

Testando, testando. Um, dois, três.

Testando, testando. Um, dois, três.

Talvez isto esteja funcionando. Eu não sei. Se você pode me ouvir, eu não sei.

Mas, se você consegue me ouvir, preste atenção. E, se estiver prestando atenção, então o que você encontrou é a história de tudo o que deu errado. Isto é o que você chamaria de registro do voo 2039. A parte interna da caixa-preta, como as pessoas a chamam, apesar de ser laranja, é um emaranhado de fios que permitem o registro permanente de tudo o que restou. O que você achou é a história do que aconteceu.

E vá em frente.

Você pode aquecer esses fios até que fiquem incandescentes, e eles ainda transmitirão exatamente a mesma história.

Testando, testando. Um, dois, três.

E, se você estiver ouvindo, deve saber logo de cara que os passageiros estão em casa, protegidos. Os passageiros fizeram o que você chamaria de desembarque no arquipélago de Novas Hébridas. Então, depois que sobramos apenas ele e eu no ar, o piloto saltou de paraquedas em algum lugar. Algum lugar com água. O que você chamaria de oceano.

Vou continuar a dizer isso, mas é verdade. Eu não sou um assassino.

E estou sozinho aqui em cima.

O Holandês Voador.

E, se você estiver ouvindo isso, saiba que estou sozinho na cabine do voo 2039 com uma montanha daquelas minigarrafinhas de vodca e gim insípidos alinhados no local onde você se senta diante dos vidros dianteiros, o painel de instrumentos. Na cabine, as pequenas bandejas de todo mundo com as entradas de frango à Kiev e estrogonofe de carne foram comidas pela metade e o ar-condicionado limpa o cheiro das sobras. As revistas ainda estão abertas na página que as pessoas estavam lendo. Com todos os assentos vazios, dava para fingir que todo mundo simplesmente tinha ido ao banheiro. Nos fones de ouvido de plástico, dava para ouvir um zumbido baixo de música pré-gravada.

Aqui em cima, sobre as nuvens, sobrou apenas eu em uma cápsula do tempo de um Boeing 747-400, com duzentos restos de sobremesas de bolo de chocolate e um piano-bar no andar de cima, para onde posso ir ao subir as escadas em espiral e fazer mais uma bebida.

Deus me livre de entediá-lo com todos os detalhes, mas estou no piloto automático até acabar o combustível. *Flame-out*, é como o piloto chama. Todos os motores vão pifar, um de cada vez, ele disse, porque queria que eu soubesse exatamente o que esperar. Depois, passou a me aborrecer com um monte de detalhes sobre motores a jato, efeito Venturi, como aumentar o empuxo aumentando o arqueamento dos *flaps* e como, depois que todos os

quatro motores falharem, o avião se transformaria em um planador de duzentas toneladas. Aí, quando o piloto automático acertar tudo para voar em linha reta, o planador começará aquilo que o piloto chama de descida controlada.

Esse tipo de descida, digo a ele, seria legal para variar. Você simplesmente não sabe pelo que eu passei no último ano.

Em seu paraquedas, o piloto ainda vestia o uniforme sem graça com cor de nada que parecia ter sido criado por um engenheiro. Tirando isso, ele foi bastante prestativo. Mais do que eu seria com alguém apontando uma pistola para minha cabeça e perguntando quanto combustível restava e até que ponto poderíamos ir. Ele me disse que eu poderia levar o avião de volta à altitude de cruzeiro depois que saltasse de paraquedas no oceano. E me contou tudo sobre o registro de voo.

Os motores são numerados de um a quatro, da esquerda para a direita.

A última parte da descida controlada será uma queda livre no solo. Isso ele chama de *fase terminal* da descida, na qual você vai direto para o chão a dez metros por segundo. Isso ele chama de *velocidade terminal*, a velocidade na qual objetos de massa igual se deslocam com a mesma velocidade. Em seguida, ele desacelera e conta um monte de detalhes sobre física newtoniana e a Torre de Pisa.

— Não confie em nada que eu disse. Já faz muito tempo que passei por um teste — ele diz.

Ele fala que a APU, a Unidade de Força Auxiliar (Auxiliary Power Unity), vai continuar a gerar eletricidade até que o avião toque o solo.

Você vai ter ar-condicionado e música, ele diz, enquanto puder sentir alguma coisa.

Faz um tempão desde a última vez em que senti alguma coisa, digo a ele. Coisa de um ano atrás. Minha maior prioridade é tirá-lo desse avião para que eu possa finalmente baixar a arma.

Estou agarrado a essa arma há tanto tempo que perdi a sensibilidade.

O que você esquece quando planeja um sequestro sozinho é que, em algum momento, talvez seja necessário negligenciar seus reféns por tempo suficiente para usar o banheiro.

Antes de pousar em Port Vila, eu estava andando por toda a cabine com minha arma, tentando alimentar os passageiros e a tripulação. Precisam de mais uma bebida? Quem precisa de um travesseiro? O que preferem, eu perguntava a todos, frango ou carne? Descafeinado ou normal?

O serviço de bordo é a única habilidade na qual realmente me destaco. O problema é que todo o atendimento e a correria tinham de ser feitos com uma mão, é claro, visto que eu tinha de manter o controle da arma.

Quando estávamos no solo e os passageiros e a tripulação desembarcaram, eu estava na porta da cabine principal e disse: sinto muito. Peço desculpas por qualquer inconveniente. Por favor, tenham uma viagem segura e agradável, e obrigado por voar com as Linhas Aéreas blá-blá...

Quando sobramos somente o piloto e eu a bordo, decolamos novamente.

Pouco antes de saltar, o piloto me disse que, quando cada motor pifar, um alarme anunciará *Flame-out* do Motor Número 1 ou 3, ou coisa assim, sem parar. Depois que todos os motores pifarem, a única maneira de continuar voando será mantendo o nariz para cima. Basta puxar o volante para trás; o manche, como ele chama. Mover o que ele chama de elevadores na cauda. Você perde velocidade, mas mantém a altitude. Até parece que dá para escolher, velocidade ou altura; mas, de qualquer forma, você ainda estará mergulhando no chão.

Já basta, falei para ele, não vou tirar o que você chamaria de brevê. Eu só preciso usar o banheiro urgentemente. Eu só quero que ele saia por aquela porta.

Aí desaceleramos para cento e setenta e cinco nós. Não quero entediá-lo com os detalhes, mas descemos para menos de três quilômetros e abrimos a porta da cabine principal. Em seguida, o piloto se foi e, antes mesmo de fechar a porta da cabine, fiquei na beirada da porta e mijei logo depois que ele saiu.

Nunca na minha vida senti algo tão bom.

Se *sir* Isaac Newton estiver correto, isso não será um problema para o piloto em queda.

Então, agora estou voando para o oeste no piloto automático a 0,83 machs, ou setecentos e trinta quilômetros por hora, velocidade real, e a essa velocidade e latitude o sol fica parado no mesmo lugar o tempo todo. O tempo para. Estou voando acima das nuvens a uma altitude de cruzeiro de doze quilômetros sobre o oceano Pacífico, voando em direção ao desastre, em direção à Austrália, em direção ao final da minha história de vida, em linha reta em direção a sudoeste até que todos os quatro motores parem.

Testando, testando. Um, dois, três.

Mais uma vez, você está ouvindo o registro do voo 2039.

E, a essa altitude, ouça, e nessa velocidade, com o avião vazio, o piloto diz que ainda há seis ou talvez sete horas de combustível.

Então tentarei ser rápido.

O registro de voo gravará cada palavra minha na cabine. E minha história não vai se desfazer em um zilhão de pedaços sangrentos e depois queimar com mil toneladas de jato flamejante. Além disso, depois de procurar os destroços de avião, as pessoas irão atrás do registro de voo. E a minha história vai sobreviver.

Testando, testando. Um, dois, três.

Pouco antes do salto do piloto, com a porta da cabine virada para dentro e as aeronaves militares nos seguindo de perto, com o radar invisível nos rastreando, na porta aberta com os motores guinchando e o ar uivando, o piloto ficou parado ali com seu paraquedas e gritou:

— Por que você quer tanto morrer?

Eu gritei para ele não deixar de ouvir a fita.

— Então, lembre-se, você só tem algumas horas. E lembre-se, você não sabe exatamente quando o combustível acabará. Pode ser que você morra bem no meio da sua história de vida — gritou ele.

Eu gritei: grande novidade!

E: conte-me algo que não sei.

E o piloto pulou. Eu dei uma mijada e empurrei a porta da cabine de volta para o lugar. Na cabine, empurrei o manete para frente e

puxei o manche para trás até voar na altura ideal. Só o que resta fazer é pressionar o botão, e o piloto automático cuidará de tudo. O que nos traz de volta a este momento.

Então, se você estiver ouvindo isso, a indestrutível caixa-preta do voo 2039, vá checar onde esse avião concluiu a descida terminal e o que sobrou dele. Você vai saber que não sou um piloto depois de ver os destroços e a cratera. Se você estiver ouvindo isso, sabe que estou morto.

E tenho algumas horas para contar minha história aqui.

Portanto, acho que talvez haja uma chance de consertar a história.

Testando, testando. Um, dois, três.

O céu está azul e virtuoso em todas as direções. O sol está completo e em chamas e bem ali na frente. Estamos no topo das nuvens e este é um dia lindo para sempre.

Então, vamos começar pelo topo. Deixe-me começar no início.

Voo 2039, aqui está o que realmente aconteceu. Tomada um.

E.

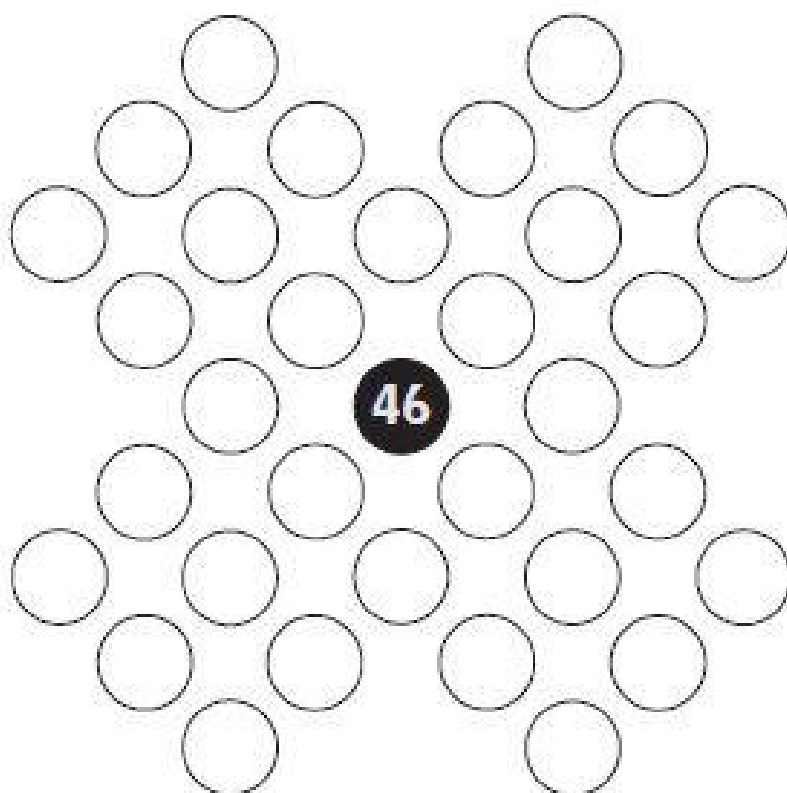
Só para constar, o modo como me sinto agora é muito fantástico.

E.

Já desperdicei dez minutos.

E.

Ação.



Com uma vida como a minha, já é difícil pra caramba empanar costeleta de vitela. Em algumas noites é diferente: é peixe ou frango. Mas, no minuto em que uma mão estiver coberta de ovo cru e a outra segurando a carne, alguém transtornado vai me ligar.

Quase todas as noites da minha vida são assim agora.

Hoje à noite, uma menina me liga de uma boate barulhenta. As únicas palavras que consigo resmungar são "por trás".

— Babaca — diz ela.

Ela diz algo que poderia ser "fada" ou "nada". O fato é que não dá para preencher as falas, então estou na cozinha, sozinho e gritando para ser ouvido por sobre a música alta em algum lugar. Ela soa jovem e desgastada, então pergunto se vai confiar em mim. Está cansada de sofrer? Pergunto: se houver apenas uma maneira de acabar com a dor, ela vai aceitar?

Meu peixinho dourado está nadando todo animado dentro do aquário em cima da geladeira, então pego um Valium e o jogo na água.

Estou gritando com a garota: já está farta disso?

Estou gritando: não vou ficar aqui e ouvi-la reclamar.

Ficar aqui e tentar consertar a vida dela não é nada além de uma grande perda de tempo. As pessoas não querem consertar a própria vida. Ninguém quer resolver os próprios problemas. Seus dramas. Suas distrações. Resolver suas histórias. Consertar suas confusões. Porque, nesse caso, o que sobraria? Apenas o grande e assustador desconhecido.

A maioria das pessoas que me liga já sabe o que quer. Algumas querem morrer, mas esperam minha permissão. Algumas querem morrer e só precisam de um pouco de incentivo. Um empurrãozinho. Uma pessoa com tendências suicidas já não tem mais muito senso de humor. Uma palavra errada e ela se torna um obituário na semana seguinte. Eu mal presto atenção à maioria das ligações que recebo, de qualquer forma. Na maioria dos casos, decido quem vai viver e morrer só pelo tom da voz.

Esse lance com a menina da boate não está chegando a lugar algum, então eu digo a ela: se mate.

— Quê? — ela diz.

Se mate.

— Quê? — ela diz.

Experimente tomar barbitúricos e álcool com a cabeça enfiada em um saco de limpeza a seco.

— Quê? — ela diz.

Não dá para empanar costeleta de vitela de maneira decente com uma mão só, então digo a ela: é agora ou nunca. Aperte o gatilho ou não. Estou com ela agora. Ela não vai morrer sozinha, mas não tenho a noite toda.

O que parece ser a música da boate é ela começando a chorar muito. Aí eu desligo.

Além de empanar uma costeleta de vitela, essa gente quer que eu endireite a vida delas.

Com o telefone em uma mão, tento fazer a farinha de rosca grudar. Nada deveria ser tão difícil. Você passa a carne no ovo cru. Depois a agita para secar e, aí, a farinha. O problema com a costeleta é que não consigo acertar a farinha. Em alguns lugares a carne fica sem farinha. Em outros, há uma camada tão grossa que não dá para saber o que tem dentro.

Antigamente, isso era muito divertido. As pessoas simplesmente telefonavam à beira do suicídio. Mulheres ligavam. Aqui estou eu, a sós com o meu peixinho dourado, sozinho na minha cozinha suja empanando uma costeleta de porco ou coisa assim, vestindo só uma cueca, ouvindo a oração de alguém e distribuindo conselhos e castigos.

Um cara vai ligar. Depois que eu estiver no sono profundo, acontece. As ligações rolam a noite toda se eu não desligar o telefone. Algum fracassado vai ligar esta noite logo depois que os bares fecharem para dizer que está sentado de pernas cruzadas no chão do apartamento. Ele não consegue dormir sem ter pesadelos terríveis. Nos sonhos, ele vê aviões caírem, cheios de gente. É tão real, e ninguém quer ajudá-lo. Ele não consegue dormir. Ele não consegue ajuda. E me diz que tem um rifle enfiado debaixo do queixo e quer que eu lhe dê um bom motivo para não apertar o gatilho.

Ele não consegue viver sabendo o futuro e sendo incapaz de salvar alguém.

Essas vítimas, elas ligam. Esses doentes crônicos. Eles ligam. Eles quebram o meu próprio tédio. É melhor do que televisão.

Vá em frente, digo a ele. Mal estou acordado. São três da madrugada e tenho que trabalhar amanhã. Digo a ele: depressa, aperte o gatilho antes que eu volte a dormir.

Digo a ele que o mundo não é lindo o suficiente para ele continuar a viver e sofrer. Mal podemos chamar isso de mundo, de qualquer maneira.

Na maior parte do tempo, trabalho para uma empresa de limpeza. Escravo em tempo integral. Deus em meio período.

Experiências anteriores me ensinaram a segurar o telefone longe do ouvido ao ouvir o clique baixo do gatilho. Há a explosão, apenas

uma explosão de estática, e, em algum lugar, um telefone cai no chão. Sou a última pessoa a falar com ele e caio no sono novamente antes que o zumbido no meu ouvido comece a desaparecer.

Há o obituário para ler na semana seguinte, colunas de quinze centímetros sobre nada muito importante. Você precisa do obituário, do contrário não terá certeza se a coisa aconteceu ou se foi só um sonho.

Não espero que você compreenda.

É um tipo diferente de entretenimento. É um barato ter esse tipo de controle. O cara da espingarda tinha o nome Trevor Hollis no obituário, e descobrir que ele era uma pessoa de verdade é uma sensação maravilhosa. É assassinato, mas não é, dependendo de quanta responsabilidade você quer assumir. Eu não posso sequer dizer que a ideia de intervenção em crises foi minha.

A verdade é que este é um mundo terrível e eu acabei com o sofrimento dele.

A ideia surgiu por acaso, quando um jornal fez uma matéria sobre uma linha de emergência. O jornal publicou meu telefone por engano. Foi um erro de digitação. Ninguém leu a correção que saiu no dia seguinte, e as pessoas simplesmente começaram a me ligar dia e noite para falar dos seus problemas.

Por favor, não pense que estou aqui para salvar vidas. Ser ou não ser, não me dou ao trabalho de decidir. E não pense que estou dando uma de superior ao falar com as mulheres desse jeito. Mulheres vulneráveis. Aleijadas emocionais.

O McDonald's quase me contratou uma vez, e eu tinha me candidatado só para conhecer garotas. Garotas negras, garotas hispânicas, brancas e chinesas, está no formulário da vaga que o McDonald's contrata diferentes raças e etnias. Garotas, garotas, garotas, tipo um bufê. O McDonald's também diz lá que, se você tiver alguma das seguintes doenças:

- Hepatite A
- Salmonela
- Disenteria
- Estafilococos

Giardíase

ou gastroenterite, não pode trabalhar lá. Isso é mais garantido do que conhecer garotas na rua. Você não pode ser muito cuidadoso. Pelo menos no McDonald's, ela tem um registro dizendo que é saudável. Além disso, há uma boa chance de que seja bem nova. Nova tipo com espinhas. Nova tipo dando risadas. Nova tipo bem boba e tão idiota quanto eu.

Garotas de dezoito, dezenove, vinte anos; só quero conversar com elas. Garotas da faculdade. Garotas do ensino médio. Menores de idade emancipadas.

É a mesma coisa com essas garotas suicidas que me ligam. A maioria delas é tão nova. Chorando com o cabelo molhado debaixo da chuva em um orelhão, elas me chamam para o resgate. Encolhidas e sozinhas na cama por dias, elas me ligam. Messias. Elas me chamam. Salvador. Elas fungam e engasgam e me dizem o que eu quiser ouvir com todos os detalhes.

Em algumas noites, é tão perfeito ouvi-las no escuro. A garota simplesmente confia em mim. Com o telefone em uma mão, posso imaginar que a outra mão é ela.

Não é que eu queira me casar. Admiro caras que se comprometem com uma tatuagem.

Depois que o jornal corrigiu o telefone, as ligações começaram a diminuir. As toneladas de pessoas que me ligaram no começo, estavam todas mortas ou putas comigo. Nenhuma pessoa nova ligava. O McDonald's não me contrataria, então fiz um monte de adesivos grandes.

Os adesivos tinham de se destacar. E tinham de ser fáceis de ler à noite por alguém chorando, drogado ou bêbado. Os adesivos que uso são somente preto no branco com letras pretas que dizem:

Dê a si mesmo, à sua vida, só mais uma chance. Ligue para ser ajudado. E aí meu telefone.

Minha segunda opção era:

Se você é uma garota jovem, sexualmente irresponsável e tem problemas com bebida, tenha a ajuda de que precisa. Ligue — e aí meu telefone.

Vai por mim. Não faça esse segundo adesivo. Com esse tipo, alguém da polícia vai lhe fazer uma visita. Com somente o seu telefone, eles podem usar um diretório reverso e colocar seu nome em uma lista de prováveis criminosos. Depois disso, você sempre vai ouvir o clique... clique... clique... de um grampo ao fundo de cada ligação que fizer na vida.

Vai por mim.

Se você usar o primeiro tipo de adesivo, as pessoas vão ligar para confessar pecados, reclamar, pedir conselhos, pedir aprovação.

As garotas que você conhece nunca estão muito longe de ser casos perdidos. Um harém de mulheres vai agarrar o telefone em desespero e pedir que você retorne a ligação, por favor, retorne a ligação. Por favor.

Pode me chamar de predador sexual, mas, quando penso em predadores, penso em leões, tigres, grandes felinos, tubarões. Não se trata de uma relação entre predador e presa. Não se trata de um urubu comedor de carniça ou de uma hiena risonha contra uma carcaça. Não se trata de um parasita contra um hospedeiro.

Somos todos miseráveis juntos.

É o contrário de um crime sem vítimas.

O mais importante é colar os adesivos em orelhões. Tente colá-los dentro de orelhões sujos perto de pontes sobre águas profundas. Cole-os perto de botecos de onde as pessoas que não têm para onde ir são expulsas na hora de fechar.

Num piscar de olhos você estará no negócio.

Você vai precisar de um desses fones que dão a impressão de que você está ligando das profundezas de algum lugar. Aí as pessoas vão ligar no meio de uma crise e ouvir você dar a descarga. Vão ouvir o barulho do liquidificador e saber que você não está nem aí.

Eu ando precisando é de um desses telefones sem fio com fones de ouvido. Tipo um *walkman* da desgraça humana. Viver ou morrer. Sexo ou morte. Dessa forma, você pode tomar decisões de vida e morte sem usar as mãos sempre que as pessoas te ligarem para falar de seus terríveis crimes. Você sentencia a penitência. Você as

condena. Você dá aos caras à beira do abismo o número de telefone de garotas na mesma situação.

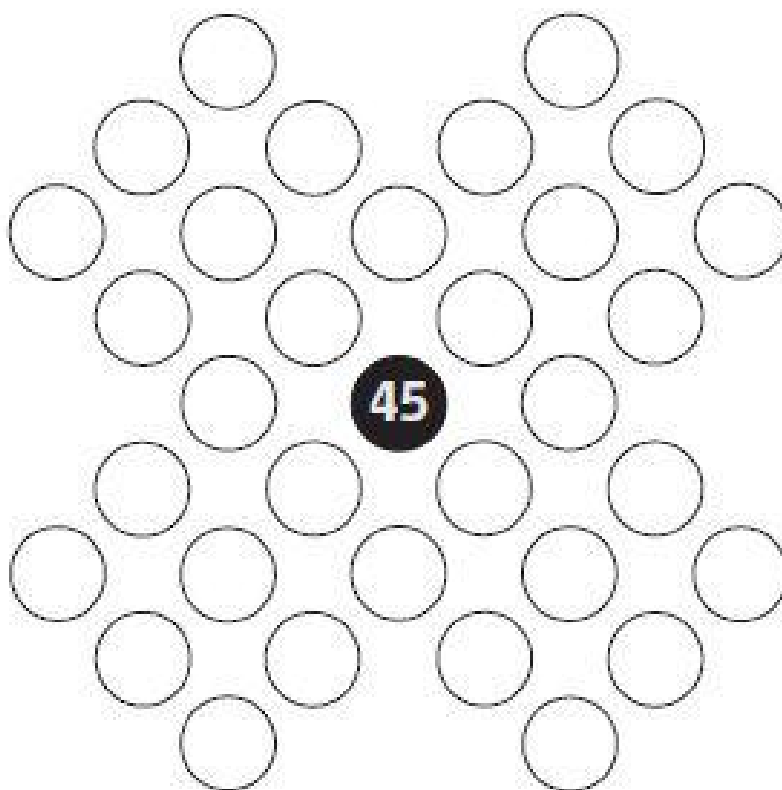
Como na maioria das preces, o que mais se ouve são reclamações e exigências. Ajude-me. Ouça-me. Oriente-me. Perdoe-me.

O telefone já está tocando outra vez. Para mim, é quase impossível acertar a fina camada de farinha na costeleta de vitela, e no telefone há uma nova garota aos prantos. Pergunto de cara se ela vai confiar em mim. Pergunto se ela vai me contar tudo.

Eu e meu peixinho dourado, nós dois nadamos no mesmo lugar.

A vitela parece saída da caixa de areia de um gato.

Para acalmar essa garota e fazê-la ouvir, conto a ela a história do meu peixinho. Esse é o peixinho número 641 em uma vida repleta de peixinhos dourados. Meus pais me deram o primeiro para me ensinar como amar e cuidar de outra criaturinha viva de Deus. Seiscentos e quarenta peixinhos depois, a única coisa que sei é que tudo que você ama vai morrer. Quando você encontrar alguém especial, pode contar que um dia essa pessoa vai estar morta e enterrada.



Na noite anterior à que saí de casa, meu irmão mais velho me contou tudo o que sabia sobre o mundo lá fora.

No mundo lá fora, ele disse, as mulheres têm o poder de mudar a cor do cabelo. E dos olhos. E dos lábios.

Nós estávamos na varanda dos fundos, iluminados somente pela luz da janela da cozinha. Meu irmão, Adam, estava cortando meu cabelo da mesma maneira que cortava trigo, pegando mechas e cortando-as ao meio com uma navalha. Ele segurava meu queixo entre o polegar e o indicador e me forçava a encará-lo, e seus olhos castanhos corriam de um lado para o outro entre minhas costeletas.

Para deixar minhas costeletas simétricas, ele cortava uma, depois a outra, novamente a primeira, várias e várias vezes até ambas desaparecerem.

Meus sete irmãos pequenos estavam sentados na beira da varanda e observavam a escuridão de todos os males que Adam

descrevia.

No mundo lá fora, ele disse, as pessoas tinham pássaros em casa. Ele já tinha visto.

Adam tinha saído da colônia da igreja só uma vez, quando ele e a esposa tiveram de registrar o casamento para torná-lo legal perante o governo.

No mundo lá fora, ele disse, as pessoas recebiam em casa visitas de espíritos que chamavam de televisão.

Os espíritos falavam com as pessoas por meio do que chamavam de rádio.

As pessoas usavam o que chamavam de telefone porque odiavam ficar juntas umas das outras e morriam de medo de ficar sozinhas.

Ele continuou a cortar meu cabelo sem modelá-lo, e o podava da mesma maneira que podava árvores. O cabelo se amontoava nas tábuas da varanda ao nosso redor, mais ceifado do que cortado.

Na colônia da igreja, nós pendurávamos sacos com cabelo cortado no pomar para afugentar os veados. Adam disse que a regra de não desperdiçar nada era uma das bênçãos abandonadas ao deixar a colônia da igreja. A bênção mais difícil de abandonar era o silêncio.

No mundo lá fora, ele me disse, não havia silêncio de verdade. Não o silêncio falso de quando você tapa os ouvidos e não ouve nada além do próprio coração, mas o silêncio ao ar livre.

Na semana em que se casaram, ele e Biddy Gleason saíram da colônia da igreja de ônibus, escoltados por um presbítero. Durante toda a viagem, o ônibus fez muito barulho. Os carros passavam zunindo pela estrada. As pessoas no mundo lá fora diziam coisas idiotas sempre que abriam a boca e, quando não falavam, os rádios preenchiam as lacunas com as vozes gravadas de pessoas cantando as mesmas canções sem parar.

Adam disse que a outra bênção da qual você abre mão no mundo lá fora é a escuridão. Você pode fechar os olhos e se sentar dentro de um armário, mas não é a mesma coisa. A escuridão da noite na colônia da igreja é total. As estrelas abundam acima de nós nesse tipo de escuridão. Dá para ver que a lua é acidentada por cordilheiras, escavada por rios e dividida por oceanos.

Em uma noite sem lua nem estrelas não dá para ver nada, mas pode-se imaginar tudo.

Pelo menos é como me lembro.

Minha mãe estava na cozinha passando e dobrando as roupas que tive permissão para levar. Meu pai estava sei lá onde. Eu nunca mais veria nenhum dos dois.

É curioso, mas as pessoas sempre perguntam se ela estava chorando. Eles perguntam se meu pai chorou e me abraçou antes que eu fosse embora. E as pessoas sempre ficam abismadas quando digo que não. Ninguém chorou nem me abraçou.

Ninguém chorava ou abraçava quando vendíamos um porco. Ninguém chorava ou abraçava antes de matar uma galinha ou colher uma maçã.

Ninguém passava a noite acordado imaginando se o trigo que tinha sido plantado estava verdadeiramente feliz e realizado de ser transformado em pão.

Meu irmão estava só cortando meu cabelo. Minha mãe tinha acabado de passar a roupa e havia se sentado para costurar. Ela estava grávida. Lembro-me de que ela estava sempre grávida, e minhas irmãs se sentavam ao redor dela com as saias esparramadas nos bancos da cozinha ou no chão, todas costurando.

As pessoas sempre me perguntam se eu estava assustado ou animado ou sei lá o quê.

Segundo a doutrina da igreja, somente o primogênito, Adam, se casaria e viveria no distrito da igreja. Quando o restante de nós completasse dezessete anos, eu e meus sete irmãos e cinco irmãs iríamos todos embora para arranjar emprego. Meu pai mora aqui porque era o primogênito da família dele. Minha mãe mora aqui porque os presbíteros da igreja a escolheram para o meu pai.

As pessoas sempre se decepcionam quando digo a verdade, que nenhum de nós se sentia oprimido. Nenhum de nós se ressentia da igreja. Nós simplesmente vivíamos. Nenhum de nós era muito torturado por sentimentos.

Essa era a profundidade total da nossa fé. Pode chamá-la de superficial ou de profunda. Não havia nada que nos amedrontasse. Era no que as pessoas criadas na colônia da igreja acreditavam.

Tudo que acontece no mundo foi um decreto de Deus. Uma tarefa a ser concluída. Todas as tristezas ou alegrias só atrapalhavam sua utilidade. Todas as emoções eram decadentes. Expectativas ou arrependimentos eram uma bobagem a mais. Um capricho.

Essa era a definição da nossa fé. Nada deveria ser conhecido. Tudo deveria ser esperado.

No mundo lá fora, Adam disse que um pacto com o demônio abastecia os automóveis e movia os aviões através dos céus. O mal fluía nos fios elétricos para tornar as pessoas preguiçosas. As pessoas colocavam pratos sujos no armário e o armário os lavava. Água encanada levava embora o lixo e a merda deles, de modo que eram problema dos outros. Adam segurou meu queixo entre o polegar e o indicador e se inclinou para me olhar nos olhos, e disse que, no mundo lá fora, as pessoas olhavam em espelhos.

Ele disse que, bem na frente dele no ônibus, as pessoas pegavam espelhos e todo mundo ficava ocupado olhando a própria aparência. Era uma vergonha.

Lembro-me de que esse foi meu último corte durante um bom tempo, mas não me lembro bem por quê. Minha cabeça era um campo de palha eriçada com o pouco cabelo que havia restado.

No mundo lá fora, Adam disse, todas as contas são feitas por máquinas.

Toda a comida era servida por garçonetes.

A única vez que ele deixou a colônia, meu irmão, a esposa e o presbítero da igreja que os acompanhava passaram a noite em um hotel no centro de Robinsville, Nebraska. Nenhum deles conseguiu dormir. No dia seguinte, o ônibus os trouxe para casa pelo resto da vida deles.

Um hotel, ele me disse, era uma casa grande onde muita gente vivia e comia e dormia, mas ninguém se conhecia. Disse que essa era a descrição da maioria das famílias no mundo lá fora.

As igrejas no mundo lá fora, meu irmão me disse, eram apenas lojas locais que vendiam às pessoas mentiras produzidas em fábricas distantes de religiões gigantes.

Ele disse muitas outras coisas das quais não me lembro.

O corte de cabelo foi há dezesseis anos.

Na minha idade de agora, meu pai já tinha gerado a mim, ao Adam e a todos os catorze filhos.

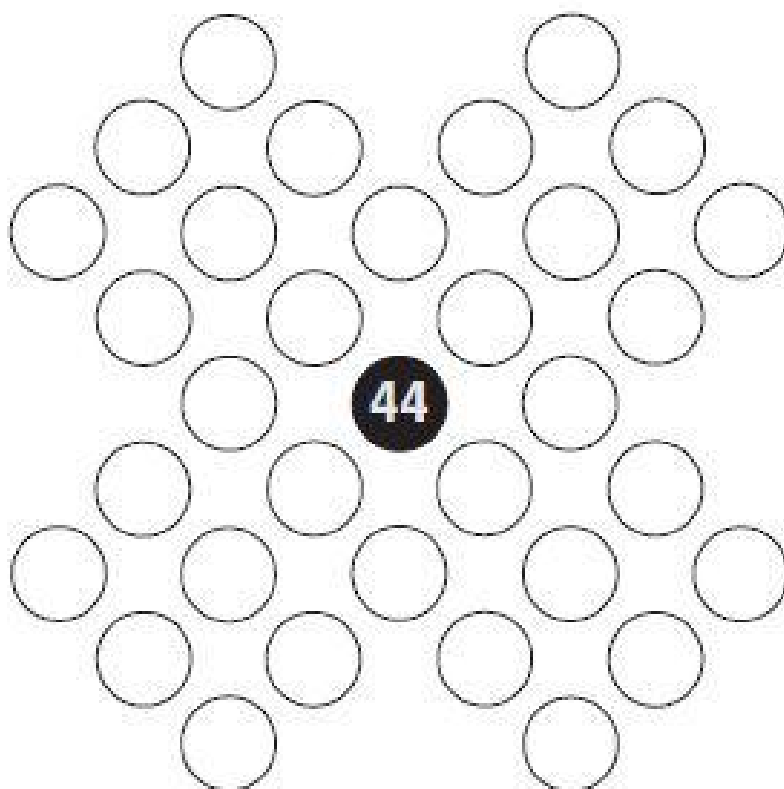
Eu tinha dezessete anos de idade na noite em que saí de casa.

Minha aparência agora é a mesma do meu pai na última vez que o vi.

Olhar para Adam era como olhar para um espelho. Ele era somente três minutos e trinta segundos mais velho do que eu, mas no distrito da igreja da Crendice não existia essa coisa de gêmeos.

Na última noite que vi Adam Branson, lembro-me de ter pensado que meu irmão mais velho era um sujeito muito generoso e um homem muito sábio.

Eu era idiota nesse nível.



Parte do meu trabalho é conferir o cardápio de um jantar hoje à noite. Isso significa pegar um ônibus da casa onde trabalho para outro casarão, e perguntar a um cozinheiro esquisito o que ele vai preparar para os convidados. As pessoas para quem trabalho não gostam de surpresas, então parte do meu trabalho é dizer de antemão aos meus patrões se esta noite terão de comer algo difícil, como lagosta ou alcachofra. Se houver algo ameaçador no cardápio, tenho de ensiná-los a comer da maneira correta.

Esse é meu ganha-pão.

O homem e a mulher que moram na casa que limpo nunca estão por perto. O emprego deles é assim. Os únicos detalhes que conheço a respeito deles descobri limpando seus pertences. Tudo o que sei vem de catar as coisas deles por aí. De limpar a bagunça dia após dia. De rebobinar as fitas de vídeo:

Putas completinhas

Os peitos gigantes de Letha Weapons. As aventuras da pequena Sinderella.

Na hora em que o ônibus me deixa aqui, as pessoas para quem trabalho já foram trabalhar no centro da cidade. Na hora em que voltam para casa, eu volto para o centro, para minha quitinete alugada com um título de moradia que era apenas um quarto de hotel minúsculo até alguém meter nela um fogão e uma geladeira para aumentar o aluguel. O banheiro ainda é no corredor.

Só falo com meus patrões pelo interfone. É só uma caixa de plástico no balcão da cozinha que berra para eu fazer mais coisas.

Ezequiel, capítulo dezenove, versículo sete:

“E conheceu os seus palácios...” e coisa e tal. Não dá para decorar a Bíblia inteira de cabeça. Não sobraria espaço para você se lembrar nem do seu nome.

A casa da qual cuido há seis anos é como se pode imaginar: é grande e fica em uma área grã-fina da cidade. Isso comparado à região onde moro. Todas as quitinetes no meu bairro são como um assento sanitário quentinho. Alguém estava lá segundos antes de você e alguém vai estar lá assim que você sair.

Na área da cidade onde trabalho todas as manhãs, há pinturas nas paredes. Atrás das portas da frente, há salas e mais salas nas quais ninguém entra. Cozinhas onde ninguém cozinha. Banheiros que nunca ficam sujos. O dinheiro que deixam por aí para testar se vou pegá-lo nunca é menos do que uma nota de cinquenta dólares, caída atrás da cômoda, como se estivesse lá por acidente. As roupas deles parecem ter sido criadas por um arquiteto.

Ao lado do interfone há uma agenda gorda que eles mantêm cheia de tarefas para mim. Eles querem planejar meus próximos dez anos, tarefa por tarefa. À maneira deles, tudo na vida se transforma em um item de uma lista. Algo a ser executado. Você começa a perceber como a vida é monótona.

A menor distância entre dois pontos é uma linha reta, uma agenda, uma tabela de horários, o itinerário do resto da sua vida.

Nada melhor para mostrar a linha reta daqui até a morte como uma lista.

— Quero ver sua agenda — grita comigo o interfone — e saber exatamente onde você vai estar às dezesseis horas daqui a cinco anos. E quero que você seja preciso.

Ao conferir preto no branco, você se decepciona com sua expectativa de vida. O pouco que vai realmente conseguir realizar. O currículo do seu futuro.

São catorze horas de sábado e, segundo minha agenda, estou prestes a cozinhar cinco lagostas para eles comerem como treinamento. Esse é o nível do dinheiro que ganham.

Só posso me dar ao luxo de comer vitela quando a levo para casa escondida no ônibus, bem no meu colo.

O segredo para cozinhar lagosta é simples. Primeiro, você enche uma panela com água fria e uma pitada de sal. Você pode usar partes iguais de água e vermute ou vodca. Pode acrescentar algas à água para deixar o sabor mais forte. Princípios básicos ensinados em Economia Doméstica.

Quase tudo o mais que sei vem da zona que essa gente deixa para trás.

Pergunte-me como tirar manchas de sangue de um casaco de peles.

Sério, vá em frente.

Pode perguntar.

O segredo é jogar fubá e escovar a pele no sentido contrário dos pelos. A parte complicada é ficar de boca fechada.

Para limpar sangue de teclas de piano, basta esfregar com talco ou leite em pó.

Não é a habilidade profissional mais lucrativa do mundo, mas, para tirar manchas de sangue do papel de parede, prepare uma pasta de amido de milho e água fria. Funciona também para tirar sangue de um colchão ou de um sofá. O truque é esquecer o quão rápido essas coisas acontecem. Suicídios. Acidentes. Crimes passionais.

Basta se concentrar na mancha até que sua memória seja totalmente apagada. A prática realmente leva à perfeição. Se é que dá para falar nesses termos.

Ignore a sensação de ter como único talento verdadeiro a ocultação da verdade. Você tem uma dádiva, concedida por Deus, para cometer um pecado terrível. É sua vocação. Você tem um dom natural para a negação. Uma bênção.

Se é que dá para falar nesses termos.

Mesmo depois de dezesseis anos limpando a casa dos outros, quero achar que o mundo está cada vez melhor, mas sei que não está. Você quer que haja alguma melhora nas pessoas, mas não há. E você quer achar que há algo que possa fazer.

Só o que melhora ao limpar essa mesma casa todos os dias é a minha habilidade em negar o que está errado.

Deus me livre de algum dia conhecer meus patrões pessoalmente.

Não vá pensar que não gosto deles. A assistente social já me arrumou coisa pior. Não os odeio. Não os amo, mas não os odeio. Eu trabalhei para gente muito pior.

Apenas me pergunte como tirar manchas de urina de cortinas e toalhas de mesa.

Pergunte-me qual é a maneira mais rápida de esconder buracos de bala em uma parede na sala. A resposta é pasta de dente. Para calibres maiores, misture partes iguais de amido e sal.

Pode me chamar de voz da experiência.

Acho que cinco lagostas serão o suficiente para que eles aprendam o difícil truque de abrir a casca. A carapaça, eu acho. Lá dentro estão o cérebro ou o coração que você deve procurar. O segredo é colocar a lagosta na água e depois aumentar o fogo. O lance é ir devagar. Esperar pelo menos trinta minutos até a água chegar a 100 °C. Assim, as lagostas vão, teoricamente, ter uma morte indolor.

Minha agenda me mantém ocupado, polindo o cobre da maneira ideal, usando metade de um limão mergulhado no sal.

Essas lagostas de treinamento são chamadas de jumbo porque cada uma pesa quase 1,5 kg. Lagostas com menos de 0,5 kg são chamadas de galinha. Lagostas sem uma garra são chamadas de refugio. As que tirei da geladeira, embaladas em algas úmidas, vão

ter de ferver durante cerca de meia hora. Mais informações que você aprende em Economia Doméstica.

Das duas grandes garras dianteiras, a maior, revestida com o que parecem ser molares, é chamada esmagadora. A garra menor, revestida com incisivos, é chamada cortadora. As pernas laterais menores são chamadas andadoras. Embaixo da cauda há cinco fileiras de pequenas barbatanas chamadas nadadeiras. Mais Economia Doméstica. Se a fileira frontal das nadadeiras for macia e emplumada, a lagosta é fêmea. Se for dura e áspera, é macho.

Se a lagosta for fêmea, procure pela cavidade ossuda em forma de coração entre as duas pernas traseiras. É aí que a fêmea carrega o esperma vivo se tiver feito sexo nos últimos dois anos.

O interfone toca quando estou arrumando as lagostas, três machos e duas fêmeas sem esperma, na panela no fogão.

O interfone toca quando aumento o fogo mais um nível.

O interfone toca enquanto lavo as mãos.

O interfone toca enquanto faço uma xícara de café e misturo creme e açúcar.

O interfone toca quando encho a mão com as algas da embalagem e as salpico por cima das lagostas na panela. Uma lagosta levanta uma garra esmagadora para pedir misericórdia. As garras esmagadoras e cortadoras estão todas presas com elásticos.

O interfone toca quando vou lavar e secar as mãos mais uma vez. O interfone toca e eu o atendo.

— Casa dos Gaston, digo.

— *Residência* dos Gaston! — grita comigo o interfone. — Diga, *residência*! Diga da maneira que ensinamos!

Em Economia Doméstica, eles ensinam que o correto é chamar uma casa de *residência* somente em materiais impressos. Nós já discutimos isso um milhão de vezes.

Bebo um cafezinho e brinco com o fogo das lagostas. O interfone continua aos berros: — Tem alguém aí? Alô? A ligação caiu?

O casal para quem trabalho foram os únicos convidados que não sabiam levantar o naperão com a molheira de lavanda em um jantar. Desde então, ficaram obcecados por aprender etiqueta.

Continuam dizendo que é algo inútil, frívolo, mas morrem de medo de não conhecer cada pequeno ritual.

O interfone continua a gritar:

— Me responda! Caramba! Fale-me sobre o jantar de hoje à noite! Que tipo de comida vamos enfrentar? Passamos o dia inteiro preocupadíssimos!

Procuro no armário acima do fogão os utensílios para lagosta, os quebra-nozes, os pegadores e os babadores.

Graças às minhas aulas, essa gente sabe todas as três maneiras aceitáveis de posicionar os talheres de sobremesa. É uma proeza minha que eles consigam beber chá gelado da forma correta, com a colher longa ainda no copo. É complicado, mas você tem de segurar o cabo da colher entre o dedo indicador e o médio na borda do copo oposta à boca. Cuidado para não furar o olho. Muita gente tira a colher molhada e fica procurando um lugar para largá-la sem arruinar a toalha da mesa. Ou, pior, largam-na em um lugar qualquer e deixam uma mancha úmida de chá.

Quando o interfone fica mudo, aí então, e só então, eu começo.

Pergunto ao interfone: Você está ouvindo?

Falo ao interfone: Imagine um prato.

Hoje à noite, eu digo, o suflê de espinafre vai estar no canto superior direito do prato. O lance de beterrabas vai estar no canto inferior direito. A parada de carne com lascas de amêndoas vai estar do outro lado, bem no meio. Para comê-la, os convidados vão ter de usar uma faca. A carne terá ossos.

Esse é o melhor emprego que já tive, sem crianças, sem gatos, sem chão para encerar, então não quero estragar tudo. Se eu não ligasse, ia começar a dizer para meus patrões fazerem qualquer porcaria que me desse na telha. Tipo: você come o *sorbet* lambendo-o direto na tigela, como um cão.

Ou: pegue a costeleta de carneiro com os dentes e sacuda a cabeça vigorosamente para os lados.

E o pior é que eles provavelmente fariam isso. Como nunca lhes ensinei nada errado, eles confiam em mim.

Tirando ensinar etiqueta, meu maior desafio é me rebaixar às expectativas deles.

Pergunte-me como consertar buracos de facadas em camisolas, *smokings* e chapéus. Meu segredo é passar um pouquinho de esmalte de unhas incolor do lado de dentro do furo.

Ninguém ensina todas as habilidades profissionais necessárias em Economia Doméstica, mas com o tempo você vai aprendendo. No distrito da igreja onde cresci, eles ensinam que, para as velas não pingarem, é só mergulhá-las em água com sal. Guarde-as no congelador até o momento de usá-las. É o tipo de conselhos domésticos que dão. Acenda as velas com um fio de espaguete cru. Cuido da casa das pessoas há dezesseis anos, e nunca ninguém me pediu para andar por aí com um pedaço de espaguete em chamas na mão.

Não importa o que é enfatizado em Economia Doméstica, simplesmente não é prioridade no mundo aqui fora.

Por exemplo, ninguém ensina que hidratantes verdes ajudam a esconder a vermelhidão da pele que levou um tapa. E todos os cavalheiros que já foram estapeados pelas costas da mão de uma senhora com seu anel de diamante deveriam saber que um lápis estíptico interrompe o sangramento. Feche o corte com um pouco de cola Superbonder e você vai poder ser fotografado na pré-estreia de um filme, risonho e sem pontos ou cicatrizes.

Mantenha sempre uma toalha de rosto à mão para enxugar o sangue e você nunca vai precisar deixar algo de molho.

Minha agenda diz que estou afiando um facão.

Em relação ao jantar de hoje à noite, continuo orientando as pessoas para quem trabalho sobre o que esperar.

O importante é não entrar em pânico. Sim, eles vão ter de encarar uma lagosta.

Vai haver somente um saleiro. Uma carne de caça será servida depois do assado. A caça vai ser pombo. É uma espécie de pássaro e, se há algo mais complicado do que comer uma lagosta, é comer um pombo. Todos aqueles ossinhos para dismantelar, todo mundo vestido para a dissecação. Outro vinho virá após o aperitivo, o xerez com a sopa, o vinho branco com a lagosta, o tinto com o assado, outro vinho tinto com o calvário gorduroso do pombo. A essa altura,

a mesa vai estar manchada com arquipélagos triviais de temperos e molhos e vinhos salpicados por toda a toalha branca.

Meu trabalho é assim. Mesmo em um bom emprego ninguém quer saber onde o convidado de honra deve se sentar.

Aqueles jantares requintados sobre os quais os professores de Economia Doméstica comentaram, a pausa com flores frescas e cafezinhos depois de um dia perfeito de uma vida harmoniosa e elegante, pois então, todo mundo caga e anda para isso.

Hoje à noite, em algum momento entre a sopa e o assado, todos na mesa vão mutilar uma grande lagosta morta. Trinta e quatro fodões da indústria, trinta e quatro monstros de sucesso, trinta e quatro selvagens consagrados de *smoking* vão fingir que sabem comer.

E, depois da lagosta, os lacaios vão apresentar molheiras com lavanda e fatias de limão flutuantes, e essas trinta e quatro autópsias malfeitas vão acabar com alho e manteiga até os cotovelos de cada manga, e todos, com o rosto sorridente e gorduroso, vão se erguer depois da sucção da carne de alguma cavidade torácica.

Depois de dezessete anos trabalhando em casas particulares todos os dias, as coisas que mais conheço são caras esbofeteadas, creme de milho, olhos roxos, ombros deslocados, ovos batidos, canelas chutadas, córneas arranhadas, cebolas picadas, mordidas de todos os tipos, manchas de nicotina, lubrificantes íntimos, dentes arrancados, lábios cortados, chantili, braços torcidos, corrimentos vaginais, presunto picante, queimaduras de cigarro, abacaxi esmagado, hérnias, abortos, sujeira de animais de estimação, coco ralado, olhos arrancados, torções e estrias.

Faça que as senhoras para as quais você trabalha, depois que já tiverem chorado por horas a fio, passem um delineador azul ou roxo para que seus olhos vermelhos fiquem mais brancos. Da próxima vez que alguém arrancar a socos um dente da boca do marido dela, guarde o dente em um copo de leite até que ele possa ir ao dentista. Nesse meio-tempo, misture óxido de zinco e óleo de cravo em uma pasta branca. Lave a cavidade e a entupa de pasta, uma obturação rápida e fácil que endurece rapidinho.

Para remover manchas de lágrima de uma fronha, trate-as como uma mancha de suor. Dissolva cinco aspirinas em água e emplastre a mancha até que desapareça. Mesmo que haja uma mancha de rímel, o problema vai estar resolvido.

Se é que dá para falar em resolvido.

Quer você limpe uma mancha, um peixe, uma casa, você quer pensar que está tornando o mundo um lugar melhor, mas, na verdade, você está apenas tornando as coisas piores. Você pensa que, talvez, se trabalhar mais e mais rápido, conseguirá impedir o caos, mas, um dia, você vai estar no terraço, trocando uma lâmpada que tem uma vida útil de cinco anos, e perceberá que só vai trocar essa lâmpada mais umas dez vezes antes de morrer.

O tempo está se esgotando. Você não tem mais aquela energia toda que costumava ter. Você começa a desacelerar.

Você começa a entregar os pontos.

Este ano ainda tenho cabelo nas costas e meu nariz não para de crescer. Cada vez mais meu rosto se parece com o que você chamaria de uma careta, pela manhã.

Depois de trabalhar nessas casas ricas, sei que a melhor maneira de limpar sangue do porta-malas de um carro é não fazer perguntas.

O interfone está dizendo:

— Alô?

A melhor maneira de manter um bom emprego é fazer o que eles querem.

O interfone está dizendo:

— Alô?

Para tirar batom de um colarinho, esfregue um pouco de vinagre branco.

Para limpar manchas difíceis à base de proteínas, como sêmen, tente enxaguar com água fria e sal, e depois lavar normalmente.

Tudo isso é um valioso treinamento do dia a dia. Fique à vontade para fazer anotações.

Para catar cacos de vidro da janela arrombada ou do drinque tacado no chão, você pode pegar os fragmentos mais minúsculos usando uma fatia de pão.

Interrompa-me se já souber de tudo isso.

O interfone está dizendo:

— Alô?

Já estive lá. Já fiz isso.

Outra coisa que ensinam em Economia Doméstica é a maneira correta de responder a um convite de casamento. Como se dirigir ao Papa. A forma certa de gravar monogramas em prata. Na escola da igreja da Crendice, eles ensinam que o mundo pode ser uma peça de teatro perfeita e elegante, com maneiras perfeitas, onde você é o diretor. Os professores, eles pintam um retrato de jantares onde todos já sabem como comer uma lagosta.

Só que não é bem assim.

Então só resta se perder nos ínfimos detalhes do dia a dia e realizar as mesmas tarefas de sempre.

Há a lareira para limpar.

Há o gramado para aparar.

Virar todas as garrafas na adega.

Há o gramado para aparar, mais uma vez.

Há a prata para polir.

Repita.

Ainda assim, ao menos uma vez, eu gostaria de provar que sei fazer algo melhor. Posso fazer mais do que simplesmente encobrir as coisas. O mundo pode ser muito melhor do que isso com que nos conformamos. Basta perguntar.

Não, sério, vá em frente. Pergunte-me.

Como se come alcachofra?

Como se comem aspargos?

Pergunte-me.

Como se come lagosta?

As lagostas na panela parecem bem mortas, então eu pego uma delas. Falo no interfone: Primeiro, arranque as duas garras da frente.

Vou colocar as outras lagostas na geladeira para eles praticarem o lance de desmantelar. Para o interfone, digo: Anotem.

Eu arranco as garras e como a carne lá de dentro.

Em seguida, envergue a lagosta para trás até que a cauda se desprenda do corpo. Arranque a ponta da cauda, o télson, e use um garfo para retirar a carne de lá. Remova a veia intestinal ao longo do comprimento da cauda. Se a veia estiver clara, faz tempo que a lagosta comeu alguma coisa. Uma veia grossa e escura está fresca e ainda cheia de esterco.

Eu como a carne da cauda.

O garfo, falo de boca cheia para o interfone, o garfo para frutos do mar é o pequeno, de três dentes.

Depois, você remove do corpo a concha dorsal, a carapaça, e come a glândula digestiva esverdeada, chamada fígado. Coma o sangue acobreado que se coagula em um lodaçal branco. Coma a massa de ovos imaturos cor de coral.

Eu como tudo.

As lagostas apresentam o que você chamaria de um sistema circulatório "aberto", no qual o sangue é simplesmente jorrado para dentro das cavidades, banhando os diferentes órgãos.

Os pulmões são esponjosos e resistentes, mas você pode comê-los, digo para o interfone e lambo os dedos. O estômago é o órgão endurecido com coisas que parecem dentes logo atrás da cabeça. Não coma o estômago.

Remexo dentro do corpo. Chupo a carne de dentro de cada perna andadora. Arranco com os dentes as pequeninas guelras. Ignoro o gânglio cerebral.

Eu paro.

Descubro algo impossível.

O interfone está aos berros:

— Certo, e agora? Era só isso? O que ainda tem para comer?

Isso não pode estar acontecendo porque, segundo minha agenda, são quase quinze horas. Eu deveria estar lá fora revolvendo o jardim. Às dezesseis horas, vou reorganizar os canteiros. Às dezessete horas e trinta minutos, vou arrancar as sálvias e substituí-las por íris holandesas, rosas, bocas-de-dragão, samambaias e terra.

— O que está acontecendo aí? Responda! O que há de errado? — o interfone está aos berros.

Verifico a agenda e ela diz que sou feliz. Sou produtivo. Trabalho duro. Está tudo certo em preto e branco. Estou executando tarefas.

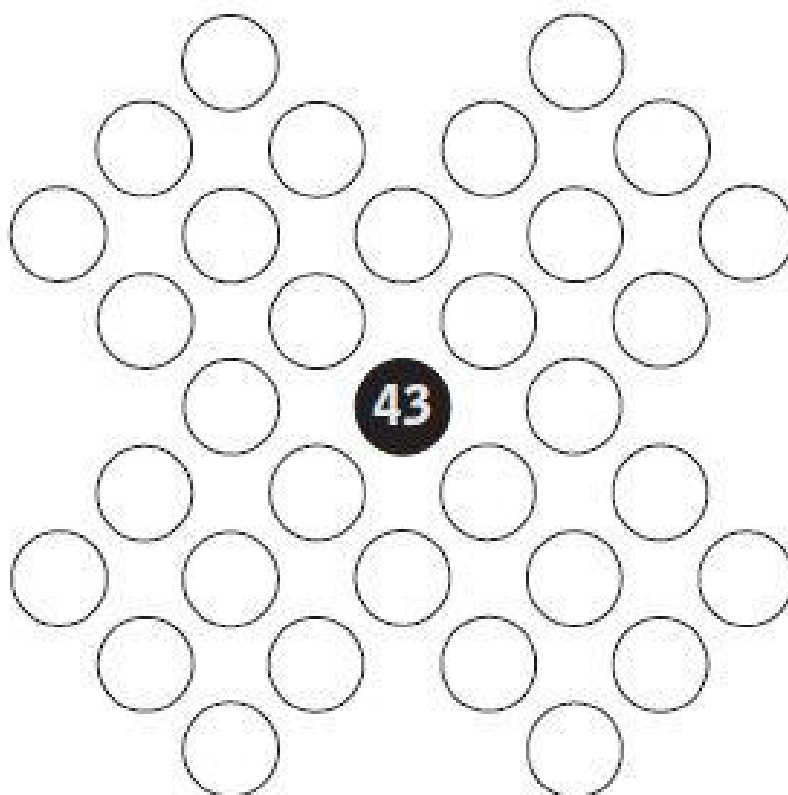
— O que devemos fazer agora? — o interfone grita.

Hoje é um daqueles dias em que o sol sai para humilhá-lo bastante.

— O que mais há para fazer? — o interfone grita.

Eu o ignoro porque não há nada mais a fazer. Quase nada.

Talvez tenha sido apenas um efeito de luz, mas comi a lagosta quase toda antes de perceber o batimento cardíaco.



Segundo minha agenda, estou tentando cumprir meu dever. Estou no topo de uma escada, cheio de flores falsas nos braços: rosas, margaridas, delfínios, alelis. Estou tentando não cair, os dedos dos pés encolhidos dentro dos sapatos. Estou pegando outro buquê de poliéster e tenho um obituário da semana passada bem dobrado no bolso da camisa.

O homem que matei na semana passada está aqui em algum lugar. O que sobrou dele. Aquele da espingarda no queixo, sentado sozinho no apartamento vazio, pedindo ao telefone para que eu lhe desse apenas um bom motivo para não apertar o gatilho, tenho certeza de que vou encontrá-lo. Trevor Hollis.

Ele se foi, mas nunca esquecido.

Descansando em paz.

Chamado desta vida.

Ou ele vai me encontrar. É o que sempre espero.

No topo da escada, devo estar a uns seis, sete, oito metros do chão do salão, enquanto finjo catalogar outra flor artificial e meus óculos beliscam a ponta do nariz. Minha caneta deixa palavras no caderno de anotações. O espécime número 786, escrevo, é uma rosa vermelha com cerca de cem anos.

Eu espero é que todos aqui estejam mortos.

Parte do meu emprego é espalhar flores frescas pela casa onde trabalho. Tenho de colher flores do jardim que deveria cultivar.

O que você precisa entender é que eu não sou um ladrão de túmulos.

As pétalas e o cálice (sépalas) da rosa são de celuloide vermelho. Criado em 1863, o celuloide é a forma mais antiga e menos estável de plástico. Escrevo no meu caderno: as folhas da rosa são de celuloide tingido de verde.

Paro de escrever e olho por cima dos óculos. No canto do salão, e tão longe que parece apenas uma minúscula silhueta preta contra um vitral enorme, há uma pessoa. O vitral é a imagem de algum lugar, Sodoma, Jericó ou o Templo de Salomão destruído pelo fogo no Antigo Testamento, silencioso e ardente. Labaredas retorcidas de chamas cor de laranja e vermelhas enroscam-se em blocos de pedra, colunas e estátuas que desmoronam e, do meio disso tudo, uma figura em um vestidinho preto caminha, cada vez maior conforme se aproxima.

E o que eu espero é que ela esteja morta. Meu desejo secreto agora é conquistar essa garota morta. Uma garota morta. Qualquer garota morta. Não sou o que você chamaria de exigente.

A mentira que conto às pessoas é que estou pesquisando a evolução das flores artificiais durante a Revolução Industrial. Tudo para minha tese da matéria Natureza e *Design* 456. Sou aluno de pós-graduação, o que explica minha idade avançada.

A garota tem longos cabelos ruivos, do tipo que hoje em dia as mulheres só têm se fizerem parte de alguma religião ortodoxa. De cima da escada, bracinhos e perninhas finos e dobráveis da garota me fazem olhar para ela sem parar e pensar se algum dia eu conseguiria ser um pedófilo.

Apesar de não ser o espécime mais antigo do meu estudo, essa rosa que finjo analisar é a mais frágil. O órgão sexual feminino, o pistilo, que inclui o estigma, o estilo e o ovário, é moldado em azeviche. Os órgãos sexuais masculinos, o estame, incluem um filamento de arame com uma minúscula antera de vidro.

Parte do meu trabalho é cultivar flores frescas no jardim, mas não consigo. Não consigo cultivar nem uma erva daninha.

A mentira que conto a mim mesmo é que estou aqui para colher flores, flores frescas para enfeitar a casa. Roubo as flores falsas para metê-las no jardim. As pessoas para quem trabalho só olham para o jardim de dentro da casa, então encho a terra batida de plantas falsas, samambaias ou heras feitas à mão, e depois planto flores sazonais falsas. A paisagem é linda, desde que você não a olhe de perto.

As flores parecem tão cheias de vida. Tão naturais. Tão tranquilas.

O melhor lugar para encontrar bulbos para a falsificação é o depósito de lixo atrás do mausoléu. Ali, as pessoas jogam fora vasos plásticos de bulbos dormentes, jacintos e tulipas, lírios asiáticos e orientais, narcisos e açafrões, prontos para ser levados para casa e retornarem à vida.

O espécime número 786, eu escrevo, nasceu no vaso da catacumba 2387, na mais alta fileira das catacumbas, na galeria ao sul, no sétimo andar da ala Serenidade. Essa localização, eu escrevo, a nove metros do chão, é responsável pela condição quase perfeita da rosa, encontrada em uma das catacumbas mais antigas em uma das alas originais do mausoléu Memorial de Columbia.

Aí eu roubo a rosa.

O que conto às pessoas que me veem aqui é outra história.

A versão oficial para por que estou aqui é que esse mausoléu oferece os melhores exemplares de flores artificiais desde meados do século XIX. Cada uma das seis alas principais, as alas Serenidade, Contentamento, Eternidade, Tranquilidade, Harmonia e Nova Esperança, tem de cinco a dezoito andares de altura. As aberturas no concreto de cada parede têm nove metros de profundidade, para acomodar inserido ao longo delas até mesmo o

maior dos caixões. O ar não circula nos quilômetros de galerias. Não há visitantes. As visitas normalmente são curtas. A temperatura e a umidade médias são baixas e constantes durante o ano todo.

Os espécimes mais antigos derivam da cultura vitoriana de linguagem de flores. Segundo o clássico *Le langage des fleurs* de Madame de la Tour, de 1840, lilases roxos significavam morte. Lilases brancos, do gênero *Syringa*, significavam a descoberta do primeiro amor.

Gerânio significava gentileza.

Ranúnculo, infantilidade.

Como a maioria das flores artificiais foi confeccionada para decorar chapéus, um mausoléu fornece os melhores espécimes que ainda existem.

Isso é o que eu digo às pessoas. Minha versão oficial da verdade.

Durante o dia, se as pessoas me veem com o caderno e a caneta, na maioria das vezes estou no topo de uma escada, roubando um ramalhete de amores-perfeitos falsos deixados em uma catacumba lá em cima. São para uma aula da faculdade, sussurro para elas com a mão em concha em torno da boca.

Estou fazendo um estudo.

Às vezes, fico aqui até tarde da noite. Ou seja, depois que todos foram embora. Aí caminho sozinho depois da meia-noite e meu sonho é que, numa noite dessas, uma catacumba vai estar aberta num canto da parede e próximo dela vai haver um cadáver ressecado, com a pele do rosto murcha e o traje rígido e manchado pelos fluidos que pingam e vazam do seu corpo. Vou esbarrar com essa carcaça em uma galeria escura e silenciosa, onde só se ouve o zumbido de uma única lâmpada fluorescente que pisca em clarões alguns momentos antes de me deixar na escuridão, para sempre, com esse monstro falecido.

Os olhos do cadáver devem estar soltos das cavidades e eu quero que ele tropece cegamente e agarre as paredes frias de mármore, deixando um rastro de gosma podre que expõe os ossos das duas mãos. A boca cansada está entreaberta e dois buracos escuros

formam o nariz inexistente, a camisa frouxa pendendo das clavículas expostas.

Vou procurar os nomes que li nos obituários. Os nomes das pessoas que ouviram meus conselhos estão gravados aqui para sempre.

Vá em frente. Se mate.

Filho amado. Filha generosa. Amigo dedicado.

Aperte o gatilho.

Alma elevada.

Aqui estou eu. É a hora da revanche. Eu os desafio.

Venham me pegar.

Quero ser perseguido por zumbis comedores de cérebro.

Eu quero passar pela laje de mármore que cobre uma catacumba e ouvir algo arranhando e se debatendo lá dentro. À noite, encosto o ouvido frio contra o mármore e aguardo. Na verdade, é por isso que estou aqui.

O espécime número 786, escrevo no caderno, tem um caule principal de arame calibre trinta revestido de algodão verde. As hastes da folha parecem ter calibre vinte.

Não que eu seja louco ou coisa do tipo, só quero alguma prova de que a morte não é o fim. Mesmo que zumbis enlouquecidos me agarrem em algum corredor escuro uma noite dessas, mesmo que me despedacem, pelo menos não seria o fim absoluto. Isso seria um consolo.

Isso provaria que há alguma espécie de vida após a morte, e eu morreria feliz. Então aguardo. Então observo. Ouço. Encosto o ouvido em cada catacumba fria. Escrevo: nenhuma atividade dentro da catacumba 7896.

Nenhuma atividade dentro da catacumba 7897.

Nenhuma atividade dentro da catacumba 7898.

Escrevo: o espécime número 45 é uma rosa de baquelita branca. Plástico sintético mais antigo, a baquelita foi inventada em 1907, quando um químico aqueceu uma mistura de fenol e formaldeído. Na linguagem da cultura vitoriana das flores, uma rosa branca significa silêncio.

Quando eu encontrar essa garota será o melhor dia para documentar novas flores. Será no dia seguinte ao fim de semana do Dia da Lembrança¹, quando as multidões desaparecem por mais um ano. Quando todos tiverem ido embora, eu, primeiro, vou ver essa garota que, espero, vai estar morta.

No dia seguinte ao Dia da Lembrança, o zelador vai chegar com uma lata de lixo e recolher todas as flores frescas. A mais inferior das categorias de flores frescas é o que os floristas chamam de "categoria funeral".

O zelador e eu já havíamos nos cruzado, mas nunca conversamos. Ele, em seu macacão azul, já me pegou com o ouvido em uma catacumba. Mesmo com o círculo da lanterna dele me iluminando, ele virou a cara para mim. Com o salto de um dos meus sapatos na mão, eu estava batendo na catacumba e dizendo: olá. Em código Morse, perguntava: alguém pode me ouvir?

O problema das flores de categoria funeral é que elas só duram um dia. No dia seguinte, começam a apodrecer. Então, com as flores penduradas dos vasos de bronze colados em cada catacumba, já escuras e secas, cheias de bolor e pingando uma água fedorenta no chão de mármore, é fácil imaginar o que está acontecendo com a pessoa amada trancafiada lá dentro.

No dia seguinte ao Dia da Lembrança, o zelador as joga fora. As flores murchas.

Para trás fica uma nova safra de peônias falsas, de um magenta escuro e cheias de corante para que a seda fique quase preta. Este ano há orquídeas de plástico perfumadas artificialmente. Vale a pena roubar as longas parreiras de seda artificial com enormes ipomeias azuis e brancas.

Os mais antigos espécimes incluem flores feitas de *chiffon*, organza, veludo, veludo georgette, crepe de chine e largas fitas de cetim. Amontoadas em meus braços, há bocas-de-dragão, ervilhas-de-cheiro e sálvias. Malvas, maravilhas e miosótis. Falsas e belas, porém duras e ásperas, este ano as flores novas vêm salpicadas de gotas de orvalho feitas de poliestireno.

Este ano, essa garota chegou um dia atrasada e trouxe uma variedade ordinária de tulipas e anêmonas de poliéster, as flores vitorianas clássicas da tristeza e da morte, da doença e do abandono, e, observando-a do alto da escada, no canto oeste da galeria, no sexto andar do Contentamento, fazendo anotações no meu pequeno guia, lá estou eu.

A flor diante de mim é o espécime 237, um crisântemo de *rayon* do pós-guerra, pois não havia seda, *rayon* ou arame o suficiente para confeccionar flores durante a Segunda Guerra Mundial. As flores da época da guerra são de papel-crepe ou papel-arroz e, mesmo sob os 50 °C secos do mausoléu Memorial de Columbia, todas essas flores viraram pó.

Diante de mim está a catacumba número 678, Trevor Hollis, vinte e quatro anos, que deixou mãe, pai e uma irmã. Muito amado. Filho querido. Eternamente lembrado com carinho. Minha vítima mais recente. Eu o encontrei.

A catacumba número 678 fica em uma fileira alta na parede da galeria. A única maneira de vê-la de perto é usar uma escada ou um elevador para caixões e, mesmo do alto de uma escada, dois degraus acima do que é considerado seguro, consigo perceber que há algo diferente nessa garota. Algo europeu. Algo relacionado à desnutrição. Não é a quantidade diária recomendada de alimento e sol que deixam você bonita para os padrões norte-americanos. Ela tem um aspecto encerado e seus braços e pernas saem do vestido com uma aparência bruta e branca. Dá para imaginá-la vivendo por trás de arame farpado. E crescendo em mim há a esperança aflita de que talvez ela esteja morta. É assim que me sinto quando assisto a filmes antigos em casa, nos quais vampiros e zumbis voltam dos túmulos com fome de carne humana. Dentro de mim há a mesma esperança aflita que sinto ao ver os mortos-vivos vorazes e ao pensar: Ah, por favor, por favor, por favor.

Minha ânsia interior é ser agarrado por alguma garota morta. Encostar meu ouvido no peito dela e não ouvir nada. Até ser devorado por zumbis é melhor do que pensar que sou somente carne e sangue, pele e osso. Demônio ou anjo ou espírito do mal,

eu só preciso que algo apareça. Fantasmagórico, demoníaco ou monstro de pernas longas, só quero que segure minha mão.

Daqui de cima, da sexta fileira de catacumbas, o vestido preto dela parece ter sido passado à exaustão. Os braços e as pernas finos e brancos parecem revestidos de um novo tipo de pele humana de má qualidade. Mesmo aqui de cima o rosto dela parece ser um produto de fabricação em massa.

Cânticos de Salomão, capítulo sete, versículo um:

“Quão formosos são os teus pés nos sapatos, ó filha do príncipe! Os contornos de tuas coxas são como joias...”

Mesmo com o sol aquecendo tudo lá fora, aqui dentro tudo continua frio ao toque. A luz entra através do vitral. O cheiro é de chuva absorvida pelas paredes de cimento. A sensação de tudo é de mármore polido. O som vem de algum lugar, as gotas de chuva velha deslizando pelos vergalhões, as gotas de chuva caindo pela claraboia rachada, as gotas de chuva dentro de catacumbas ainda não vendidas.

A poeira se acumula com caspas e cabelos e forma cotões que rolam pelo chão. As pessoas chamam isso de cocô de fantasma.

A garota olha para cima e me vê, e depois se aproxima em silêncio, pisando com os sapatos pretos de feltro no chão de mármore.

É fácil se perder aqui. Os corredores se voltam para corredores em ângulos estranhos. Encontrar a catacumba certa exige um mapa. As galerias se abrem em galerias, em panoramas tão amplos que o sofá esculpido ou a estátua de mármore no outro canto poderia ser algo além da imaginação. A repetição dos tons pastel suaves do mármore existe para que você não entre em pânico caso se perca.

A garota caminha até a escada e fico preso lá em cima, a meio caminho entre ela aos meus pés e o paraíso dos anjos pintados no teto. A parede de catacumbas de mármore polido cria meu reflexo em tamanho real entre os epitáfios.

Esta pedra foi erguida em homenagem.

Erigida neste local.

Erigida em dedicada homenagem.

Sou todas as opções acima.

Meus dedos frios estão paralisados ao redor da caneta. O espécime número 98 é uma camélia de seda chinesa cor-de-rosa. A cor absoluta prova que a seda cultivada foi fervida em água e sabão para remover toda a sericina. O caule principal é um arame recoberto de polipropileno verde, típico dos arbustos da época. Camélia significa excelência incomparável.

A máscara redonda que serve de rosto à garota olha para mim do pé da escada. Como dizer se ela está viva ou se é um fantasma, eu não sei. Ela está muito vestida para que eu consiga ver a ascensão e a queda do seu peito. O ar está quente demais para que sua respiração seja visível.

Cânticos de Salomão, capítulo sete, versículo dois:

“O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como montão de trigo, cercado de lírios.”

A Bíblia cita sexo e comida com bastante frequência.

Aqui, com o espécime número 136, as pequenas conchas pintadas de rosa para se parecerem com botões de rosa, e o espécime número 78, o narciso de baquelita, quero ser abraçado por seus braços frios e mortos, e ouvi-la dizer que a vida não tem um fim absoluto. Minha vida não é um adubo de categoria funeral que vai apodrecer amanhã e viver menos do que meu nome em um obituário.

A impressão que se tem em meio a esses quilômetros de paredes de mármore com pessoas presas dentro delas, é a de que estamos em um prédio lotado com milhares de pessoas, mas, ao mesmo tempo, estamos sozinhos. Poderia se passar um ano entre o momento de uma pergunta dela e a minha resposta.

Minha respiração embaça as datas esculpidas que compreendem a curta vida de Trevor Hollis. No epitáfio lê-se:

Para o mundo, um fracassado,
Para mim, o mundo inteiro.

Trevor Hollis, faça o pior que puder. Eu o desafio, venha e se vingue.

Com a cabeça jogada para trás, a garota sorri para mim aqui em cima. O cabelo ruivo brilha contra o cinza das pedras, e ela diz para mim:

— Você trouxe flores.

Meus braços se movem e algumas flores, violetas, margaridas, dalias, caem flutuando em volta dela.

Ela pega uma hortênsia e diz:

— Ninguém mais veio aqui desde o enterro.

Cânticos de Salomão, capítulo sete, versículo três:

“Os teus dois seios como dois filhos gêmeos de gazela.”

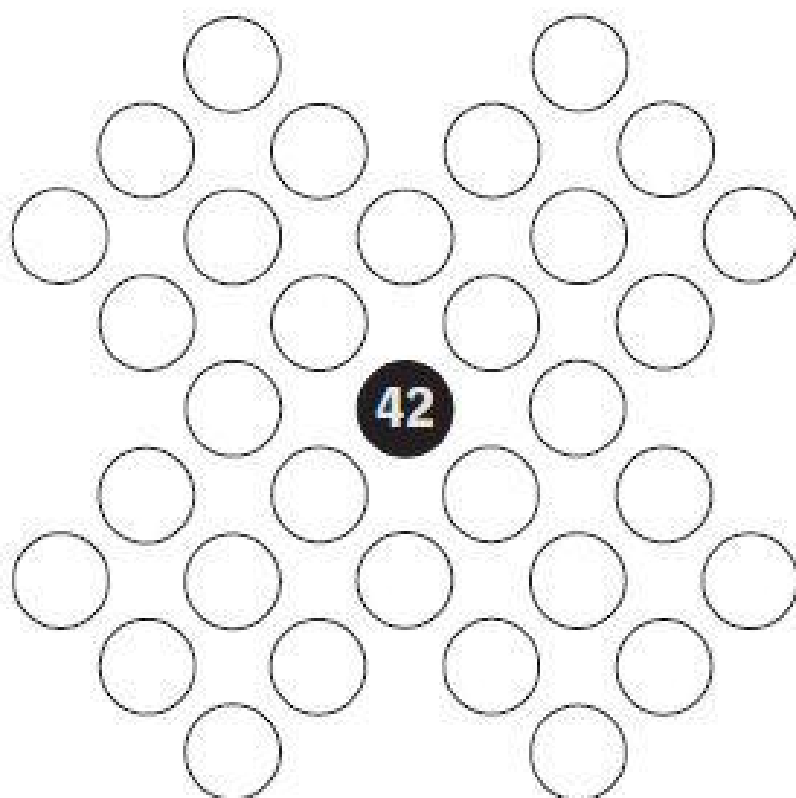
A boca e os lábios finos e vermelhos demais parecem rasgados por uma faca.

— Olá, meu nome é Fertility — ela diz.

Ela me entrega as flores e as mantém no ar como se eu não estivesse totalmente fora do seu alcance, e pergunta:

— E aí, você conhecia meu irmão Trevor?

¹. Em inglês “Memorial Day”, dia dos soldados e marinheiros dos EUA mortos em combate, geralmente comemorado em 30 de maio. (N. da T.)



O nome dela era Fertility Hollis. É seu nome completo, sem brincadeira², e é sobre ela que realmente quero conversar com a minha assistente social no dia seguinte.

Faz parte do meu contrato encontrar a assistente social durante uma hora, uma vez por semana. Em troca, continuo a receber os títulos de moradia. O programa me dá direito a uma cesta básica. Queijo, leite em pó, mel e manteiga do governo, de graça. Posicionamento profissional, de graça. Essas são apenas algumas das vantagens do Programa Federal de Amparo aos Sobreviventes. Minha quitinete ínfima e queijo do excesso de produção. Meu pequeno emprego de cão com toda a vitela que conseguir contrabandear no ônibus. Você ganha só o suficiente para pagar as contas.

Você não obtém nenhum privilégio, não pode estacionar na vaga para portadores de deficiência, mas, uma vez por semana, durante

uma hora, você recebe uma assistente social. Toda terça-feira, minha assistente dirige até a casa onde trabalho no seu carro de cor sem graça cedido pelo governo, com sua compaixão profissional, suas pastas de históricos e seu registro de quilometragem, no qual controla os quilômetros rodados entre cada visita. Ela tem vinte e quatro clientes esta semana. Na semana passada, tinha vinte e seis.

Toda terça-feira ela vem para me ouvir.

Toda semana, eu pergunto a ela quantos sobreviventes restaram em todo o país. Ela está na cozinha empanturrando-se de daiquiris e batatas fritas. Tirou os sapatos e a bolsa de lona, cheia de arquivos de clientes, que está na mesa da cozinha entre nós, enquanto pega uma prancheta e folheia os formulários para achar o meu e colocá-lo em cima dos outros. Ela percorre uma coluna de números com a ponta dos dedos e diz — cento e cinquenta e sete sobreviventes. Em todo o país.

Ela começa a preencher a data e olha o relógio para ver a hora e anotá-la no meu relatório semanal. Ela vira a prancheta para que eu a leia e a assine na parte inferior. Isso serve para provar que ela esteve aqui. Que nós conversamos. Que nós compartilhamos experiências. Ela me oferece uma caneta. Abrimos o nosso coração. Ouça-me, cure-me, salve-me, creia-me. Não é culpa dela se, assim que ela for embora, eu corte a garganta.

— Você conhecia a mulher daqui da rua que trabalhava no casarão cinza e marrom? — ela pergunta enquanto assino o formulário.

Não. Sim. Tá, eu sei de quem ela está falando.

— Grande. Longos cabelos loiros trançados. Uma verdadeira caucasiana — diz a assistente. — Bem, ela empacotou faz dois dias. Se enforcou com o fio de uma extensão — a assistente social olha para as unhas, primeiro curvando os dedos sobre as palmas e depois esticando-os. Ela volta a mexer na bolsa e pega um vidrinho de esmalte de unhas vermelho-vivo. — Bem, já vai tarde. Nunca gostei dela — diz.

Entrego-lhe a prancheta e pergunto: mais alguém?

— Um jardineiro — ela responde. Aí começa a agitar, próximo ao ouvido, o vidrinho vermelho-vivo com uma tampa comprida e branca. Com a outra mão, procura um formulário entre as folhas. Ela me mostra a prancheta para que eu veja o carimbo vermelho com a palavra LIBERADO no relatório desta semana do cliente número 134. E a data.

O carimbo é sobra de algum programa de internação hospitalar. Nesse programa, LIBERADO queria dizer que o cliente teve alta. Agora, significa que um cliente está morto. Ninguém queria encomendar um carimbo com a palavra MORTO. A assistente social me disse isso, alguns anos atrás, quando os índices de suicídio voltaram a subir. Do pó vieste, ao pó retornarás. Isso é que é reciclagem.

— O cara bebeu um tipo de herbicida — diz ela. As mãos torcem o vidrinho. Torcem. Torcem até que os nós dos dedos fiquem brancos. — Essa gente faz de tudo para que eu pareça incompetente.

Ela bate o esmalte no canto da mesa e tenta abri-lo mais uma vez.

— Toma — ela diz e me passa o vidrinho. — Pode abrir para mim? Abro o vidrinho sem dificuldade e o entrego de volta.

— Você conhecia esses dois? — pergunta ela.

Bem, não. Eu não os conhecia. Sabia quem eram, mas não me lembro de tê-los conhecido. Não os conhecia desde pequeno, mas os vi pela vizinhança nos últimos anos. Eles ainda usavam as roupas velhas exigidas pelas regras da igreja. O homem usava suspensórios, calças largas, uma camisa de mangas compridas com o colarinho abotoado até no dia mais quente do verão. A mulher usava o enfadonho arremedo de vestido que as mulheres da igreja, se bem me lembro, eram obrigadas a usar. Ela ainda usava um gorro na cabeça. O homem sempre usava o chapéu de abas largas, de palha no verão, de feltro preto no inverno.

É. Tá certo. Eu os vi por aí. Eles dificilmente passavam despercebidos.

— Quando os encontrava — disse a assistente social enquanto deslizava o pequeno pincel, vermelho sobre vermelho, por todo o

comprimento das unhas —, você ficava aflito? Ver as pessoas da sua antiga igreja alguma vez lhe deixou triste? Você chorava? Ver as pessoas usando as roupas que você vestia quando fazia parte da igreja deixava você com raiva?

O interfone toca.

— Isso faz você se lembrar dos seus pais?

O interfone toca.

— Isso deixa você furioso com o que aconteceu com a sua família?

O interfone toca.

— Você se lembra de como eram as coisas antes dos suicídios?

O interfone toca.

— Você não vai atender? — diz a assistente social.

— Em um minuto. Antes eu tenho de conferir minha agenda.

Seguro o caderno gordo para ela ver a lista de tudo o que devo fazer hoje. As pessoas para quem trabalho tentam me atrapalhar com as ligações. Deus me livre eu estar aqui dentro e atender o interfone quando deveria estar lá fora limpando a piscina.

O interfone toca.

Segundo minha agenda, eu deveria estar passando a vapor as cortinas no quarto de hóspedes azul. O que quer que isso signifique.

A assistente social está mastigando batatas fritas, então aceno para que fique quieta.

O interfone toca e eu o atendo.

— O que você sabe sobre o banquete de hoje à noite? — o interfone grita.

Relaxe, respondo. É ridículo. Filé de salmão. Um tipo de cenoura em miniatura. Endívia refogada.

— O que é endívia?

É uma folha tostada, digo. Você a come com o garfo mais à esquerda. Dentes para baixo. Vocês já conhecem endívia refogada. Eu sei que vocês conhecem endívia refogada. Vocês comeram no ano passado em uma festa de Natal. Vocês amam endívia refogada. Comam somente três garfadas, eu digo para o interfone. Prometo que vão adorar.

— Você poderia tirar as manchas da lareira? — o interfone pergunta.

Segundo minha agenda, só farei isso amanhã.

— Ah, nos esquecemos — diz o interfone.

Claro. Lógico. Vocês se esqueceram.

Descuidados.

Você poderia me chamar de o cavalheiro dos cavalheiros, mas estaria completamente enganado.

— Mais alguma coisa que devemos saber?

É Dia das Mães.

— Ah, que merda. Caralho. Porra! — diz o interfone. — Você já mandou alguma coisa? Estamos garantidos?

Claro. Enviei para as mães deles um belo arranjo de flores e o florista vai mandar a conta.

— O que você disse no cartão?

Eu disse:

Para minha querida mãe, sempre adorada e lembrada. Jamais um(a) filho(a) dedicado(a) teve uma mãe que o(a) amasse mais. Com meu mais profundo amor. Em seguida, a assinatura aplicável.

Aí, o P.S.: Uma flor seca é tão encantadora quanto uma flor fresca.

— Ficou bom. Vai mantê-las satisfeitas por mais um ano — diz o interfone. — Não se esqueça de regar todas as plantas do jardim de inverno. Está na agenda.

Aí eles desligam. Nunca precisam me lembrar de fazer nada. Só querem ter a palavra final.

Estou pouco me lixando.

A assistente social está abanando e soprando diante da boca as unhas vermelhas recém-pintadas. Entre longos sopros, ela pergunta:

— Sua família?

Ela sopra as unhas.

— Sua própria mãe? — ela pergunta.

Ela sopra as unhas.

— Você se lembra da sua mãe?

Ela sopra as unhas

— Você acha que ela sentiu alguma coisa?

Ela sopra as unhas.

— Quero dizer, quando ela se matou?

Mateus, capítulo vinte e quatro, versículo treze:

“Mas aquele que perseverar até o fim será salvo.”

Segundo minha agenda, eu deveria estar limpando o filtro do ar-condicionado. Eu deveria estar espanando a poeira da sala verde. Há maçanetas de bronze para polir. Há todos os jornais velhos para reciclar.

A hora está quase acabando, e nem cheguei a falar sobre Fertility Hollis. Como nos encontramos no mausoléu. Caminhamos por uma hora e ela me contou sobre diferentes movimentos artísticos do século XX e como eles retratavam Jesus crucificado. Na ala mais antiga do mausoléu, a chamada Contentamento, Jesus é magro e romântico, com enormes olhos úmidos e cílios longos de mulher. Na ala construída na década de 1930, Jesus é um realismo social, com grandes músculos de super-herói. Nos anos 1940, na ala Serenidade, Jesus se transforma em uma montagem abstrata de planos e cubos. O Jesus dos anos 1950 é de madeira polida, um esqueleto da modernidade dinamarquesa. O Jesus dos anos 1960 foi feito com pedaços de madeira.

Não há ala dos anos 1970 e, na dos anos 1980, não há Jesus, somente os mesmos mármore e latão verdes seculares polidos que você encontraria em uma loja de departamentos.

Fertility falou sobre a arte e perambulamos por entre a Contentamento, a Serenidade, a Paz, a Alegria, a Salvação, a Arrebatamento e a Encantamento.

Ela me disse que seu nome era Fertility Hollis.

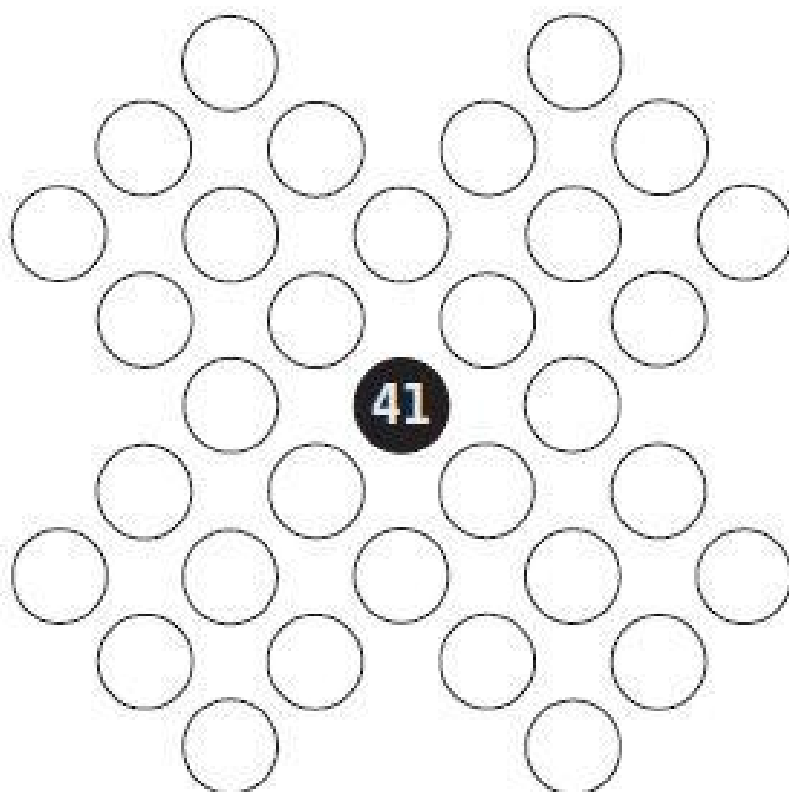
Eu disse a ela para me chamar de Tender Branson. Isso é o mais próximo que tenho de um nome de verdade.

Toda semana, de agora em diante, ela visitará a catacumba do irmão. É onde prometeu que estaria na quarta-feira que vem.

— Já se passaram dez anos. Por que você nunca se abre e compartilha qualquer sentimento em relação à sua finada família?
— a assistente social pergunta.

Lamento, digo a ela, mas eu realmente preciso voltar ao trabalho. Digo a ela que nossa hora acabou.

[2.](#) O autor refere-se a um trocadilho possível com "Fertility Holly", que significaria "azevinhos da fertilidade". (N. da T.)



Antes que seja tarde demais, antes que o avião se aproxime demais da queda, preciso explicar meu nome. Tender Branson. Não é um nome de verdade. Está mais para uma patente. É como se alguém de outra cultura desse a um filho o nome de tenente Smith ou bispo Jones. Ou governador Brown. Ou doutor Moore. Xerife Peterson.

Os únicos nomes na cultura da Crendice eram sobrenomes. Os sobrenomes vinham do marido. Um sobrenome era a maneira de reivindicar propriedades. O sobrenome era um rótulo.

Meu sobrenome é Branson.

Minha patente é Tender Branson. É a mais inferior das patentes.

Uma vez, a assistente social perguntou se o sobrenome não era um tipo de aval ou maldição quando os filhos e as filhas eram contratados para trabalhar no mundo aqui fora.

Desde os suicídios, as pessoas no mundo aqui fora têm a mesma imagem sinistra da cultura da Crendice que meu irmão, Adam, tinha deles.

No mundo lá fora, meu irmão me disse, as pessoas eram irresponsáveis como animais e fornicavam com estranhos na rua.

Hoje, as pessoas no mundo aqui fora me perguntam se determinados sobrenomes tinham preços mais altos. Alguns sobrenomes levam a preços mais baixos nos contratos de trabalho?

Essas pessoas geralmente me perguntam se alguns pais Crentes engravidariam as filhas para aumentar o fluxo de capital. Perguntam se as crianças Crentes que não eram autorizadas a se casar eram castradas, ou seja, se eu fui. Perguntam se os filhos Crentes se masturbavam ou cruzavam com animais da fazenda ou sodomizavam uns aos outros, ou seja, se eu fazia essas coisas.

Eu fui. Eu fazia.

Estranhos perguntam, na minha cara, se sou virgem.

Sei lá. Me esqueci. Ou o assunto não é da sua conta.

Só para constar, meu irmão Adam Branson era mais velho que eu três minutos e trinta segundos, mas, pelos padrões Crentes, não importava se fossem anos.

Isso porque a doutrina da Crendice não reconhece a existência do segundo lugar. Em cada família, o primogênito se chamava Adam, e Adam Branson herdaria a nossa terra na colônia da igreja.

Todos os filhos depois de Adam se chamavam Tender. Na família Branson, significa que sou um dos pelo menos oito Tender Bransons que meus pais geraram para serem missionários.

Todas as filhas, da primeira à última, se chamavam Bidy.

Tenders vigiam o rebanho³.

Biddys têm um preço⁴.

Dá para imaginar que ambas as palavras sejam gírias, apelidos para nomes mais tradicionais, mas eu não faço ideia de quais.

Eu sei que, se os presbíteros da igreja escolhessem uma Bidy Branson para se casar com o Adam de outra família, seu nome, que era na verdade sua patente, mudaria para Author.

Ao se casar com Adam Maxton, Bidy Branson se tornaria Author Maxton.

Os pais desse Adam Maxton também se chamavam Adam e Author Maxton, até que seu filho recém-casado e a esposa tivessem um filho. Depois disso, ambos os integrantes do casal de presbíteros deveriam ser tratados por Elder Maxton.

Na maioria dos casais, quando o primogênito tinha seu primeiro filho, a Elder Maxton já teria morrido de tanto parir filho após filho após filho.

Quase todos os presbíteros da igreja eram homens. Um homem poderia se tornar um presbítero ao completar trinta e cinco anos, se fosse rápido o suficiente.

Não era complicado.

Não era nada comparado com o mundo aqui fora e seu sistema de patentes de pais e avós e bisavós, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, cada um com seu próprio nome.

Na cultura da Crendice, seu nome dizia a todos exatamente qual era o seu lugar. Tender ou Bidy. Adam ou Author. Ou Elder. Seu nome determinava o caminho que sua vida seguiria.

As pessoas me perguntam se eu tinha raiva de ter perdido o direito à propriedade e a ter uma família só porque meu irmão era três minutos e trinta segundos mais velho que eu. E eu aprendi a responder que sim. É o que as pessoas no mundo aqui fora querem ouvir. Mas isso não é verdade. Eu nunca senti raiva.

Seria o mesmo que ter raiva de pensar que, se tivesse nascido com dedos mais longos, você poderia ter sido violinista.

É o mesmo que desejar que seus pais fossem mais altos, mais magros, mais fortes, mais felizes. Há detalhes do passado que não dá para controlar.

A questão é que Adam nasceu primeiro. E talvez Adam me invejasse porque eu poderia sair e ver o mundo lá fora. Enquanto eu fazia as malas para ir embora, Adam estava se casando com uma Bidy Gleason, a quem mal conhecia.

Era o corpo de presbíteros da igreja que mantinha os gráficos elaborados de quem se casou com qual Bidy de qual família, para que aqueles que as pessoas no mundo lá fora chamam de "primos"

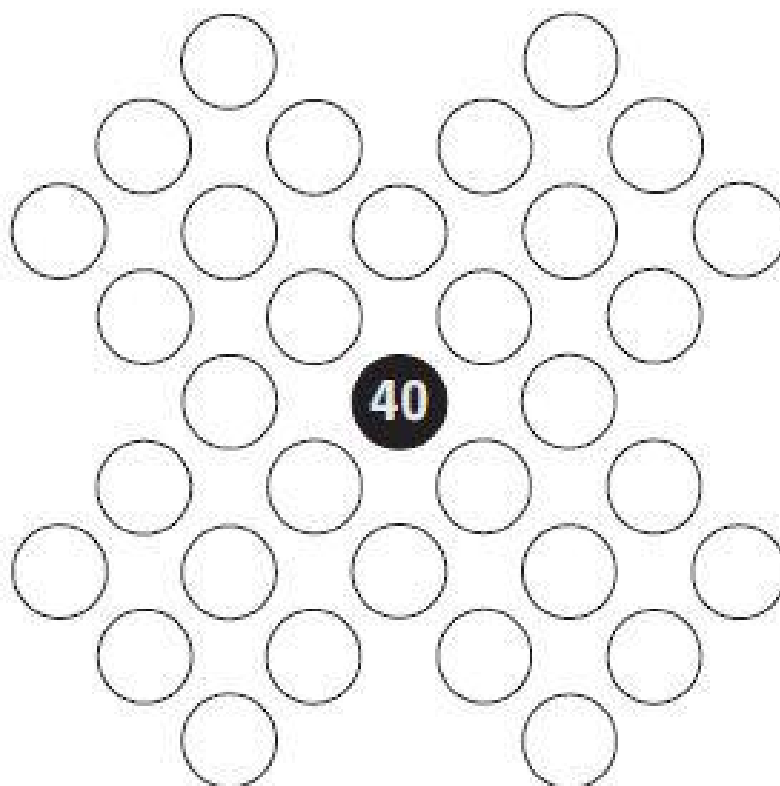
nunca se casassem entre si. A cada geração de Adams que completasse dezessete anos, os presbíteros da igreja se reuniam para designar esposas tão distantes da árvore genealógica deles quanto possível. A cada geração, havia uma temporada de casamentos. Havia quase quarenta famílias na colônia da igreja e, a cada geração, praticamente todas as famílias celebravam casamentos e festas. Para um Tender ou uma Bidy, uma temporada de casamentos era algo a ser observado de longe.

Se você fosse uma Bidy, podia sonhar que isso aconteceria com você.

Se fosse um Tender, você não sonhava.

[3.](#) Em inglês, "tender" significa "vigiar". Trata-se de uma referência bíblica às diversas passagens que falam sobre vigiar os rebanhos. (N. da T.)

[4.](#) Em inglês, "bid" significa "fazer uma oferta, dar um preço". (N. da T.)



Esta noite, as ligações são iguais às de todas as noites. Lá fora, a lua está cheia. As pessoas estão prontas para morrer por conta de notas ruins na escola. Dos problemas familiares. Dos problemas do namorado. Dos empregos idiotas. Tudo isso enquanto tento preparar algumas costeletas de carneiro roubadas.

As pessoas fazem interurbanos a cobrar e o operador pergunta se aceito um pedido de atenção a cobrar de um zé-ninguém.

Esta noite estou tentando descobrir uma maneira nova de comer salmão *en croûte*, uma nova girada *sexy* de punho, um requinte para que as pessoas para quem trabalho impressionem os convidados do próximo jantar. Um pequeno truque de salão. Esse é o equivalente educado da dança de salão. Estou trabalhando em uma coreografia pomposa para levar creme de cebola à boca. Acabo de aperfeiçoar uma técnica infalível para limpar o excesso de creme quando o telefone toca mais uma vez.

Um cara liga para dizer que vai repetir em Álgebra II.

Só para não perder o jeito, eu digo: se mate.

Uma mulher liga e diz que seus filhos não são comportados.

Sem perder o ritmo, digo a ela: se mate.

Um homem liga para dizer que seu carro não pega.

Se mate.

Uma mulher liga para perguntar a que horas começa o corujão.

Se mate.

— Que número é esse? É do Cineplex Moorehouse? — ela pergunta.

Eu digo, se mate. Se mate. Se mate.

Uma garota liga e pergunta:

— Morrer dói muito?

Bem, queridinha, digo a ela, sim, mas dói muito mais continuar a viver.

— Eu só queria saber — diz ela. — Meu irmão se matou na semana passada.

Só pode ser Fertility Hollis. Pergunto: quantos anos seu irmão tinha? Faço minha voz soar mais profunda, torcendo para que esteja diferente o suficiente para que ela não me reconheça.

— Vinte e quatro — diz ela, sem chorar nem nada. Ela nem mesmo parece triste.

A voz me faz pensar na boca dela, me faz pensar na respiração dela, me faz pensar nos seios dela.

I Coríntios, capítulo seis, versículo dezoito:

“Fugi da prostituição... o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo.”

Na minha nova voz profunda, peço a ela para falar sobre o que está sentindo.

— Neste momento, não consigo me decidir — ela diz. — O trimestre está quase acabando e realmente odeio meu trabalho. O contrato do meu apartamento está para terminar. O licenciamento do meu carro vence na semana que vem. Se eu for me matar, me parece uma boa hora para fazê-lo.

Há vários bons motivos para viver, digo a ela, e espero que ela não me peça uma lista. Pergunto: não há alguém que compartilhe

com você a dor que sente pela perda de seu irmão? Talvez um velho amigo dele que possa apoiá-la em meio a essa tragédia?

— Na verdade, não.

Pergunto: ninguém visita o túmulo dele além de você?

— Não.

Pergunto: ninguém? Ninguém mais deixa flores no túmulo? Nem um único amigo?

— Não.

Está claro que eu causei um grande impacto.

— Não — diz ela. — Espere. Tem um cara muito estranho.

Ótimo. Sou estranho.

Pergunto: como assim estranho?

— Você se lembra daquela seita que as pessoas se mataram? Faz uns sete ou oito anos. A cidade toda foi à igreja e bebeu veneno, e o FBI os encontrou de mãos dadas no chão, mortos. Esse cara me fez lembrar desse episódio. Nem tanto pelas roupas apatetadas, mas o cabelo, parece que ele mesmo o cortou de olhos fechados — ela fala.

Já faz dez anos, e só penso em desligar o telefone.

II Crônicas, capítulo vinte e um, versículo dezenove:

“... saíram-lhe as entranhas...”

— Alô? — diz ela. — Ainda tem alguém aí?

Sim, respondo. O que mais?

— Mais nada — diz ela. — Ele apenas estava no túmulo do meu irmão com um monte de flores.

Viu só, digo. É exatamente desse tipo de pessoa amorosa a quem você precisa recorrer nessa crise.

— Não sei não — diz ela.

Você é casada, eu lhe pergunto.

— Não.

Namora alguém?

— Não.

Então conheça melhor esse cara, digo-lhe. Deixe que a perda de vocês os una. Isso poderia ser um grande avanço na vida amorosa dela.

— Não sei não — diz ela. — Em primeiro lugar, você não viu esse cara. Quero dizer, sempre imaginei que meu irmão pudesse ser homossexual, e esse cara estranho com todas aquelas flores apenas confirma minhas suspeitas. Além disso, ele não era assim tão atraente.

Lamentações de Jeremias, capítulo dois, versículo onze:

“... turbadas estão as minhas entranhas, o meu fígado se derramou pela Terra...”

Digo: e se ele cortar melhor o cabelo? Você poderia ajudá-lo. Transformá-lo completamente.

— Não sei não — diz ela. — Esse cara é bem, bem feio. O cabelo dele é horrível, com umas costeletas que chegam quase até a boca. Não é tipo esses caras que usam uma barba modelada do mesmo jeito que as mulheres usam maquiagem, você sabe, para esconder um queixo duplo ou o fato de não terem maçãs do rosto. Esse cara simplesmente não tem nada de bom para realçar. Além disso, ele é veado.

I Coríntios, capítulo onze, versículo catorze:

“Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o homem ter cabelo crescido?”

Digo: ela não tem provas de que ele é sodomita.

— De que tipo de provas você precisa?

Digo: pergunte a ele. Ela não vai encontrá-lo novamente?

— Bem, eu disse que ia encontrá-lo na catacumba na semana que vem, mas sei lá. Falei por falar. Só disse isso para me livrar logo dele. Ele era tão carente e patético. Me seguiu por todo o mausoléu durante uma hora — respondeu ela.

Ainda assim, ela tem de encontrá-lo, digo. Ela prometeu. Pense no coitado do falecido Trevor, seu irmão. O que Trevor pensaria se ela desse o fora no único amigo que lhe restou?

— Como você sabe o nome dele? — ela pergunta.

Nome de quem?

— Do meu irmão, Trevor. Você disse o nome dele.

Ela deve tê-lo dito isso antes, eu respondo. Há coisa de um minuto, ela disse. Trevor. Vinte e quatro anos. Se matou na semana

passada. Homossexual. Talvez. Tinha um amante secreto, que precisa desesperadamente de seu ombro para chorar.

— Você sacou tudo isso? É um bom ouvinte — diz ela. — Estou impressionada. Como você é?

Feio, eu digo. Hediondo. Cabelo horroroso. Passado horroroso. Você não me acharia interessante de forma alguma.

Pergunto sobre o amigo do irmão dela, talvez amante, viúvo, você vai encontrá-lo na semana que vem, como prometeu?

— Não sei — diz ela. — Talvez. Vou me encontrar com o bobalhão na semana que vem se você fizer uma coisa para mim agora.

Lembre-se, digo a ela. Você tem a oportunidade de tirar alguém da solidão. Essa é a chance perfeita para dar amor e apoio a um homem que precisa desesperadamente do seu amor.

— Foda-se o amor — diz ela, e abaixou o tom de voz para combinar com a minha. — Diga alguma coisa que me faça gozar.

Eu não sei do que você está falando.

— Você sabe do que estou falando — diz ela.

Gênesis, capítulo três, versículo doze:

“... A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi...”

Ouçã, eu digo. Não estou sozinho aqui. Estou cercado de voluntários caridosos que também doam seu tempo.

— Vamos lá. Lamba meus peitos — diz ela.

Digo que ela está se aproveitando da minha natureza caridosa. Digo que preciso desligar agora.

— Me chupa inteira com a sua boca — ela diz.

Digo: vou desligar agora.

— Mais. Mais! Ah, me lambe toda, me lambe toda — ela fala e ri.

— Me chupa. Me chupa. Me chupa. Me. Chupa.

Digo: vou desligar agora. Mas não desligo.

— Você sabe que me deseja. Diga o que quer que eu faça. Você sabe que quer. Me obrigue a fazer alguma bobagem — Fertility continua falando.

E, antes que eu consiga sair da conversa, Fertility Hollis solta um uivo estrondoso de orgasmo de deusa pornô.

Aí eu desligo.

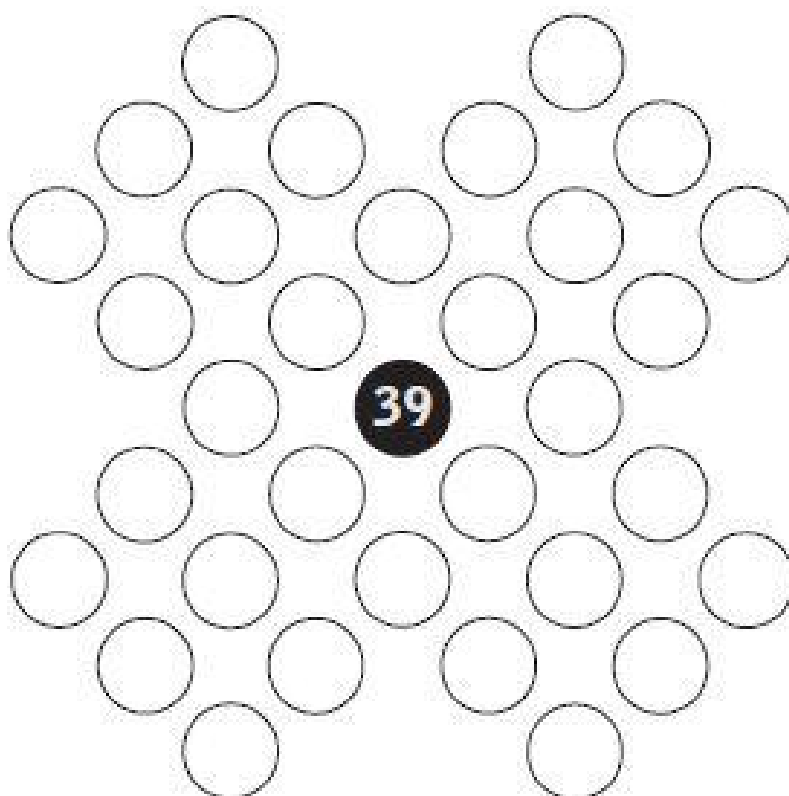
I Timóteo, capítulo cinco, versículo quinze:

“Porque já algumas se desviaram, indo após Satanás.”

Sinto-me vulgar e usado, sujo e humilhado. Sujo e enganado e descartado.

Aí o telefone toca. É ela. Tem de ser ela, então eu não atendo.

O telefone toca a noite toda e eu fico aqui, me sentindo enganado, e não ousa atender.



Há uns dez anos, tive minha primeira reunião particular com minha assistente social, que é uma pessoa de verdade, com nome e escritório, mas não quero arrumar confusão para ela. Ela tem seus próprios problemas. É formada em Serviço Social. Tem trinta e cinco anos e não consegue manter um namorado fixo. Há dez anos, tinha vinte e cinco e havia acabado de se formar e estava atolada com os clientes designados para ela como parte do novíssimo Programa Federal de Amparo aos Sobreviventes.

O que aconteceu foi que um policial veio bater na porta da casa onde eu trabalhava na época. Dez anos atrás, eu tinha vinte e três anos e aquele ainda era meu primeiro emprego, porque eu trabalhava duro. Eu não sabia de nada. Os jardins da casa estavam sempre verdes e úmidos e tão perfeitamente aparados que pareciam um casaco de pele verde. Nada na casa parecia

desgastado. Quando você tem vinte e três anos, acha que consegue manter esse nível de desempenho para sempre.

Atrás do policial estavam mais dois policiais e a assistente social, de pé na calçada ao lado do carro da polícia.

Não tem como explicar o quanto eu gostava do meu trabalho até abrir aquela porta. Por toda a vida trabalhei por isso, pelo batismo e por um emprego onde limpasse casas no perverso mundo aqui fora.

Quando as pessoas para quem eu trabalhava enviaram um donativo para a igreja pelo meu primeiro mês de trabalho, fiquei radiante. Eu realmente acreditava que estava ajudando a criar o Paraíso na Terra.

Eu não ligava para as pessoas que me encaravam, e usava o traje obrigatório da igreja em todos os lugares, o chapéu, as calças largas sem bolsos. A camisa branca de mangas compridas. Independente do calor que fazia, eu usava o casaco marrom em público, não importavam as besteiras que as pessoas diziam.

— Como é que você pode usar camisas de botão? — uma pessoa na loja de ferragens quis saber.

Porque não sou amish.

— Você tem de usar roupas íntimas especiais?

Acho que estavam falando sobre os mórmons.

— Não é contra sua religião viver fora da colônia?

Isso soa mais como coisa dos menonitas.

— Nunca conheci um hutterite.

Continua sem conhecer.

Era bacana me destacar do resto do mundo, ser misterioso e piedoso. Não ser uma candeia embaixo de uma cesta qualquer⁵. Saltar aos olhos. Ser o único santo que impede Deus de arrasar as Sodomas e Gomorras que fervilham ao seu redor no Shopping Center Valley Plaza.

Ser o salvador de todas as pessoas, quer elas soubessem ou não. Em um dia escaldante, vestido com o pesado casaco cor de nada, ser um mártir que queima na fogueira.

Era ainda mais maravilhoso encontrar alguém vestido da mesma maneira. De calças ou vestido marrons, todos nós usávamos os mesmos sapatos marrons ordinários. Os dois se reúnem em um pequeno bate-papo. Era permitido dizer muito pouca coisa no mundo aqui fora. Apenas três ou quatro coisas, então era preciso ir devagar e não ter pressa com as palavras. A única situação na qual era permitido sair em público era para fazer compras, e somente se lhe confiassem o dinheiro.

Se você encontrasse alguém da colônia da igreja, poderia dizer:

Que sejas sempre útil e servil em tua vida.

Você poderia dizer:

Louvor e glória ao Senhor por este dia ao longo do qual trabalhamos.

Você poderia dizer:

Que nossos esforços levem todos à nossa volta para o Paraíso.

E você poderia dizer:

Que tu possas morrer somente após concluir todos os teus serviços.

Esse era o limite.

Ao ver alguém que parecia ser íntegro e estar com muito calor com as roupas da igreja, você imediatamente repassava essas frases curtas na cabeça. Ambos se aproximariam, mas não poderiam se tocar. Sem abraços. Sem apertos de mão. Você soltaria uma frase autorizada. A outra pessoa diria outra. Ambos trocariam palavras até cada um ter dito umas duas frases. Ambos manteriam a cabeça baixa e depois voltariam às suas tarefas.

Isso era só uma ínfima parte da mais ínfima parte das regras que você tinha de memorizar. Crescer na colônia da igreja significava que metade dos seus estudos era sobre a doutrina e as regras da igreja. A outra metade, sobre serviços. Os serviços incluíam jardinagem, etiqueta, manutenção de tecidos, limpeza, carpintaria, costura, trato de animais, aritmética, remoção de manchas e tolerância.

As regras para o mundo aqui fora incluíam ter de escrever semanalmente cartas de confissão para os presbíteros da igreja. Abster-se de comer doces. Era proibido beber e fumar. Apresentar

uma aparência limpa e ordeira o tempo todo. Não era permitido participar da difusão de qualquer forma de entretenimento. Não era permitido ter relações sexuais.

Lucas, capítulo vinte, versículo vinte e cinco:

“Mas os que forem havidos por dignos (...) nem hão de casar, nem ser dados em casamento.”

Os presbíteros da igreja da Crendice faziam o celibato parecer tão fácil quanto escolher não jogar beisebol.

É só dizer não.

As outras regras não tinham um fim. Deus me livre de dançar. Ou comer açúcar refinado. Ou cantar. Mas a regra mais importante a ser lembrada o tempo todo era:

“Se os integrantes da colônia da igreja forem chamados por Deus, regozije-se. Quando o apocalipse for iminente, celebre, e todos os Crentes devem se entregar a Deus, amém.”

E você tinha de fazer isso.

A distância não importava. Não importava por quanto tempo você tivesse trabalhado fora da colônia. Como o acesso a qualquer tipo de transmissão era proibido, poderia levar anos para que todos os integrantes da igreja soubessem a respeito da Libertação. A doutrina da igreja a chamava assim. A Libertação. A fuga para o Egito. A fuga do Egito. As pessoas estão sempre fugindo de um lado para o outro na Bíblia.

Poderia levar anos até que você descobrisse, mas, quando acontecesse, tinha de achar uma arma, beber veneno, se afogar, se enforcar, se cortar ou pular.

Você tinha de se entregar ao Paraíso.

Por isso, três policiais e uma assistente social vieram à minha porta.

O policial disse:

— Não vai ser fácil ouvir isto — e eu soube que tinha sido deixado para trás.

Foi o apocalipse, a Libertação, e, apesar de todo o meu trabalho e todo o dinheiro que ganhei para nosso plano, o Paraíso na Terra simplesmente não ia acontecer.

Antes que eu pudesse pensar, a assistente social se adiantou e disse:

— Nós sabemos a que você foi programado para fazer agora. Estamos preparados para mantê-lo sob observação a fim de evitar que isso aconteça.

Quando a colônia da igreja decretou a Libertação, havia cerca de mil e quinhentos integrantes espalhados por todo o país, trabalhando. Uma semana mais tarde, havia seiscentos. Um ano depois, quatrocentos.

Desde então, até algumas assistentes sociais se mataram.

O governo me encontrou assim como a maioria dos outros sobreviventes por meio das cartas de confissão que mandávamos para a colônia da igreja todo mês. Não sabíamos que escrevíamos e enviávamos nossos salários para presbíteros que já estavam mortos e no Paraíso. Não tínhamos como saber que os assistentes sociais liam nossas declarações mensais de quantas vezes falamos palavrões ou tivemos pensamentos impuros. Agora, não havia nada que eu pudesse dizer à assistente social que ela já não soubesse.

Dez anos se passaram, e é impossível ver integrantes sobreviventes da igreja juntos. Agora, entre os sobreviventes que se encontram, não há nada além de vergonha e desgosto. Nós falhamos em nosso sacramento final. Nossa vergonha é de nós mesmos. Nosso desgosto é quanto ao outro. Os sobreviventes que ainda usam as roupas da igreja o fazem para ostentar sua dor. Luto e cinzas. Eles não conseguiram se salvar. Eles foram fracos. As regras se foram e isso não importa. Somos todos uma grande entrega expressa direto para o Inferno.

E eu fui fraco.

Então fui para o centro de carona no carro da polícia e, sentada ao meu lado, a assistente social disse:

— Você foi uma vítima inocente de um culto terrivelmente opressor, mas estamos aqui para ajudá-lo a se reerguer.

Os minutos já me distanciavam mais e mais do que eu deveria ter feito.

A assistente social disse:

— Sei que você tem problemas com a masturbação. Gostaria de falar sobre isso?

Cada minuto tornava mais e mais difícil cumprir minha promessa de batismo. Atirar, cortar, sufocar, sangrar ou pular.

O mundo passava tão rápido fora do carro que me deixava vesgo.

— Sua vida tem sido um pesadelo horrível até agora, mas tudo vai ficar bem. Está me ouvindo? Tenha paciência e você vai ficar bem — a assistente social disse.

Já faz quase dez anos, e eu ainda espero.

A parte simples era dar a ela o benefício da dúvida.

Dez anos depois e quase nada mudou. Dez anos de terapia e ainda estou mais ou menos no mesmo lugar. Isso provavelmente não é algo a ser celebrado.

Ainda estamos juntos. A reunião semanal de hoje é a de número quinhentos e alguma coisa, e hoje estamos no banheiro de hóspedes azul. Esse banheiro de hóspedes é diferente do verde, branco, amarelo ou lavanda. Esse representa quanto dinheiro essas pessoas ganham. A assistente social está sentada na borda da banheira com os pés descalços imersos na água morna. Os sapatos estão em cima da tampa fechada do vaso sanitário com o copo de martíni com grenadine, gelo moído, açúcar ultrarrefinado e rum branco. Depois de algumas perguntas, ela se inclina com a caneta esferográfica ainda na mão, pega a haste do copo e segura a caneta e o copo como se fossem palitos chineses.

Seu último namorado é carta fora do baralho, ela me contou.

Deus me livre de ela se oferecer para me ajudar na limpeza.

Ela toma um gole. Deixa o copo de volta no lugar enquanto lhe respondo. Escreve no bloco amarelo sobre os joelhos, faz mais uma pergunta, toma outro gole. O rosto parece soterrado sob uma camada de maquiagem.

Larry, Barry, Jerry, Terry, Gary, todos os namorados que perdeu reunidos. Ela diz que a lista de clientes perdidos e a de namorados perdidos estão pau a pau.

Esta semana, diz ela, atingimos um nível ainda mais baixo, cento e trinta e dois sobreviventes em âmbito nacional, mas a taxa de suicídios está se estabilizando.

Segundo minha agenda, estou esfregando o rejunte entre os azulejos de seis faces no chão. Isso dá mais de um trilhão de quilômetros de rejunte. Perfilados, o rejunte só desse banheiro chegaria à lua e voltaria umas dez vezes, e tudo isso está imundo de mofo preto. O cheiro do amoníaco, no qual mergulho uma escova de dentes e uso para esfregar, misturado com a fumaça do cigarro, me deixa cansado e com o coração palpitando.

E talvez eu esteja alucinando. O amoníaco. A fumaça. Fertility Hollis continua ligando lá em casa. Não ousou atender o telefone, mas tenho certeza de que é ela.

— Algum desconhecido se aproximou de você recentemente? — pergunta a assistente social.

— Você recebeu algum telefonema que poderia ser descrito como ameaçador? — ela pergunta.

A forma como a assistente social me pergunta coisas e segura um cigarro com metade da boca parece a de um cachorro que se sentasse ali, bebesse um martíni rosa e rosnasse. Um cigarro, um gole, uma pergunta; respirar, beber e perguntar; ela demonstra todas as funções básicas da boca humana.

Ela não costumava fumar, mas cada vez mais me diz que não consegue suportar a ideia de viver até a velhice.

— Se pelo menos alguma parte da minha vida funcionasse direito — ela diz a um novo cigarro antes de acendê-lo. Então, algo invisível começa a tocar “bip-bip-bip” em algum lugar até que ela pressiona o relógio para interrompê-lo. Ela se curva para pegar a bolsa no chão ao lado do vaso sanitário e tira um frasco de plástico.

— Imipramina — ela diz. — Desculpe por não poder oferecer.

Logo no início, o programa de amparo tentou cuidar dos sobreviventes medicando-os com Frontal, Prozac, Valium, Imipramina. O plano não funcionou porque muitos clientes tentaram acumular as receitas semanais por três, seis, oito semanas, dependendo do peso corporal, e depois engolir tudo com uísque.

Embora os remédios não tenham funcionado para os clientes, foram ótimos para os assistentes sociais.

— Você notou se alguém o segue — pergunta a assistente social —, qualquer pessoa com um revólver ou uma faca, à noite ou

quando você volta para casa do ponto de ônibus?

Eu esfrego as frestas dos azulejos até passarem de preto para marrom para branco e pergunto: Por que você está me perguntando essas coisas?

— Por nada — ela diz.

Não, digo, não estou me sentindo ameaçado.

— Eu tentei ligar para você esta semana e ninguém atendeu — diz ela. — O que houve?

Respondo que não há nada acontecendo.

A verdade é que não atendo o telefone porque não quero falar com Fertility Hollis até vê-la pessoalmente. Por telefone, ela parecia tão sexualmente excitada que não posso arriscar. É uma competição contra mim mesmo. Não quero que ela se apaixone por mim como uma voz ao telefone ao mesmo tempo que me dá um fora na vida real. É melhor que ela nunca mais fale comigo ao telefone. O feioso esquisito aqui, que vive e respira, não se compara à fantasia, então bolei um plano, um plano terrível, para fazê-la me odiar e, ao mesmo tempo, se apaixonar por mim. O plano é desseduzi-la. Desatraí-la.

— Quando você não está em seu apartamento — pergunta a assistente social —, mais alguém tem acesso à sua comida?

Amanhã é minha próxima tarde com Fertility Hollis no necrotério, se ela aparecer. Aí a primeira parte do meu plano vai decolar.

— Você já recebeu alguma correspondência ameaçadora ou inesperada? — a assistente social pergunta.

— Você realmente está me escutando? — pergunta ela.

Pergunto: para que todas essas perguntas? Digo que vou beber essa garrafa de amoníaco se ela não me disser o que está acontecendo.

A assistente social olha o relógio. Ela bate a ponta da caneta no bloco e me faz esperar enquanto dá mais uma baforada no cigarro e solta a fumaça.

Se ela realmente quer me ajudar, digo a ela e lhe entrego uma escova de dentes, então tem de começar a esfregar.

Ela deixa a bebida de lado e pega a escova de dentes. A assistente social esfrega um centímetro de rejunte na parede de

azulejos ao lado dela. Ela para e olha, esfrega um pouco mais. Dá mais uma olhada.

— Ah, meu Deus — diz ela. — Está funcionando. Olha como ficou limpo por baixo — com os pés ainda imersos na água da banheira, ela se vira para alcançar melhor a parede e esfrega um pouco mais. — Deus, tinha me esquecido de como é bom ver um trabalho realizado.

Ela não percebe, mas eu parei de esfregar. Sento-me e a observo atacar o mofo com vontade.

— Ouça — ela diz, enquanto esfrega em direções diferentes para tirar o lodo de cada pequeno azulejo azul. — Pode ser que nada disso seja verdade, mas é para seu próprio bem. As coisas podem estar ficando meio perigosas para você.

Ela não deveria me contar, mas alguns dos suicídios dos sobreviventes estão parecendo meio suspeitos. A maioria dos suicídios é normal. Na maior parte, são só suicídios normais e cotidianos, diz ela, mas há alguns casos estranhos. Em um deles, um homem destro se matou com um tiro disparado pela mão esquerda. Em outro, uma mulher se enforcou com o nó de um roupão, mas um dos braços dela estava deslocado e os pulsos estavam machucados.

— Não foram os únicos casos, mas há um padrão — diz a assistente social enquanto continua a esfregar.

No início, ninguém no programa deu atenção, diz ela. Suicídios são apenas suicídios, especialmente entre essas pessoas. Os suicídios dos clientes acontecem em ondas. Um estouro de boiada. Um ou dois dão início a até vinte. Lêmings.

O bloco amarelo no colo dela desliza até o chão, e ela fala:

— Suicídios são muito contagiosos.

O padrão desses novos falsos suicídios mostra que a tendência é de que ocorram ao fim de uma série de suicídios naturais.

Pergunto: como assim, *falsos* suicídios?

Surrupio o martíni, que tem um gosto estranho de enxaguante bucal.

— Assassinatos — diz a assistente social. — Alguém está matando os sobreviventes e fazendo que pareça suicídio.

Quando uma série de suicídios reais diminui, os assassinatos parecem colocar a bola para rolar novamente. Depois de dois ou três assassinatos que parecem suicídios, o suicídio fica renovado e atraente de novo e mais uma dezena de sobreviventes entram na moda dos ternos de madeira.

— É fácil imaginar um assassino, uma pessoa só ou um esquadrão de integrantes da igreja que querem ter certeza de que todos vão para o Paraíso — diz a assistente social. — Parece idiota e paranoico, mas faz bastante sentido.

A Libertação.

Então, por que ela está me perguntando tudo isso?

— Porque cada vez menos sobreviventes se matam hoje em dia. A tendência natural dos suicídios normais está caindo. Quem quer que esteja fazendo isso vai matar novamente para que a taxa de suicídio suba mais uma vez. O padrão de assassinatos está em todo o país — diz. Ela esfrega a parede com a escova de dentes. E a mergulha no amoníaco. Com o cigarro em uma mão, ela esfrega mais um pouco. — Com exceção da hora em que acontecem, não há realmente um padrão. São homens, mulheres, jovens, idosos. Você precisa ter cuidado porque pode ser o próximo — ela fala.

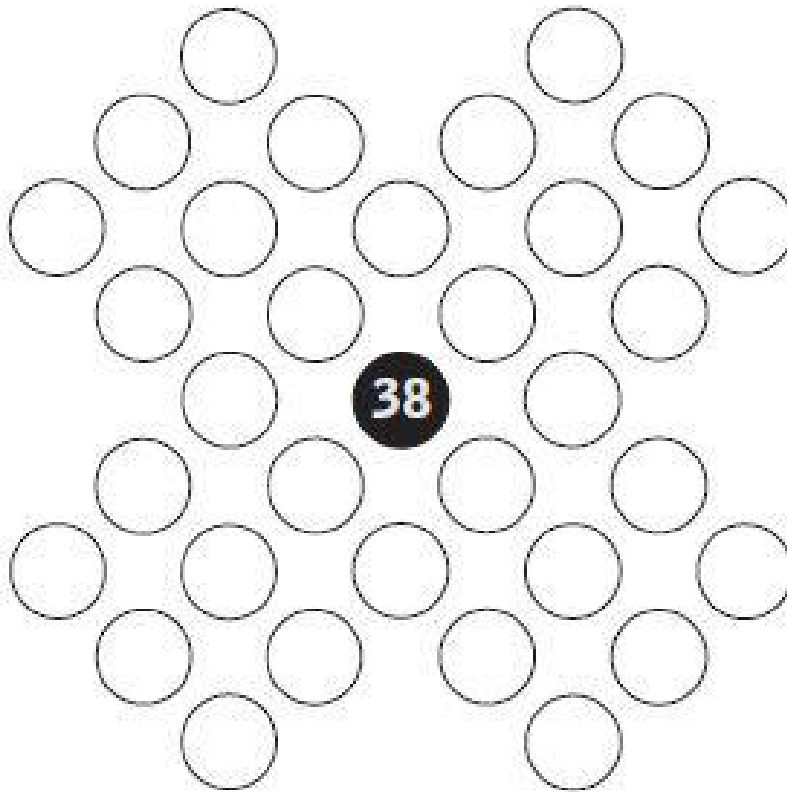
A única pessoa nova que conheci nos últimos meses é Fertility Hollis.

Pergunto à assistente social: sendo uma mulher e tal, que aparência as mulheres desejam em um homem? O que você procura em um parceiro sexual?

Ela deixa para trás um rastro de rejunte branco e limpo.

— A outra coisa a recordar — diz a assistente social — é que isso tudo pode ter uma explicação natural. Pode ser que ninguém mate você. Talvez não haja nada com que se apavorar.

⁵. Trata-se da referência à parábola bíblica da candeia sob o cesto, que afirma que a palavra de Deus não permanece oculta no coração dos tementes, mas sim revela a luz de Cristo que ilumina o mundo. (N. da T.)



Parte do meu trabalho é jardinagem, então borrifo tudo com veneno com o dobro da eficácia recomendada, ervas daninhas e plantas normais também. Depois arrumo os leitos das sálvias e malvas artificiais. A aparência que busco nessa estação é a de um falso jardim de chalé. No ano passado, fiz um jardim ornamental francês artificial. Que antes era um jardim japonês todo de plantas de plástico. Só o que preciso fazer é arrancar todas as flores, classificá-las e colocá-las de volta na terra de uma maneira diferente. A manutenção é uma moleza. Flores sem vida ganham retoques com tinta *spray* vermelha ou amarela.

Uma camada de verniz incolor ou *spray* de cabelo faz que as beiradas das flores de seda não se desgastem.

Deve-se tirar a poeira dos mil-folhas falsos e dos nastúrcios de plástico com uma mangueira. As rosas de plástico presas com

arame aos esqueletos envenenados dos arbustos de rosas originais precisam de uma borrifada de aroma.

Alguns pássaros azuis caminham pelo gramado como se estivessem procurando uma lente de contato perdida.

Para as rosas, tiro o veneno do pulverizador e o encho com dez litros de água e meio frasco de Eternity, de Calvin Klein. Borrifo as margaridas Shasta falsas com essência de baunilha diluída. Os ásteres artificiais ganham o perfume White Shoulders. Para a maioria das outras plantas, uso aromatizadores de ambientes com essência floral. Perfumo o tomilho artificial com limpa-móveis Lemon Pledge.

Parte da minha estratégia para seduzir Fertility Hollis é ficar feio de propósito, e começo por ficar imundo. Ficar meio tosco mesmo. Infelizmente, é difícil se sujar na jardinagem sem sequer tocar na terra, mas minha roupa cheira a veneno e meu nariz está queimado de sol. Com a haste de arame de um copo-de-leite de plástico separo um punhado de adubo e o esfrego no cabelo. Meto a sujeira embaixo das unhas.

Deus me livre de tentar ficar bonito para Fertility. A pior estratégia seria me aperfeiçoar. Seria um grande erro me arrumar, me esforçar ao máximo, pentear o cabelo ou até pegar algumas roupas emprestadas do cara para quem trabalho, tipo uma camisa de tom pastel e cem por cento algodão, escovar os dentes, colocar o que chamam de desodorante e ir até o mausoléu Memorial de Columbia para meu segundo grande encontro ainda muito feio, mas dando sinais de que me esforcei o quanto pude pra ficar bonito.

Então aqui estou eu. Melhor, impossível. É pegar ou largar.

Como se eu não ligasse para o que ela acha.

Ficar bonito não faz parte do grande plano. Meu plano é ser um potencial inexplorado. A aparência que busco é natural. Real. A aparência que quero é a de matéria-prima. Não desesperado nem carente, mas sim maduro e cheio de potencial. Não faminto. Claro, quero parecer com alguém que vale o esforço. Lavado, mas não passado. Limpo, mas não polido. Confiante, mas humilde.

Sincero é o que quero parecer. A verdade não brilha nem reluz.

Taí a agressão passiva em ação.

Minha ideia é fazer a feiura trabalhar a meu favor. Estabelecer um nível de exigência baixo para contrastar comigo mesmo mais tarde. Antes e Depois. O sapo e o príncipe.

São catorze horas de quarta-feira. Segundo minha agenda, estou girando o tapete oriental na sala de artes rosa para que ele se desgaste por igual. É necessário levar todos os móveis para outra sala, incluindo o piano. Enrolar o tapete. Enrolar o protetor do tapete. Passar aspirador de pó. Esfregar o chão. O tapete tem três e meio por cinco metros. Depois, virar o protetor e desenrolá-lo. Virar e desenrolar o tapete. Arrastar todos os móveis de volta.

Segundo minha agenda, tudo isso não deve levar mais de meia hora.

Em vez disso, apenas afofo as áreas pisoteadas do tapete e desato o nó na franja feito pelas pessoas para quem trabalho. Faço um nó na franja do outro lado do tapete para parecer que o girei. Movo todos os móveis só um pouco e passo gelo nas marcas deixadas no carpete. Conforme o gelo derrete, as marcas desaparecem.

Tiro o brilho de meus sapatos. Diante do espelho da mulher para quem trabalho, enfio o pincel do rímel bem fundo em cada narina até os pelos ficarem bem cheios e grossos. Aí pego um ônibus.

Outro benefício do Programa Federal de Amparo aos Sobreviventes é receber um vale de ônibus todo mês. Um carimbo na parte de trás do vale diz: Propriedade do Departamento de Recursos Humanos.

Intransferível.

Por todo o trajeto até o mausoléu, repito para mim mesmo que estou pouco me fodendo se Fertility vai aparecer ou não.

Minha mente recita um monte de orações quase esquecidas da igreja. Minha cabeça é uma mistura de antigas orações e respostas.

Que eu seja total e extremamente servil.

Que cada tarefa me seja uma graça.

Em cada trabalho encontra-se minha salvação.

Que meus esforços não sejam em vão.

Que eu possa salvar o mundo por meio dos meus serviços.

Na realidade, o que penso é: por favor, por favor, por favor, esteja lá esta tarde, Fertility Hollis.

Dentro do mausoléu há as versões ordinárias de sempre de músicas bem bonitas para que você não se sinta tão solitário. São sempre as mesmas dez canções, só a música, sem vocais. Elas tocam somente em determinados dias. Algumas galerias antigas nas alas Sinceridade e Nova Esperança nunca têm música. Não dá para ouvir música em lugar algum, a não ser que você preste muita atenção.

É música tipo papel de parede, utilitária, música Prozac ou Frontal para controlar seus sentimentos. Música tipo aromatizador de ambientes em aerossol.

Caminho pela ala Serenidade e não vejo Fertility. Passo pelas alas Fé, Alegria e Tranquilidade e não a encontro. Roubo algumas rosas de plástico da catacumba de alguém para não aparecer de mãos vazias.

Começo a sentir ódio, raiva, medo e resignação, e aí, parada na catacumba 678 na ala Contentamento, está Fertility Hollis e seu cabelo ruivo. Ela espera até que eu tenha caminhado em sua direção por duzentos e quarenta segundos antes de se virar e dizer olá.

Não pode ser a mesma pessoa que berrou seu orgasmo para mim no telefone.

Digo: Oi.

Ela tem nas mãos um ramalhete de flores falsas de laranjeira, bem bonitas, mas nada que valesse a pena roubar. Seu vestido de hoje é do mesmo brocado usado em cortinas, um relevo branco sobre um fundo branco. Parece rígido e resistente ao fogo. Do tipo que não mancha. Que não amassa. Com uma modéstia de mãe da noiva em sua saia plissada e mangas compridas, ela diz:

— Você também sente saudade dele?

Tudo nela parece à prova de mártires.

Pergunto: saudade de quem?

— Do Trevor — ela responde. Está descalça no chão de pedra.

Ah, claro, o Trevor, digo a mim mesmo. Meu amante sodomita secreto. Tinha me esquecido.

Digo: lógico, sinto saudade dele também.

O cabelo dela parece ter sido arrancado de um terreno e empilhado para secar na cabeça.

— Ele contou a você sobre o cruzeiro que fizemos?

Não.

— Foi totalmente ilegal.

Ela eleva o olhar da catacumba 678 para o teto, de onde a música sai de pequenos alto-falantes próximos aos desenhos de nuvens e anjos.

— Primeiro ele me obrigou a fazer aulas de dança com ele. Aprendemos todas as danças de salão, como chá-chá-chá e foxtrote. Rumba e suingue. Valsa. A valsa foi fácil.

Os anjos tocam sua música acima de nós por um tempo, dizendo algo a Fertility, e ela ouve.

— Vem cá — ela diz e se vira para mim. Depois pega nossas flores e as coloca encostadas na parede. — Você sabe dançar valsa, certo?

Errado.

— Não acredito que você conhecia Trevor e não sabe dançar valsa — ela diz e balança a cabeça.

Na cabeça dela há uma imagem de mim e Trevor dançando juntos. Gargalhando juntos. Fazendo sexo anal. Esse é um dos meus obstáculos, além da ideia de que matei o irmão dela.

— Abra os braços — ela diz e eu obedeco.

Ela fica bem perto de mim e põe uma das mãos em torno do meu pescoço. Pega minha mão com a outra e estica o braço para o lado. — Coloque sua outra mão sobre meu sutiã — diz ela.

Então eu obedeco.

— Nas minhas costas! — ela diz e se desvencilha de mim. — Ponha sua mão sobre o sutiã bem onde ele encontra minha coluna.

Eu obedeco.

Para nossos pés, ela me mostra como dar um passo à frente com o pé esquerdo, depois com o direito, e aí juntar os pés enquanto ela faz a mesma coisa na direção oposta.

— Esse é o chamado passo quadrado. Agora preste atenção na música.

Ela conta:

— Um, dois, três.

A música continua: Um. Dois. Três.

Contamos várias vezes e damos passos a cada contagem e dançamos. As flores de todas as catacumbas, do chão ao teto, inclinam-se para nós. O mármore sob nossos pés se alisa. Estamos dançando. A luz penetra através dos vitrais. As estátuas estão esculpidas em seus lugares. A música sai fraca dos alto-falantes e ecoa na pedra até começar um vaivém de ventos e correntes, notas e acordes em torno de nós. E estamos dançando.

— O que me lembro do cruzeiro — diz Fertility, com o braço curvado para pousar na extensão do meu —, me lembro do rosto dos passageiros enquanto os botes salva-vidas eram baixados, passando pelas janelas do salão de dança. Os coletes salva-vidas cor de laranja emolduravam a cabeça de todos, de maneira que parecia cortada e colada em almofadas laranja, e eles observavam com olhos arregalados a mim e ao Trevor, ainda dentro do salão, enquanto o navio começava a afundar.

Ela estava em um barco afundando?

— Um navio — diz Fertility. — Chamava-se Ocean Excursion. Tente falar *isso* três vezes bem rápido.

E ele estava afundando?

— Foi lindo. A agente de viagens disse para não corrermos atrás dela chorando. Ela nos avisou que era um navio antigo da French Line, mas que tinha sido vendido para uma empresa sul-americana. Era muito *art déco*. Estava detonado. Era o edifício Chrysler flutuando no oceano e cruzando a costa sul-americana do Atlântico cheio de argentinos de classe média, com esposa e filhos. Argentinos. Todas as luminárias nas paredes eram de vidro rosa em forma de gigantescos diamantes ovalados. Tudo no navio tinha essa luz de diamante rosa e os carpetes tinham manchas enormes e estavam bem desgastados.

Estamos dançando no mesmo lugar e aí começamos a girar.

O um-dois-três do passo quadrado. O vaivém do passo hesitante. No levantar do salto em um perfeito um-dois-três cubano, giro com

Fertility Hollis curvada sobre meu braço. Giramos e giramos, de novo e de novo.

E Fertility conta que os botes salva-vidas haviam acabado. Todos haviam acabado e o navio arrastava o cordame vazio dos botes pela serena noite caribenha. Os botes salva-vidas remavam em direção ao pôr do sol e a multidão de coletes laranja começava a lamentar as joias e as receitas médicas perdidas. As pessoas fizeram aquele lance do sinal da cruz.

Fertility e eu um-dois-três; valsa, dois, três, na galeria de mármore.

Na história dela, Fertility e Trevor valsaram pelo assoalho de mogno inclinado, o salão de dança Versailles mais e mais inclinado à medida que a proa afundava e a popa tirava as quatro hélices do motor da água para o ar noturno. Uma manada de cadeiras douradas passou rapidamente por eles e se amontoou sob uma estátua da deusa grega da lua, Diana. As cortinas de brocados dourados estavam tortas nas janelas. Eles eram os últimos passageiros a bordo do *SS Ocean Excursion*.

O navio ainda tinha energia, pois os lustres cor de rosa:

— Eram como qualquer lustre normal, mas em um transatlântico eles ficam dependurados, rígidos como pingentes de gelo — diz Fertility. Os lustres no salão de dança Versailles faiscavam e os alto-falantes continuavam a encher o navio com uma música crepitante, uma valsa de elevador após a outra, fundindo-se enquanto Trevor e Fertility giravam e giravam e giravam.

Do mesmo modo que Fertility e eu giramos, giramos e dançamos no mesmo lugar, e deslizamos com os pés colados sobre o chão do mausoléu.

Debaixo do convés, o mar do Caribe avançava pelo salão de jantar Trianon, fazendo flutuar uma centena de toalhas de mesa de linho.

O navio estava afundando e os motores tinham morrido.

A água morna e azul tinha se espalhado até o horizonte em todas as direções.

Mesmo sob pouca água, o chão quadriculado do assoalho de mogno e imbuia parecia perdido e longínquo. Era uma última visão

do continente de Atlântida, com a água salgada elevando-se em torno das estátuas e dos pilares de mármore, enquanto Trevor e Fertility valsavam pela lenda de uma civilização perdida, pelas esculturas douradas e mesas de palácios franceses. O nível do mar subia em diagonal, diante de pinturas em tamanho natural de rainhas e suas coroas, à medida que o navio se inclinava e os vasos perdiam as flores: rosas, orquídeas e caules de gengibre jogados na água onde garrafas de champanhe flutuavam e Trevor e Fertility chapinhavam ao dançar.

O esqueleto de metal do navio, os tabiques detrás do revestimento dos painéis e das tapeçarias estremeciam e gemiam.

Pergunto: ela ia se afogar?

— Não seja idiota — diz Fertility com a cabeça sobre meu peito, sentindo o cheiro do veneno em mim. — Trevor nunca se enganava. Esse era o problema dele.

Nunca se enganava sobre o quê?

Trevor Hollis sonhava, ela me disse. Ele sonhava que um avião ia cair. Trevor avisava a companhia aérea e ninguém acreditava nele. Aí o avião caía e o FBI o interrogava. Era sempre mais fácil acreditar que ele era um terrorista do que um paranormal. Os sonhos pioraram a ponto de ele não conseguir dormir. Ele não lia mais jornais nem via TV para não saber das notícias sobre as duzentas pessoas que morreram em um acidente de avião que ele sabia que ia acontecer, mas não tinha podido evitar.

Ele não conseguia salvar ninguém.

— Nossa mãe se matou porque tinha os mesmos sonhos — conta Fertility. — Suicídio é uma antiga tradição familiar para nós.

Ainda dançando, digo para mim mesmo: ao menos temos algo em comum.

— Ele sabia que o navio só ia afundar até a metade. Alguma válvula ou coisa assim pifaria e a água ia invadir a casa das máquinas e alguns dos salões no convés inferior. Os sonhos dele avisaram que teríamos o navio só para nós por horas. Poderíamos aproveitar toda aquela comida e vinho. E aí alguém chegaria para nos salvar — disse Fertility.

Ainda dançando, pergunto: foi por isso que ele se matou?

Por um minuto, a única resposta que recebo é a música.

— Você não tem ideia de como aquilo foi lindo, os salões inundados com pianos debaixo da água e móveis com pés de palito flutuando — conta Fertility contra meu peito. — É a recordação mais linda da minha vida.

Passamos dançando por estátuas de santos da religião de outras pessoas. Para mim, são apenas pedras em forma de fulanos glorificados.

— As águas do Atlântico são muito transparentes. Ela jorrava escadaria abaixo. Apenas tiramos os sapatos e continuamos a dançar.

Ainda dançando, contando de um a três, pergunto: você também sonha com essas coisas?

— Às vezes — ela responde. — Não é frequente. Mas sonho cada vez mais. Mais do que eu gostaria.

Pergunto: então ela vai se matar como o irmão?

— Não — Fertility responde. Ela levanta a cabeça e sorri para mim.

Nós dançamos, um-dois-três.

— De maneira alguma vou dar um tiro na cabeça. Provavelmente preferiria tomar remédios.

Lá em casa, tenho um suprimento de antidepressivos, hipnóticos, tranquilizantes, sedativos e inibidores da MAO fornecidos pelo governo dentro do pote de doces ao lado do peixinho dourado, em cima da geladeira.

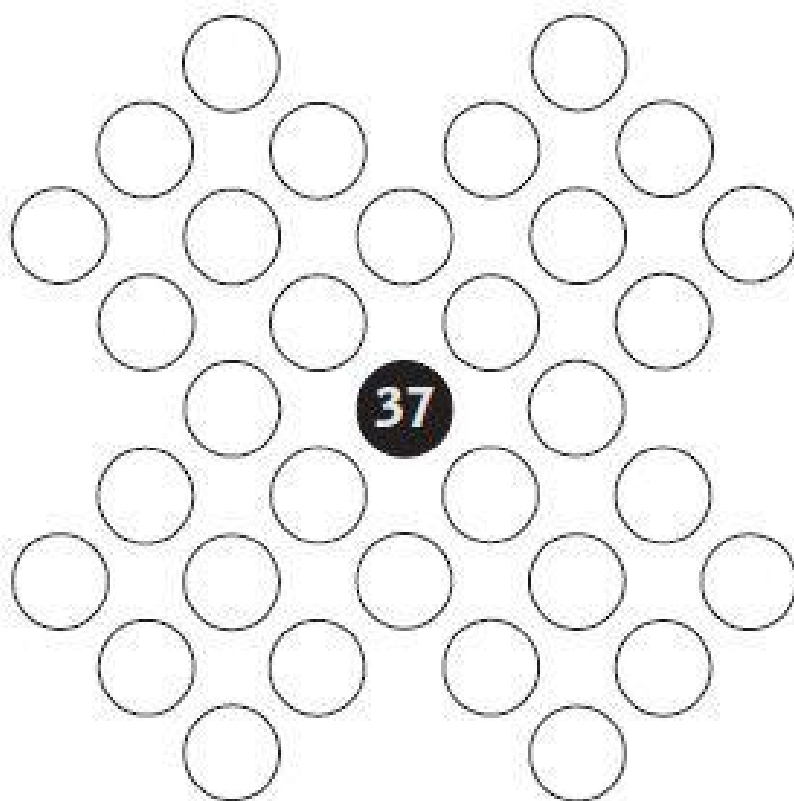
Nós dançamos, um-dois-três.

— Brincadeira — ela diz.

Nós dançamos.

Ela coloca a cabeça de volta no meu peito e diz:

— Tudo depende do quanto meus sonhos piorarem.



É nessa noite que eu volto a atender o telefone. Isso acontece depois que de ficar tão excitado tenho de ir ao centro e procurar algo para roubar. Não é pelo dinheiro, mas sim pelo gozo. Tudo bem. A assistente social diz que não tem problema. É um alívio sexual, ela fala. É perfeitamente natural. Você acha o que quer. Você persegue aquilo. Você pega aquilo e vai embora. Depois de conseguir, joga aquilo fora.

Foi ela mesma quem me estimulou a roubar.

A assistente social me chamava de um exemplo clássico de cleptomania. Ela citou estudos. Meus roubos, ela dizia, serviam para impedir que roubassem meu pênis (Fenichel, 1945). Roubar era um impulso que eu não tinha como controlar (Goldman, 1991). Eu roubava por conta de um transtorno de humor (McElroy et al., 1991). Não importava o que era roubado: sapatos, fita adesiva, uma raquete de tênis.

O único problema é que até roubar já não me traz a mesma sensação de alívio.

Pode ser porque conheci Fertility.

Ou, quem sabe, eu tenha conhecido Fertility porque estou cansado da minha vida sexual criminosa.

Ultimamente, nem ando furtando lojas, não no sentido clássico e formal. Em vez de roubar mercadorias, fico zanzando no centro até achar uma nota fiscal que alguém deixou cair.

Você leva a nota fiscal à loja que a emitiu. Finge fazer compras até achar o item registrado na nota. Fica vagando pela loja com o item por um tempo, depois usa a nota para trocar o item por dinheiro. Claro que isso funciona melhor nas lojas grandes. Funciona melhor com notas discriminadas. Não use notas velhas ou sujas. Não use a mesma nota duas vezes. Tente variar as lojas que você engana.

Essa atividade está para o furto como a masturbação está para o sexo.

E, lógico, as lojas conhecem bem esse golpe.

Outro golpe bacana é fazer compras com um copo grande de refrigerante no qual você possa jogar coisas pequenas. Tem também o de comprar uma lata de tinta barata, soltar a tampa e jogar algo caro lá dentro. O metal da lata bloqueia os raios x dos sistemas de segurança.

Esta tarde, em vez de tentar achar uma nota fiscal, estou vagando por aí tentando elaborar a próxima parte do meu plano de tomar Fertility para mim. Possuí-la. Talvez jogá-la fora. Tenho de aproveitar esses sonhos horríveis dela. Nossa dança tem de ser uma ferramenta útil para mim.

Fertility e eu dançamos durante quase toda a tarde. À medida que a música mudava, ela me ensinava o chá-chá básico, o chá-chá-chá cruzado e o giro com a garota debaixo do braço. Ela me mostrou como é o foxtrote básico.

Ela me contou que seu ganha-pão era terrível. Era ainda pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

E quando perguntei: o quê?

Ela riu.

Enquanto andava pelo centro, achei uma nota fiscal de uma TV em cores. Eu deveria me sentir como quem encontrou um bilhete de loteria premiado, mas a joguei em uma lata de lixo.

Acho que o que mais gostei na dança foram as regras. Mesmo em um mundo onde tudo vale, essas regras são sólidas e deliberadas. O foxtrote tem dois passos curtos e dois longos. O chá-chá-chá tem dois curtos e três longos. A coreografia e a disciplina não estão abertas à discussão.

São regras boas e tradicionais. O modo de execução do passo quadrado não muda toda semana.

Quando começamos dez anos atrás, para a assistente social eu não era um ladrão. A princípio, eu tinha transtorno obsessivo-compulsivo. Ela havia acabado de se formar e ainda tinha os livros que provavam isso. Os obsessivo-compulsivos, ela me contou, ficam conferindo as coisas ou limpando-as (Rachman & Hodgson, 1980). Segundo a assistente social, eu era do segundo tipo.

Verdade, eu gostava de limpar, mas tinha sido treinado a vida toda para obedecer. Eu fazia de tudo para que o diagnóstico idiota dela parecesse correto. A assistente social me falou dos sintomas e eu fiz o possível para manifestá-los e deixar que ela me curasse.

Depois de ser obsessivo-compulsivo, eu tive transtorno de estresse pós-traumático.

Aí virei agorafóbico.

Tinha síndrome do pânico.

Meus pés caminham pela calçada fazendo os passos da valsa, um curto e dois longos. Minha cabeça conta um-dois-três. Pra qualquer lugar que se olhe entre os pombos, há grandes notas fiscais espalhadas. Enquanto ando pelo centro, pego outra nota. Essa rende uns cento e setenta dólares em dinheiro vivo. Então eu a joguei fora.

Por uns três meses depois de conhecer a assistente social, tive transtorno dissociativo de identidade, porque não conseguia contar a ela sobre minha infância.

Depois foi a vez do transtorno de personalidade esquizoide, porque não queria participar da terapia em grupo semanal.

Aí, como ela achou que eu daria um bom estudo de caso, tive síndrome de Koro, na qual você tem certeza de que seu pênis está diminuindo cada vez mais e que, quando ele desaparecer, você vai morrer (Fabian, 1991; Tseng et al., 1992).

Aí ela mudou para síndrome de Dhat, na qual você entra em crise porque acredita que está perdendo todo seu esperma ao ter sonhos eróticos ou mijar (Chadda e Ahuja, 1990). A base dessa ideia é a crença hindu de que são necessárias quarenta gotas de sangue para gerar uma gota de medula óssea e quarenta gotas de medula para gerar uma gota de esperma (Akhtar, 1988). Ela disse que não era à toa que eu estava sempre exausto.

Esperma me lembra sexo que me lembra castigo que me lembra morte que me lembra Fertility Hollis. Exercitamos o que a assistente social chama de livre associação.

A cada sessão, ela me diagnosticava com outro problema que achava que eu tivesse e até me deu um livro para estudar os sintomas. Na semana seguinte, eu dominava totalmente o problema.

Em uma semana, piromaniaco. Em outra semana, transtorno de identidade de gênero.

Ela disse que eu era um exibicionista, então, na semana seguinte, mostrei minha bunda branca para ela.

Ela disse que eu tinha déficit de atenção, então eu não parava de mudar de assunto. Fui claustrofóbico, então tínhamos que nos reunir no pátio.

Enquanto andava pelo centro, meus pés mudaram para o ritmo de três passos curtos, três longos, dois curtos do chá-chá-chá. As mesmas dez músicas que ouvimos a tarde toda tocavam na minha cabeça. Achei outra nota fiscal, tão valiosa quanto uma nota de cinco dólares largada na calçada, e passei por ela dançando chá-chá-chá.

O título do livro que a assistente social me deu é *Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais*. Abreviamos para MDE. Ela me deu um monte de livros da faculdade para ler, e neles havia fotos coloridas de modelos pagas para parecer felizes ao segurar bebês pelados sobre a cabeça ou andar de mãos dadas na

praia durante o pôr do sol. Para as fotos de infelicidade, as modelos eram pagas para injetar drogas ou ficar sozinhas e deprimidas em uma mesa com uma bebida na mão. A coisa chegou a tal ponto, que a assistente social podia jogar o livro no chão e, na semana seguinte, eu seria o que quer que estivesse na página que abrisse.

Éramos felizes assim. Por um tempo. Ela achava que estava fazendo progressos toda semana. Eu tinha um roteiro de como agir. Não era chato, e ela me fornecia problemas falsos o suficiente para que eu não me preocupasse com nada real. Todas as terças, a assistente social fazia um diagnóstico, e aquela era minha nova tarefa.

No nosso primeiro ano, eu não tinha tempo livre para pensar em suicídio.

Fizemos o teste de Stanford-Binet para descobrir a idade do meu cérebro. Fizemos o Wechsler também. O Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota. O Inventário Clínico Multiaxial de Millon. O Inventário de Depressão de Beck.

A assistente social descobriu tudo sobre mim, exceto a verdade.

Eu simplesmente não queria ser corrigido.

Quaisquer que fossem meus problemas reais, eu não queria curá-los. Nenhum dos segredos dentro de mim queria ser descoberto e explicado. Por mitos. Pela minha infância. Pela química. Meu medo era de que não sobrasse nada. Então nenhum dos meus rancores e temores verdadeiros vinha à luz. Eu não queria resolver minha angústia. Nunca queria falar da minha falecida família. Expressar meu pesar, como ela chamava. Resolvê-lo. Deixá-lo para trás.

A assistente social me curou de centenas de transtornos, todos falsos, e declarou que eu era são. Ela ficou tão feliz e orgulhosa. E me libertou para a luz, curado. Você está curado. Vá em frente. Ande. Um milagre da psicologia moderna.

Desperte.

Dr. Frankenstein e seu monstro.

Era uma situação bem inebriante para alguém de vinte e cinco anos.

O único efeito colateral é que agora tenho uma tendência para roubar. Minha apresentação à cleptomania foi boa demais para

largar. Até esta noite.

Enquanto hoje andava pelo centro, dez anos depois, pego outra nota fiscal. Jogo-a fora. Após dez anos ocultando meus problemas para que a assistente social não brincasse com eles, é só dançar chá-chá-chá com uma garota e até minha cleptomania é curada. A única psicose real que neguei para a assistente social foi curada por uma desconhecida.

E tudo o que fizemos foi dançar. Fertility conversou sobre o irmão e sobre como o FBI grampeou o telefone dele, então toda vez que eles se falavam ela conseguia ouvir o clique... clique... clique... de um gravador do governo ao fundo. Mesmo antes de Trevor se matar, ela sabia que ele o faria. Ela viu em seu primeiro sonho do futuro. Fertility e eu dançamos um pouco mais. Aí ela teve de ir embora. Então ela prometeu que, na semana que vem, na quarta que vem, na mesma hora, no mesmo local, ela estaria lá.

Hoje à noite, danço o foxtrote de poste em poste. Ouço a valsa na minha mente. A lembrança de Fertility Hollis está em meus braços e encostada sobre meu peito. É assim que chego em casa. Lá em cima, o telefone toca fora do gancho. Talvez sejam esquizoides, paranoicos, pedófilos.

Já passei por isso, quero dizer a eles. Conheço bem.

Talvez seja Fertility Hollis querendo conversar sobre ter dançado comigo hoje. Pronta para descrever sua segunda impressão a meu respeito.

Talvez ela confesse o trabalho tão terrível que faz para ganhar a vida.

Corro através das portas abertas do elevador para atender o telefone.

Alô.

A porta do apartamento que dá para o corredor continua aberta atrás de mim. O peixe precisa de comida. As cortinas ainda estão abertas e já está escurecendo lá fora. Qualquer um conseguiria olhar aqui para dentro.

Um homem do outro lado da linha diz:

— Que sejas sempre útil e servil em tua vida.

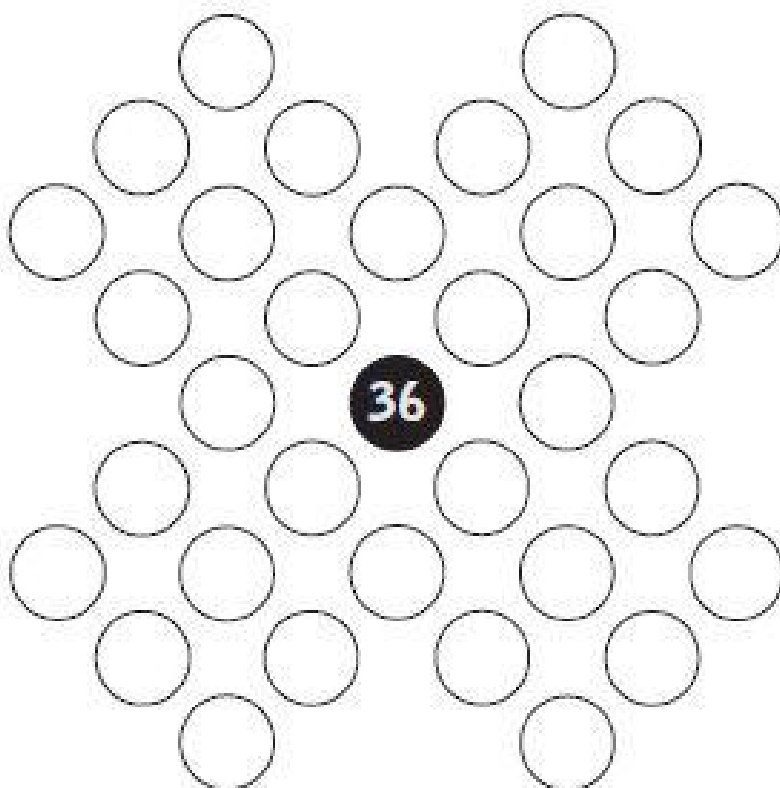
Sem hesitar, respondi: *Louvor e glória ao Senhor por este dia ao longo do qual trabalhamos.*

— Que nossos esforços levem todos à nossa volta para o Paraíso — diz ele.

Pergunto: quem é?

— Que tu possas morrer somente após concluir todos os teus serviços — ele diz.

E desliga o telefone.



Há um jeito de polir aço cromado com água gasosa. Para limpar o cabo de marfim ou osso dos talheres, esfregue-os com sumo de limão e sal. Para tirar o brilho de um terno, umedeça o tecido com uma mistura fraca de água e amoníaco e depois o passe a ferro com um pano úmido.

O truque de um *boeuf Bourguignon* perfeito é acrescentar cascas de laranjas.

Para remover manchas de cereja, esfregue-as com um tomate maduro e depois lave como de costume.

O segredo é não entrar em pânico.

Para que as calças tenham um vinco preciso, vire-as do avesso e esfregue uma barra de sabão na parte de dentro do vinco. Vire-as de volta e passe a ferro normalmente.

O segredo é se manter ocupado.

Embora o assassino tenha me ligado, continuo fazendo tudo como sempre.

O segredo é não se deixar levar pela imaginação.

Passei a noite inteira na limpeza. Não consigo dormir. Para limpar o fogão, estou fervendo uma panela de amoníaco. Outra maneira de manter o vinco das calças é umedecer um pano com água e vinagre e passá-las a ferro. Tiro toda a sujeira de hoje de debaixo de cada unha. Se eu não abrir uma janela, vou me asfixiar com o cheiro do amoníaco fervente.

Chega, vou desabafar.

A assistente social sumiu. A cada dez minutos, ligo para o escritório dela e só ouço sua mensagem. É a primeira vez em dez anos que ligo pra ela, e tudo o que recebo é "Deixe o seu recado após o sinal".

Eu digo: Aquele maluco psicótico sobre o qual você me contou, bem, ele me ligou. Fiquei ligando a noite toda para ela, de dez em dez minutos.

Deixe o seu recado após o sinal.

Ela tem de me proteger.

E a secretária eletrônica fica me interrompendo. Então eu ligo de novo.

Deixe o seu recado.

Preciso de proteção policial armada vinte e quatro horas por dia.

Deixe o seu recado.

Pode ter alguém no corredor e eu preciso ir ao banheiro.

Deixe o seu recado.

O assassino sobre o qual ela me contou sabe quem eu sou. Ele me ligou. Ele sabe onde moro. Ele tem meu número de telefone.

Deixe o seu recado.

Me ligue. Me ligue. Me ligue.

Deixe o seu recado.

Se eu aparecer suicidado de manhã, foi assassinato.

Deixe o seu recado.

Se eu acabar morto porque algum assassino meteu minha cabeça no forno, foi porque ela não ouve os recados.

Deixe o seu recado.

Ouçã, digo para a secretária. Isso é sério. Não é uma ilusão paranoica. Ela me curou disso, lembra?

Deixe o seu recado.

Não é uma fantasia esquizoide. Não estou alucinando. Pode acreditar.

Deixe o seu recado. E aí a fita da secretária eletrônica acaba.

Fiquei a noite toda acordado e atento, com a geladeira tapando metade da porta da sala. Preciso ir ao banheiro, mas não o suficiente para arriscar minha vida. As pessoas passam pelo corredor, mas ninguém para. Ninguém toca na minha maçaneta a noite toda. O telefone toca e toca e toca, e eu tenho de atender porque pode ser a assistente social, mas nunca é. É o desfile de sofrimentos humanos de sempre. Mães solteiras. Sofredores crônicos. Viciados. Eles têm de ser rápidos nas confissões antes que eu desligue. Tenho de manter a linha desocupada.

Cada ligação me enche de alegria e medo, pois pode ser a assistente social ou o assassino.

Aproximação e evasão.

Reforço positivo e negativo por atender o telefone.

Em meio ao pânico, Fertility liga para dizer:

— Oi, sou eu de novo. Tenho pensado em você a semana inteira. Queria perguntar se nos conhecermos é contra as regras. Eu realmente gostaria de conhecer você.

Continuo prestando atenção a passos e esperando que uma sombra encubra a luz da fresta da porta da sala, e abro a persiana para ver se tem alguém na saída de incêndio. Pergunto: e o seu amigo? Você não ia encontrar com ele hoje?

— Ah, é. Encontrei com ele hoje — ela diz.

E aí?

— Ele tem cheiro de perfume de mulher e *spray* de cabelo — Fertility responde. — Não entendo o que meu irmão viu nele.

O perfume e o *spray* de cabelo eram por causa das rosas, mas não posso dizer isso a ela.

— Tem outra coisa, ele tinha esmalte vermelho descascando nas unhas.

Era tinta *spray* vermelha dos retoques das rosas.

— E ele dança muito mal.

Nesse momento, seria redundante ser assassinado.

— Ele tem dentes esquisitos. Não são podres nem nada, mas são meio tortos.

Se alguém enfiasse uma faca no meu coração chegaria tarde demais.

— E ele tem umas mãozinhas de macaco nojentas.

Nesse exato momento, ser assassinado seria um alívio.

— Isso deve significar que ele tem um pau ridículo de pequeno.

Se Fertility continuar falando, minha assistente social vai ter menos um cliente pela manhã.

— Ele não é obeso, não é uma baleia, mas está gordinho demais para o meu gosto — diz Fertility.

Só para o caso de haver um atirador lá fora, abro a persiana e fico com o corpo obeso e nojento perto da janela. Por favor, alguém com um rifle e uma mira, atire em mim. Bem aqui no meu grande coração gordo. Bem aqui no meu pau pequeno.

— Ele não tem nada a ver com você — diz ela.

Ah, acho que ela ficaria surpresa com nossas semelhanças.

— Você é tão misterioso.

Pergunto: Se você pudesse mudar alguma coisa nesse cara do mausoléu, o que seria?

— Para ele parar de me encher o saco — ela responde —, eu o mataria.

Bem, ela não está sozinha nessa. Fique à vontade. Pegue uma senha e entre na fila.

— Esqueça o cara — ela diz e sua voz fica mais gutural. — Eu liguei porque quero fazer você gozar. Me diga o que quer que eu faça. Me obrigue a fazer algo terrível.

A oportunidade bate à porta.

Essa é a próxima parte do meu plano.

Vou para o Inferno por isso, mas digo a ela: esse cara de quem você não gosta, quero que você o foda de tudo que é jeito e depois me conte como foi.

— Mas nem pensar — ela responde.

Então vou desligar.

— Peraí. E se eu mentir? Eu poderia inventar tudo. Você não teria como saber.

Não, digo, eu saberia. Eu teria como saber.

— Nem em sonho vou transar com aquele cara.

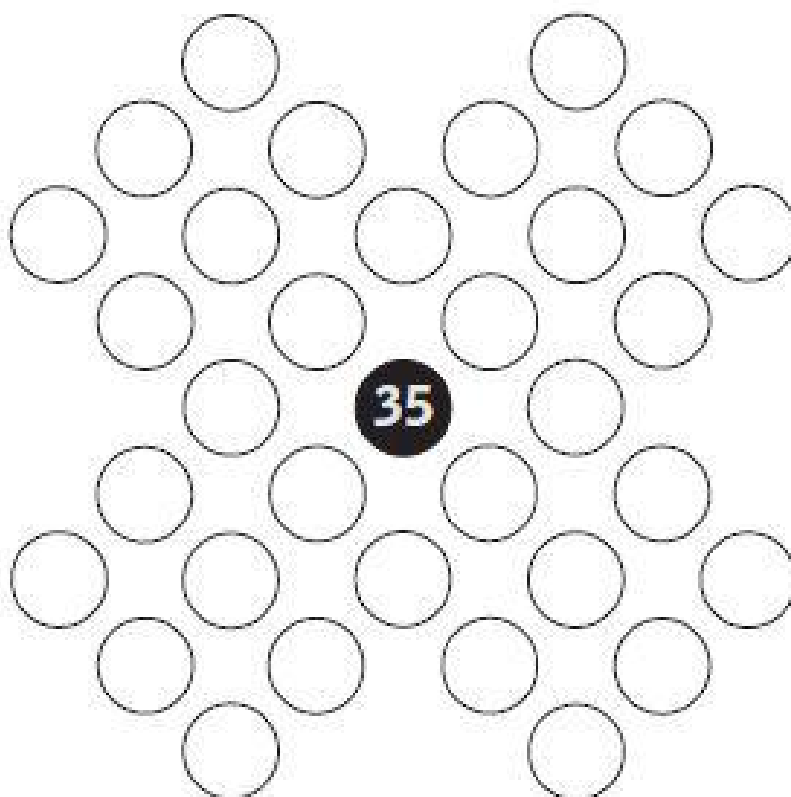
E se você só o beijasse?

— Não — Fertility responde.

E se ela saísse com ele? Eles poderiam passar a tarde juntos. Talvez ele pareça melhor fora do mortuário. Leve-o para um piquenique. Faça algo divertido.

— Aí você se encontra comigo? — pergunta ela.

Com certeza.



O sol me acorda, batendo onde estou encolhido, ao lado do fogão, com um facão na mão. Da maneira como me sinto, a ideia de ser assassinado não é de todo ruim. Minha coluna dói. Meus olhos parecem ter sido abertos por uma lâmina. Eu me visto e saio para o trabalho.

Sento-me no fundo do ônibus para ninguém se sentar atrás de mim com uma faca, um dardo envenenado, uma corda de piano.

Na casa onde trabalho, o carro de sempre da assistente social está parado na entrada. Alguns pássaros normais vermelhos andam pelo gramado. O céu está azul conforme o esperado. Nada parece fora do normal.

Dentro da casa, a assistente social está de quatro esfregando os azulejos da cozinha com água sanitária e um amoníaco tão forte que o ar à sua volta fica cheio de toxinas que fazem meus olhos lacrimejarem.

— Espero que não se importe — diz ela enquanto continua a esfregar. — Era sua tarefa de hoje na agenda. Cheguei mais cedo.

Água sanitária mais amoníaco é igual a cloro gasoso mortal.

Com lágrimas descendo pelas bochechas, eu pergunto: você ouviu meus recados?

A assistente social respira a maior parte do tempo pelo cigarro. Os gases não devem ser nada demais para ela.

— Não, eu faltei, estava doente — ela responde. — Esse lance de limpeza é tão recompensador. Tem café e bolinhos que acabei de assar. Por que você não relaxa um pouco?

Pergunto: Ela não quer saber dos meus problemas? Fazer umas anotações? O assassino me ligou ontem à noite. Passei a noite toda acordado. Ele escolheu matar a mim. Deus a livre de parar de esfregar o chão e ligar para que a polícia me proteja.

— Não se preocupe — diz ela e mergulha a escova no balde de limpeza. — A taxa de suicídios deu um pulo ontem à noite. Por isso não consegui encarar o escritório hoje de manhã.

Ela está esfregando o chão de um jeito que ele nunca mais vai ficar limpo. Depois de esfregar a película de verniz de um assoalho de vinil com um oxidante como água sanitária, você está fodido. Quando ela terminar, o chão vai estar tão poroso que qualquer coisa vai deixar uma mancha. Deus me livre de tentar dizer isso a ela. Ela acha que está fazendo um ótimo trabalho.

Pergunto: Como a alta taxa de suicídio vai me manter vivo?

— Você não entende? Perdemos mais onze clientes ontem à noite. Nove anteontem. Doze na noite anterior. É uma avalanche — diz ela.

E daí?

— Se os números continuarem assim todas as noites, o assassino, se ele realmente existir, não vai precisar matar ninguém.

Ela começa a cantar. Pode ser que o cloro gasoso mortal esteja fazendo efeito. Ela esfrega o chão no mesmo ritmo da canção.

— Talvez isso não soe adequado, mas parabéns.

Sou o último Crente.

— Você é praticamente o último sobrevivente.

Pergunto quantos ainda faltam.

— Aqui na cidade, só um. No país, só cinco — ela responde.

Vamos brincar como nos velhos tempos, eu digo. Falo para ela: Vamos pegar o *Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais* e escolher uma nova maneira de me enlouquecer. Vamos lá. Em nome dos velhos tempos. Pegue o livro.

A assistente social solta um suspiro e baixa o olhar, vendo-me refletido com a cara molhada de lágrimas na poça de água suja no chão.

— Olha, eu tenho trabalho de verdade para fazer. Além disso, perdi o MDE. Faz uns dias que não o vejo.

Ela esfrega e esfrega, dizendo:

— Não que faça falta.

Tá, mas foram dez anos difíceis. Quase todos os clientes dela morreram. Ela está estressada. Queimada. Ou melhor, incinerada. Cremada. Ela se vê como um fracasso.

Ela está sofrendo do chamado desamparo aprendido.

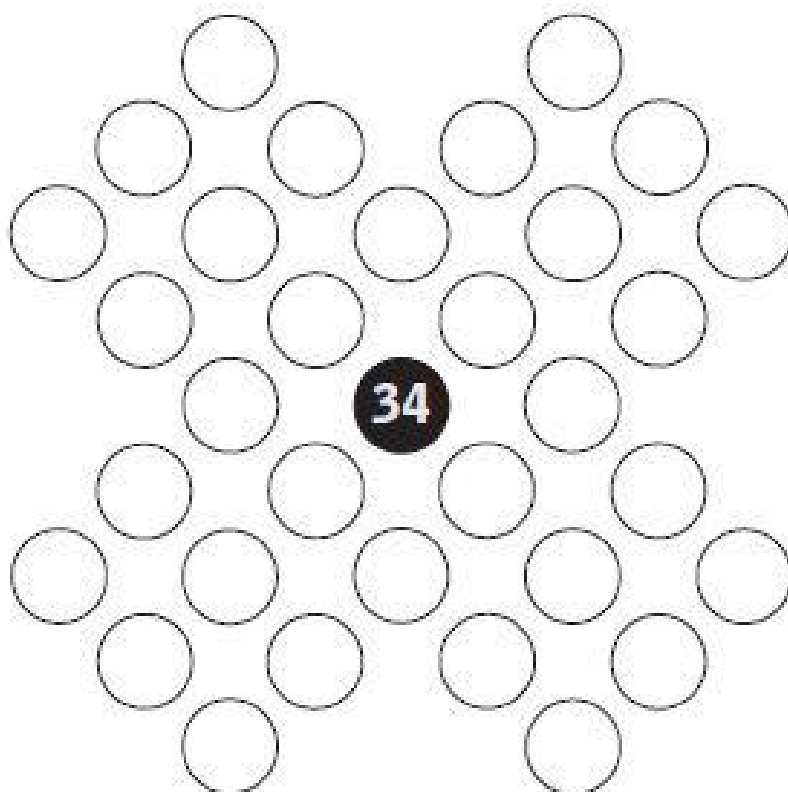
— Além do mais — diz ela e esfrega com força, aqui e ali, nas últimas áreas onde o vinil ainda está intacto —, eu não posso segurar sua mão para sempre. Se você for se matar, não vou ter como impedi-lo, e não é culpa minha. Segundo meus registros, você está perfeitamente feliz e ajustado. Temos os testes. São provas concretas disso.

Os gases aqui dentro me fazem ter de aspirar as lágrimas.

— Mate-se ou não se mate, mas pare de me torturar. Estou tentando tocar minha vida — ela diz.

— Todos os dias as pessoas se matam na América. O problema não piora porque você conhece a maioria delas — ela diz.

— Você não acha que está na hora de caminhar com seus próprios pés? — ela diz.



Os boatos diziam que você tinha de esmagar uma rã com as mãos até que ela morresse. Você tinha de comer uma minhoca viva. Para provar que era obediente como Abraão, que tentou matar o próprio filho para fazer Deus feliz, você tinha de cortar seu dedo mindinho com um machado.

Eram os boatos.

Depois, você tinha de cortar fora o mindinho de outra pessoa. Você nunca mais via ninguém depois do batismo, então não tinha como saber se as pessoas ainda tinham o mindinho. Não dava para perguntar se tiveram de esmagar a rã.

Logo depois de ser batizado, você subia em um caminhão e deixava a colônia para nunca mais vê-la novamente. O caminhão ia para o perverso mundo aqui fora, onde já havia um trabalho arranjado para você. O grande mundo aqui fora com todos os seus

maravilhosos novos pecados e, quanto melhor você se saísse nos testes, melhor era o seu emprego.

Dava para sacar como seriam alguns dos testes. Os presbíteros da igreja diziam de cara se você era magro demais ou gordo demais para sua altura. Eles separavam um ano inteiro para você entrar em forma antes do batizado. Você não precisava trabalhar em casa para poder ter aulas especiais o dia todo. Aulas sobre a Bíblia. Aulas de limpeza. Etiqueta, manutenção de tecidos, você já sabe o resto. Se você fosse gordo, tinha de comer para perder peso, e, se fosse magro, só tinha de comer.

Durante todo o ano anterior ao batizado, todas as árvores, todos os amigos, tudo o que você via tinha uma aura de algo que você nunca mais veria novamente.

Dava para sacar pelos estudos quais seriam os testes.

Além disso, os boatos diziam que havia mais coisas que não sabíamos que aconteceriam.

Sabíamos pelos boatos que ficaríamos completamente nus durante parte do batizado. Um presbítero da igreja o tocava e lhe dizia para tossir. Outro presbítero meteria um dedo no seu ânus.

Outro presbítero o acompanharia e escreveria seu desempenho em um cartão.

Você não tinha como saber o que estudar para um exame de próstata.

Todos sabiam que os batizados aconteciam no porão da capela. As garotas eram batizadas na primavera e somente mulheres estariam presentes. Os garotos eram batizados no outono e só havia homens para mandar você subir na balança e ser pesado ou recitar um capítulo e um versículo da Bíblia.

Jó, capítulo catorze, versículo cinco:

“Visto que os seus dias estão determinados, contigo está o número dos seus meses; e tu lhe puseste limites, e não passará além deles.”

E você tinha de recitar pelado.

Salmo cento e um, salmos de Davi, versículo dois:

“Portar-me-ei sabiamente no caminho reto... Andarei em minha casa com integridade de coração.”

Você tinha de saber como fabricar os melhores panos de chão (enxágue um farrapo em terebintina diluída e pendure para secar). Tinha de saber a que profundidade um pilar deve ser enfiado no chão para aguentar um portão de um metro e meio de largura. Outro presbítero o vendava e passava tecidos para você tocar, e você tinha de responder qual era algodão ou lã ou mescla.

Você tinha de identificar plantas de estufa. Manchas. Insetos. Consertar pequenos utensílios. Escrever convites com uma letra elegante.

Adivinhávamos como seriam os testes pelo que estudávamos na escola. As outras partes vinham de filhos que não eram lá muito inteligentes. Às vezes, um pai passava informações confidenciais para que o filho se saísse bem e conseguisse um bom emprego em vez de uma vida inteira de sofrimento. Os amigos contavam uns aos outros e aí todo mundo ficava sabendo.

Ninguém queria envergonhar a família. E ninguém queria passar a vida toda removendo asbestos.

Os presbíteros o deixavam em um canto e você tinha de ler um gráfico do outro lado da sala de reuniões.

Os presbíteros davam agulha e linha para você e cronometravam o tempo que levava para pregar um botão.

Sabíamos quais empregos enfrentaríamos no perverso mundo aqui fora pelo que os presbíteros diziam para nos assustar ou inspirar. Para trabalharmos ainda mais, eles nos falavam dos empregos incríveis em jardins maiores do que conseguíamos imaginar do lado de cá do Paraíso. Alguns dos empregos eram em palácios tão gigantescos que você esqueceria que estava entre quatro paredes. Os jardins eram chamados de parques de diversão. Os palácios, de hotéis.

Para estudarmos ainda mais, eles nos falavam dos empregos nos quais você passaria anos bombeando esgoto, incinerando restos, borrifando veneno. Removendo asbestos. Havia trabalhos tão terríveis que eles nos diziam que preferiríamos encontrar a morte mais cedo.

Havia trabalhos tão enfadonhos que você arrumaria um jeito de se tornar um inválido para não ter de trabalhar.

Então você memorizava seu último ano na colônia da igreja.

Eclesiastes, capítulo dez, versículo dezoito:

“Por muita preguiça se enfraquece o teto, e pela frouxidão das mãos a casa goteja.”

Lamentações de Jeremias, capítulo cinco, versículo cinco:

“Os nossos perseguidores estão sobre os nossos pescoços; estamos cansados, e não temos descanso.”

Para evitar que o *bacon* se enrole, resfrie-o durante alguns minutos no congelador antes de fritá-lo.

Esfregue um cubo de gelo no bolo de carne e ele não vai rachar quando for assado.

Para que a renda continue rígida, passe-a a ferro entre folhas de papel encerado.

Mantínhamo-nos ocupados aprendendo. Tínhamos um milhão de fatos para lembrar. Decorávamos metade do Antigo Testamento.

Achávamos que todo esse estudo nos tornava inteligentes.

E só ficávamos cada vez mais burros.

Os pequenos fatos que aprendíamos não nos deixavam tempo para pensar. Nenhum de nós pensava em como seria uma vida de limpar a casa de desconhecidos todos os dias. Lavar louça o dia inteiro. Alimentar os filhos de desconhecidos. Aparar o gramado. O dia inteiro. Pintar casas. Ano após ano. Passar lençóis a ferro.

Para todo o sempre.

Um trabalho sem fim.

Ficávamos tão empolgados para passar nos testes que nunca pensávamos para além da noite do batizado.

Ficávamos tão preocupados com nossos piores temores, esmagar rãs, comer minhocas, venenos, asbestos, que nunca pensávamos no tédio que a vida seria mesmo que conseguíssemos conquistar um bom emprego.

Lavar louça para sempre.

Polir prataria para sempre.

Aparar o gramado.

Repetir.

Na noite anterior ao batizado, meu irmão Adam me levou para a varanda dos fundos da casa da nossa família e cortou meu cabelo.

Todas as outras famílias na colônia da igreja que tinham um rapaz de dezessete anos estavam fazendo o mesmo corte de cabelo.

No perverso mundo aqui fora, chamam isso de padronização de produtos.

Meu irmão falou para eu não sorrir, ficar ereto e responder às perguntas de maneira clara.

No mundo aqui fora, chamam isso de *marketing*.

Minha mãe estava empacotando algumas roupas para que eu as levasse comigo. Todos fingimos que conseguiríamos dormir naquela noite.

No perverso mundo aqui fora, meu irmão me contou, havia pecados que a igreja nem sequer conhecia, quanto mais proibia. Eu mal podia esperar.

Na noite seguinte, fomos batizados e fizemos tudo conforme o esperado. E mais nada. Quando você já estava pronto para arrancar fora o seu mindinho e o do rapaz ao seu lado, nada acontecia. Depois de ser cutucado e apalpado e pesado e interrogado a respeito da Bíblia e dos trabalhos domésticos, eles mandavam você se vestir.

Você pegava sua bolsa com as roupas extras e ia da capela para um caminhão que o aguardava lá fora.

O caminhão ia em direção ao perverso mundo aqui fora, à noite, e ninguém que você conhecia o veria novamente.

Você nunca saberia como se saiu no teste.

Mesmo que soubesse que tinha ido bem, essa sensação boa não durava muito.

Já havia um trabalho designado para você.

Deus o livre de ficar entediado e querer mais da vida.

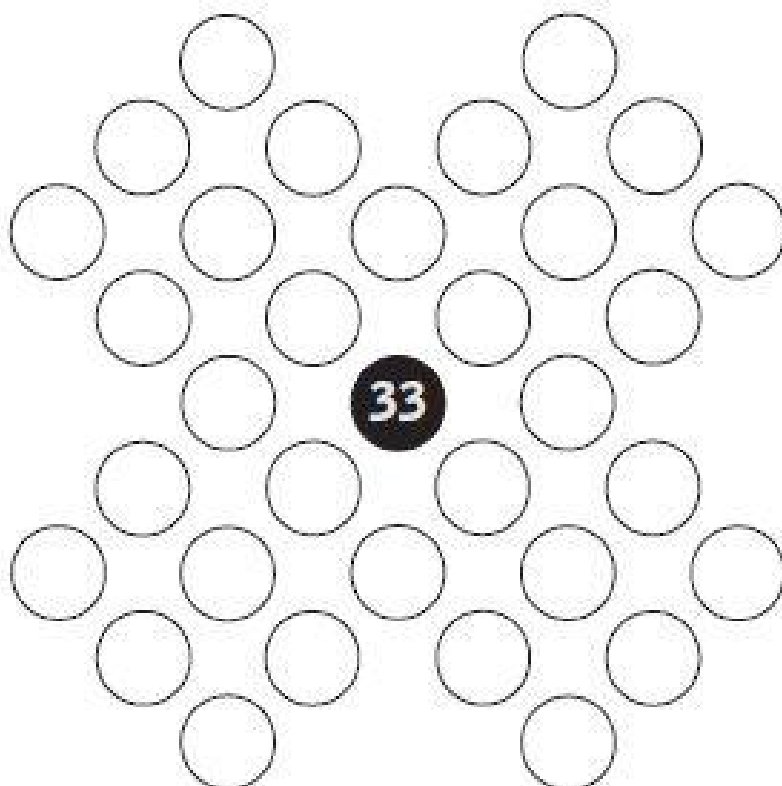
A doutrina da igreja determinava que você fizesse o mesmo trabalho pelo resto da vida. A mesma solidão. Nada mudaria. Todos os dias. Isso era o sucesso. Esse era o prêmio.

Aparar o gramado.

E aparar o gramado.

E aparar o gramado.

Repetir.



A caminho do nosso terceiro encontro, Fertility e eu nos sentamos na frente de um cara no ônibus e acabamos ouvindo uma piada.

Faz uns trinta graus, quente demais para junho, e as janelas do ônibus estão abertas, o cheiro da poluição me deixa meio enjoado. Os bancos de vinil estão quentes, tão quentes quanto deve ser o Inferno. Ir de ônibus para o centro da cidade foi ideia da Fertility. É o nosso encontro, ela me disse. No centro. Estamos indo à tarde, então lá só vai ter gente desempregada, que trabalha à noite ou que é maluca e tem síndrome de Tourette.

É para lá que ela vai me levar, visto que não vai transar comigo e não vai me beijar nem em sonho.

Não faço ideia de quem esteja sentado atrás de nós. Não era alguém que chamasse atenção, só um cara de camisa. Loiro. Se você insistisse, eu diria que ele era feio. Não me lembro. O ônibus

passa no mausoléu a cada quinze minutos e acabamos de entrar. Encontramo-nos na catacumba 678, a mesma de sempre.

Eu me lembro da piada. É uma piada antiga. As casas da cidade passam pelo ônibus, por trás de carros estacionados ao longo do meio-fio e entre cercas que delimitam as propriedades, e o brincalhão inclina a cabeça entre Fertility e eu e sussurra:

— O que é mais difícil do que fazer um camelo passar pelo buraco de uma agulha?

Essas piadas estão em toda parte. Não interessa se são infames, é impossível deixar de ouvi-las.

Nem eu nem Fertility respondemos.

Aí o piadista sussurra:

— Arrumar um seguro de vida para um Crente.

A verdade é que ninguém ri dessas piadas a não ser eu, e eu só rio para ser sociável. Rio para não deixar de ser sociável. Meu maior receio quando estou em público é de que as pessoas percebam que sou um sobrevivente. Eu me liberei das roupas da igreja faz anos. Deus me livre parecer com essa gente doida do Meio-Oeste que se matou por achar que Deus os estava chamando.

Minha mãe, meu pai, meu irmão Adam, minhas irmãs, meus outros irmãos, todos estão mortos, enterrados e sendo alvo de zombarias, mas eu estou vivo. Ainda tenho de viver neste mundo e ser sociável.

Então eu rio.

Como tenho de fazer algo, algum ruído, gritar, berrar, chorar, xingar, uivar, eu rio. São só maneiras diferentes de descarregar.

Essas piadas estão em toda parte esta manhã, e é preciso fazer algo para não chorar o tempo todo. Ninguém ri mais do que eu.

O bobalhão sussurra:

— Por que o Crente atravessou a rua?

Talvez ele nem esteja falando comigo e com Fertility.

— Porque não conseguia ser atropelado pelos carros.

Atrás de todo mundo no ônibus há o rugir do motor traseiro, que o arrasta pelas ruas despejando uma fumaça escura e fedorenta.

Todas as piadas de hoje são por causa dos jornais. De onde estou sentado, consigo ler a manchete na primeira página sobre cinco

pessoas encobertas pela edição de hoje. Está escrito:

“Número de sobreviventes de seita diminui”

A matéria dizia que o caso da tragédia do suicídio em massa da igreja da Crendice, dez anos antes, estava quase encerrado. Falava que os últimos sobreviventes da igreja da Crendice, a seita com base na região central de Nebraska que cometeu suicídio em massa em vez de encarar uma investigação do FBI e a atenção nacional; bem, o jornal dizia que só restavam seis integrantes vivos. Não davam nomes, mas eu devo ser um dessa meia dúzia.

O resto da história continua na página A9, mas você já pescou a ideia. Ao ler as entrelinhas, ela diz: já vão tarde.

As matérias não falam nada sobre as mortes suspeitas que pareciam ser assassinatos. Não há nada sobre um assassino que talvez esteja perseguindo esses últimos seis sobreviventes da igreja.

Atrás de mim, o engraçadinho sussurra:

— Como se chama um Crente loiro?

Na minha cabeça, respondo: morto. Já ouvi essas gracinhas todas.

— Como se chama um Crente ruivo?

Morto.

— Moreno?

Morto.

— Qual é a diferença entre um Crente e um cadáver? — sussurra o cara.

Apenas algumas horas.

— O que o Crente gritou quando o carro fúnebre passou? — sussurra o cara.

Táxi!

— Como distinguir um Crente em um ônibus lotado? — sussurra o cara.

Alguém puxa a cordinha para parar no próximo ponto e a campainha toca.

E Fertility se vira e diz:

— Calem a boca — ela fala alto para as pessoas conseguirem ouvir por trás dos jornais e diz: — Vocês estão tirando sarro de

suicídio, de pessoas que eram amadas e estão mortas. Então calem a boca.

Ela diz isso bem alto. O brilho nos olhos dela, cinza parecendo prateado, me faz pensar se Fertility é Crente ou se ainda se incomoda com a morte do irmão. A reação dela é tão exagerada.

O ônibus para no meio-fio bem nessa hora e o piadista vai saindo. Como na igreja, o corredor passa no meio dos bancos onde estamos sentados. O cara que está na fila para sair usa as calças de lã marrom que só um sobrevivente usaria nesse calor. Os suspensórios da igreja estão cruzados nas costas dele. O casaco de lã marrom está dobrado em seu braço. Ele passa pelo corredor do ônibus, para por um momento enquanto as pessoas saem, depois se vira e toca a ponta do chapéu de palha. Eu o conheço de algum lugar, mas já faz tanto tempo. Ele cheira a suor, lã e palha de uma fazenda.

Não consigo me lembrar de onde o conheço. Lembro-me da voz dele. Essa voz, essa voz mesmo, sobre meu ombro, no meu telefone.

Que tu possas morrer somente após concluir todos os teus serviços.

O rosto dele é o mesmo que vejo no espelho.

Sem pensar, digo o nome dele bem alto.

Adam. Adam Branson.

O piadista pergunta:

— Eu conheço você de algum lugar?

Mas eu respondo: não.

A fila anda mais uns passos, afastando-o, e ele diz:

— Não fomos criados juntos?

E eu respondo: não.

Parado na porta do ônibus, ele grita:

— Você é meu irmão?

E eu grito: não.

Aí ele vai embora.

Lucas, capítulo vinte e dois, versículo trinta e quatro:

“... três vezes negarás que me conheces.”

O ônibus volta para o trânsito.

O único jeito de descrever esse cara é: feio. Esquisito. Um pouco gordo. Um fracassado. Patético, no máximo. Uma vítima. Meu irmão mais velho por três minutos. Um Crente.

Pela linguagem corporal dela, os livros de psicologia diriam que Fertility está puta comigo por eu ter rido. Seus joelhos e tornozelos estão cruzados. Ela olha pela janela como se o lugar onde estamos fizesse alguma diferença.

Segundo minha agenda, agora eu deveria estar encerando o chão da sala de jantar. A canaleta precisa ser limpa. Tem uma mancha para remover na entrada de carros da casa onde trabalho. Eu deveria estar descascando os aspargos do jantar de hoje à noite.

Eu não deveria me encontrar com a adorável e furiosa Fertility Hollis, apesar de ter matado o irmão dela e de ela ter um tesão secreto pela minha voz ao telefone à noite apesar de não me suportar pessoalmente.

A verdade é que não importa o que eu deveria fazer. O que qualquer sobrevivente deveria fazer. Segundo o que acreditei desde pequeno, somos corruptos e maldosos e impuros.

O ar que se move conosco no ônibus pelo centro é quente e denso, misturado com o brilho do sol e a gasolina em combustão. As flores passam, plantadas na terra, rosas que devem ter um aroma, nas cores vermelha, amarela, laranja, totalmente abertas mas sem efeitos especiais. As seis faixas do trânsito avançam implacáveis, como uma esteira de transporte.

Tudo o que podemos fazer é errado, desde que estejamos vivos.

A sensação é a de não ter controle. A sensação é a de ser libertado.

Não é como se estivéssemos viajando. Estamos sendo processados. É mais como se estivéssemos apenas aguardando. É só uma questão de tempo.

Não consigo fazer nada certo e meu irmão quer me matar.

Os prédios do centro começam a se acumular nas calçadas. O trânsito fica lento. Fertility levanta o braço para puxar a cordinha, plim!, e o ônibus para e nos deixa em frente a uma loja de departamentos. Homens e mulheres artificiais posam nas vitrines

com as roupas da loja. Sorriem. Riem. Fingem se divertir. Sei exatamente como eles se sentem.

Estou vestindo somente calças e uma camisa xadrez, mas as roupas são do meu patrão. Passei a manhã inteira experimentando diferentes combinações de roupas no segundo andar e descendo para pedir a opinião da assistente social, que estava aspirando abajures no andar de baixo.

Há um grande relógio acima da porta da loja e Fertility olha para ele. Ela me diz:

— Depressa, temos de chegar antes das duas.

Ela pega minha mão com a sua absurdamente gelada, gelada e seca mesmo no calor, e saímos portas adentro, para o ar-condicionado do primeiro andar cheio de pilhas de coisas para comprar em mesas e vitrines de vidro trancadas.

— Temos de ir para o quinto andar — diz Fertility, segurando firme minha mão na dela e me puxando. Corremos até as escadas rolantes. Segundo andar, setor masculino. Terceiro andar, setor infantil. Quarto andar, setor infantojuvenil. Quinto andar, setor feminino.

Aquela música gravada sai de frestas no teto. É um chá-chá-chá. Dois passos curtos e três rápidos. Tem um passo cruzado e um giro com a garota debaixo do braço. Fertility me ensinou.

Esse encontro é ainda pior do que eu esperava. Roupas em prateleiras, penduradas em cabides. Vendedores andando para lá e para cá muito bem-vestidos e perguntando se podem nos ajudar. Nada disso é surpreendente.

Pergunto se ela quer dançar aqui.

— Espere um minuto. Apenas espere — Fertility diz.

A primeira coisa que acontece é o cheiro de fumaça.

— Aqui atrás — diz Fertility, e me leva para uma floresta de vestidos longos à venda.

Depois, uma sirene começa a tocar e as pessoas vão para as escadas rolantes, descendo-as como se fossem escadas comuns já que estavam desligadas. As pessoas descem pela escada rolante que sobe e isso parece tão errado quanto infringir uma lei. Uma vendedora esvazia a caixa registradora em uma bolsa com zíper e

olha para algumas pessoas do outro lado do andar, paradas perto dos elevadores e observando os números dos andares enquanto seguram sacolas enormes e brilhantes com alças e coisas dobradas lá dentro.

A sirene continua a tocar. A fumaça é tão densa que dá para vê-la se enroscar nas luzes do teto.

— Não usem os elevadores — grita a vendedora. — Eles não funcionam em um incêndio. Vocês vão ter de usar as escadas.

Ela corre em direção a eles em meio ao labirinto de roupas nas prateleiras com a bolsa debaixo do braço, como um zagueiro de futebol americano, e os guia por uma porta com a inscrição SAÍDA.

Aí ficamos somente Fertility e eu, e as luzes piscam e se apagam.

Na escuridão, a fumaça e o toque do cetim ao nosso redor, o atrito do veludo, a frieza da seda, a maciez do algodão, a sirene tocando, todos os vestidos, a aspereza da lã, o gelado da mão de Fertility segurando a minha, ela diz:

— Não se preocupe.

O luminoso brilha para nós na escuridão, dizendo SAÍDA.

A sirene tocando.

— Fique calmo — diz Fertility.

A sirene tocando.

— A qualquer minuto agora — Fertility diz.

Labaredas cor de laranja brilham do outro lado do andar e transformam tudo em formas estranhas de laranja e preto. Os vestidos e calças daqui até lá estão pendurados em formas negras de pessoas com braços e pernas que se consomem em chamas.

As formas de mil pessoas queimando e despencando vêm em nossa direção. A sirene toca tão alto que dá para senti-la, e a mão gelada de Fertility me segura aqui.

— Vai acontecer em poucos segundos — ela afirma.

Dá para sentir o calor, de tão perto dele que estamos. A fumaça é tão densa que dá para sentir seu gosto. A menos de cinco metros, as figuras de espantalho das mulheres feitas de roupas nos cabides começam a derreter e desmoronar pelo chão. Começa a ficar difícil respirar e não consigo manter os olhos abertos.

E a sirene toca.

Minhas roupas parecem ter sido passadas a ferro por cima do meu corpo.

O fogo está muito, muito perto.

— Não é fantástico? Você não está adorando? — pergunta Fertility.

Levanto a mão para fazer uma sombra fresca entre meu rosto e a prateleira de *rayon* em chamas perto de nós.

É assim que se descobre do que são feitos os tecidos. Puxe alguns fios de uma roupa e coloque-os sobre uma chama. Se não pegarem fogo, é lã. Se queimarem lentamente, é algodão. Se pegarem fogo como as calças perto de nós, o tecido é sintético. Poliéster. *Rayon*. Náilon.

— É agora — diz Fertility.

Antes que eu consiga entender por que, fica frio. E molhado. A água cai sobre nós. A luz laranja estremece, mais fraca, mais fraca, e apaga. A fumaça desaparece do ar.

Uma a uma, as luzes piscam para mostrar o que sobrou nas grandes sombras de cinza e branco. A sirene para de tocar. O chá-chá-chá volta a soar.

— Eu vi tudo isso acontecer em um sonho. Não corremos perigo em momento algum — Fertility diz.

É como ela e Trevor no cruzeiro que só afundou pela metade.

— Na semana que vem, uma padaria vai explodir. Quer ir ver? Eu vi que pelo menos umas três ou quatro pessoas vão morrer.

No meu cabelo, no cabelo dela, nas minhas roupas, nas roupas dela, não há uma mancha ou queimadura.

Daniel, capítulo três, versículo vinte e sete:

“... o fogo não tinha tido poder algum sobre os seus corpos; nem um só cabelo da sua cabeça se tinha queimado, nem as suas capas se mudaram, nem cheiro de fogo tinha passado sobre eles.”

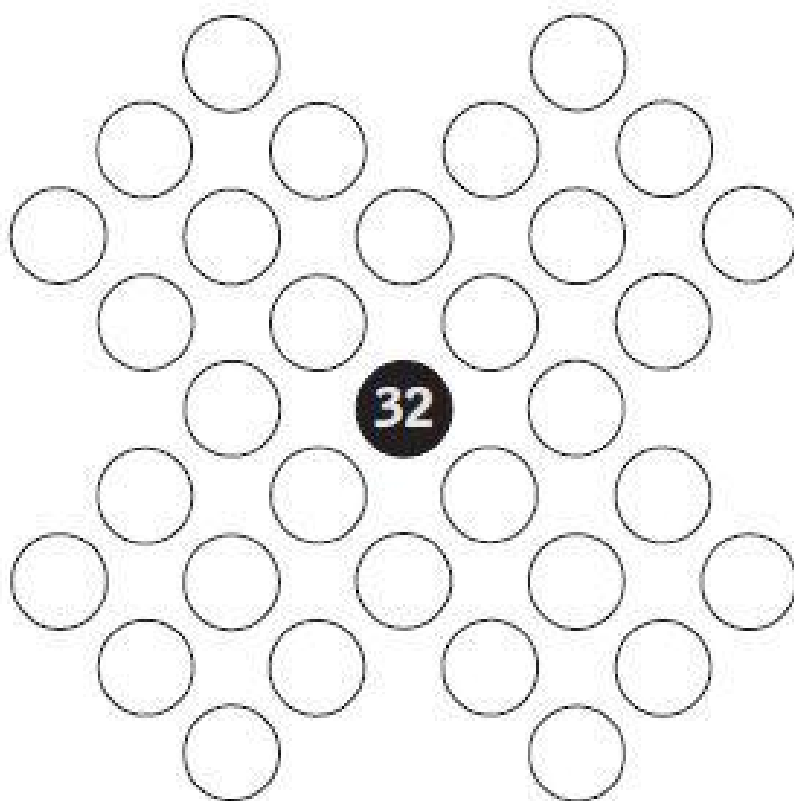
Já passei por isso, eu penso. Conheço bem.

— Depressa — ela diz. — Os bombeiros vão chegar logo, logo — ela pega minhas mãos nas dela e diz: — Não vamos desperdiçar esse chá-chá-chá.

Um, dois, chá-chá-chá. Estamos dançando, três, quatro, chá-chá-chá.

A destruição, os braços e as pernas das roupas emaranhadas no chão ao nosso redor, a água ainda jorrando, tudo completamente molhado, estamos dançando um, dois, chá-chá-chá.

E é desse jeito que nos encontramos.



Um posto de gasolina vai explodir na semana que vem. Todo o inventário de centenas de canários de uma loja de animais vai fugir. Fertility previu tudo isso, sonho após sonho. Nesse momento, o cano de água de um hotel está vazando. A água está pingando há semanas dentro das paredes, dissolvendo o reboco, estragando a madeira, enferrujando o metal e, às quinze horas e quatro minutos da próxima terça-feira, o gigantesco lustre de cristais no meio do teto do saguão da entrada vai cair.

No sonho dela, os trechos de cristal vão chacoalhar e depois o reboco vai ser pulverizado. A cabeça de um parafuso enferrujado vai ser jogada longe. No sonho de Fertility, a cabeça do parafuso cai no carpete, *poft*, ao lado de um senhor com sua bagagem. Ele o pega e o olha na palma da mão, observando a ferrugem e o aço brilhante da rachadura.

Uma mulher puxa a mala de rodinhas para ao lado dele e lhe pergunta se está na fila.

— Não — o senhor responde.

— Obrigada — diz a mulher.

Uma recepcionista toca a sineta e diz:

— Recepção!

Um mensageiro aparece.

É nessa hora que o lustre cai.

Esse é o nível de precisão dos sonhos de Fertility e, a cada sonho, ela procura outro detalhe. A mulher veste um terninho vermelho, casaco e saia com um cinto de corrente dourada Christian Dior. O senhor tem olhos azuis. A mão dele que segura o parafuso tem uma aliança de ouro. O mensageiro tem uma orelha furada, mas está sem o brinco.

Atrás do balcão da recepção, diz Fertility, há um intrincado relógio barroco francês dentro de um estojo de fru-frus de chumbo dourado com conchas e golfinhos segurando o mostrador. São quinze horas e quatro minutos.

Fertility me contou tudo isso de olhos fechados. Não consegui distinguir se ela estava se lembrando ou inventando coisas.

I Tessalonicenses, capítulo cinco, versículo vinte:

“Não desprezeis as profecias.”

O lustre vai piscar no segundo em que cair, então todo mundo que estiver embaixo dele vai olhar para cima. Ela não sabe o que acontece depois. Ela sempre acorda. O sonho sempre acaba assim, no momento em que o lustre ou o avião cai. Ou o trem descarrila. O raio cai. O terremoto sacode.

Ela começou a montar um calendário de futuros desastres. Ela o mostrou para mim. Mostrei a ela a agenda que as pessoas para quem trabalho mantêm. Para a próxima semana, ela tem a explosão de uma padaria, os canários fugitivos, o incêndio no posto de gasolina e o lustre do hotel.

Fertility me pede para escolher. Vamos levar comida e passar o dia juntos.

Para a próxima semana, tenho de aparar o gramado duas vezes. Polir o conjunto de ferramentas da lareira. Conferir a data de tudo

que está no congelador. Virar os enlatados na despensa. Comprar os presentes que as pessoas para quem trabalho vão dar uma à outra.

Digo: claro. O que ela quiser.

Isso foi depois que os bombeiros nos encontraram sem nenhuma queimadura dançando chá-chá-chá no setor feminino do quinto andar incinerado. Depois de colherem nossas declarações e nos fazerem assinar formulários do seguro que livravam a nossa cara, eles nos levaram para a rua. Quando chegamos ao lado de fora, perguntei a Fertility: Por quê?

Por que ela não liga para tentar avisar alguém sobre o desastre?

— Porque ninguém quer ouvir más notícias — ela responde e dá de ombros. — Trevor contava às pessoas sempre que tinha um sonho e isso só o colocava em encrenca.

Ninguém queria acreditar em um talento tão incrível, afirmou ela. Eles acusavam Trevor de ser terrorista ou incendiário.

Um piromaníaco, segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais*.

Em outro século, o teriam acusado de ser um feiticeiro.

Então Trevor se matou.

Com uma pequena ajuda deste que vos fala.

— É por isso que não digo mais nada a ninguém — diz Fertility. — Se fosse um incêndio em um orfanato, talvez eu falasse, mas essas pessoas mataram meu irmão, por que eu deveria ajudá-las?

O modo pelo qual eu poderia salvar vidas seria contando a verdade para Fertility, que eu matei seu irmão, mas fico calado. Sentamo-nos em silêncio no ponto de ônibus até que o dela apareça. Ela escreve o número do telefone em uma nota fiscal que pegou do chão. Essa vale mais de trezentos dólares se eu a levar até a loja e aplicar meu golpe. Fertility diz para eu escolher uma tragédia e ligar para ela. O ônibus a leva para algum lugar, para trabalhar, para jantar, para sonhar.

Segundo minha agenda, tenho de tirar o pó dos rodapés. Nesse momento, estou podando os arbustos. Estou aparando o gramado. Estou lavando os carros. Eu deveria estar passando a ferro, mas sei que a assistente social está fazendo meu trabalho.

Segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais*, eu deveria entrar em uma loja e roubar algo. Eu deveria descarregar um pouco dessa energia sexual reprimida.

Segundo Fertility, eu deveria levar comida para almoçarmos enquanto assistimos à morte de desconhecidos. Consigo nos visualizar em uma poltrona de veludo de dois lugares na entrada do hotel, bebendo chá na terça à tarde em nosso lugar na primeira fila.

Segundo a Bíblia, eu deveria sei lá o quê.

Segundo a doutrina da igreja da Crendice, eu deveria estar morto.

Nenhuma das alternativas anteriores me agradam, então fico passeando pelo centro. Do lado de fora da padaria há um cheiro de pão onde, daqui a cinco dias segundo Fertility, *bum*. Nos fundos da loja de animais, as centenas de canários voam de um lado para o outro nas gaiolas fedorentas e superlotadas. Na semana que vem, eles serão livres. E depois? Tenho vontade de dizer a eles: fiquem na gaiola. Há coisas melhores que a liberdade. Há coisas piores que levar uma longa vida aborrecida na casa de um desconhecido e depois morrer e ir para o paraíso dos canários.

No posto de gasolina que Fertility disse que vai explodir, os frentistas continuam trabalhando, felizes, mas nem tanto, jovens, sem saber que, na semana seguinte, estarão mortos ou desempregados, dependendo de quem vai trabalhar naquele turno.

A noite cai bem depressa.

Fora do hotel, do outro lado das janelas de vidro laminado do saguão, o lustre assoma vítima após vítima. Uma mulher com um pug na coleira. Uma família: mãe, pai, três filhos pequenos. O relógio atrás do balcão diz que ainda falta muito para as quinze horas e quatro minutos da próxima terça-feira. Seria seguro passar vários dias ali, mas nem um segundo a mais.

Dava para passar pelos porteiros com seus galões dourados e falar para o gerente que o lustre vai cair.

Todas as pessoas que ele ama vão morrer.

Ele próprio vai morrer algum dia.

Deus vai voltar para nos julgar.

Os pecados dele vão levá-lo para o Inferno.

Você pode falar a verdade para as pessoas, mas elas não vão acreditar até a coisa acontecer. Até ser tarde demais. Nesse meio-tempo, a verdade só vai irritá-las e trazer muitos problemas para você.

Então eu apenas sigo para casa.

Tenho de fazer o jantar. Preciso passar uma camisa para amanhã. Sapatos a engraxar. Louça para lavar. Receitas para aprender.

Existe um negócio chamado Sopa Italiana de Casamento que leva dois quilos e meio de tutano na receita. Vísceras estão em voga este ano. As pessoas para quem trabalho querem comer o que estiver na crista da onda. Rins. Fígados. Bexigas de porcos inchados. Estômagos medianos de vaca temperados com agrião e erva-doce, no estilo ruminante. Querem que os animais estejam recheados com os animais mais improváveis, frango recheado com coelho. Carpa recheada com presunto. Pato recheado com salmão.

Preciso praticar tanta coisa ao chegar em casa.

Para preparar um bife, cubra-o com fatias de gordura de algum outro animal para protegê-lo enquanto assa. É o que estou fazendo quando o telefone toca.

Claro que é a Fertility.

— Você tinha razão quanto ao cara esquisito — diz ela.

Pergunto: Quanto ao quê?

— Aquele cara, o namorado do Trevor — ela responde. — Ele realmente precisa de alguém. Eu o levei para passear como você queria, e tinha uma dessas pessoas da seita no mesmo ônibus que nós. Eles só podem ser irmãos gêmeos, se pareciam tanto um com o outro.

Digo: Talvez ela esteja errada. A maioria das pessoas dessa seita está morta. Eles eram doidos e idiotas e quase todos morreram. Saiu nos jornais. Tudo em que essa gente acreditava era mentira.

— O cara no ônibus perguntou se eles eram parentes e o namorado do Trevor respondeu que não.

Então eles não são parentes, digo. Uma pessoa sabe reconhecer o próprio irmão.

— Essa é a parte triste. Ele reconheceu o cara, sim. Até disse o nome dele, Brad, Tim ou coisa assim — diz Fertility.

Adam.

Digo: E por que isso é triste?

— Porque era uma negação tão óbvia e patética. Estava tão na cara que ele queria fingir ser uma pessoa normal e feliz. Foi tão triste que até dei a ele meu telefone. Fiquei com pena dele. Quero dizer, eu quero ajudá-lo a fazer as pazes com o seu passado. Além disso — diz Fertility —, sinto que vai acontecer alguma merda com ele.

Pergunto: Que tipo de merda? O que ela quer dizer com merda?

— Sofrimento — ela responde. — Ainda é uma sensação vaga. Tragédia. Dor. Assassinatos em massa. Não me pergunte como sei disso, é uma longa história.

Os sonhos dela. O posto de gasolina, os canários, o lustre do hotel, e agora eu.

— Ouça — ela diz. — Ainda temos que conversar sobre o nosso encontro, mas não agora.

Por quê?

— Meu maldito trabalho anda meio complicado, então se alguém chamado dr. Ambrose ligar para saber se você conhece a Gwen, diga que não me conhece. Diga a ele que nunca nos vimos, tá?

Gwen?

Pergunto: Quem é dr. Ambrose?

— É só o nome dele — diz Fertility. Diz Gwen. — Ele não é um médico de verdade, acho que não. Ele é tipo meu agente. Não era isso que eu queria estar fazendo, mas estou presa a ele por um contrato.

Pergunto: O que ela faz que está no contrato?

— Não é nada ilegal. Tenho tudo sob controle. Mais ou menos.

O quê?

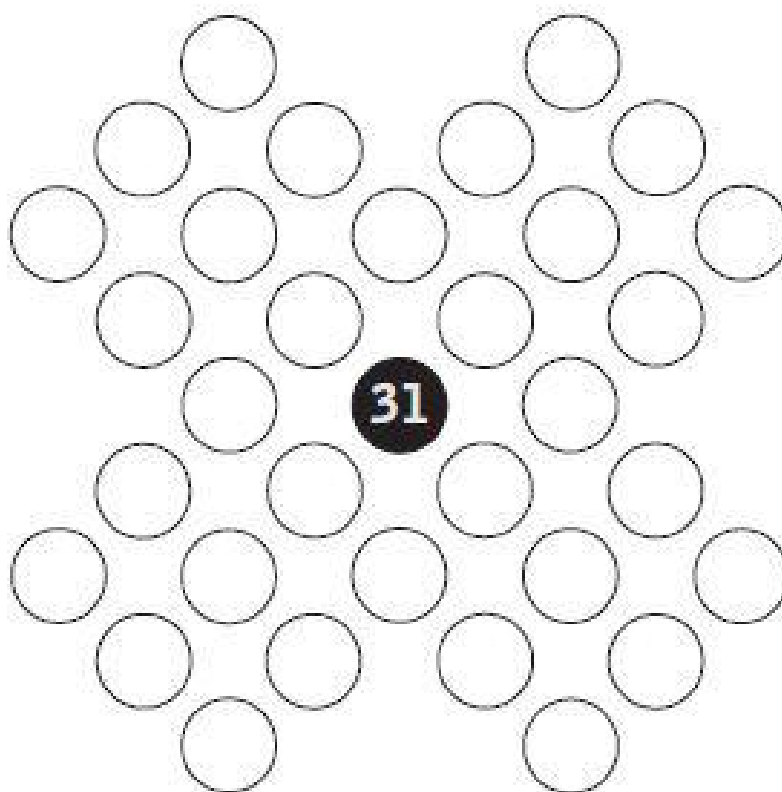
Aí ela me conta e os alarmes e as sirenes começam a tocar.

Sinto-me cada vez menor.

Os alarmes, as luzes e as sirenes estão ao meu redor.

Como me sinto é cada vez menos e menos.

Aqui na cabine do voo 2039, o primeiro dos quatro motores acabou de pifar. Neste momento, estamos no começo do fim.



Parte do trabalho de prevenção ao suicídio da minha assistente social é preparar outro gim-tônica para mim enquanto faço uma ligação interurbana. Um produtor do *The Dawn Williams Show* está aguardando na linha dois. Todas as linhas estão piscando, piscando. Alguém da Barbara Walters está aguardando na linha três. A prioridade número um é arrumar alguém para dar um jeito nessa confusão. A louça do café da manhã está acumulada na pia da cozinha sem se lavarem a si mesmas.

A prioridade número um é arranjar um bom agente.

Lá em cima, as camas continuam desfeitas.

O jardim precisa ser retocado.

No telefone há um excelente agente nervoso, perguntando o que vai acontecer se eu não for o último sobrevivente. Não tem como não ser, é o que estou dizendo. A assistente social não daria uma passada para tomar gim-tônica de café da manhã se não tivesse

ocorrido outro suicídio ontem à noite. Na mesa da cozinha, bem na minha frente, estão espalhados todos os outros históricos.

O Programa Federal de Amparo aos Sobreviventes é o que você chamaria de fracasso total. É a assistente social me preparando um gim-tônica que precisa de uma dose de prevenção ao suicídio.

Só para ter certeza de que não vou me matar, a assistente social está de olho em mim. Só para mantê-la fora do meu caminho, coloquei-a para cortar um limão. Pegar uns cigarros para mim. Preparar mais uma bebida para mim, eu digo, ou vou me matar. Juro que vou. Vou ao banheiro rasgar todas as minhas veias com uma lâmina.

A assistente social me traz o gim-tônica na mesa da cozinha e pergunta se quero ajudá-la a identificar alguns dos corpos. Teoricamente, isso me ajudaria a superar o trauma. Afinal, diz ela, é meu povo, sangue do meu sangue. Meus amigos e parentes.

A assistente social espalha pela mesa as mesmas fotos do governo de dez anos antes. Centenas de pessoas mortas me encaram, enfileiradas lado a lado na terra. A pele delas está toda roxa por causa do cianureto. Estão tão inchadas que as roupas escuras feitas à mão estão apertadas. Do pó vieste, ao pó retornarás. Todo o processo de reciclagem deveria ser fácil e rápido, mas não é. Os corpos estão ali, endurecidos e grosseiros. Essa é a tentativa da assistente social para fazer meus sentimentos pegarem no tranco. Estou reprimindo minha dor, diz ela.

Se eu gostaria de participar do que você chamaria de identificar essa gente morta?

Se houver mesmo um assassino à solta, diz ela, eu posso ajudá-la a encontrar a pessoa que deveria estar morta em uma foto e não está.

Obrigado, eu digo. Não, obrigado. Sem pestanejar, sei que Adam Branson não está morto nas fotos dela.

Quando a assistente social vai se sentar, pergunto se ela poderia fechar as cortinas. Há uma van de uma rede de TV lá fora, gravando imagens via satélite da janela da cozinha. Não quero aparecer no noticiário com a louça suja do café da manhã como pano de fundo. A louça suja na pia, eu e a assistente social

sentados à mesa da cozinha com o telefone e todos os arquivos espalhados sobre o pano de mesa amarelo e branco, com gim-tônica nas mãos às dez da manhã.

A narração do âncora vai dizer que o único sobrevivente da mais recente seita mortal da América, a Crendice, está sob observação depois da trágica série de suicídios que, um a um, tirou a vida dos sobreviventes da seita.

Depois, pausa para os comerciais.

A assistente social vasculha os arquivos dos seus últimos clientes. Brannon: falecido. Walker: falecido. Phillips: falecido. Todo mundo: falecido. Todo mundo menos eu.

A garota de ontem à noite, o único outro sobrevivente da igreja da Crendice, comia terra. Existe até um nome pra isso. Chamam de geofagia. Era uma prática popular entre os africanos trazidos para a América como escravos. "Popular" provavelmente não é a palavra certa.

Ela se ajoelhou no quintal da casa onde trabalhou por onze anos, pegou a terra de um leito de rosas e meteu direto na boca. Está tudo nos relatórios da assistente social. Aí aconteceu algo chamado perfuração esofágica, depois uma peritonite e aí, por volta do nascer do sol, ela estava morta.

A garota anterior morreu com a cabeça enfiada no forno. O cara anterior cortou a garganta. Foi exatamente assim que a igreja ensinou. Um dia, a maldade dos reis do mundo nos destruiria, ó tristeza, e os exércitos do mundo marchariam até nós em um lamento, e os filhos mais puros de Deus teriam de se entregar ao Senhor por suas próprias mãos.

A Libertação.

É, e todo mundo que não se entregou ao Senhor deve com os primeiros segui-los o quanto antes.

Então, nos últimos dez anos, um após o outro, homens e mulheres, empregadas e jardineiros e operários em todo o país se entregaram. Mesmo com o Programa Federal de Amparo aos Sobreviventes.

Exceto eu.

Pergunto à assistente social se ela se importaria em arrumar as camas. Se eu tiver que fazer mais uma dobradura de hospital, juro que vou colocar a cabeça no multiprocessador. Se ela concordar, prometo estar vivo quando ela voltar.

Lá vai ela subir as escadas. Digo: obrigado.

Depois que a assistente social me contou que todos na colônia da igreja da Crendice haviam morrido, a primeira coisa que fiz foi começar a fumar. A coisa mais inteligente que fiz na vida foi começar a fumar. Quando a assistente social passou para me acordar e disse que o último sobrevivente Crente tinha passado desta para melhor ontem à noite, me sentei na cozinha e acelerei o processo do meu suicídio preparando uma bebida bem forte.

É a doutrina da igreja que diz que tenho de me matar. Eles não falam nada sobre ter de ser uma morte instantânea e apressada.

O jornal ainda está na soleira da porta. A louça do café da manhã continua suja. As pessoas para quem trabalho foram embora para fugir dos holofotes. Isso depois que eu passei anos rebobinando a pornografia que eles alugavam e fazendo a pré-lavagem das manchas deles. Ele é um banqueiro. Ela é uma banqueira. Eles têm carros. Têm esta casa adorável. Eles têm a mim para arrumar as camas e aparar o gramado. Verdade seja dita, eles provavelmente foram embora para não me encontrarem suicidado no chão da cozinha numa noite dessas.

As quatro linhas de telefone ainda estão em espera. *The Dawn Williams Show*. Barbara Walters. O agente me diz para usar um espelho de mão e treinar um olhar sincero e inocente.

Um dos arquivos tem meu nome na etiqueta. A folha de rosto da pasta apresenta todas as informações básicas sobre as pessoas registradas que sobreviveram ao desastre da colônia da Crendice.

O agente diz: Propaganda de produtos.

O agente diz: Meu próprio programa religioso.

Está registrado no arquivo que, por mais de duzentos anos, os americanos consideraram os Crentes as pessoas mais devotas, mais trabalhadoras, decentes e sensíveis que restavam na Terra.

O agente diz: Um adiantamento de um milhão de dólares pela minha biografia publicada em capa dura.

A folha seguinte diz que, dez anos atrás, um xerife local apresentou um mandado de busca aos presbíteros da igreja da Crendice. Havia quatro acusações de abuso infantil. As malucas alegações anônimas diziam que famílias da igreja tinham filhos e mais filhos e mais filhos, e que nenhum deles era registrado, que não havia certidões de nascimento, números de identidade, nada. Todos esses nascimentos haviam ocorrido dentro do distrito da igreja. Todas essas crianças frequentavam as escolas da igreja. Nenhuma delas poderia se casar ou ter filhos. Quando completassem dezessete anos, todas seriam batizadas como integrantes adultos da igreja e mandadas para o mundo.

Tudo isso se tornou o que você chamaria de conhecimento público.

O agente diz: Meu próprio vídeo de exercícios.

O agente diz: Uma entrevista exclusiva para a capa da revista *People*.

Alguém vazou esses boatos malucos para algum assalariado do juizado de menores e, de repente, o xerife e dois carros lotados de representantes foram despachados para o distrito da igreja da Crendice em Bolster County, Nebraska, para contar cabeças e verificar se tudo estava nos conformes. Foi o xerife quem chamou o FBI.

O agente diz ao telefone: O circuito de programas de entrevistas.

O FBI descobriu que os filhos mandados para o mundo eram considerados pelos Crentes missionários do trabalho. Foi a investigação governamental que chamou isso de escravidão. O pessoal da TV chamava de Seita da Escravidão Infantil.

Os inspetores da igreja da Crendice no mundo aqui fora arrumavam empregos para essas crianças quando elas completavam dezessete anos, trabalhos manuais ou domésticos, pagos em dinheiro vivo. Trabalhos temporários que poderiam durar anos.

Os jornais é que os chamaram os Crentes de Igreja do Trabalho Infantil.

A igreja ficava com o dinheiro e o mundo aqui fora ficava com um exército de empregados, jardineiros, faxineiros e pintores cristãos,

puros e honestos criados para acreditar que a única maneira de salvar a alma era trabalhar até morrer por nada além de casa e comida.

O agente diz para mim: Uma coluna no jornal.

Quando o FBI foi até lá para prender as pessoas, encontraram toda a população da colônia trancada na capela. Talvez a pessoa que vazou essa história insana de crianças escravizadas por dinheiro tenha sido a mesma que avisou à colônia que o governo ia invadir o distrito. Todas as fazendas de Bolster County estavam desertas. Depois, descobriu-se que todas as vacas, todos os porcos, frangos, pombos, gatos e cachorros estavam mortos. Até os peixinhos dourados em aquários tinham sido envenenados. Todas as fazendinhas perfeitas dos Crentes, com suas casinhas brancas e celeiros vermelhos, estavam em silêncio quando a Guarda Nacional passou. Todas as plantações de batatas estavam caladas e vazias sob o céu azul e algumas nuvens.

O agente diz: Meu próprio especial de Natal.

Segundo o relatório de antecedentes, aqui com os arquivos, a mesa da cozinha, a assistente social que está arrumando as camas no andar de cima, o calor do isqueiro que acende mais um cigarro para mim, a prática de mandar missionários do trabalho tinha mais de cem anos. Os Crentes só ficavam cada vez mais ricos e compravam mais terras e tinham mais filhos. Mais crianças sumiam do vale a cada ano. As garotas eram enviadas na primavera, e os garotos, no outono.

O agente diz: Meu próprio perfume.

O agente diz: Minha própria série de Bíblias autografadas.

Os missionários eram invisíveis no mundo aqui fora. A igreja não pagava impostos. Segundo a doutrina da igreja, você seria a pessoa mais nobre se apenas fizesse seu trabalho e vivesse o suficiente para dar muito lucro à igreja. O resto da sua vida tinha de ser um fardo, arrumar as camas dos outros. Cuidar dos bebês dos outros. Cozinhar para os outros.

Para todo o sempre.

Um trabalho sem fim.

O plano era criar, aos poucos, um paraíso Crente, comprando o mundo acre por acre.

Isso até as vans do FBI pararem aos cem metros oficiais das portas da capela da igreja. O clima estava pesado, segundo a investigação oficial do massacre. Nenhum som vinha da igreja.

O agente está dizendo: Fitas de autoajuda.

O agente está dizendo: Caesars Palace.

Foi aí que todo mundo começou a me ligar.

Crendice, a Seita Mortal do Antigo Testamento.

Engasgo com a fumaça do cigarro presa no ponto da garganta que a colocaria para fora e ela pesa no meu peito. Os arquivos da assistente social documentam os retardatários. Cliente do Amparo aos Sobreviventes Número 63, Biddy Patterson, idade aproximada vinte e nove anos, se matou bebendo solvente para limpeza três dias depois do incidente na colônia.

Cliente do Amparo aos Sobreviventes Tender Smithson, quarenta e cinco anos, morreu quando se jogou da janela do prédio onde trabalhava como zelador.

O agente está dizendo: Meu próprio disque 0300 da salvação.

A fumaça quente e densa dentro de mim me dá a sensação de ter uma alma.

O agente está dizendo: Meu próprio infomercial.

Essa gente toda roxa e inchada e sua entrega. Longas fileiras de pessoas que o FBI carregou mortas da capela, elas estão ali deitadas e escurecidas pelo cianureto da última comunhão. Essas foram as pessoas que preferiram morrer a enfrentar o que quer que estivesse por vir.

Elas morreram juntas, em massa, segurando as mãos umas das outras tão forte que o FBI teve de arrancar os dedos delas para separá-las.

O agente está dizendo: Supercelebridade.

A doutrina da igreja indica que, agora que a assistente social foi embora, devo pegar uma faca no meio da louça que está na pia e despedaçar minha traqueia. Devo espalhar minhas entranhas no chão da cozinha.

O agente diz que ele vai lidar com o bafafá do *The Dawn Williams Show* e da Barbara Walters.

Entre os falecidos, tem um arquivo com o meu nome na etiqueta. Eu escrevo nele:

O Cliente do Amparo aos Sobreviventes Número 84 perdeu todos a quem amava e tudo o que dava significado à sua vida. Ele está cansado e dorme a maior parte do tempo. Ele começou a beber e fumar. Ele não come mais. Raramente toma banho e não faz a barba há meses.

Dez meses antes, ele era um trabalhador, o sal da terra⁶. Tudo o que queria era ir para o Paraíso. Hoje, sentado aqui, ele perdeu tudo pelo que trabalhou na vida. Todas as regras e os controles externos dele se foram.

O Inferno não existe. O Paraíso não existe.

Mesmo assim, ainda está caindo a ficha de que, agora, tudo é possível.

Agora, ele quer tudo.

Fecho o arquivo e o coloco de volta na pilha.

Aqui entre nós, pergunta o agente, há alguma possibilidade de que eu mesmo coma grama pela raiz em breve?

Olhando através do meu gim-tônica, os rostos afundados de todas as pessoas do meu passado estão mortos nas fotos do governo debaixo da minha bebida. Depois de um momento como esse, toda sua vida parece feliz.

Encho meu copo.

Acendo outro cigarro.

Sério, minha vida não tem mais sentido. Estou livre. Não só isso, como também estou prestes a herdar vinte mil acres na região central de Nebraska.

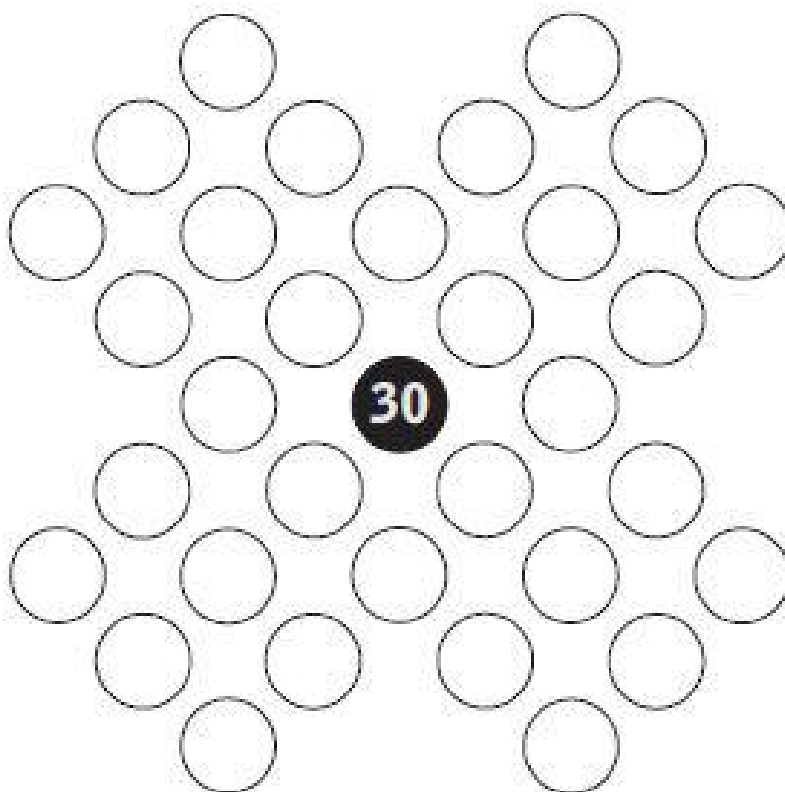
Sinto-me como há dez anos, quando peguei carona com a polícia para o centro. E, mais uma vez, sou um fraco. A cada minuto me distancio mais da salvação e me aproximo do futuro.

Me matar?

Obrigado, digo. Não, obrigado.

É melhor não apressar as coisas.

[6.](#) Referência bíblica a uma metáfora do Sermão da Montanha. (N. da T.)



O que passei a manhã inteira dizendo à polícia é que deixei a assistente social ainda viva enquanto ela esfregava os tijolos ao redor da lareira do escritório. O problema é que o cano da chaminé não abre direito e a fumaça sai pela frente. As pessoas para quem trabalho usam madeira úmida. O que digo à polícia é que sou inocente.

Eu não matei ninguém.

Segundo minha agenda, ontem eu deveria estar esfregando os tijolos.

Assim foi o meu dia até agora.

Primeiro, os policiais ficaram me perguntando insistentemente por que eu matei a assistente social. Depois, o agente ligou para me prometer mundos e fundos. Fertility, Fertility, Fertility é carta fora do baralho. Digamos que não me sinto à vontade com seu

modo de ganhar a vida. Além disso, prefiro nem tão cedo saber sobre toda a infelicidade no meu futuro.

Então eu me tranco no banheiro para tentar lidar com tudo o que aconteceu. No banheiro verde no primeiro andar.

Meu depoimento para a polícia afirma que a assistente social estava deitada de bruços nos tijolos em frente à lareira no escritório, ainda vestida com as calças capri que ficaram emboladas na bunda por conta da maneira como ela caiu. A camisa branca estava por fora das calças e as mangas estavam enroladas até os cotovelos. O cômodo estava lotado de cloro gasoso letal e a mão branca dela ainda apertava a esponja.

Antes disso, entrei pela janela do porão, que havíamos deixado destrancada para que eu pudesse entrar e sair sem que a equipe de TV me perseguisse com câmeras e copos de café de papel e sua preocupação profissional, como se fossem pagos para se importar. Como se não fosse assim com as matérias de destaque que eles têm a cada dois dias. É assim.

Então estou trancado no banheiro e agora a polícia está na porta, perguntando se eu estou vomitando e dizendo que o homem para quem trabalho está aos berros no interfone pedindo orientação sobre como comer uma salada.

A polícia está perguntando: A assistente social e eu brigamos?

Confirmam o dia de ontem na minha agenda, digo a eles. Não havia tempo para isso.

Do início do dia até as oito horas, eu deveria ter calafetado as janelas. A agenda está aberta no balcão da cozinha, ao lado do interfone. Eu deveria estar pintando os ornamentos.

Das oito às dez horas, eu estava tirando manchas de óleo da entrada de carros. Das dez horas até a hora do almoço, era a vez de aparar os arbustos. Do almoço até as quinze, varri as varandas. Das quinze às dezessete horas era para esfregar os tijolos da lareira.

Cada minuto da minha vida foi planejado e eu estou de saco cheio disso.

Isso parece apenas mais uma tarefa na agenda de Deus: o Renascimento Italiano agendado logo depois da Idade Média.

Tudo tem seu tempo.

Todas as modas, manias, fases. Gira, gira, gira.

Eclesiastes, capítulo três, versículo de tal a tal.

A Era da Informação foi programada para acontecer imediatamente depois da Revolução Industrial. Depois veio a Era Pós-moderna, depois os quatro cavaleiros do Apocalipse. Fome. Confere. Peste. Confere. Guerra. Confere. Morte. Confere. E, entre os grandes acontecimentos, os terremotos e os *tsunamis*, Deus me encaixou em uma aparição especial. Talvez então, daqui a uns trinta anos ou no ano que vem, a agenda de Deus acabe comigo.

A polícia me pergunta através da porta se eu bati nela. Na assistente social. Perguntam se eu roubei os arquivos e o MDE dela. Todos os arquivos desapareceram.

Ela bebeu, é o que digo a eles. Ela tomava remédios psicotrópicos. Ela misturava água sanitária e amoníaco dentro de áreas fechadas e sem ventilação. Não sei o que ela fazia no seu tempo livre, mas contava sobre seus namoros com uma ampla variedade de marginais.

E ontem mesmo ela ainda tinha esses arquivos.

A última coisa que disse a ela foi que não dá para limpar tijolos sem um jato de areia, mas ela tinha bastante certeza de que o ácido muriático daria jeito. Um dos namorados dela estava bem certo disso.

Quando entrei pela janela do porão esta manhã, ela estava morta no chão, com cloro gasoso e ácido muriático espalhados por metade da parede de tijolos, tão sujos quanto antes, mas agora ela fazia parte da sujeira.

Entre as calças capri e as meias brancas e os sapatos, os músculos da panturrilha dela parecem macios e brancos, e tudo nela que antes era vermelho agora está azul, os lábios, as cutículas, o contorno dos olhos.

A verdade é que eu não matei a assistente social, mas ainda bem que alguém o fez.

Ela era minha única ligação com os últimos dez anos. Ela era a última coisa que me mantinha preso ao passado.

A verdade é que você pode ficar órfão várias e várias e várias vezes.

A verdade é que isso vai acontecer.

E o segredo é que vai doer cada vez menos, até você não sentir mais nada.

Pode acreditar em mim.

Com ela ali deitada e morta, depois de dez anos de conversas honestas toda semana, meu primeiro pensamento foi: Taí mais uma coisa para eu catar.

A polícia pergunta através da porta do banheiro: Por que eu fiz uma leva de daiquiris de morango antes de ligar para eles?

Porque a framboesa acabou.

Porque, será que não conseguem entender isso, não faz diferença. O tempo não era vital.

Pense nisso tudo como um valioso treinamento do dia a dia. Pense na sua vida como uma brincadeira doentia.

Como se chama uma assistente social que detesta o trabalho e perde todos os clientes?

Falecida.

Como se chama o policial que a embrulha em uma sacola de borracha preta?

Falecido.

Como se chama o âncora de TV que fala ao vivo do jardim da entrada?

Falecido.

Não importa. A piada de todo mundo termina do mesmo jeito.

O agente está aguardando na linha um com o que é, aos olhos dele, apenas a oferta de um novo futuro.

O homem para quem trabalho está gritando no interfone e dizendo que está em um almoço de negócios em um restaurante qualquer, só que está ligando do celular porque não sabe comer a salada de palmito. Como se isso fosse assim tão importante.

Ei, grito de volta. Eu também.

Estou escondido no banheiro, quero dizer.

Há uma alegria sinistra na morte da única pessoa que conhece todos os seus segredos. Seus pais. Seu médico. Seu terapeuta. Sua

assistente social. O sol está lá fora, tentando nos mostrar como somos idiotas. Só é preciso olhar em volta.

O que eles ensinavam na colônia da igreja era a não desejar nada. A manter um semblante sereno e contido. Ter uma postura e uma conduta modestas. Falar em um tom simples e tranquilo.

E olha só no que deu a filosofia deles.

Eles morreram. Eu estou vivo. A assistente social morreu. Todo mundo morreu.

Caso encerrado.

Aqui no banheiro tem lâminas de barbear. Tem iodo para beber. Tem remédios para tomar. Você tem uma escolha. Viver ou morrer.

Cada respiração é uma escolha.

Cada minuto é uma escolha.

Ser ou não ser.

Toda vez que você deixa de se jogar escada abaixo é uma escolha. Toda vez que não bate seu carro, você se alista novamente.

Se eu deixar o agente me tornar famoso, nada de importante vai mudar.

Como se chama um Crente que tem seu próprio programa de entrevistas?

Falecido.

Como se chama o Crente que anda de limusine e come filé?

Falecido.

Não importa a direção que eu siga, não tenho nada a perder.

Segundo minha agenda, eu tenho de queimar zinco na lareira para tirar a fuligem da chaminé.

Do lado de fora da janela do banheiro, o sol observa os policiais levarem a assistente social em uma sacola de borracha amarrada a uma maca, que eles empurram pela calçada até uma ambulância com as luzes desligadas.

Por um bom tempo depois de encontrá-la eu fiquei parado ao lado do corpo enquanto bebia um daiquiri de morango e olhava para ela, azul e de bruços. Não precisava ser nenhuma Fertility Hollis para saber faz tempo que isso aconteceria. O cabelo preto dela estava aparecendo por fora da bandana vermelha amarrada na

cabeça. Um pouco de baba pingava do canto da boca morta sobre um tijolo. O corpo inteiro dela parecia coberto de pele morta.

O tempo todo dava para adivinhar que isso aconteceria. Um dia acontece com todos nós.

Comportar-me bem não funcionaria mais. Era hora de provocar confusão.

Então, preparei um liquidificador inteiro de daiquiris e chamei a polícia, dizendo para não terem pressa porque ninguém iria a lugar algum.

Aí eu liguei para o agente. A verdade é que sempre tinha alguém para me dizer o que fazer. A igreja. As pessoas para quem trabalho. A assistente social. E eu não suporto a ideia de estar sozinho. Não aguento pensar em ser livre.

O agente me disse para aguardar e dar meu depoimento à polícia. Assim que eu pudesse sair, ele mandaria um carro me pegar. Uma limusine.

Meus adesivos em preto e branco ainda estão por toda a cidade dizendo às pessoas:

Dê a si mesmo, à sua vida, só mais uma chance. Ligue para ser ajudado. E aí meu telefone.

Bem, toda essa gente desesperada estava sozinha agora.

A limusine me levaria ao aeroporto, disse o agente. O avião me levaria para Nova York. Já havia uma equipe em Nova York, gente que nunca havia visto e que sabia do meu caso, escrevendo minha autobiografia. O agente disse que os seis primeiros capítulos seriam enviados para eu recordar a minha infância antes de dar entrevistas.

Falei para o agente que já conhecia minha infância.

Ao telefone, ele disse:

— Esta versão é melhor.

Versão?

— A versão do filme vai ser ainda mais ardente. Quem você quer que seja você? — pergunta o agente.

Eu quero ser eu.

— Quero dizer no filme.

Peço a ele para esperar na linha, por favor. Ser famoso já estava me tirando a liberdade e oferecendo uma programação de decisões e tarefas após tarefas após tarefas. A sensação não é lá grandes coisas, mas é familiar.

Aí a polícia apareceu na porta e depois estava no escritório com a assistente social morta, tirando fotos de diferentes ângulos e pedindo que eu largasse minha bebida para que eles pudessem fazer umas perguntas sobre ontem à noite.

Foi bem aí que eu me tranquei no banheiro e tive o que os livros de psicologia chamariam de uma crise existencial rapidinha.

O homem para quem trabalho ligou do banheiro do restaurante para perguntar da salada de palmito e, basicamente, esse foi o meu dia.

Viver ou morrer?

Saio do banheiro, passo pela polícia e vou direto para o interfone. Para o homem para quem trabalho, digo para usar o garfo de salada. Espetar cada pedaço de palmito. Com os dentes para baixo. Levar o palmito até a boca e sugar o caldo. Depois, colocá-lo no bolso do paletó risca-de-giz da Brooks Brothers.

— Entendi — ele diz. E o meu trabalho nesta casa está terminado.

Seguro o telefone com uma mão e, com a outra, aceno para a polícia colocar mais rum na próxima leva de daiquiris.

O agente me diz para não arrumar mala nenhuma. Em Nova York, uma estilista já está organizando um guarda-roupa de peças religiosas de algodão bem comerciais que querem que eu promova.

Malas me fazem lembrar de hotéis que me lembram lustres, que me lembram desastres, que me lembram Fertility Hollis. Ela é a única coisa que estou deixando para trás. Só Fertility me conhece, embora não muito. Talvez ela conheça o meu futuro, mas não o passado. Ninguém conhece o meu passado.

Com a exceção, talvez, de Adam.

Juntando os dois, eles sabem mais da minha vida que eu mesmo.

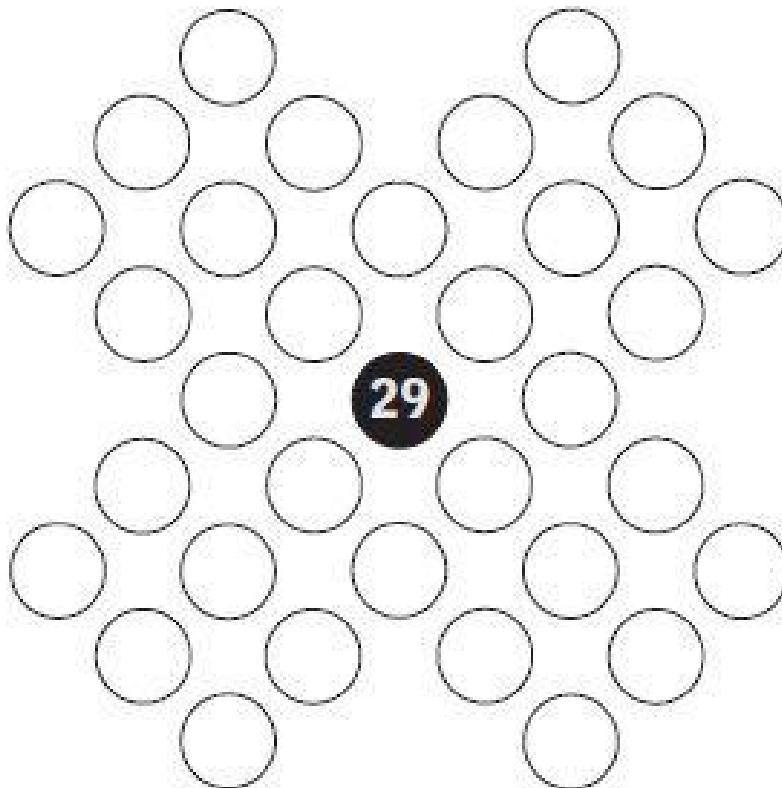
Segundo o meu itinerário, diz o agente, o carro vai chegar em cinco minutos.

É a hora de continuar a viver.

É a hora de me alistar novamente.

Na limusine, tem de ter óculos escuros. Obviamente, eu quero permanecer incógnito. Quero que as poltronas sejam de couro preto e que as janelas tenham vidro fumê. Digo ao agente: quero que haja uma multidão gritando meu nome no aeroporto. Quero mais bebidas. Quero um *personal trainer*. Quero perder dez quilos. Quero que meu cabelo tenha mais volume. Quero que meu nariz seja menor. Dentes renovados. Um furinho no queixo. Maçãs do rosto mais salientes. Quero fazer as unhas e quero um bronzeado.

Tento me lembrar do que mais Fertility não gosta na minha aparência.



Só no meio do caminho até Nebraska é que me lembro de que deixei meu peixinho para trás.

E ele deve estar com fome.

A tradição Crente determina que mesmo os missionários do trabalho devem ter algum animal, um gato, um cachorro, um peixe, para cuidar. Na maioria das vezes, era um peixe. Algo que precisasse que você estivesse em casa à noite. Algo para que você não vivesse sozinho.

O peixe servia para que eu me estabelecesse em um lugar. Segundo a doutrina da colônia da igreja, é por isso que os homens se casam com as mulheres e as mulheres têm filhos. É algo para o qual dedicar a vida.

É maluquice, mas você investe suas emoções nesse minúsculo peixinho dourado, mesmo depois de seiscentos e quarenta peixinhos, e não consegue deixar a coisinha morrer de fome.

Digo à comissária de bordo: eu preciso voltar, enquanto ela tenta se soltar da minha mão, que a segura pelo cotovelo.

Um avião é só um monte de fileiras de pessoas sentadas indo na mesma direção, bem longe do chão. Ir para Nova York é muito parecido com o que eu imaginava que seria ir para o Paraíso.

É tarde demais, diz a comissária. Senhor. Este voo não tem conexões. Talvez depois de desembarcarmos, diz ela, talvez eu possa ligar para alguém. Senhor.

Mas não há ninguém.

Ninguém vai entender.

Nem o senhorio.

Nem a polícia.

A comissária puxa o cotovelo com força. Faz uma cara feia para mim e sobe pelo corredor.

Todas as pessoas para quem eu poderia ligar estão mortas.

Então eu ligo para a única pessoa que pode me ajudar. Para a última pessoa com quem eu gostaria de conversar, e ela atende no primeiro toque.

Uma telefonista pergunta se ela aceita a ligação a cobrar e, em algum lugar a centenas de quilômetros dali, Fertility diz que sim.

Eu digo oi e ela diz oi. Ela não parece nem um pouco surpresa.

— Por que você não estava na catacumba do Trevor hoje? Nós tínhamos um encontro — ela pergunta.

Eu me esqueci, digo. Minha vida inteira é só esquecimento. É a minha habilidade profissional mais valiosa.

É o meu peixinho, eu digo. Ele vai morrer se ninguém o alimentar. Talvez isso não pareça importante para ela, mas aquele peixe é minha vida. Neste momento, aquele peixinho é a única coisa com que me importo, e Fertility precisa ir lá e alimentá-lo, ou, ainda melhor, levá-lo para casa e ficar com ele.

— É — diz ela. — Lógico. Seu peixinho.

Sim. E ele precisa de comida todos os dias. Tem o tipo de comida preferido dele ao lado do aquário, na geladeira, e passo o endereço para ela.

— Divirta-se na sua jornada para se tornar um líder espiritual internacional — ela diz.

Conversamos a uma distância cada vez maior conforme o avião me leva para o oeste. As provas dos capítulos da minha autobiografia estão na poltrona ao meu lado e eles são bem chocantes.

Pergunto: Como ela sabia?

— Eu sei bem mais do que você imagina — ela responde.

Tipo o que, por exemplo? Pergunto: Do que mais ela sabe?

— Do que você tem medo que eu saiba? — Fertility pergunta.

A comissária passa para o outro lado de uma cortina e diz:

— Ele está preocupado com um peixinho dourado — umas mulheres atrás da cortina riem e uma delas diz: — Ele é retardado?

Digo, tanto para as comissárias quanto para Fertility: Acontece que eu sou o último sobrevivente de uma seita religiosa praticamente extinta.

— Que bom para você — diz Fertility.

Digo: E nunca mais vou poder vê-la novamente.

— Tá, tá, tá.

Digo: As pessoas querem que eu esteja em Nova York amanhã. Estão planejando algo grande.

E Fertility diz:

— Lógico que estão.

Digo: Lamento, mas nunca mais vou poder dançar com você.

E Fertility diz:

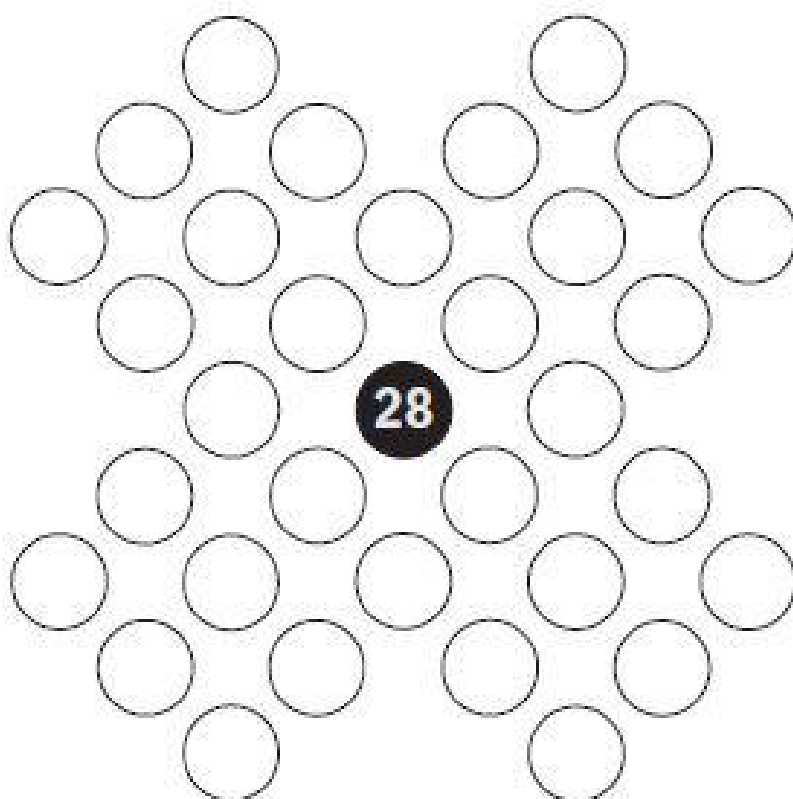
— Você vai, sim.

Já que ela sabe tanta coisa, pergunto: Qual é o nome do meu peixinho?

— Número meia quatro um.

E, milagre dos milagres, ela acertou.

— Não tente esconder seus segredos. Com os sonhos que venho tendo todas as noites, pouca coisa me surpreende — diz ela.



Depois dos primeiros cinquenta lances de escada, o ar não fica nos meus pulmões tempo o suficiente para me ajudar. Meus pés voam à minha frente. Meu coração se debate contra as costelas dentro do peito. O interior da minha boca e a minha língua estão ressecados e grudentos por causa da saliva seca.

Eu estou em uma dessas máquinas de *step* que o agente instalou. Você sobe e sobe eternamente e nunca sai do chão. Você fica preso no quarto de hotel. É a experiência mística da nossa era, o único tipo de missão visionária indiana que cabe na nossa agenda.

Nossa StairMaster para o Paraíso⁷.

Por volta do sexto andar, o suor estica minha camiseta até meus joelhos. O interior dos meus pulmões parece um fio puxado de uma meia de náilon, esticado, repuxado, um rasgo. Nos meus pulmões. Uma ruptura. Do jeito que fica um pneu antes de estourar, é como

estão meus pulmões. Com o mesmo cheiro de quando um aquecedor elétrico ou um secador de cabelos queima uma camada de poeira, é assim que minhas orelhas estão queimando.

Estou fazendo isso porque o agente disse que estou dez quilos acima do peso para ser famoso.

Se o corpo é um templo, dá para acumular bastante manutenção adiada. Se o corpo é um templo, o meu estava muito precisado de uma reforma.

De alguma forma, eu deveria ter previsto isso.

Assim como cada geração reinventa Cristo, o agente está me refazendo. O agente diz que ninguém vai adorar alguém com tantos pneuzinhos. Hoje, as pessoas não lotam estádios para ouvir a pregação de alguém que não seja bonito.

É por isso que não vou a lugar nenhum na velocidade de setecentas calorias por hora.

Por volta do oitavo andar, sinto como se minha bexiga estivesse aninhada entre minhas coxas. Quando você tira o plástico de algo que estava no micro-ondas e o vapor queima seus dedos em um instante, meu hálito está quente nesse nível.

Você sobe e sobe e sobe e não chega a lugar algum. É a ilusão de progresso. O que você quer pensar que é a salvação.

O que as pessoas esquecem é que uma viagem para o nada também começa com um único passo.

Não é como se o grande espírito do coioite viesse até você, mas, por volta do octogésimo primeiro andar, esses pensamentos aleatórios advindos do ozônio ficam na cabeça. Coisas bestas que o agente falou, agora elas fazem sentido. Como a sensação de esfregar com o vapor puro do amoníaco e de remover a pele de frango da grelha da churrasqueira, todas as coisas idiotas do mundo, café descafeinado, cerveja sem álcool, StairMasters, fazem todo o sentido, não porque você está mais inteligente, mas porque a parte inteligente do seu cérebro está de férias. É esse tipo de falso conhecimento, esse tipo de sabedoria de biscoito chinês que você sabe que vai esquecer dez minutos depois de parar de pensar a respeito.

Esses saquinhos de plástico transparente com uma porção de amendoins torrados em mel servidos no avião no lugar de uma refeição de verdade, é o tamanho dos meus pulmões agora. Depois de oitenta e cinco andares, o ar está rarefeito nesse nível. Os braços balançam, os pés pisam fundo a cada passo. Nesse ponto, todos os seus pensamentos são muito profundos.

Do jeito que bolhas se formam em uma panela cheia de água antes da fervura, é como surgem esses lampejos.

Por volta do nonagésimo andar, qualquer pensamento é uma epifania.

Os paradigmas caem por terra a torto e a direito.

Tudo que é mundano se torna uma metáfora poderosa.

O significado mais profundo de tudo está bem na sua cara.

E tudo é tão significativo.

Tudo é tão profundo.

Tão verdadeiro.

Tudo o que o agente vem me dizendo faz todo o sentido. Por exemplo, se Jesus Cristo tivesse morrido na prisão, sem ninguém ver, ninguém para chorar por ele ou torturá-lo, ele teria sido salvo?

Com todo respeito.

Segundo o agente, o diferencial que faz de você um santo é a intensidade da cobertura da imprensa.

Por volta do centésimo andar, tudo fica claro. O universo inteiro, e não é por causa das endorfinas. Depois de passar do centésimo andar, você entra em um estado místico.

Como uma árvore que cai na floresta e ninguém está lá para ouvir, você percebe, se ninguém estivesse testemunhando a agonia de Cristo, ele teria sido salvo?

A chave da salvação é chamar muita atenção. O nível da sua personalidade. Da sua audiência. Da sua exposição. Do seu reconhecimento. Dos seus seguidores na imprensa.

Do falatório.

Por volta do centésimo andar, o suor traça linhas no seu cabelo. A mecânica entediante do funcionamento do corpo fica muito clara, os pulmões sugam ar para levar ao sangue, o coração bombeia sangue para os músculos, os tendões se contraem, apertando-se para

colocar as pernas para a frente, o quadríceps se aperta para colocar os joelhos para a frente. O sangue leva ar e alimento para serem consumidos dentro das mito-sei-lá-o-que no centro de cada célula dos músculos.

O esqueleto só serve para evitar que a pele caia no chão. O suor só serve para manter o corpo resfriado.

As revelações surgem de todos os lados.

Por volta do centésimo quinto andar, você não consegue acreditar que é escravo desse corpo, desse bebezão. Você tem de alimentá-lo e adormecê-lo e levá-lo ao banheiro. Você não consegue acreditar que ainda não inventamos coisa melhor. Algo menos dependente. Que desperdice menos tempo.

Você percebe que as pessoas se drogam porque essa é a única aventura pessoal que lhes resta em um mundo sem tempo, com lei e ordem, delimitado por propriedades.

Só nas drogas ou na morte vamos conhecer novidades, e a morte é muito controladora.

Você percebe que não faz sentido fazer algo se ninguém estiver olhando.

Você pensa, se tivessem aparecido poucas pessoas na crucificação, eles a teriam reagendado?

Você percebe que o agente tinha razão. Você nunca viu um crucifixo com um Jesus que não estivesse quase pelado. Nunca viu um Jesus gordo. Ou um Jesus com cabelo no peito. Em todos os crucifixos que você viu na vida, Jesus parece estar fazendo propaganda de um jeans de marca ou de um perfume masculino.

A vida é bem como disse o agente. Você percebe que, sem ninguém vendo, é mais fácil ficar em casa. Se masturbar. Assistir à TV.

Por volta do centésimo décimo andar, você percebe que, se não estiver sendo filmado, melhor ainda, transmitido por satélite para o mundo inteiro ver, você não existe.

Você é aquela árvore que cai na floresta e ninguém dá a mínima.

Não interessa o que você faz. Se ninguém notar, sua vida vai se resumir a um grande zero. Nada. Uma nulidade.

Falsas ou não, você é invadido por esse tipo de verdades. Você percebe que nossa desconfiança quanto ao futuro dificulta que a gente desista do passado. Não conseguimos deixar de lado o conceito de quem éramos. Todos aqueles adultos que brincam de arqueólogos em brechós, procurando por objetos da infância, jogos de tabuleiro, CandyLand, Twister, eles estão apavorados. Porcarias se tornam relíquias. Mystery Date⁸. Bambolês. Nossa forma de sentir saudade do que jogamos no lixo só porque temos medo de evoluir. Crescer, mudar, perder peso, nos reinventarmos. De nos adaptarmos.

É o que o agente está me dizendo enquanto estou na Stair-Master. Ele grita para mim:

— Adapte-se!

Tudo está acelerado, exceto eu e meu corpo encharcado de suor, com seus movimentos peristálticos e pelos. Minhas pintas e unhas amarelas. E eu percebo que estou preso a esse corpo, e ele já está decadente. Sinto como se minha coluna estivesse sendo forjada a marretadas. Meus braços balançam, finos e molhados, dos dois lados do meu corpo.

Como a mudança é constante, você reflete se as pessoas buscam a morte porque é a única maneira de conseguirem finalizar alguma coisa.

O agente está gritando que, não importa se você é bonito, seu corpo só serve como algo para vestir ao receber um Oscar.

Sua mão só serve para segurar um Prêmio Nobel.

Seus lábios só existem para você dar beijinhos no apresentador de um programa de entrevistas.

E é melhor estar bem bonito.

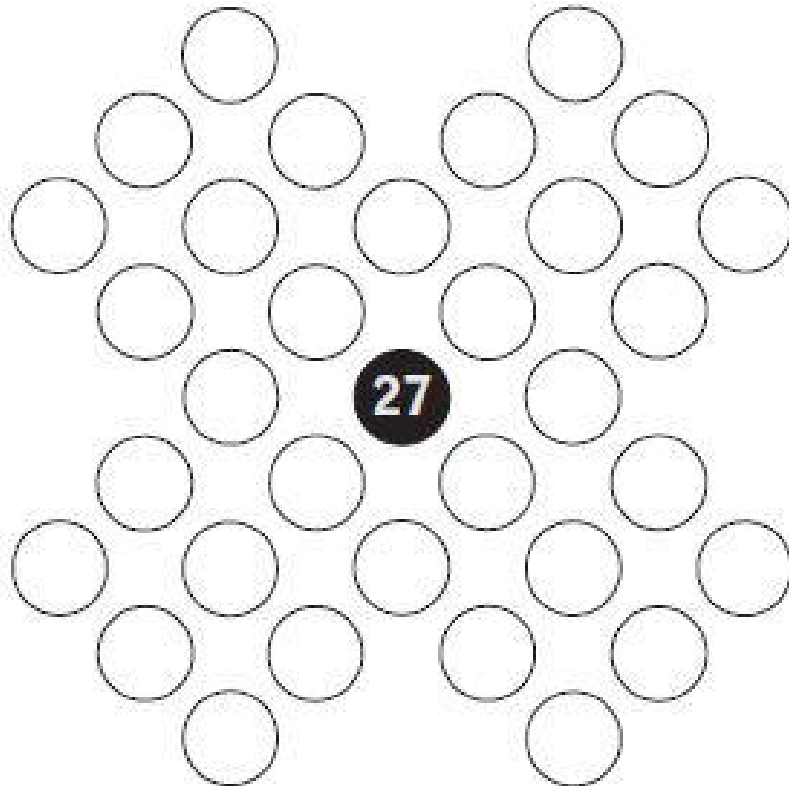
É por volta do centésimo vigésimo andar que você tem de rir. Você vai perder tudo de qualquer maneira. Seu corpo. Você já o está perdendo. É a hora de apostar tudo.

É por isso que, quando o seu agente chega para você com anabolizantes, você diz sim. Você diz sim para as sessões de bronzeamento total. Eletrólise? Sim. Renovação dental? Sim.

Dermoabrasão? Sim. *Peeling* químico? Segundo o agente, o segredo da fama é dizer sim.

[7.](#) Trocadilho com o nome de uma famosa marca de máquinas para exercícios e a música "Stairway to Heaven", do Led Zeppelin. (N. da T.)

[8.](#) Jogo de tabuleiro popular nos EUA. (N. da T.)



É no carro, saindo do aeroporto, que o agente me mostra a cura dele para o câncer. Chama-se ChemoSolv. Teoricamente, ela dissolve o tumor, diz ele, e abre uma pasta para tirar um frasco de remédios controlados cheio de pílulas de cor escura.

Isso foi bem antes de eu conhecer a máquina de subir escadas, no meu primeiro encontro face a face com o agente, na noite em que me pegou no aeroporto em Nova York. Antes de ele me dizer que estou gordo demais para ser famoso. Antes de eu ser um produto a ser lançado. Estava escuro quando meu avião pousou em Nova York. Não é nada demais. Está de noite, tem a mesma lua lá de casa, e o agente é um homem comum parado onde desço do avião, usando óculos e com o cabelo castanho penteado para o lado.

Cumprimentamos-nos. Um carro para no meio-fio e nós entramos. Ele belisca o vinco de cada perna da calça para levantá-la ao entrar no carro. A aparência dele é de algo feito sob medida.

Ele parece eterno e durável. Acabei de conhecê-lo e já me bate a mesma culpa que sinto sempre que compro algo impossível de reciclar.

— Nossa outra cura para o câncer chama-se Oncologic — diz ele e passa outro frasco marrom para mim no banco de trás do carro. É um carro bacana, de couro preto e todo acolchoado. A viagem é ainda melhor do que no avião.

Tem mais pílulas de cor escura dentro do segundo frasco e, colado nele, há um rótulo farmacêutico daqueles que a gente vê por aí. O agente pega outro frasco.

— Esta é uma das nossas curas para a aids. É a mais popular — ele diz, e vai pegando frascos e mais frascos. — Esta é a nossa principal cura para tuberculoses resistentes a antibióticos. Esta é para cirrose hepática. Esta é para Alzheimer. Nevrite múltipla. Mieloma múltiplo. Esclerose múltipla. Rhinovírus — diz ele, ao sacudir cada frasco como um chocalho e depois passá-lo para mim.

ViralSept, diz o rótulo de um frasco.

MaligNon, diz outro rótulo.

CerebralSave.

Kohlercaine.

Palavras sem sentido.

Todos os frascos de plástico marrom têm o mesmo tamanho, com tampas brancas de segurança para crianças e rótulos farmacêuticos da mesma empresa.

O agente veio embrulhado em um terno de lã cinza e está equipado somente com sua pasta. Ele apresenta dois olhos castanhos por trás dos óculos. Uma boca. Unhas limpas. Ele não tem nada de extraordinário, a não ser pelo que está me dizendo.

— Diga o nome de uma doença e nós temos a cura para ela — diz. Ele tira mais um monte de frascos marrons da pasta e os sacode. — Eu trouxe tudo isso para mostrar a você que sou o cara certo.

A cada segundo, o carro adentra mais e mais a escuridão em direção a Nova York. Ao nosso redor, os outros carros nos acompanham no mesmo ritmo. A lua nos acompanha. Digo que fico surpreso que ainda existam tantas doenças no mundo.

— O atraso da tecnologia médica em relação ao *marketing* é uma vergonha. Ora, nós fazemos promoções de vendas há anos. São canecas de brinde para os médicos, anúncios edificantes nas revistas, lançamentos de produtos, mas tudo dá sempre na mesma música de elevador. A pesquisa e o desenvolvimento estão anos atrasados. Os macacos de laboratório ainda morrem como moscas.

As duas fileiras de dentes perfeitos do agente parecem ter sido postas na boca dele por um joalheiro.

As pílulas para aids são parecidas com as pílulas para câncer, que são parecidas com as pílulas para diabetes. Pergunto: Esses negócios não são inventados?

— Não usemos essa palavra, “inventado”. Faz as coisas parecerem tão artificiais — diz o agente.

Mas elas não são de verdade?

— Claro que são — ele responde e toma os dois primeiros frascos das minhas mãos. — São produtos registrados. Temos um inventário de quase quinze mil nomes registrados para produtos que ainda estão em desenvolvimento. E isso inclui você.

— É disso que estou falando — ele afirma.

Ele está desenvolvendo uma cura para o câncer?

— Nós somos uma empresa de *marketing* conceitual *barra* relações públicas — ele responde. — Nosso trabalho é criar o conceito. O medicamento é patenteado. O nome é registrado. Assim que outra organização desenvolve o produto, eles nos procuram. Às vezes por vontade própria, às vezes não.

Pergunto: Por que às vezes não?

— A coisa funciona da seguinte maneira: nós registramos todas as combinações possíveis de palavras, palavras gregas, latinas, inglesas, o que for. Obtemos os direitos legais sobre todas as palavras imagináveis que uma empresa farmacêutica possa usar como nome de um novo produto. Só para diabetes, temos um

inventário de cento e quarenta nomes — ele responde. Ele me entrega umas páginas grampeadas que tirou da pasta em seu colo.

GlucoCure, eu leio.

InsulinEase.

PancreAid. Hemazine. Glucodan. Growdenase. Viro a página e os frascos caem do meu colo, e rolam pelo chão do carro fazendo um barulho de chocalho.

— Se a empresa farmacêutica que conseguir a cura do diabetes quiser usar uma combinação de palavras remotamente relacionadas à doença, terá de pagar os direitos de uso para nós.

Então as pílulas nesses frascos, eu digo, são de açúcar. Abro a tampa de um frasco e ponho um comprimido, vermelho-escuro brilhante, na palma da mão. Passo a língua nele e trata-se de uma pastilha de chocolate. Os outros são cápsulas de gelatina com açúcar dentro.

— São de mentirinha. Protótipos — diz ele.

— O que quero provar é que toda a sua carreira conosco já está encaminhada e que vaticinamos sua chegada há mais de quinze anos — diz ele. — Estou dizendo isso para você ficar tranquilo — diz ele.

Mas a tragédia da igreja da Crendice só aconteceu há dez anos.

E ponho uma pílula, uma Geriamazone laranja, na boca.

— Temos acompanhado você. Assim que o número de sobreviventes da igreja caiu para menos de cem, começamos a campanha. A contagem regressiva da mídia nos últimos seis meses foi trabalho nosso. Mas precisava de uns ajustes. Nada muito específico a princípio, o material estava pronto e era só fazer coisas simples como procurar e substituir, preencher as lacunas, alterações universais e tal, mas estava tudo engatilhado. Só precisávamos de um corpo quente e do nome do sobrevivente. É aí que você entra na história.

Tiro uma dúzia de Inazans de outro frasco e as coloco debaixo da língua até as casquinhas dissolverem. O chocolate derrete.

O agente pega mais folhas impressas e as passa para mim.

Eu leio: Ford Merit.

Mercury Rapture.

Dodge Vignette.

— Temos direitos sobre nomes de carros que não foram projetados, *softwares* que não foram desenvolvidos, curas milagrosas para epidemias que ainda virão a existir, todos os produtos que conseguimos prever — diz ele.

Meus dentes trituram uma doce overdose de Donnadons azuis.

O agente me observa sentado ali e solta um suspiro: — Já chega de calorias vazias — ele diz. — Nosso primeiro grande trabalho é mudar você para encaixá-lo na campanha. Essa é a cor natural do seu cabelo? — ele pergunta.

Despejo um milhão de miligramas de Jodazones na boca.

— Não quero ser indelicado, mas você está uns quinze quilos acima do que precisa estar.

As pílulas falsas eu consigo entender. O que não entendo é como ele planejou uma campanha para algo que nem havia acontecido. Ele não tinha como ter uma campanha toda planejada antes da Libertação.

O agente tira os óculos e os dobra. Ele os coloca na pasta e pega de volta as listas impressas de futuros produtos milagrosos, drogas e carros, e as coloca na pasta. Ele faz um cabo de guerra comigo pelos frascos de pílulas, todos silenciosos e vazios.

— A verdade é que nunca há nada de novo — diz ele.

— Nós já vimos de tudo — diz ele.

— Preste atenção — diz ele.

Em 1653, ele conta, a igreja ortodoxa russa alterou alguns rituais antigos. Foram apenas algumas mudanças na liturgia. Apenas palavras. Um idioma. Em russo, para piorar. Um tal de bispo Nikon introduziu as modificações e também os maneirismos ocidentais que se tornavam populares na vida da corte russa naquela época, e o bispo começou a excomungar todos os que se revoltassem contra essas mudanças.

Depois de procurar no escuro perto dos meus pés, ele pegou os outros frascos de pílulas.

Segundo o agente, os monges que não queriam mudar sua forma de adoração fugiram para mosteiros remotos. As autoridades russas os caçaram e perseguiram. Em 1665, pequenos grupos de monges

começaram a atear fogo no próprio corpo e queimar até a morte. Esses suicídios em grupo no norte da Europa e na Sibéria ocidental continuaram ao longo dos anos 1670. Em 1687, uns dois mil e setecentos monges sequestraram um mosteiro, trancaram-se lá dentro e tacaram fogo em tudo. Em 1688, mais mil e quinhentos “Fiéis à Moda Antiga” se mataram ateando fogo no mosteiro onde haviam se trancado. No fim do século XVII, a estimativa é de que vinte mil monges tenham se matado em vez de se sujeitarem ao governo.

Ele fecha a pasta repentinamente e se inclina para a frente.

— Esses monges russos continuaram a se matar até 1897. Isso o faz lembrar de alguma coisa?

Há Sansão no Antigo Testamento, diz o agente. Há soldados judeus que se mataram em Masada. Há o *harakiri* dos japoneses. O sati dos hindus. A endura dos cátaros durante o século XII na região sul da França. Ele listou grupo após grupo usando os dedos. Havia os estoicos. Havia os epicuros. Havia as tribos de índios da Guiana que se mataram para renascer como homens brancos.

— Mais atual, há o suicídio em massa do People’s Temple em 1978, que deixou novecentos e doze mortos.

A tragédia do Ramo Davidiano em 1993 deixou setenta e seis mortos.

O suicídio e assassinato em massa da Ordem do Templo Solar em 1994 matou cinquenta e três pessoas.

O suicídio de Heaven’s Gate em 1997 matou trinta e nove.

— O lance da igreja da Credence foi só mais um acontecimento cultural — diz ele. — Foi só mais um suicídio em massa previsível em um mundo cheio de grupos separatistas que se arrastam até ser confrontados. Talvez o líder esteja à beira da morte, como no caso do Heaven’s Gate, ou tenham sido desafiados pelo governo, como aconteceu com os monges russos ou com o People’s Temple ou com a igreja da Credence.

— Na verdade, é bem maçante isso de antecipar o futuro com base no passado. Poderíamos ser uma empresa de seguros. No entanto, é nosso trabalho fazer que uma seita suicida pareça uma novidade emocionante toda vez que houver uma.

Depois de conhecer Fertility, imagino se sou a última pessoa no mundo que é pega de surpresa. Fertility, com seus sonhos de desastres, e esse cara, com sua barba bem-feita e sua história em eterna repetição, são duas ervilhas na mesma vagem enfadonha.

— A realidade significa viver até morrer — diz o agente. — A grande verdade é que ninguém quer a realidade.

O agente fecha os olhos e aperta a palma da mão contra a testa: — A verdade é que a igreja da Crendice não tinha nada de especial. Ela foi fundada por um grupo separatista de mileritas em 1860 durante o Grande Despertar, um período no qual os religiosos dissidentes fundaram mais de cinquenta comunidades utópicas só na Califórnia.

Ele abre um dos olhos e aponta um dedo para mim.

— Você tem alguma coisa. Um animal de estimação, um pássaro ou um peixe.

Pergunto como ele sabe disso, do meu peixe.

— Não é certo, mas é provável. Em 1939, os Crentes concederam aos missionários o que era conhecido como Privilégio do Mascote, o direito de ter um animal de estimação. Foi no ano em que uma mulher Crente roubou um bebê da família para a qual trabalhava. Ter um mascote teoricamente servia para sublimar a necessidade de cuidar de um ser dependente.

Uma Crente roubou o filho de alguém.

— Em Birmingham, Alabama. Lógico que ela se matou assim que foi descoberta.

Pergunto o que mais ele sabe.

— Você tem problemas com a masturbação.

Digo: Essa é fácil. Ele leu no meu registro do Amparo aos Sobreviventes.

— Não. Felizmente para todos nós, os registros dos clientes da sua assistente social sumiram. Nada que dissermos a seu respeito será contestado. E, antes que eu me esqueça, tiramos seis anos da sua vida. Se alguém perguntar, você tem vinte e sete anos.

Então como ele sabe tanto sobre meu, você sabe, sobre mim?

— Sua masturbação?

Meus crimes de Onã.

— Ao que parece, todos os missionários tinham problemas com a masturbação.

Se ele soubesse... Em algum lugar no meu histórico está registrado que sou um exibicionista, um bipolar, um misofóbico, um ladrão etc. Em algum lugar naquela noite atrás de nós, a assistente social conta meus segredos para a cova. Em algum lugar muito distante, está o meu irmão.

Já que ele é um especialista, pergunto ao agente se já assassinaram alguém que deveria ter se matado mas não o fez. Nessas outras religiões, alguém já saiu por aí matando os sobreviventes?

— No caso do People's Temple, alguns sobreviventes foram assassinados de maneira inexplicável. E na Ordem do Templo Solar também. Foram os problemas do governo canadense com o Templo Solar que desencadearam nosso Programa de Amparo aos Sobreviventes. No Templo Solar, pequenos grupos de seguidores franceses e canadenses foram se suicidando e matando uns os outros por anos depois da tragédia original. Eles chamavam os assassinatos de "Despedidas".

— Os integrantes do Templo Solar explodiam a si mesmo ainda vivos usando gasolina e gás propano, acreditando que isso os levaria diretamente para a vida eterna na estrela Sírius — ele conta e aponta para o céu da noite. — Em comparação a isso, a confusão dos Crentes foi uma moleza.

Pergunto: Ele previu algo relacionado a um sobrevivente da igreja perseguir e matar os Crentes que sobraram?

— Outro sobrevivente da igreja além de você? — pergunta o agente.

É.

— Matando as pessoas, você diz?

É.

Enquanto olha para as luzes de Nova York que passam pelo nosso carro, o agente pergunta:

— Um Crente assassino? Meu Deus, espero que não.

Enquanto olho para as mesmas luzes por trás do vidro fumê em direção à estrela Sírius, atravessando meu próprio reflexo com

chocolate espalhado ao redor da boca, digo: É, eu também.

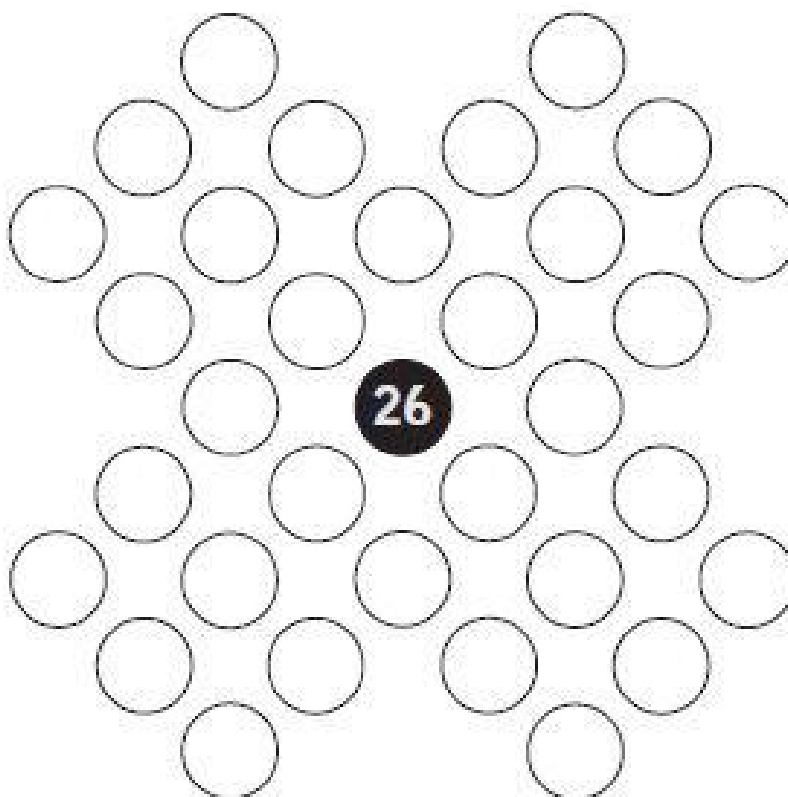
— Toda a nossa campanha tem como base que você é o último sobrevivente. Se houver outro Crente vivo no mundo, você está desperdiçando meu tempo. A campanha inteira vai para a cucuia. Se você não for o único Crente vivo do mundo, não vale nada para nós.

Ele abre somente uma brecha na pasta e tira um frasco marrom.

— Pronto, tome alguns Serenadons. São o melhor ansiolítico jamais inventado.

Só que o remédio não existe ainda.

— Basta fingir e o placebo faz efeito — diz ele e põe dois comprimidos na minha mão.



As pessoas vão dizer que foram os esteroides que me deixaram maluco.

O Durateston 250.

As pílulas abortivas Mifepristone, da França.

O Plenastril, da Suíça.

O Masterone, de Portugal.

Esses são esteroides de verdade e não apenas nomes registrados de futuros medicamentos. Esses são injetáveis, em comprimidos, em emplastos.

As pessoas vão ter certeza de que os esteroides é que me levaram a isso, a ser este sequestrador de aviões maluco que sobrevoa o mundo até se matar. Como se as pessoas tivessem ideia do que é ser um líder espiritual famoso e renomado. Como se alguma dessas pessoas já não estivesse procurando um novo guru para dar significado ao seu estilo de vida enfadonho e sem riscos,

enquanto assistem às notícias na TV e me julgam. Todo mundo procura por isso, uma mão para segurar. Apoio. A promessa de que tudo vai ficar bem. Era tudo o que queriam de mim. De mim, o estressado, o desesperado, o renomado aqui. O pressionado. Nenhuma dessas pessoas sabe o mínimo sobre ser grande e glamoroso, grande e carismático, um grande exemplo de vida.

Por volta do andar número 130, você começa a delirar, a desvairar, a falar bobagens, a dizer coisas sem sentido.

Não que alguém além da Fertility saiba o tamanho do esforço diário que fiz para chegar a este ponto.

Imagine como você se sentiria se sua vida fosse reduzida a um trabalho que você odeia.

Não, todo mundo acha que a vida inteira deveria ser tão divertida quanto a masturbação.

Eu queria ver essa gente pelo menos tentar viver fora dos quartos de hotel e conseguir comer comida saudável e ser minimamente convincente ao fingir sentir uma paz interior profunda e uma unicidade com Deus.

Quando você fica famoso, o jantar não é mais comida, mas sim um combustível de meio quilo de proteína, um quilo de carboidratos, nada de sal, gordura, açúcar. Essa é a refeição para cada duas horas, seis vezes ao dia. Comer já não se trata mais de comer. Trata-se de assimilar proteínas.

Trata-se de cremes de rejuvenescimento celular. A higiene se torna esfoliar. O que antes era respiração agora é tomar fôlego.

Eu seria o primeiro a parabenizar quem mais bem fingisse ter uma beleza perfeita e oferecer mensagens vagas e inspiradoras:

Acalme-se. Todo mundo respirando fundo. A vida é boa. Seja justo e generoso. Seja o amor.

Até parece.

Na maioria dos casos, essas mensagens e crenças profundas vêm direto das mãos da equipe de redação para as minhas trinta segundos antes de subir no palco. Era por isso que eu abria com uma prece silenciosa. Para ter um minuto para abaixar o olhar no palanque e ler meu roteiro.

Cinco minutos se passam. Dez minutos. Os quatrocentos miligramas de Deca-Durabolin e cipionato de testosterona que você injetou ainda são somente uma pequena protuberância na pele da sua nádega. Os quinze mil fiéis pagantes estão ajoelhados diante de você de cabeça baixa. Como uma ambulância que passa zunindo por uma rua silenciosa, é a sensação dessa química na minha corrente sanguínea.

Comecei a usar roupas litúrgicas no palco porque, com tanto Equipoise no seu sistema, você passa metade do tempo de pau duro.

Quinze minutos se passam e toda essa gente está de joelhos.

Quando você estiver pronto, basta falar a palavra mágica.

Amém.

E aí o espetáculo começa.

— Vocês são os filhos da paz em um universo de vida eterna e de uma abundância ilimitada de amor e bem-estar, blá-blá-blá. Vão em paz.

De onde a equipe de redação tira essas coisas, eu não sei. Nem vamos falar dos milagres que fiz em rede nacional de TV. Meu milagre do intervalo do Super Bowl. Todas as tragédias que previ, as vidas que salvei.

Você conhece o ditado: não se trata *do que* você sabe.

Trata-se *de quem* você conhece.

O pessoal acha muito simples ser eu e aparecer diante das pessoas em um estádio e orientá-las nas preces, e depois apertar os cintos do jato que me leva para outro estádio em uma hora, sempre mantendo uma fachada vibrante e saudável. Não, mas essa gente ainda chama você de louco por sequestrar um avião. As pessoas não sabem nada sobre vitalidade saudável dinâmica e vibrante.

Vamos ver se elas vão achar alguma sobra minha para fazer a autópsia. Ninguém tem nada com isso se meu fígado está debilitado ou se meu baço e minha vesícula estão enormes por causa do hormônio do crescimento. Como se elas também não fossem injetar coisas extraídas das glândulas pituitárias de

cadáveres se achassem que ficariam tão bonitas quanto eu estava na TV.

O risco de ser famoso é ter de tomar levotiroxina sódica para emagrecer. Sim, é preciso se preocupar com o sistema nervoso central. Tem a insônia. O metabolismo fica descontrolado. O coração palpita. Você sua. Fica nervoso o tempo todo, mas o seu visual fica fantástico.

Apenas lembre-se de que o seu coração só bate para você ser um convidado frequente dos jantares na Casa Branca.

Seu sistema nervoso central só serve para você se apresentar à Assembleia Geral das Nações Unidas.

Anfetamina é a droga mais americana. Você faz tantas coisas. Sua aparência fica ótima e seu sobrenome é Realização.

— Seu corpo inteiro serve de modelo para a sua marca de roupas esportivas! — grita o agente.

Sua tireoide estanca a produção natural de tiroxina.

Mas você ainda parece ótimo. E está, você é o Sonho Americano. Você é a economia em constante crescimento.

Segundo o agente, essas pessoas que buscam um líder desejam vibração. Desejam grandiosidade. Desejam dinamismo. Ninguém deseja um deus magricelo. Elas desejam um abismo de quinze centímetros entre a largura do peito e a da cintura. Peitorais grandes. Pernas longas. Queixo furado. Panturrilhas bojudas.

Elas desejam alguém que vá além do humano.

Elas desejam algo grandioso.

Ninguém deseja apenas o anatomicamente correto.

As pessoas querem o aprimoramento anatômico. O cirurgicamente aumentado. O novo e melhorado. Implantado com silicone. Injetado com colágeno.

Só para constar, depois do primeiro ciclo de três meses de Deca-Durabolin, eu não conseguia me esticar para amarrar os cadarços. Meus braços estavam enormes nesse nível. Sem problemas, diz o agente, e contrata alguém para amarrar os cadarços de todos os meus sapatos.

Depois de dezessete semanas tomando Metahapoctehosich fabricado na Rússia, meu cabelo caiu e o agente me deu uma

peruca.

— Nós temos que chegar a um meio-termo. Ninguém quer louvar um Deus que amarra os próprios sapatos — diz o agente.

Ninguém vai adorar você se os seus problemas, mau hálito, cabelo desgrenhado e unhas malcuidadas forem os mesmos de uma pessoa normal. Você tem de ser o que as pessoas normais não são. Onde elas fracassam, você tem de prosperar. Ser o que as pessoas têm medo de ser. Tornar-se a pessoa que elas admiram.

As pessoas que compram um messias querem qualidade. Ninguém vai seguir um fracassado. Quando se trata de escolher um salvador, ninguém se contenta com um ser humano.

— Uma peruca é melhor para você — disse o agente. — Ela tem uma perfeição consistente na qual podemos confiar. Ao sair dos helicópteros, sob os holofotes, a cada minuto em público, não dá para controlar a aparência de um cabelo de verdade.

Como o agente me explicou, esse plano foi afirmando que nosso público-alvo não é composto das pessoas mais inteligentes do mundo, mas sim da maioria.

— De agora em diante, pense em si mesmo como um novo refrigerante *diet* — disse ele.

— Pense nesses jovens por aí que se debatem com religiões ultrapassadas ou que não têm religião, pense nessa gente como o seu público-alvo — disse ele.

As pessoas buscam uma forma de juntar tudo. Elas precisam de uma teoria de campo unificada que combine *glamour* e santidade, moda e espiritualidade. As pessoas precisam conciliar bondade com beleza.

Depois de dias e dias sem ingerir nada sólido, dormindo pouco, subindo milhares de degraus e ouvindo o agente me contar sem parar suas ideias aos berros, tudo isso faz todo sentido.

A equipe musical estava ocupada redigindo louvores antes que eu tivesse assinado um contrato. A equipe de redação perdia o sono com a minha autobiografia. A equipe de mídia cuidava dos comunicados à imprensa, dos contratos de licenciamento de produtos, do espetáculo de patinação "A Tragédia Mortal da Crendice on Ice", das transmissões por satélite, das sessões de

bronzamento. A equipe de imagem controlava a minha aparência. A equipe de redação controlava todas as palavras que me saíam da boca.

Para encobrir a acne causada pelos ciclos de Laurabolín, comecei a usar maquiagem. Para curar a acne, alguém da equipe de apoio me arrumou uma receita de Roacutan.

Para a queda de cabelo, a equipe de apoio borrifava Rogaine na minha cabeça.

Tudo o que fizemos para me corrigir tinha efeitos colaterais que tínhamos de corrigir. Aí as correções tinham efeitos colaterais que tinham de ser corrigidos, e por aí vai.

Imagine um conto de fadas no qual o herói se olha no espelho e quem o encara de volta é um completo desconhecido. Cada palavra dita por ele é escrita por uma equipe de profissionais. Tudo o que ele veste é escolhido ou criado por uma equipe de estilistas.

Cada minuto de cada dia é planejado pela assessora de imprensa.

Acho que agora dá para sacar a situação.

Além disso, o herói injeta medicamentos que só podem ser comprados na Suécia ou no México, e ele não consegue ver além do próprio peitoral inchado. Ele está bronzado e barbeado e usa uma peruca e uma agenda, porque as pessoas em Tucson, as pessoas em Seattle ou Chicago ou Baton Rouge não querem um representante com as costas peludas.

Por volta do ducentésimo andar você chega ao ápice.

Você está anaeróbico e queima músculo em vez de gordura, mas sua mente está cristalina.

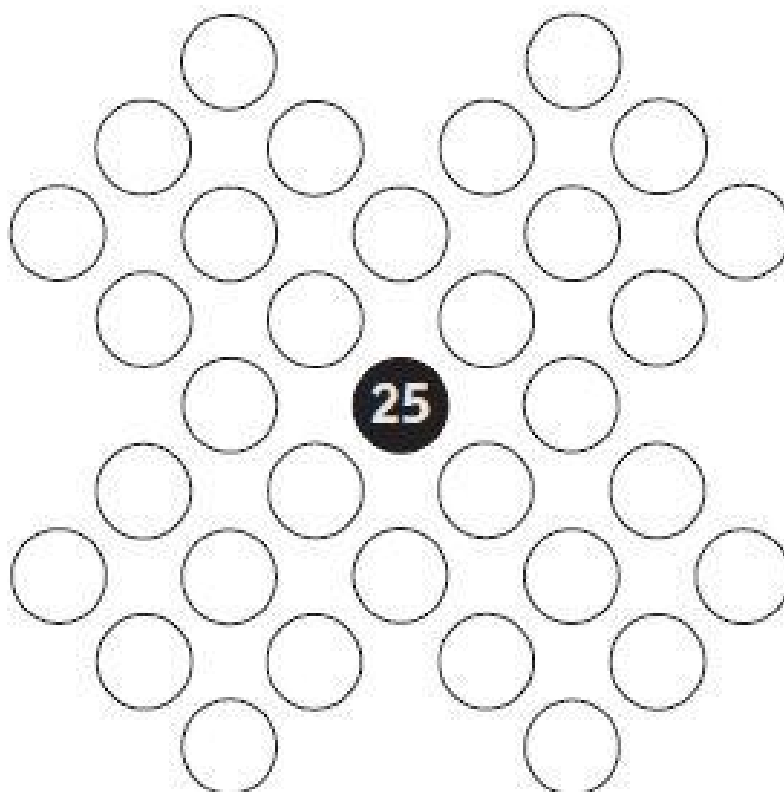
A verdade é que tudo faz parte do processo de suicídio. Afinal, o bronzamento e os esteroides só se tornam um problema se seu plano for viver muito tempo.

Afinal, a única diferença entre o suicídio e o martírio é a intensidade da cobertura da imprensa.

Se uma árvore cai na floresta e ninguém está lá para ouvir, ela não fica lá e apodrece?

E se Cristo tivesse morrido por overdose, sozinho no chão de um banheiro, Ele estaria no Paraíso?

A questão não era se eu me mataria ou não. Tudo isso, esse esforço, esse dinheiro e esse tempo, a equipe de redação, os medicamentos, a dieta, o agente, os lances de escada que não levavam a lugar algum, tudo isso era só para eu acabar com a minha vida diante do olhar atento de todos.



Desta vez, o agente perguntou como eu me via dali a cinco anos.

Morto, respondi. Me vejo morto e apodrecendo. Ou em cinzas, eu consigo me ver reduzido a cinzas.

Eu tinha uma arma carregada no bolso, lembro-me. Estávamos só nós dois no fundo de um auditório lotado e escuro. Eu me lembro de que era a noite da minha primeira grande aparição pública.

Eu me vejo morto e no Inferno, eu disse.

Eu me lembro de que planejava me matar naquela noite.

Eu disse ao agente: eu acho que passaria meus primeiros mil anos no Inferno como um aprendiz, mas depois desse período ia querer chegar à gerência. Trabalhar bem em equipe. O Inferno veria um enorme crescimento da sua fatia de mercado no próximo milênio. Eu queria estar na vanguarda.

O agente disse que era uma ideia bem realista.

Nós estávamos fumando cigarros, eu me lembro. Lá no palco, um sacerdote estava fazendo o *show* de abertura. Parte desse aquecimento servia para deixar a plateia hiperventilada. Basta cantar bem alto. Ou recitar. Segundo o agente, quando as pessoas gritam desse jeito ou dão graças a plenos pulmões, elas respiram demais. O sangue das pessoas deve ser ácido. Quando elas hiperventilam, o nível de dióxido de carbono no sangue delas cai e o sangue fica alcalino.

— Alcalose respiratória — diz ele.

As pessoas ficam tontas. Caem no chão com um zumbido nos ouvidos, os dedos ficam dormentes, sentem dores no peito, suam. Teoricamente, isso deveria ser o arrebatamento. As pessoas vão ao chão com as mãos retesadas como garras.

Isso é que deveria ser o êxtase.

— As pessoas no mercado religioso chamam isso de “virar lagosta”. Chamam de “falar em línguas”.

Movimentos repetitivos ampliam o efeito, e o *show* de abertura no palco faz o trabalho de sempre. A plateia bate palmas em uníssonos. Longas fileiras de pessoas dão-se as mãos e balançam juntas em delírio. As pessoas fazem aquele gesto de arco-íris.

Quem quer que tenha inventado essa coreografia, diz o agente, deve ser o chefe do Inferno.

Lembro-me de que o patrocinador era a Limonada Instantânea Tradicional SummerTime.

Minha deixa é a chamada para o palco, minha parte do *show* é enfeitiçar todo mundo.

— Um estado de transe natural — diz o agente.

Ele tira um frasco marrom do bolso do paletó: — Tome uns Endorphinols se ficar emocionado — diz o agente.

Digo a ele para me dar logo um monte.

Para preparar esta noite, os funcionários da equipe visitaram pessoas e distribuíram entradas gratuitas. O agente está me contando isso pela centésima vez. Os funcionários pedem para usar o banheiro durante a visita e anotam tudo o que encontram na gaveta de remédios. Segundo o agente, o reverendo Jim Jones fez isso e funcionou como um milagre para o People’s Temple.

“Milagre” provavelmente não é a palavra certa.

No púlpito há uma lista de pessoas que nunca vi e suas respectivas doenças.

Sr. Steven Brandon, eu tenho de chamar. Venha e receba o toque de Deus nos seus rins debilitados.

Sr. William Doxy, venha e ponha seu coração estropiado na mão de Deus.

Parte do meu treinamento foi sobre como pressionar os dedos nos olhos de alguém fundo e rápido o suficiente para que a pressão seja registrada pelo nervo óptico como um clarão de luz branca.

— Luz divina — diz o agente.

Parte do meu treinamento foi sobre como pressionar as mãos nas orelhas de alguém forte o suficiente para causar um zumbido que eu diria que é o Om eterno.

— Entre — diz o agente.

Eu perdi minha deixa.

No palco, o sacerdote da abertura grita por Tender Branson no microfone. O único, o maior, o último sobrevivente, o grande Tender Branson.

— Espere — diz o agente. Ele tira o cigarro da minha boca e me empurra corredor acima. — Agora vá — diz ele.

Todos os braços se esticam pelo corredor para me tocar. Os holofotes no palco diante de mim brilham muito. Na escuridão ao meu redor, há o sorriso de mil pessoas em delírio que pensam que me amam. Só o que preciso fazer é caminhar até os holofotes.

Isso é morrer sem se preocupar com controle.

A arma é pesada e bate no meu quadril dentro do bolso da calça.

Isso é ter uma família sem ter parentes. Ter relacionamentos sem laços.

No palco, os holofotes estão mornos.

Isso é ser amado sem o risco da reciprocidade.

Eu me lembro de que esse era o momento perfeito para morrer.

Não era o Paraíso, mas foi o mais perto disso que consegui chegar.

Levantei os braços e as pessoas aplaudiram. Abaixei os braços e elas se calaram. O roteiro estava no palanque para que eu lesse. A

lista datilografada me informava quem na escuridão sofria de quê.

O sangue de todo mundo estava alcalino. O coração de todo mundo estava à disposição. Era assim que eu me sentia quando roubava. Era assim que me sentia ao ouvir as confissões na minha linha de emergência. Era assim que imaginava que fosse o sexo.

Com Fertility em mente, comecei a ler o roteiro:

Todos nós somos produtos divinos da criação.

Cada um de nós é um fragmento que compõe algo completo e maravilhoso.

A cada pausa minha, as pessoas prendiam a respiração.

A dádiva da vida, eu leio no roteiro, é valiosa.

Coloco a mão na arma carregada de balas no meu bolso.

A dádiva valiosa da vida deve ser preservada, não importa o quão dolorosa e sem sentido ela pareça. A paz, eu disse a eles, é uma dádiva tão perfeita que somente Deus pode concedê-la. Eu disse às pessoas: somente os filhos mais egoístas de Deus poderiam roubar a maior dádiva Dele, a única dádiva maior do que a vida. A dádiva da morte.

Essa lição é para os assassinos, eu disse. É para os suicidas. É para aqueles que praticam o aborto. É para os agonizantes e os enfermos.

Somente Deus tem o direito de surpreender Seus filhos com a morte.

Eu não fazia ideia do que ia dizer até ser tarde demais. E talvez tenha sido coincidência, ou talvez o agente soubesse o que eu tinha em mente quando lhe pedi uma arma e algumas balas, mas o que aconteceu foi que o roteiro acabou com meus planos. Não tinha como eu ler isso e depois me matar. Seria absurdamente idiota.

Então não me matei.

O resto da noite correu conforme o planejado. As pessoas voltaram para casa sentindo que haviam sido salvas, e eu disse a mim mesmo que me mataria outra hora. O momento era ruim. Eu procrastinei e o momento era essencial.

Além do mais, a eternidade seria tipo para todo o sempre.

Com a multidão de pessoas que sorriam para mim na escuridão, eu, que passei a vida limpando banheiros e aparando gramados,

disse a mim mesmo: por que apressar as coisas?

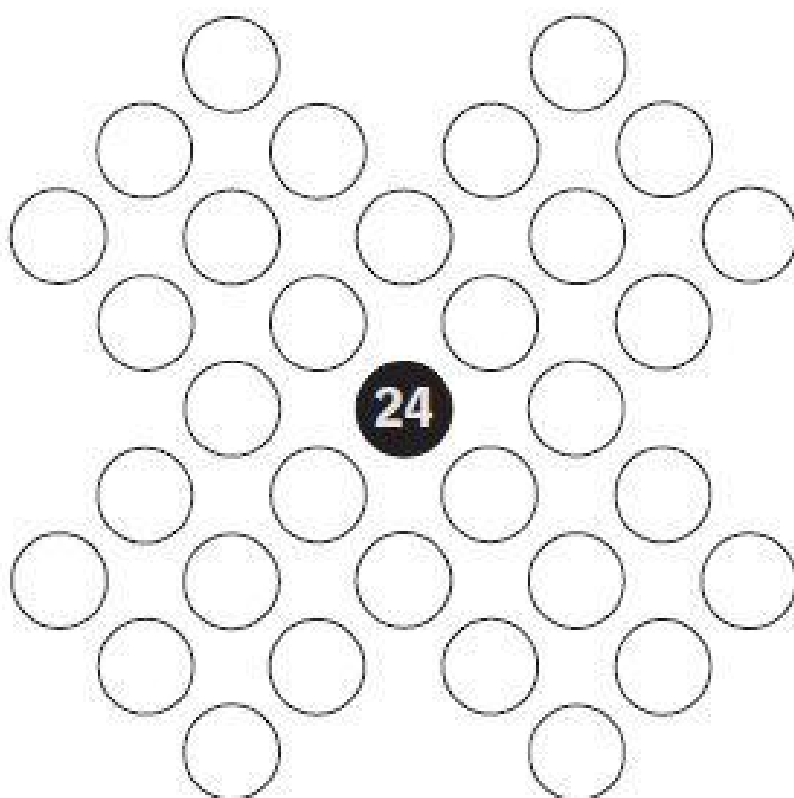
Eu retrocedi antes, podia retroceder agora. A prática leva à perfeição.

Se é que dá pra falar nesses termos.

Eu pensei: uns pecados a mais poderiam me ajudar a completar meu currículo.

Esse é o lado positivo de já ter sido condenado por toda a eternidade.

Eu pensei: O Inferno pode esperar.



Antes que esse avião caia, antes que a fita do gravador de voo acabe, eu quero me desculpar pelo *Livro das preces casuais*.

As pessoas precisam saber que a ideia do *Livro das preces casuais* não foi minha. Sim, ele vendeu duzentos milhões de cópias no mundo inteiro. É verdade. Eu deixei que me creditassem como autor, mas o livro é obra do agente. Antes disso, o livro foi invenção de algum zé-ninguém na equipe de redação. Algum redator que queria subir na carreira, eu esqueci quem.

O importante é que o livro não foi ideia minha.

O que aconteceu foi que, um dia, o agente chegou para mim com aquela fagulha nos olhos castanhos que significava uma proposta. Segundo minha assessora de imprensa, meus livros vendem muito. Isso depois daquela linha de Bíblias que eu autografei nas livrarias. Tínhamos um enorme espaço garantido nas prateleiras das livrarias, e eu estava em turnê.

— Não espere que uma turnê de livro seja divertida — me diz o agente.

O problema das sessões de autógrafos, diz o agente, é que elas são iguais ao último dia de escola, quando todo mundo quer que você assine o anuário, sendo que a turnê de um livro pode continuar pelo resto da vida.

Segundo meu itinerário, estou em um depósito em Denver autografando a mercadoria quando o agente me fala da ideia de um livrinho de meditação para as pessoas usarem no dia a dia. Ele imagina uma brochura de pequenos poemas em prosa com no máximo cinquenta páginas. Pequenas homenagens ao meio ambiente, às crianças, coisas garantidas. Mães. Pandas. Assuntos que não incomodam ninguém. Problemas comuns. Colocamos meu nome na lombada, dizemos que eu o escrevi e damos bastante destaque ao produto.

As pessoas também precisam saber que não vi o livro pronto antes da segunda edição, depois de ter vendido mais de cinquenta mil cópias. As pessoas já estavam meio putas, mas toda a confusão só fez aumentar as vendas.

O que aconteceu foi que, um dia, eu estava no camarim, aguardando para entrar em um projeto de programa de TV. Estou me adiantando bastante, para depois da minha turnê da Bíblia. A ideia aqui era de que, se eu aparecesse no programa e a audiência subisse, eu teria meu próprio programa. Aí eu estava no camarim trocando segredos sobre cuidados com os pés com alguém, a atriz Wendi Daniels ou sei lá quem, e ela me pede para autografar o livro dela. O *Livro das preces casuais*. Foi a primeira vez que vi o livro, eu juro com a mão sobre uma pilha das minhas próprias Bíblias autografadas, eu juro.

Segundo Wendi Daniels, dava para diminuir o inchaço das olheiras usando pomada para hemorroidas.

Aí ela me entregou o livro, o *Livro das preces casuais*, e meu nome estava bem ali, na lombada. Eu, eu, eu. Aqui estou eu.

Lá dentro estavam as orações que as pessoas acham que eu escrevi:

Prece para Prolongar o Orgasmo

Prece para Perder Peso

A emoção, a sensação que um animal de laboratório tem ao ser triturado para servir de salsicha, eu fiquei ferido nesse nível.

Prece para Parar de Fumar

Pai Santíssimo,

Tirai de mim a escolha que me destes.

Retomai o controle da minha vontade e dos meus hábitos.

Arrancai de mim o poder sobre meu comportamento.

Que minhas atitudes sejam Vossa decisão.

Que meus fracassos venham das Vossas mãos.

Então, se eu continuar a fumar, que eu possa aceitar que Vossa vontade é que

Assim seja.

Amém.

Prece para Remover Manchas de Mofo

Prece para Evitar a Queda de Cabelo

Deus do supremo talento doméstico,

Pastor do Vosso rebanho,

Como Vós socorreis no menor dos Vossos fardos,

Como Vós salvais a mais perdida de Vossas ovelhas

Restaurai-me à amplitude total da minha glória.

Preservai-me a recordação da minha juventude.

Toda a Criação cabe a Vós prover.

Toda a Criação cabe a Vós manter.

Deus de bondade infinita,

Considerai meu sofrimento.

Amém.

Prece para Induzir a Ereção

Prece para Manter a Ereção

Prece para Silenciar Cães que Latem

Prece para Silenciar Alarmes de Carro

Eu me senti tão mal com tudo isso que fiquei com uma aparência péssima na TV. Meu próprio programa de TV, bem, eu tive que dar tchauzinho para ele. Um minuto depois que saímos do ar, eu estava

fazendo um interurbano desesperado para o agente em Nova York. Do meu lado da conversa só havia fúria.

Ele só se importava com o dinheiro.

— O que é uma prece? — pergunta ele. — É um sortilégio — ele diz e grita comigo ao telefone. — É uma maneira pela qual as pessoas concentram energia em torno de uma necessidade específica. As pessoas precisam ter clareza quanto a uma única intenção e realizá-la.

Prece para Evitar Multas de Trânsito

Prece para Cessar Vazamentos

— As pessoas rezam para resolver problemas e esses aí são os problemas mais sinceros delas — o agente continua gritando comigo.

Prece para Hipersensibilidade Vaginal

— Uma prece é uma forma de fazer o mundo girar — diz ele. O coração dele é de pedra mesmo. — Você ora para que suas necessidades sejam reconhecidas.

Prece para Ruídos Estranhos do Carro

Prece para Encontrar uma Vaga no Estacionamento

Ó divino e piedoso Deus

Ninguém na história jamais Vos adorará como eu

Se Vós me oferecerdes hoje uma vaga para estacionar.

Pois Vós sois o provedor.

E Vós sois a origem.

Vós concedeis todo o bem.

Em Vós tudo é encontrado.

Sob Vosso cuidado, eu encontro descanso.

Sob Vossa orientação, eu encontro paz.

Para parar, descansar, paralisar, estacionar.

Vós podeis me conceder. É o que peço.

Amém.

Já que estou prestes a morrer aqui, as pessoas precisam saber que minha intenção sempre foi servir à glória de Deus. Mais ou menos. Não que isso esteja na nossa declaração de missão, mas era o meu plano, em linhas gerais. Eu quero pelo menos fazer um

esforço. Esse novo livro simplesmente não parecia ser muito religioso. Nem um pouco devoto.

Prece para Evitar Sudorese Excessiva nas Axilas

Prece para Conseguir uma Segunda Entrevista

Prece para Achar uma Lente de Contato Perdida

Ainda assim, até Fertility diz que estou exagerando sobre o livro. Ela queria que houvesse um segundo volume.

Foi ela quem falou que, em alguns estádios, quando estou diante de todos e louvo a Deus, sou como aquelas pessoas que usam roupas com estampas do Mickey ou da Coca-Cola. Quero dizer, é tão fácil. Não chega nem a ser uma escolha. Não tem como errar. Fertility diz que louvar a Deus é algo bem seguro. Você não precisa nem refletir a respeito.

— Sede fecundo e multiplicai-vos — Fertility diz para mim. — Glória a Deus. Não há riscos. Nós fomos programados para fazer isso.

O que salvou o *Livro das preces casuais* foi que as pessoas usavam todas as orações. Algumas estavam putas, especialmente o povo religioso que odiava a concorrência, mas àquela altura o nosso fluxo de caixa diminuiu. Nosso lucro estava se estabilizando. Era a saturação do mercado. As pessoas haviam decorado as orações. Elas ficavam presas no trânsito recitando a *Prece para Fazer o Trânsito Andar*. Os homens recitavam a *Prece para Prolongar o Orgasmo* e funcionava tão bem quanto uma tabuada. Minha melhor escolha parecia ser ficar calado e sorrir.

Além disso, a quantidade de pessoas presentes nas minhas aparições estava caindo, e isso parecia ser o começo do fim. Já fazia três meses que eu tinha saído na capa da *People*.

E não existe Recolocação de Celebidades.

Você não vê estrelas de cinema ultrapassadas ou coisa do tipo voltarem à faculdade para se renovar. A única alternativa para mim era o circuito dos *game shows* da TV, e não sou tão inteligente assim.

Eu cheguei ao ápice e, em relação ao momento, parecia ser uma boa hora para me suicidar, e eu quase me matei. As pílulas estavam

na minha mão. Cheguei perto disso. Meu plano era ter uma overdose de metatestosterona.

Aí o agente liga e grita bem alto, como um milhão de cristãos gritando meu nome em Kansas City, é esse nível de empolgação que a voz dele demonstra.

Ao telefone, no meu quarto de hotel, o agente me fala sobre o melhor compromisso da minha carreira. É na semana seguinte. Um segmento de trinta segundos entre um comercial de tênis e outro de um restaurante mexicano, no horário nobre e durante a semana de avaliação de audiência.

Fico impressionado ao lembrar que os comprimidos estavam quase na minha boca.

A coisa já não está mais tão chata.

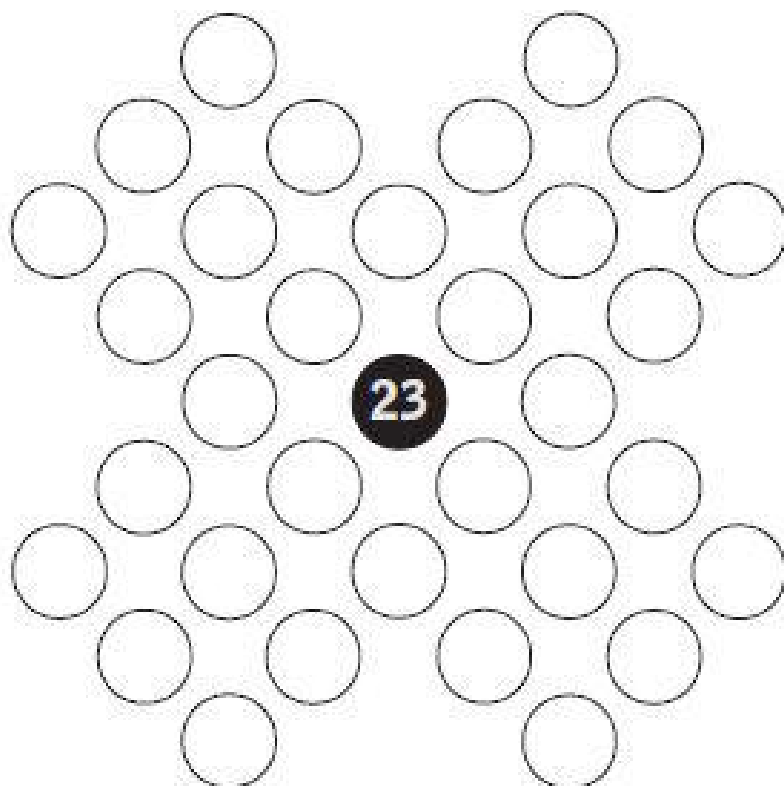
Na TV, com um bilhão de pessoas assistindo, seria o momento ideal, minha última oportunidade de pegar uma arma e atirar na minha cabeça diante de uma audiência decente.

Seria um martírio difícil de ignorar.

— Só tem um porém — me diz o agente por telefone. — Eu disse a eles que você faria um milagre — ele berra.

Um milagre.

— Nada extraordinário. Não precisa dividir o Mar Vermelho ou coisa do tipo. Transformar água em vinho seria o suficiente, mas, lembre-se, sem milagre eles não vão colocar nada no ar.



Fertility Hollis volta novamente para a minha vida em Spokane, Washington, onde como uma torta e tomo café, incógnito em um restaurante Shari, quando ela entra pela porta da frente e vem direto até a minha mesa. Não dá para chamar a Fertility Hollis de fada madrinha, mas você se surpreenderia com os lugares onde ela aparece.

Mas, na maioria das vezes, não era o que acontecia.

Fertility e seus olhos cinza entediados como o oceano.

Fertility com sua respiração de suspiros exaustos.

Ela é o olho enfasiado do furacão, o mundo dela é assim.

Fertility e seus braços e expressões preguiçosos como os de um sobrevivente esgotado, um imortal, um vampiro egípcio depois de passar milhões de anos assistindo às reprises que chamamos de história, ela joga-se na cadeira à minha frente e eu fico agradecido

por isso, pois preciso que ela me arrume um milagre, de qualquer forma.

Isso foi quando eu ainda conseguia escapar do meu séquito. Eu ainda não era um anônimo, mas estava quase lá graças ao meu declínio na mídia. Meu desabamento publicitário.

Pela moleza de Fertility, com os cotovelos na mesa e o rosto nas mãos, o cabelo vermelho insípido caindo na cara, dava para achar que ela acabara de chegar de um planeta com menos gravidade que a Terra. Como se aqui, magra como é, ela pesasse uns quatrocentos quilos.

Ela está desleixada, com calças, blusa, sapatos e carregando uma bolsa simples. O ar-condicionado está ligado e dá para sentir o cheiro do amaciante de roupas, doce e artificial.

A aparência dela é de algo diluído.

A aparência dela é de algo desaparecendo.

A aparência dela é de algo apagado.

— Não se preocupe. Essa sou eu sem maquiagem. Estou aqui a trabalho.

O trabalho dela.

— Exatamente. Meu trabalho perverso.

Pergunto: Como vai meu peixinho?

— Vai bem — ela responde.

Não tem como nosso encontro ter sido uma coincidência. Ela devia estar me seguindo.

— Você esquece que eu sei de tudo. Que horas são? — pergunta Fertility.

Digo a ela: treze horas e cinquenta e três minutos.

— Daqui a onze minutos, a garçonete vai trazer outro pedaço de torta para você. Desta vez vai ser de limão. Depois, só umas sessenta pessoas vão à sua apresentação de hoje à noite. Aí, amanhã de manhã, uma ponte chamada Walker River vai desmoronar em Shreveport. Seja lá onde isso for.

Digo que ela está fazendo suposições.

— Além disso — ela diz e dá um sorriso forçado —, você precisa de um milagre. Você precisa desesperadamente de um milagre.

Talvez, eu digo. Quem não precisa de um milagre hoje em dia? Como ela sabe tanta coisa?

— Da mesma maneira que sei — ela diz e aponta com a cabeça para o outro lado do salão — que aquela garçonete está com câncer. Sei que a torta que você está comendo vai lhe causar uma dor de barriga. Um cinema qualquer na China vai pegar fogo daqui a alguns minutos, levando em conta o fuso horário. Neste exato momento, na Finlândia, um esquiador está desencadeando uma avalanche que vai matar umas doze pessoas.

Fertility acena e a garçonete com câncer vem até nós.

Fertility se inclina sobre a mesa e diz:

— Eu sei disso porque sei tudo.

A garçonete é jovem, tem cabelos, dentes e tudo o mais, o que significa que não há pistas de que esteja doente, e Fertility pede um frango grelhado com salada e gergelim. Ela pergunta: O prato é acompanhado de arroz?

Spokane ainda está lá fora. Os prédios. O rio Spokane. O sol que todos compartilhamos. Um estacionamento. Bitucas de cigarro.

Pergunto: Por que ela não avisou à garçonete?

— Qual seria a sua reação se uma desconhecida desse uma notícia assim para você? Só estragaria o dia dela. E o drama pessoal dela faria meu prato demorar a chegar.

A torta que estou comendo e que vai me fazer passar mal é de cereja. O poder do sugestionamento.

— Você só precisa prestar atenção aos padrões — diz Fertility. — Depois de percebê-los, dá para deduzir o futuro.

Segundo Fertility Hollis, o caos não existe.

Existem somente padrões, padrões sobre padrões, padrões que afetam outros padrões. Padrões ocultos por padrões. Padrões dentro de padrões.

Se você observar atentamente, a história não faz nada além de se repetir.

O que chamamos de caos é somente padrões que não reconhecemos. O que chamamos de aleatoriedade é apenas padrões que não conseguimos decifrar. Chamamos o que não

compreendemos de bobagem. O que não conseguimos entender chamamos de tolice.

Não existe livre-arbítrio.

Não existem variáveis.

— Só existe o inevitável. Só existe o futuro. Não há escolha.

A má notícia é que não temos controle algum.

A boa notícia é que é impossível errar.

A garçonete do outro lado do salão parece nova, bonita e condenada.

— Eu observo os padrões — diz Fertility.

Ela fala que não consegue deixar de observar.

— Eles estão nos meus sonhos mais e mais a cada noite. Tudo. É como ler um livro de história sobre o futuro todas as noites — diz ela.

Então ela sabe de tudo.

— Eu sei que você precisa de um milagre para aparecer na TV.

Eu preciso é de uma boa previsão.

— É por isso que estou aqui — ela diz e tira uma agenda gorda da bolsa. — Me diga um período de tempo. A data da previsão.

Digo: Qualquer momento daqui a duas semanas.

— Que tal um acidente envolvendo vários carros? — diz ela, enquanto lê a agenda.

Pergunto: Quantos carros?

— Dezesseis. Dez mortos, oito feridos.

Tem algo mais chamativo?

— Que tal um incêndio em um cassino em Las Vegas, com dançarinas de *topless* com plumas pegando fogo na cabeça e coisas do gênero?

Alguma vítima fatal?

— Não. Ferimentos graves. Mas vai haver muitos danos por causa da fumaça.

Algo maior.

— Uma explosão em uma clínica de bronzamento.

Algo estonteante.

— Epidemia de raiva em uma reserva nacional.

Entediante.

— Colisão no metrô.

Estou ficando com sono.

— Uma ativista dos direitos dos animais vestida com bombas em Paris.

Pode pular.

— Um petroleiro que vai afundar.

Quem liga para isso?

— Uma estrela de cinema vai sofrer um aborto.

Ótimo, digo. Minha plateia vai achar que sou mesmo um monstro quando isso acontecer.

Fertility folheia a agenda.

— Poxa, é verão. Não temos muitas opções de desastres.

Digo a ela para continuar a procurar.

— Na semana que vem, o panda gigante Ho Ho do Zoológico Nacional vai pegar uma doença venérea de uma panda com quem deveria cruzar.

Nem de brincadeira vou dizer isso na TV.

— E uma epidemia de tuberculose?

Bocejo.

— Um atirador maluco de beira de estrada?

Bocejo.

— Ataque de tubarões?

Ela está mesmo forçando uma barra.

— Um cavalo de corrida que vai quebrar uma perna?

— Uma pintura rasgada no Louvre?

— Um primeiro-ministro afastado?

— Um meteoro?

— Perus de Natal contaminados?

— Incêndio na floresta?

Não, digo a ela.

Muito triste.

Muito artístico.

Muito político.

Muito esotérico.

Sem atrativos.

— Um vulcão em erupção? — pergunta Fertility.

Muito lento. Pouco drama. Só danos materiais.

O problema é que os filmes de tragédias aumentaram muito as expectativas das pessoas quanto à natureza.

A garçonete traz o frango grelhado e minha torta de limão, e enche nossas xícaras de café. Depois sorri e vai embora para a morte.

Fertility vasculha a agenda sem parar.

No meu intestino, a torta está resistindo o quanto pode. Spokane está lá fora. O ar-condicionado está aqui dentro. Nada disso parece seguir um padrão.

— Que tal abelhas assassinas? — pergunta Fertility Hollis.

Pergunto: Onde?

— Chegando em Dallas, Texas.

Quando?

— Domingo que vem pela manhã, às oito horas e dez minutos.

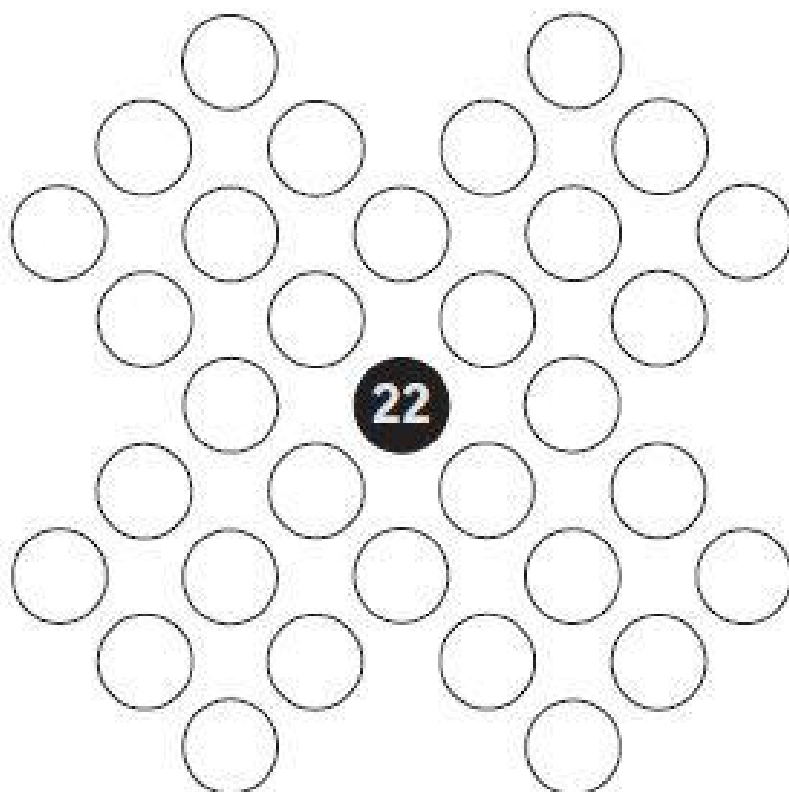
Poucas? Um enxame? Quantas?

— Zilhões delas.

Digo a ela: Perfeito.

Fertility solta um suspiro e cai de boca no frango.

— Que merda — diz ela. — Eu sabia o tempo todo que você escolheria isso.



Aí um zilhão de abelhas assassinas invadem Dallas, Texas, às oito horas e dez minutos da manhã de domingo, na hora certa. Isso, embora eu só tenha conseguido quinze por cento da fatia de audiência no meu horário.

Na semana seguinte, a rede de TV me dá um segmento de um minuto e alguns anunciantes grandes, empresas farmacêuticas, fabricantes de carros, conglomerados de petróleo e cigarros estão fazendo fila para ser patrocinadores, talvez definitivos se eu conseguir fazer um milagre ainda maior.

Pelos motivos errados, as empresas de seguro estão muito interessadas.

Entre hoje e semana que vem, estou na estrada fazendo apresentações noturnas na Flórida. É o circuito Jacksonville–Tampa–Orlando–Miami. É a Cruzada dos Milagres de Tender Branson. Um por noite.

No meu Minuto Milagroso, que é como o agente e a rede de TV querem chamar meu segmento, bem, a produção dele não dá trabalho nenhum. Alguém aponta uma câmera para você, com seu cabelo penteado e uma gravata no pescoço, e você faz um ar sombrio e fala direto para a câmera:

O farol de Ipswich vai desmoronar amanhã.

Na semana que vem, a geleira Mannington, no Alasca, vai desabar e afundar um cruzeiro que passava perto demais.

Na semana seguinte, ratos que carregam um vírus mortal aparecerão em Chicago, Tacoma e Green Bay.

É como ser um âncora de notícias, mas antes de as coisas acontecerem.

A maneira como eu vejo o decorrer do processo é com Fertility me passando algumas previsões por vez e eu gravando uma temporada inteira do Minuto Milagroso. Com um ano já pronto, tenho tempo livre para fazer apresentações, propagandas de produtos, autografar livros. Talvez algumas consultorias. Fazer aparições especiais em filmes e na TV.

Não me pergunte quando porque eu não me lembro, mas, no meio disso tudo, eu acabo me esquecendo de cometer suicídio.

Se a assessora de imprensa um dia programar o suicídio na minha agenda, eu vou morrer. Às sete horas de quinta-feira, beber produtos de limpeza. Sem problemas. Mas com as abelhas assassinas e a demanda de tempo, preocupo-me com a possibilidade de não encontrar Fertility novamente. Com isso e com meu séquito, que está sempre no meu pé. A equipe está sempre me seguindo, a assessora de imprensa, os programadores, meu *personal trainer*, o ortodontista, o dermatologista, o nutricionista.

As abelhas assassinas fizeram menos estrago do que o esperado. Elas não mataram ninguém, mas chamaram muita atenção. Agora eu precisava de um "bis".

O desabamento de um estádio.

O desmoronamento de uma mina.

O descarrilamento de um trem.

O único momento em que fico sozinho é quando vou ao banheiro e, mesmo nessas horas, estou cercado.

Fertility não está em lugar algum.

Em quase todos os banheiros masculinos há um buraco nas divisórias entre dois privativos. Ele é aberto na madeira com uns dois centímetros e meio de espessura por alguém que usou somente os dedos para fazê-lo. Ele demora dias ou meses para ficar pronto. Há buracos como esse em mármore, em aço. Como se fosse alguém tentando fugir de uma prisão. O buraco é grande o suficiente para olhar ou conversar através dele. Ou para meter um dedo ou uma língua ou um pênis e fugir assim, um pouquinho por vez.

As pessoas chamam esses orifícios de *glory holes*.

É como achar um veio de ouro.

É onde você encontra a glória.

Eu estou sentado em um vaso sanitário no aeroporto de Miami e, na altura do meu ombro, há na divisória um buraco cheio de mensagens em volta, deixadas por homens que sentaram aqui antes de mim.

John M. esteve aqui em 14/3/64.

Carl B. esteve aqui em 8 de janeiro de 1976.

Epitáfios.

Alguns foram escritos há pouco tempo. Outros foram cobertos, mas tinham sido entalhados tão fundo que ainda dá para lê-los mesmo por baixo de décadas de pinturas.

Aqui estão as sombras deixadas por milhares de momentos, milhares de estados de espírito, de necessidades traçadas aqui nessa parede por homens que se foram. Aqui está o registro de que estiveram aqui. Da visita deles. Da passagem deles. Aqui está o que a assistente social chamaria de um documento original principal.

Um histórico do inaceitável.

Venha hoje à noite e ganhe um boquete. Sábado, 18 de junho de 1973.

Tudo isso escrito na parede.

Aqui estão palavras sem imagens. Sexo sem nomes. Imagens sem palavras. Raspada aqui há uma mulher nua com as longas

pernas abertas, seios redondos e firmes, longos cabelos soltos e sem rosto.

Há um pênis decepado tão grande quanto um homem respingando gotas enormes na vagina cabeluda da mulher.

O Paraíso, dizem os escritos, é um bufê de boceta.

O Paraíso é levar no rabo.

Vá para o Inferno, veado.

Já estive lá.

Vá à merda.

Já fiz isso.

Essas eram apenas algumas das vozes ao meu redor quando uma voz de verdade, uma voz de mulher, sussurra:

— Você precisa de outra tragédia, né?

A voz vem do buraco, mas, quando olho através dele, só consigo ver dois lábios pintados de batom. Lábios vermelhos, dentes brancos e um vislumbre de língua úmida dizem:

— Eu sabia que você estaria aqui. Eu sei tudo.

É Fertility.

Agora no buraco há um olho cinza, que a sombra azul e o delineador aumentaram, e cílios que piscam cheios de rímel. A pupila pulsa, grande e depois pequena. Aí a boca aparece para dizer:

— Não se preocupe. Seu voo vai atrasar mais algumas horas.

Na parede ao lado da boca está escrito: Eu chupo e engulo.

Ao lado, está escrito: Eu só queria que ela me desse uma chance de amá-la.

Há um poema que começa assim: Quente em você há o amor... O restante do poema foi lavado da parede e apagado por ejaculações.

— Estou aqui a trabalho — diz a boca.

Deve ser o trabalho perverso dela.

— É o meu trabalho perverso. É o calor — diz ela.

Nós não conversamos a respeito.

— Não quero falar sobre isso — ela diz.

Parabéns, eu sussurro. Pelas abelhas assassinas, quero dizer.

Na parede está escrito: Como se chama uma garota Crente que paga boquete?

Morta.

Como se chama um veado Crente que dá o cu?

— Você precisa de outra tragédia, né? — diz a boca.

Está mais para umas quinze ou vinte, eu sussurro.

— Não — diz a boca. — Você está ficando como todos os caras em quem confiei na vida. Você está ficando ganancioso.

Eu só quero salvar as pessoas

— Você é um porco ganancioso.

Eu quero salvar as pessoas dos desastres.

— Você é só um cachorro que faz truques.

Eu só faço isso para poder me matar.

— Eu não quero que você morra.

Por quê?

— Por que o quê?

Por que ela não quer que eu morra? É porque ela gosta de mim?

— Não — diz a boca. — Eu não odeio você, mas preciso de você.

Mas então ela não desgosta de mim?

— Você faz ideia do quanto é chato ser eu? Saber de tudo? Ver as coisas acontecerem a quilômetros de distância? Isso está ficando insuportável. E não sou só eu — diz a boca.

— Todos estamos entediados — diz a boca.

Eu comi a Sandy Moore, diz a parede.

Ao redor dessa frase, mais dez homens escreveram: Eu também.

Alguém escreveu: Alguém aqui não comeu a Sandy Moore?

Ao lado da frase está escrito: Eu não comi.

Ao lado da frase está escrito: Veadinho.

— Nós todos assistimos aos mesmos programas de TV. Ouvimos as mesmas coisas no rádio, conversamos sobre os mesmos assuntos uns com os outros. Não há mais novidades. É tudo mais do mesmo. Reprises — diz a boca.

Dentro do buraco, os lábios dizem:

— Todos nós crescemos vendo os mesmos programas de TV. É como se tivéssemos os mesmos implantes artificiais de memória. Não nos recordamos de quase nada da nossa verdadeira infância, mas nos lembramos de tudo o que aconteceu com as famílias dos

seriados de comédia. Temos os mesmos objetivos básicos. Todos nós temos os mesmos medos.

Os lábios dizem:

— O futuro não é promissor. Muito em breve, todos nós pensaremos sempre igual. Seremos um uníssono perfeito. Sincronizado. Unido. Igual. Exato. Como as formigas. Insetos. Ovelhas.

Tudo é tão derivativo.

Uma referência a uma referência a uma referência.

— A grande questão que as pessoas se perguntam não é “Qual é a natureza da existência?” — diz a boca. — A grande questão que as pessoas se perguntam é “De onde é isso?”.

Eu ouvi o buraco da mesma maneira que ouço as pessoas se confessarem ao telefone, como ouvi as catacumbas procurando por sinais de vida. Perguntei: Então, por que ela precisa de mim?

— Porque você foi criado em um mundo diferente — diz a boca. — Porque, se alguém pode me surpreender, esse alguém é você. Você ainda não faz parte da cultura de massa. É a minha única esperança de visualizar algo novo. Você é o príncipe mágico que pode quebrar esse feitiço de tédio. Esse transe de uniformidade diária. Já passei por isso. Conheço bem. Você é um grupo controle de uma pessoa só.

Mas não sou, eu sussurro, não sou assim tão diferente.

— É sim. E a minha única esperança é que você continue a ser diferente — diz a boca.

Então me dê algumas previsões.

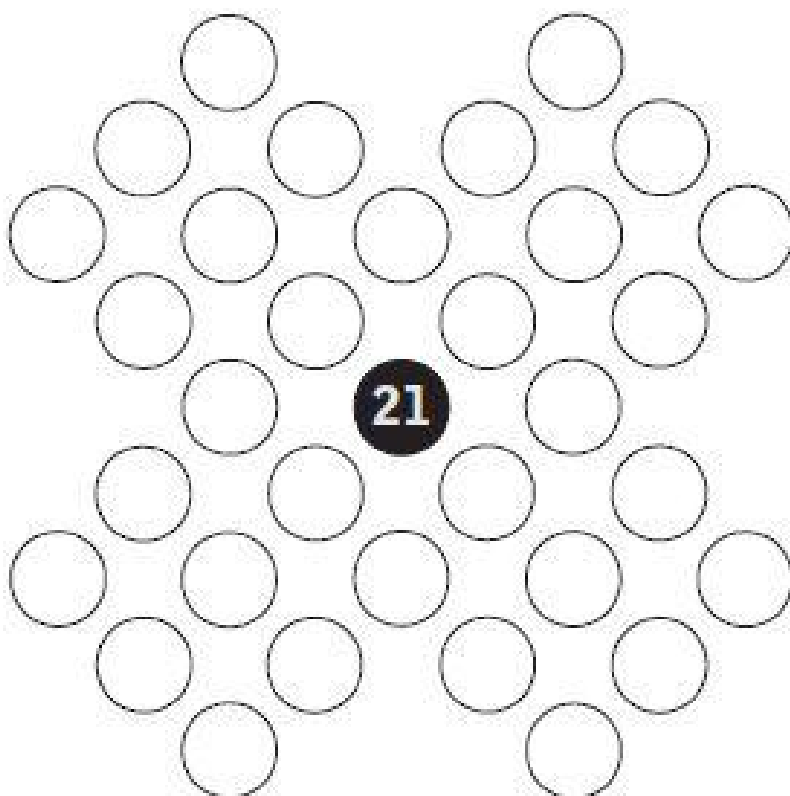
— Não.

Por quê?

— Porque nunca mais o verei de novo. O mundo das pessoas vai devorar você e eu vou perdê-lo. De agora em diante, só vou dar a você uma previsão por semana.

Como?

— Assim. Como agora. E não precisa se preocupar. Eu vou encontrar você — diz a boca.



Segundo meu itinerário, estou em um estúdio escuro de TV, em um sofá marrom que parece ser feito de uma mescla 60/40 de poliéster e lã, uma trama larga, com um tratamento contra manchas e desgastes, bem no meio de um monte de holofotes. Meu cabelo modelado. Minhas roupas de marca. Minhas joias emprestadas.

Minha biografia diz que eu nunca estive tão alegre e satisfeito na vida, tirando o máximo de cada dia. Os comunicados à imprensa dizem que estou gravando um novo programa de TV, meia hora todas as noites, no qual vou atender ligações de pessoas que precisam de conselhos. Vou oferecer novas perspectivas. Segundo os comunicados, de vez em quando o programa vai incluir uma nova previsão. Uma tragédia, um terremoto, um *tsunami*, uma nuvem de gafanhotos que pode estar no seu caminho, então é melhor assistir ao programa só para garantir.

É tipo um noticiário antes da notícia. O comunicado chama o programa de *Paz de Espírito*.

Se é que dá para falar nesses termos.

Foi Fertility quem disse que eu seria famoso um dia. Ela disse que eu contaria ao mundo sobre ela, então é melhor eu me informar.

Fertility pediu que, depois que eu estivesse famoso, a descrevesse como dona de olhos felinos. Seu cabelo, disse ela, era revoltado. Foram essas as palavras que ela usou. É, e os lábios dela eram túrgidos.

Ela disse que seus braços eram macios como um peito de frango sem pele.

Segundo Fertility, seu andar era divertido.

— Depois que você ficar famoso, não me faça parecer um monstro, uma vítima ou algo assim — Fertility disse. — Você vai vender toda a sua religião e tudo aquilo em que acredita, mas não minta a meu respeito, tá? Por favor.

Então, parte da minha fama é fazer um programa semanal no qual uma jornalista famosa me apresenta. Ela chama o intervalo. E me repassa as perguntas das pessoas. O *teleprompter* me repassa as respostas. As pessoas fazem as ligações gratuitamente. Ajude-me. Cure-me. Alimente-me. Ouça-me. É a mesma coisa que eu fazia à noite na minha quitinete, mas em rede nacional.

Messias. Salvador. Não nos deixeis cair. Salvai-nos.

As confissões que eu ouvia no apartamento, as confissões que ouvia em rede nacional, são como a minha história, aqui e agora na cabine, contada para o gravador de voo. Minha confissão.

Com todas as drogas que eu tomava a essa altura da minha carreira, se você quiser dormir à noite, é melhor não ler a bula. Os efeitos colaterais incluem coisas que você não faria em rede nacional.

Vômitos, flatulência, diarreia.

Os efeitos colaterais incluem: dor de cabeça, desorientação, urticária, sudorese.

Eu poderia relacionar todos eles:

Dispepsia.

Constipação.

Mal-estar.

Sonolência.

Distorção do paladar.

Segundo meu *personal trainer*, é o Primabolin que me deixa tonto. Faz minhas mãos tremerem. Faz o suor encharcar minha nuca. Pode ser uma interação medicamentosa.

Segundo meu *personal trainer*, isso é bom. Só de ficar aqui sentado eu estou emagrecendo.

Segundo meu *personal trainer*, a melhor maneira de obter esteroides ilegais é arrumar um gato com leucemia e levá-lo a alguns veterinários, que vão receitar umas seringas preparadas com o esteroide animal equivalente ao de uso humano. Ele disse que, se o gato viver o suficiente, dá para fazer um estoque de um ano de esteroides.

Quando questionei o que acontecia com o gato, ele perguntou: Por que eu deveria me importar?

A jornalista está sentada diante de mim. As pernas dela, comparadas ao resto do corpo, não são muito longas. As orelhas estão expostas o suficiente para mostrar os brincos. Todos os problemas dela estão ocultos lá dentro. Os defeitos estão todos disfarçados. O único cheiro que ela emana, até no hálito, é de *spray* de cabelo. A forma como está encolhida na cadeira, com as pernas cruzadas, mãos pousadas no colo, está mais para um origami de carne e osso.

Segundo os *storyboards*, fico em um sofá na ilha de luzes incandescentes cercada de câmeras e cabos e técnicos silenciosos que fazem seu trabalho na escuridão ao meu redor. O agente se vira para o local onde alguns redatores sinalizam revisões de última hora do texto antes que ele seja exibido no *teleprompter*.

Sobre uma mesinha ao lado do sofá, há um copo de água com gelo e, se eu o pegar, minha mão treme tanto que os cubos de gelo tilintam até que o agente acene para mim com a cabeça em um “não” silencioso.

Estamos gravando.

Segundo a jornalista, ela compreende meu sofrimento. Ela leu a minha autobiografia. Sabe tudo sobre a minha humilhação. Leu

tudo a respeito do suplício que deve ter sido ficar nu e ser vendido como escravo, nu. Ter somente dezessete ou dezoito anos e toda aquela gente, todos da seita, me vendo ali, nu. Um escravo nu, ela diz, escravizado. Nu.

O agente está na minha mira, por trás do ombro da jornalista, e os redatores estão em volta dele, vestidos e no escuro.

Ao lado do agente, a tela do *teleprompter* me diz: EU ME SENTI VIOLENTADO AO SER LEILOADO NU COMO ESCRAVO.

Segundo o *teleprompter*: EU ME SENTI TOTALMENTE HUMILHADO.

Segundo o *teleprompter*: EU ME SENTI USADO E CORROMPIDO. . . MOLESTADO.

Os redatores se aglomeram em torno do *teleprompter* e balbuciam as palavras conforme as leio em voz alta.

Enquanto, observado pelas câmeras, eu leio tudo isso em voz alta, a jornalista olha para o diretor em meio à escuridão e toca o pulso. O diretor levanta dois dedos, depois oito dedos. Um técnico avança sob a luz e arruma o cabelo sobre a orelha da jornalista.

O *teleprompter* me diz: EU FUI SEXUALMENTE ABUSADO. ABUSOS SEXUAIS ERAM PRÁTICA COMUM ENTRE OS INTEGRANTES DA SEITA DA CRENDICE. O INCESTO FAZIA PARTE DA ROTINA DIÁRIA DA FAMÍLIA. ENTÃO TREPÁVAMOS COM TODOS OS TIPOS DE ANIMAIS. A ADORAÇÃO A SATÃ ERA MUITO POPULAR. O TEMPO TODO OS CRENTES SACRIFICAVAM CRIANÇAS PARA SATÃ, MAS ANTES ABUSAVAM DELAS FEITO DOIDOS. DEPOIS, OS PRESBÍTEROS DA IGREJA DA CRENDICE AS MATAVAM. BEBIAM O SANGUE DELAS. ESSAS ERAM AS CRIANÇAS AO LADO DE QUEM EU ESTUDAVA NA ESCOLA TODOS OS DIAS. OS PRESBÍTEROS DA IGREJA AS COMIAM. QUANDO A LUA ESTAVA CHEIA, OS PRESBÍTEROS DA IGREJA DANÇAVAM NUS, VESTIDOS SOMENTE COM A PELE DAS CRIANÇAS CRENTES MORTAS.

É, eu digo, foi tudo muito, muito estressante.

O *teleprompter* diz: TODOS OS INTENSOS RELATOS DOS CRIMES SEXUAIS DOS CRENTES ESTÃO NO MEU LIVRO. ELE SE CHAMA *SALVO DA SALVAÇÃO* E ESTÁ À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

Nas sombras, o agente e os redatores comemoram em silêncio. O agente faz um sinal de aprovação empolgado para mim.

Minhas mãos estão dormentes. Não consigo sentir o rosto. Minha língua é de outra pessoa. Meus lábios estão mortos, com parestesia circumoral.

Efeitos colaterais.

A parestesia periférica aniquila a sensibilidade dos pés. Sinto como se meu corpo todo estivesse distante e separado, como a minha imagem, vestindo um terno preto e sentado em um sofá marrom no monitor do estúdio. Essa deve ser a sensação de quando sua alma sobe ao Paraíso e observa o resto do corpo, em carne e osso, morrer.

O diretor está acenando com os dedos para mim, dois em uma mão e quatro na outra. O que ele está tentando me dizer, eu não sei.

Quase tudo que é exibido no *teleprompter* saiu da autobiografia que eu não escrevi. A terrível infância que não tive. Segundo o *teleprompter*, todos os Crentes estão queimando no fogo do Inferno.

O *teleprompter* me diz: NUNCA VOU SUPERAR A DOR DA HUMILHAÇÃO, MESMO QUE EU FIQUE RICO E HERDE AS TERRAS DA IGREJA DA CRENDICE.

Segundo o *teleprompter*: MEU LIVRO MAIS RECENTE, *O LIVRO DAS PRECES CASUAIS*, É UMA FERRAMENTA IMPORTANTE PARA LIDARMOS COM O ESTRESSE QUE TODOS ENFRENTAMOS. CHAMA-SE *O LIVRO DAS PRECES CASUAIS* E ESTÁ À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

Segundo a jornalista que observa o diretor, que observa o agente, que me observa observando o *teleprompter*, segundo a jornalista eu estou muito feliz e realizado agora que me liberei da Seita Mortal da Crendice. Quando voltarmos, ela diz para a câmera, atenderemos às ligações dos telespectadores.

A jornalista chama os comerciais.

Durante o intervalo, ela me pergunta se minha infância foi mesmo assim tão horrível. O agente se intromete e diz: Sim, foi. Foi terrível. Um técnico que puxa os fios que passam pela cintura dele e

em volta da cabeça se aproxima e pergunta se eu quero beber água. O agente responde: Não. O diretor pergunta se preciso ir ao banheiro e o agente afirma que eu estou bem. Ele diz que eu não gosto de lidar com desconhecidos que fazem perguntas. Eu evoluí para além das necessidades físicas. Aí o técnico revira os olhos e o diretor e a jornalista trocam olhares e dão de ombros, como se tivesse sido eu quem os dispensou.

Em seguida, o diretor diz que estamos gravando e a jornalista diz que o telespectador número um está na linha.

— Se eu estiver em um restaurante lotado — a voz é de uma mulher e vem dos alto-falantes do estúdio —, um restaurante bem caro, e alguém do meu lado soltar gases, não uma vez só, mas sem parar, e for uma coisa horrorosa, o que devo fazer?

A jornalista cobre o rosto com a mão. O diretor vira de costas. O agente olha para os redatores que escrevem a minha resposta no *teleprompter*.

Para ganhar tempo, a jornalista pergunta o que a telespectadora estava comendo.

— Um prato com carne de porco. Não faz diferença. O cheiro era tão ruim que eu não conseguia sentir o gosto de mais nada — responde a telespectadora.

O *teleprompter* diz: NOSSO DEUS NOS DEU MUITOS SENTIDOS.

O *teleprompter* também precisa ganhar tempo.

ENTRE ELES, HÁ O OLFATO E O PALADAR.

Conforme as linhas do texto surgem no *teleprompter*, eu simplesmente as leio em voz alta.

NO ENTANTO, SOMENTE O HOMEM JULGA QUAIS DONS SÃO BONS OU RUINS. PARA DEUS, O AROMA DOS DEJETOS ASSEMELHA-SE AO DA CARNE DE PORCO OU DE UM BOM VINHO.

Não faço ideia de aonde eles querem chegar com isso.

NÃO SOFRA NEM SE REGOZIJE. NÃO SE SINTA LISONJEADO NEM OFENDIDO POR ESSES DONS. NÃO JULGAI PARA NÃO SERDES JULGADO.

O diretor sussurra as palavras Burma Shave⁹. A jornalista diz que o telespectador número dois está na linha.

O telespectador número dois pergunta a minha opinião sobre biquínis fio dental.

O *teleprompter* diz: SÃO UMA ABOMINAÇÃO.

Eu digo: Depois de anos lavando roupas de gente rica, acho que as pessoas que fabricam biquínis e calcinhas fio dental deveriam fazer a parte detrás preta, para início de conversa.

A jornalista diz que o telespectador número três está na linha.

— Eu gosto de um cara, mas ele está me evitando.

É Fertility, é a voz dela nos alto-falantes, falando sobre mim para toda a América do Norte. Será que ela vai provocar uma discussão aqui na TV? Meus pensamentos se ramificam em um fluxograma de todas as mentiras que contei e das possíveis respostas para o que ela pode dizer.

Será que ela vai me expor e as minhas previsões de tragédias?

Será que ela juntou lé com cré e percebeu que eu dei uma força para o suicídio do irmão dela? Ou será que ela sabia disso o tempo todo? E, se ela sabe que matei o irmão dela, o que vai acontecer?

— O cara não me liga desde que contei a ele o que faço para viver. Meu trabalho. E ele não aprova, mas finge que não liga.

A jornalista pergunta com o que exatamente Fertility trabalha.

O *teleprompter* está em branco.

Então, toda a América está prestes a saber um grande segredo sobre Fertility ou sobre mim. O trabalho perverso dela. Minha linha de emergência assassina de suicidas. Os sonhos de desastres dela. As minhas previsões de aluguel.

— Eu tenho um agente chamado dr. Ambrose, só que ele não é um médico de verdade — responde Fertility.

Uma vez, Fertility me falou que todo mundo, até os garis e empregados, um dia terão um agente. O dr. Ambrose dela achava casais endinheirados que estivessem procurando alguém para carregar seu bebê. Uma barriga de aluguel. O dr. Ambrose chama isso de procedimento. É realizado *in utero*, com o pai na cama com Fertility e a esposa à espera do lado de fora.

— A esposa fica no corredor, fazendo tricô ou listas de nomes de bebês, e o marido despeja cuidadosamente o conteúdo microscópico dos testículos dele em mim — diz Fertility.

A primeira vez que ela me contou sobre esse trabalho, quando eu ainda não era ninguém e intervinha em crises na minha quitinete, ela me contou que Fertility Hollis era um nome artístico. Disse que seu nome verdadeiro é Gwen, mas que ela o odiava.

— Dr. Ambrose diz que é mais natural se eu dormir com o pai. É o discurso dele para os casais desesperados. Não é adultério. É holístico.

Não é fraude nem prostituição, ela me disse.

— Está na Bíblia — diz Fertility.

Custa cinco mil dólares.

— Você sabe, Gênesis, capítulo trinta, Raquel e Bila, Leia e Zilpa.

Bila não usava contraceptivos, tenho vontade de dizer a ela. Zilpa não ganhava cinco paus livres de impostos. Elas eram escravas de verdade. Elas não viajavam pelo país contratadas por futuros pais doidos por um herdeiro.

Fertility passa até uma semana morando com o casal, mas sempre que um procedimento é realizado, são mais cinco paus. No caso de alguns homens, isso poderia render quinze paus por noite. E o casal arca com as despesas aéreas.

— Dr. Ambrose é só uma voz no telefone que organiza os acordos. Não é como se ele fosse uma pessoa de verdade. Ele recebe o pagamento do casal e manda a minha metade em dinheiro vivo. Nunca há um endereço no remetente. Ele é um covarde.

Eu sei como é.

O *teleprompter* diz: VADIA.

— Só preciso não engravidar e sou um grande sucesso.

É a vocação dela, ela me disse, ser infecunda.

O *teleprompter* diz: VAGABUNDA.

No alto-falante, ela diz:

— Eu sou estéril.

O *teleprompter* diz: PIRANHA.

É a única habilidade profissional dela. Sua vocação.

O que ela nasceu para fazer.

Ela não paga impostos. Ela adora viajar. Vive na estrada, em lugares sofisticados, e o horário é flexível. Ela me disse que, em

algumas noites, cai no sono durante o procedimento. Com alguns pais, ela sonha com incêndios intencionais, pontes que desabam e deslizamentos de terra.

— Eu não acho que esteja fazendo algo de errado. Acho que estou transformando limões em limonada.

O *teleprompter* diz: QUEIME NAS CHAMAS ETERNAS DO INFERNO, SUA MERETRIZ SELVAGEM DOS INFERNOS.

— Então, o que você acha? — pergunta Fertility.

A jornalista está tão concentrada olhando para mim que não percebe uma mecha de cabelo que caiu na testa dela. O diretor está me observando. O agente está me observando. A jornalista engole seco. Os redatores repassam o texto para o *teleprompter*.

REZE PARA MORRER, SUA PUTA ADÚLTERA.

O país inteiro está assistindo.

NÃO HÁ PERDÃO PARA VOCÊ, GAROTA DEMONÍACA.

O agente balança a cabeça em um não.

A tela do *teleprompter* fica em branco por um momento. Os redatores escrevem. O texto reaparece.

NÃO HÁ PERDÃO PARA VOCÊ, MULHER DEMONÍACA.

A voz de Fertility diz:

— Então, o que você acha?

PROSTITUTA

O agente aponta para mim, aponta para a tela do *teleprompter*, aponta para mim, várias vezes e muito rápido.

DEPRAVADA

— Você não vai me julgar, não é?

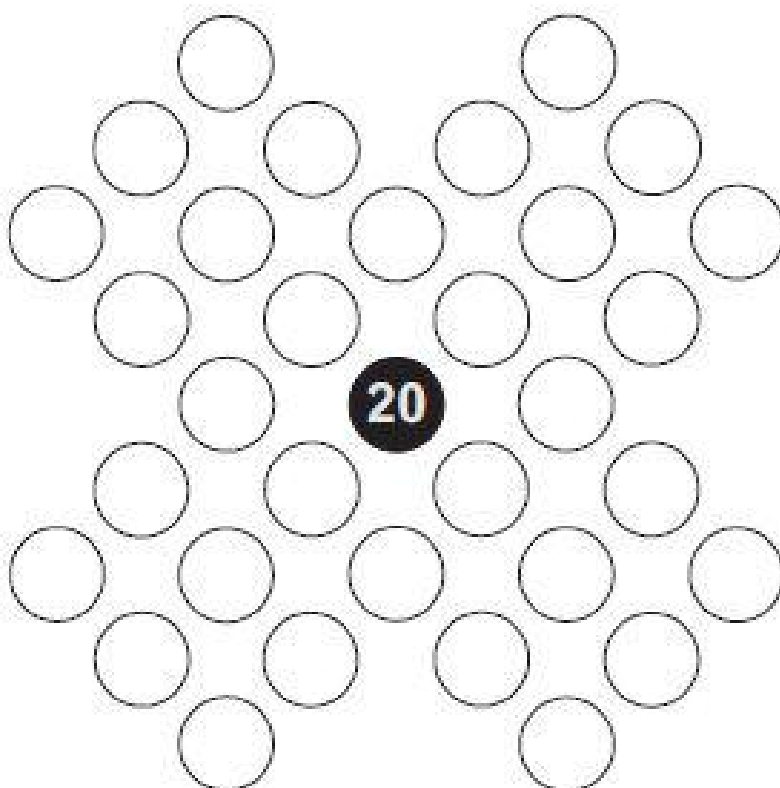
PERVERTIDA

Só o silêncio é transmitido pelo satélite. Alguém tem de dizer alguma coisa.

Com a boca dormente, leio as palavras no *teleprompter*. Sem sentir os lábios, digo o que eles mandam que eu diga.

— Telespectadora número três, você ainda está aí? — pergunta a jornalista. O diretor está apontando para nós, cinco, quatro, três, dois, um. Aí ele atravessa o indicador pela garganta.

9. "Burma Shave" é uma marca famosa de loção pós-barba nos EUA, cujos *slogans* em forma de aforismos são muito populares.



Outra coisa que as pessoas precisam saber antes que meu avião caia é que não formulei a ideia do Lixão do Pornô.

O agente sempre me empurrava papéis e dizia: Assine isto.

Ele me diz: Assine aqui. E aqui.

Aqui.

E aqui.

O agente me pede para fazer uma rubrica ao lado de cada parágrafo. Ele me diz: Não se preocupe em ler essa parte, você não vai entender.

Foi assim que surgiu o Lixão do Pornô.

Não foi ideia minha pegar todos os vinte mil acres da igreja da Crendice e transformá-los em um depósito da pornografia obsoleta do país. Revistas. Jogos de cartas. Fitas de vídeo. CDs. Vibradores usados. Bonecas infláveis perfuradas. Vaginas artificiais. As escavadeiras passam vinte e quatro horas por dia empilhando

montanhas desse material. São vinte mil acres. Dois zero zero zero zero acres. Cada quilômetro quadrado de propriedade Crente. A fauna foi desalojada. Os lençóis freáticos foram contaminados.

Ele foi comparado ao Love Canal, e a culpa não é minha.

Antes que a fita do gravador de voo acabe, as pessoas precisam saber de quem é a culpa. É do agente. *O livro das preces casuais*, o programa *Paz de Espírito*, o Lixão do Pornô da América Ltda., a Campanha do Gênesis, a Estatueta Tender Branson para Carros, até meu desastroso *show* do intervalo do Super Bowl, foi tudo ideia dele.

E eles geraram rios de dinheiro.

Mas o importante é que nada disso foi ideia minha.

No caso do Lixão do Pornô, o agente me falou a respeito dele um dia, em Dallas ou Memphis. Àquela altura, toda minha vida se resumia a estádios e quartos de hotel separados por horas de voo em vez de distâncias reais. O mundo inteiro era uma sucessão de estampas de tapetes passando por baixo dos meus pés. Florais em baixo-relevo de poliéster e náilon ou logomarcas corporativas em um campo azul-escuro ou cinza, que disfarça as marcas de cigarro ou sujeira.

O mundo inteiro se resumia a banheiros públicos com Fertility no privativo ao lado, sussurrando:

— Um cruzeiro vai se chocar com um *iceberg* amanhã à noite.

Sussurrando:

— Às catorze horas no horário local da Costa Leste da próxima quarta-feira, a suçuaruna boliviana vai ser extinta.

O agente está dizendo: Para a maioria dos americanos, livrar-se de materiais pornográficos de maneira segura e privada é um grande problema. Em toda a América, diz ele, há uma imensidão de coleções de revistas *Playboy* ou *Screw* que não excitam mais ninguém. Há depósitos e prateleiras lotados de vídeos de gentalha com longas costeletas e sombra azul trepando ao som de música ruim pirateada. O que a América precisa, diz ele, é de um lugar no qual despejar essa putaria antiquada para que ela desapareça longe dos olhos das crianças e dos puritanos.

Ele promove a ideia para mim depois de já ter encomendado um estudo de viabilidade sobre o depósito de papel, plástico, elástico, látex, borracha, couro, prendedores de aço, zíperes, anéis cromados, velcros, vinil, lubrificantes à base de petróleo e água, e náilon.

A ideia dele era criar postos de coleta onde as pessoas pudessem deixar a pornografia sem dar explicações. De lá, empresas locais levariam a pornografia nos mesmos contêineres especiais usados para coletar agulhas e curativos contaminados. A pornografia seria transportada para a antiga colônia da igreja da Crendice, na região central de Nebraska, onde seria classificada. As três categorias incluíam:

Pornografia erótica.

Pornografia explícita.

Pornografia infantil.

Os materiais da primeira categoria poderiam apodrecer na superfície. Os da segunda categoria seriam enterrados. Os da terceira seriam manipulados somente por pessoas indiferentes ao conteúdo, usando máscaras e vestidas com macacões resistentes e descartáveis, incluindo cinquenta milhões de luvas e botas de borracha, que isolariam a pornografia em depósitos subterrâneos, onde permaneceriam pelo resto da eternidade.

Segundo o agente, precisamos que as pessoas entrem em pânico por causa da ameaça pornô.

Vamos pressionar o governo para aprovar medidas que tornem obrigatório o descarte da pornografia de maneira segura e limpa. Da nossa maneira. Como foi feito com óleo usado e asbestos: Se as pessoas quiserem se ver livres disso, vão ter de pagar.

Vamos mostrar às pessoas que a pornografia toma conta das ruas, corrompe as crianças, inspira crimes sexuais.

Vamos cobrar por tonelada para receber a coisa toda. As empresas locais de coleta vão repassar o custo aos clientes com uma margem de lucro. Nós ganhamos dinheiro. As empresas locais ganham dinheiro. O cidadão depravado vai renovar sua pornografia. A indústria pornô fica rica.

Certo, diz o agente. Mais rica.

Segundo o agente, seria uma vitória para todos os envolvidos.
Mas não foi.

O agente já estava esboçando a nova lei federal que exigiria o pagamento de um depósito sobre todo o material pornográfico, que seria usado pelo governo para custear o aterramento de materiais pornográficos abandonados. O dinheiro desse imposto especial sobre a pornografia seria destinado a um superfundo pornô, que financiaria a regularização de depósitos ilegais. Alguns dólares especiais seriam usados na reabilitação de viciados em sexo, mas não muitos.

Antes que eu tivesse ouvido uma palavra sequer sobre o Lixão do Pornô, o relatório de impacto ambiental já havia sido fraudado.

Os testes haviam sido forjados.

A assessora de imprensa mandou faxes para grupos religiosos dia e noite para testar a receptividade. Os lobistas faziam uma pressão discreta.

As terras da igreja da Crendice estavam lá com seus fantasmas, vinte mil acres que ninguém queria comprar. Havia também milhões de estoques particulares de pornografia que ninguém queria mais. A ideia fazia sentido para todo mundo, menos para mim.

Não foi uma decisão minha. Eu explorei algumas alternativas. Recitei a *Prece para Gerar Mais Espaço de Armazenamento*. Engoli quatro mil miligramas de protótipos de chocolate de Gamacease. E achei que isso poderia resolver o problema da América. Eu recitei a *Prece para Reciclar Jornais Acumulados*, mas a situação não era a mesma. Recitei a *Prece para Procrastinar*, mas o agente não largava o osso.

Segundo o jornal, em uma manhã, o projeto de Lei de Descarte de Materiais Delicados havia passado pela Câmara e pelo Senado, e o presidente o aprovaria.

O agente continuava a me dizer: Assine isto.

Rubrique aqui. E aqui. E aqui.

Eu recitei a *Prece para Assinar Documentos Importantes Sem Ler*.

Segundo Fertility, foi o Lixão do Pornô que tirou meu irmão Adam do esconderijo dele.

Minha única participação no projeto foi assinar alguns papéis.

Depois disso, todo mundo no país acha que a culpa é minha por terem de pagar dois dólares extras ao comprar uma revista de sacanagem.

Depois disso, Adam Branson ressurgiu e apontou uma arma para a cabeça entediada de Fertility para obrigá-la a me encontrar.

Como se Fertility já não soubesse que isso ia acontecer.

Fertility sabia de tudo.

Fertility mandou que eu descrevesse a ameaça de morte do meu irmão como bem-intencionada.

Mais adiante, na minha vez de apontar a mesma pistola para a cabeça do piloto deste avião, aí entendi como essas coisas acontecem rápido.

Ainda assim, é a mim que as pessoas odeiam.

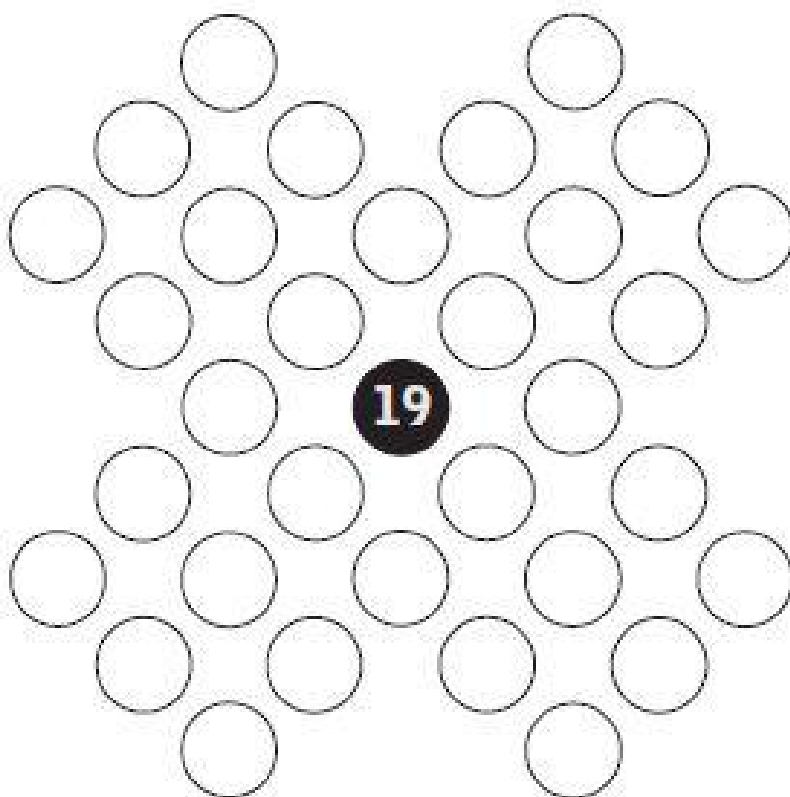
Eu, o irmão que deu nome ao Aterro Sanitário Nacional para Materiais Delicados Tender Branson.

Da última vez que Fertility viu pessoalmente o novo eu, sarado, inchado e barbeado, disse que eu tinha melhorado tanto que estava irreconhecível.

— Você precisa de uma tragédia? — ela perguntou.

— Olhe-se no espelho — disse ela.

Adam ainda estava à minha caça por pura diversão. Adam é o irmão que Fertility me pediu para descrever como “um santo”.



Antes que o avião caia ou que a fita do gravador de voo acabe, quero esclarecer outros erros, incluindo os seguintes:

O programa de TV *Paz de Espírito*.

A Estatueta Tender Branson para Carros.

O jogo de tabuleiro Trivialidades da Bíblia. Como se alguma coisa que Deus diz fosse trivial.

O segredo, como me contou o agente, era ter muitos projetos engatilhados. Assim, quando um deles desse errado, sempre haveria esperança.

Então, havia:

A Dieta da Bíblia.

O livro *Segredos da Bíblia para ganhar dinheiro*.

O livro *Segredos sexuais da Bíblia*.

O livro bíblico para reformar cozinhas e banheiros.

Havia o Aromatizador de Ambientes Tender Branson.

Havia a Campanha do Gênesis.

Havia o *Livro das preces casuais* Volume II, mas as preces estavam cada vez mais parecidas com feitiços:

Por exemplo, *Prece para Alguém Amar Você.*

Ou *Prece para Deixar seu Inimigo Cego.*

Tudo isso foi oferecido pelos bons camaradas das Corporações Tender Branson. Nada disso foi ideia minha.

A Campanha do Gênesis foi a ideia menos minha. Resisti à Campanha do Gênesis o quanto pude. O problema era que as pessoas perguntavam se eu era virgem. Pessoas inteligentes perguntavam se não era meio insensato ainda ser virgem na minha idade.

As pessoas perguntavam: Qual é o problema do sexo?

O que eu tinha de errado?

A Campanha do Gênesis foi a solução rápida do agente. Cada vez mais, as coisas na minha vida eram a solução para uma solução anterior de uma solução anterior até eu me esquecer do problema original. Nesse caso, a questão era que não dava para ser um virgem norte-americano de meia-idade sem que haja algo errado com você. As pessoas não conseguem conceber que alguém tenha uma virtude que elas não conseguem conceber em si mesmas. Em vez de acreditar que você é mais forte, é mais fácil acreditar que você é mais fraco. Você é um viciado em masturbação. Você é um mentiroso. As pessoas sempre acreditam de cara no contrário do que você disser.

Você não é simplesmente um cara controlado.

Você foi castrado quando era criança.

A Campanha do Gênesis foi um evento midiático muito arriscado.

A solução do agente foi me casar.

O agente me contou isso um dia enquanto andávamos de limusine.

Conosco estava o *personal trainer*, que me contou que as agulhas de insulina são as melhores porque não esbarram no interior da veia. A assessora de imprensa também está conosco, e ela e o agente olham para fora do carro enquanto o *personal trainer* afia

uma agulha na lateral de uma caixa de fósforos e injeta cinquenta miligramas de Laurabolin em mim.

Assim não dói, com as agulhas de insulina.

O lance do sexo, o agente me diz, é que, não importa qual seja a intensidade do seu desejo, você consegue esquecê-lo. Quando era adolescente, o agente desenvolveu uma alergia a leite. Ele adorava leite, mas não podia bebê-lo. Anos depois, criaram um leite sem lactose que ele podia beber, mas hoje em dia detesta o gosto de leite.

Quando ele parou de beber álcool por causa de um problema nos rins, achou que enlouqueceria. Agora ele nem pensa mais em bebida.

Para evitar rugas, a equipe de dermatologia aplicou Botox, a toxina botulínica, em quase todos os músculos ao redor da minha boca e dos meus olhos para paralisá-los pelos próximos seis meses.

Com os efeitos colaterais de parestesia periférica de todas as interações medicamentosas, mal consigo sentir as mãos e os pés. Com as injeções de Botox, mal consigo mexer o rosto. Eu consigo falar e sorrir, mas de maneira bastante limitada.

Isso acontece na limusine que vai nos levar ao avião, que vai nos levar ao próximo estádio, sabe lá Deus onde. Segundo o agente, Seattle é só uma área geográfica genérica em torno do Kingdome. Em Detroit vivem as pessoas que moram perto do Silverdome. Nunca vamos a Houston, nós vamos ao Astrodome. Ao Superdome. Ao Mile High Stadium. RFK Stadium. Jack Murphy Stadium. Jacobs Field. Shea Stadium. Wrigley Field. Todos esses estádios ficam em cidades, mas isso não interessa.

O coordenador de eventos também está conosco e me passa uma lista de nomes, candidatos, homens e mulheres que querem se casar comigo, e o agente me passa uma lista de perguntas para decorar. No topo da página, a primeira pergunta é:

— Qual mulher Deus transformou em um condimento no Antigo Testamento?

O coordenador de eventos está planejando um grande casamento romântico na linha das cinquenta jardas durante o intervalo do Super Bowl. As cores do casamento vão depender dos times que

forem jogar. A religião vai depender do resultado da guerra de apostas, uma guerra secreta para que eu me convertesse ao catolicismo ou judaísmo ou protestantismo, agora que a igreja da Crendice havia sido extinta.

A segunda pergunta da lista é:

— Qual mulher foi devorada por cães no Antigo Testamento?

A outra opção do agente é evitar atravessadores e fundar nossa própria religião. Estabelecer nossa própria identificação de marca. Vender diretamente aos consumidores.

A terceira pergunta da lista é:

— O tédio da felicidade eterna no jardim do Éden justificou que Eva comesse a maçã?

Na limusine, seis ou sete de nós estamos sentados diante uns dos outros em dois bancos separados, e nossos joelhos estão todos misturados.

Segundo a assessora de imprensa, o casamento está acertado. Um comitê já escolheu uma ótima noiva sem religião, então as minhas perguntas são ensaiadas. O comitê está conosco na limusine. As pessoas preparam bebidas no bar e as passam adiante. A noiva vai ser a mulher que acaba de ser contratada como assistente do coordenador de eventos. Ela está na limusine conosco, sentada diante de mim, e se inclina para a frente.

Olá, diz ela. E ela tem certeza de que seremos muito felizes juntos. O agente diz que precisamos fazer um grande milagre no casamento. A assessora de imprensa diz: O maior de todos.

O agente diz que eu preciso arrumar o maior milagre da minha carreira.

Com Fertility puta comigo e meu irmão ainda à solta, com o Laurabolin injetado na minha circulação, o esquema do jogo para escolher a minha eleita sagrada, o Projeto Gênesis, essa completa desconhecida que está aqui para se casar comigo e me deflorar, e a pressão para que eu cometa suicídio, eu não sei não.

O subsecretário do coordenador de mídia diz que estamos sem vodca. Ele está conosco na limusine. Também estamos sem vinho branco. Temos um monte de água tônica.

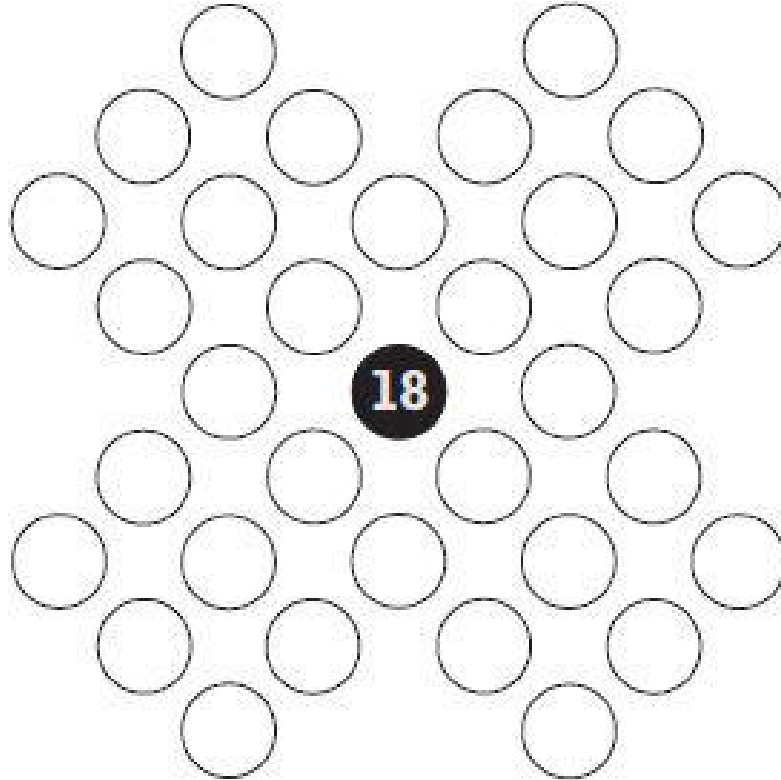
Todos olham para mim.

Não importa o que eu faça, eles ainda querem mais, melhor, mais rápido, diferente, mais novo, maior. Fertility tinha razão.

E agora o agente me diz que preciso do maior milagre da minha carreira.

— Você precisa concluir isso.

Amém, digo a ele. Sem brincadeira.



As pessoas sempre me perguntam se eu sei usar uma torradeira.

Eu sei o que um cortador de grama faz?

Eu sei para que serve condicionador de cabelo?

As pessoas não querem que eu aja de maneira mundana. Elas esperam que eu guarde certa inocência vinda do Jardim do Éden pré-maçã. Algo como a ingenuidade de Jesus quando bebê. As pessoas perguntam: Eu sei como funciona uma TV?

Não, eu não sei, mas a maioria das pessoas também não sabe.

Para início de conversa, a verdade é que eu nunca fui um gênio, e a cada dia fico mais ignorante. Não sou um idiota, mas estou chegando lá. Não dá para viver no mundo aqui fora durante toda a vida adulta sem pegar o jeito. Eu sei como funciona um abridor de latas.

A parte mais difícil de ser um líder religioso famoso e renomado é ter de me rebaixar às expectativas das pessoas.

As pessoas perguntam: Eu sei para que serve um secador de cabelo?

Segundo o agente, o segredo para estar sempre no topo é não ser ameaçador. Ser um nada. Um espaço em branco que as pessoas possam preencher. Ser um espelho. Eu sou a versão religiosa de um ganhador da loteria. Os EUA estão cheios de gente rica e famosa, mas, teoricamente, eu sou uma mistura rara: renomado e idiota, famoso e humilde, inocente e rico. As pessoas acham que basta viver sua vidinha simples, sua rotina de Joana D'Arc, ser a Virgem Maria que lava louças, e um dia a vez delas vai chegar.

As pessoas perguntam: Eu sei o que é um quiroprático?

As pessoas acham que a santidade é algo que acontece do nada. O processo como um todo deveria ser fácil assim. Como se qualquer um pudesse ser a Lana Turner na farmácia Schwab ao ser descoberto. Quem sabe no século XI fosse possível ser tão submisso. Hoje, as pessoas removem as ruguinhas ao redor da boca com *laser* antes de gravar o especial de Natal para a TV. Agora temos *peelings* químicos. Dermoabrasão. Para Joana D'Arc foi moleza.

Hoje, as pessoas perguntam: Eu sei o que é uma conta-corrente?

As pessoas sempre me perguntam por que não sou casado. Eu tenho pensamentos impuros? Acredito em Deus? Eu me masturbo?

Eu sei o que uma picotadeira faz?

Eu não sei. Eu não sei. Tenho minhas dúvidas. Não vou dizer. E tenho o agente para me explicar tudo sobre picotadeiras.

Mais ou menos a essa altura da história, recebo uma cópia do *Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais* pelo correio. Alguém da equipe de correspondências o encaminha para um assistente de interfaces de mídia que o entrega a um subassessor de imprensa que o direcionou ao programador diurno que o deixou na bandeja do meu café da manhã na suíte do hotel. Com meus quatrocentos e trinta gramas de complexo de carboidratos e seiscentos gramas de albumina está o MDE desaparecido da assistente social.

A correspondência chega em dez sacolas por vez. Eu tenho meu próprio CEP.

Ajude-me, cure-me. Salve-me. Alimente-me, dizem as cartas.

Messias. Salvador. Líder, é como me chamam.

Herege. Blasfemo. Anticristo. Demônio, é como me chamam.

Então estou sentado na cama com a bandeja no colo e leio o manual. Não há remetente no pacote, mas a assinatura da assistente social está na contracapa. É estranho como os nomes superam os donos, o significante supera o significado, o símbolo supera o simbolizado. Como os nomes entalhados em pedra nas catacumbas do mausoléu Memorial de Columbia, a única coisa que sobrou da assistente social foi o nome.

Nós nos sentimos superiores aos mortos.

Por exemplo: Se Michelangelo era assim tão esperto, por que morreu?

Como me sinto lendo o MDE: posso ser um bobalhão obeso, mas ainda estou vivo.

A assistente social continua morta e aqui está a prova de que tudo o que ela estudou e acreditou durante a vida já está errado. No final desta edição do MDE estão relacionadas as revisões da última edição. As regras já foram alteradas.

Aqui estão as novas definições do que é aceitável, do que é normal, do que é são.

O Orgasmo Masculino Inibido agora é Transtorno do Orgasmo Masculino.

O que era Amnésia Psicogênica agora é Amnésia Dissociativa.

O Transtorno de Ansiedade no Sonho agora é Transtorno de Pesadelo.

Os sintomas mudam de edição para edição. Pessoas lúcidas são loucas de acordo com o novo padrão. As pessoas que eram consideradas loucas são a imagem da saúde mental.

Sem nem ao menos bater na porta, o agente entra com os jornais matutinos na mão e me pega lendo na cama. Digo a ele: Olha só o que chegou pelo correio, e ele arranca o livro das minhas mãos e me pergunta se eu sei o que é uma evidência incriminadora. O agente vê o nome da assistente social e pergunta:

— Você sabe o que é homicídio qualificado? — ele segura o livro com uma mão e o estapeia com a outra. — Você sabe qual vai ser a sensação de sentar na cadeira elétrica?

Paft.

— Você tem noção do que uma condenação por homicídio vai causar nas vendas de entradas dos seus próximos eventos?

Paft.

— Você já ouviu a expressão “principal prova da acusação”?

Eu não sei do que ele está falando.

O som dos aspiradores de pó no corredor me dá preguiça. Já é quase meio-dia e ainda estou na cama.

— Eu estou falando disso aqui — diz o agente e segura o livro com as duas mãos bem na minha cara. — Este livro é o que a polícia chamaria de lembrança do crime.

O agente diz que os investigadores da polícia pedem todos os dias para conversar comigo a respeito da morte da assistente social. O FBI pergunta ao agente todos os dias o que aconteceu ao MDE que desapareceu com os históricos uma semana antes de a assistente social sufocar com o cloro gasoso. O governo não gostou de eu ter fugido da cena do crime. O agente me pergunta:

— Você sabia que está prestes a receber uma ordem de prisão?

Eu sei o que é um suspeito principal de assassinato?

Eu sei o que vai parecer ter esse livro comigo?

Continuo sentado na cama e comendo torradas sem manteiga e aveia sem açúcar. Eu me espreguiço e digo: Esqueça isso. Relaxe. O livro chegou pelo correio.

O agente me pergunta se isso não parece muito conveniente.

Ele quer demonstrar que eu poderia ter enviado o livro para mim mesmo. O MDE é uma boa lembrança da minha antiga vida. Por mais difícil que seja ser eu, com todas as drogas e agendamentos e zero integridade, parece melhor do que limpar privadas sem parar. E não é como se eu nunca tivesse roubado nada na vida. Outra boa maneira de roubar é achar uma mercadoria e tirar a etiqueta de preço. Funciona melhor em lojas muito grandes, com departamentos demais para que qualquer vendedor consiga saber de tudo. Encontre um chapéu ou luvas ou um guarda-chuva, tire a

etiqueta e leve ao setor de Achados e Perdidos. Você não precisa nem sair da loja com a mercadoria na mão.

Se a loja perceber que a mercadoria é do estoque, ela volta para a loja.

Na maioria das vezes, a mercadoria fica em um depósito de achados e perdidos e, se ninguém a retirar em trinta dias, ela fica para você.

E, como ninguém a perdeu, ninguém vai aparecer para retirá-la.

Nenhuma grande loja de departamentos vai contratar um gênio para cuidar do setor de Achados e Perdidos.

— Você sabe o que é lavagem de dinheiro? — pergunta o agente.

Isso poderia ser o mesmo tipo de golpe. Como se eu tivesse matado a assistente social e enviado o livro para mim mesmo. Lavado, por assim dizer. Como se eu o tivesse enviado para mim mesmo para parecer inocente, sentado aqui nos meus lençóis de algodão egípcio duzentos fios, orgulhoso do meu assassinato e tomando café da manhã ao meio-dia.

A ideia de lavar qualquer coisa me deixa nostálgico do som que as roupas com zíper fazem quando giram em um secador de roupas.

Aqui na minha suíte de hotel, não é preciso procurar muito para encontrar um motivo. No arquivo da assistente social havia todos os registros de como ela me curou, eu, o exibicionista, eu, o pedófilo, eu, o ladrão.

O agente pergunta: Eu sei como é um interrogatório do FBI?

Ele pergunta: Eu realmente acho que a polícia é tão idiota assim?

— Supondo que você não seja o assassino, você sabe quem enviou o livro? Quem possa estar tentando armar para você? — pergunta o agente.

Pode ser. Provavelmente sim, eu sei.

O agente acha que é alguém de uma religião inimiga, um católico, um batista, um taoísta, um judeu, um anglicano invejoso.

Foi meu irmão, digo a ele. Eu tenho um irmão mais velho que talvez ainda esteja vivo e é fácil imaginar Adam Branson matando os sobreviventes por aí e fazendo a polícia achar que foram suicídios. A assistente social fazia meu trabalho por mim. É fácil imaginá-la caindo em uma armadilha montada para me matar, um

frasco de amoníaco misturado com água sanitária embaixo da pia, só esperando eu abrir a tampa e cair duro com o cheiro.

O livro cai da mão do agente aberto no tapete. O agente passa a outra mão no cabelo.

— Mãe santíssima — diz ele. — Não me diga que você tem um irmão que ainda está vivo.

Talvez, eu digo. Provavelmente, talvez, é, eu tenho. Uma vez eu o vi em um ônibus. Foi umas duas semanas antes da morte da assistente social.

O agente fixa o olhar em mim na cama, coberto de migalhas de torrada, e diz:

— Não, não viu. Você nunca viu ninguém.

O nome dele é Adam Branson.

— Não, não é — o agente sacode a cabeça.

Adam ligou para minha casa e ameaçou me matar.

— Ninguém ameaçou matar você — diz o agente.

Ameaçou sim. Adam Branson está circulando pelo país, matando os sobreviventes para nos levar ao Paraíso ou para mostrar ao mundo a união dos Crentes ou para se vingar de quem denunciou o movimento de missionários do trabalho, eu não sei.

— Você entende o que significa *rejeição pública*? — pergunta o agente.

— Você sabe o que acontecerá com a sua carreira se as pessoas descobrirem que você não é o único sobrevivente da lendária e maligna Seita Mortal da Crendice? — pergunta o agente.

— E se o seu irmão for preso e disser a verdade sobre a seita? — pergunta o agente. — Ele vai desmentir tudo o que a equipe de redação tem dito ao mundo sobre a sua infância.

— E aí? — pergunta o agente.

Eu não sei.

— E aí você não será nada — diz ele.

— Aí você será somente mais um mentiroso famoso — diz ele.

— O mundo inteiro vai odiá-lo — diz ele.

— Você sabe quantos anos de cadeia pode pegar por um embuste público? Por falsidade ideológica? Por propaganda enganosa? Por difamação?

Aí ele se aproxima e sussurra:

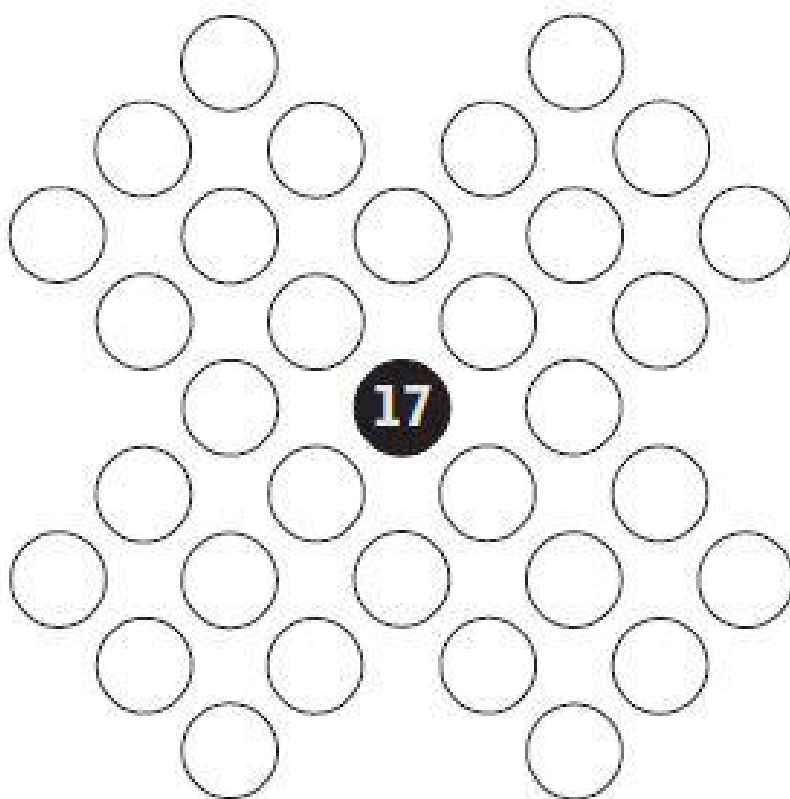
— Será que preciso dizer a você que a prisão faz Sodoma e Gomorra se parecerem com Minneapolis e St. Paul?

Ele vai me dizer o que eu sei, diz o agente. Ele pega o MDE do chão e o embrulha no jornal de hoje. Ele diz que eu não tenho um irmão. Que nunca vi o MDE. Que nunca vi meu irmão. Que lamento a morte da assistente social. Que sinto saudade da minha falecida família. Que eu amava profundamente a assistente social. Que sempre serei grato a ela pelo seu auxílio e orientação, e que rezo a cada minuto para que minha família não esteja ardendo no Inferno. Ele diz que eu fico ofendido com os contínuos ataques da polícia, preguiçosa demais para se esforçar em procurar o verdadeiro assassino da assistente social. Ele diz que só quero a conclusão de todas essas mortes trágicas. Ele diz que só quero seguir com a vida.

Ele diz que eu confio e valorizo a orientação diária do meu maravilhoso agente. E me diz que sou eternamente grato.

Rápido, antes que a camareira venha limpar o quarto, diz o agente, levando o MDE direto para a picotadeira.

— Agora levante a bunda da cama, seu preguiçoso de merda, e lembre-se do que falei porque você vai repetir tudo para a polícia em breve — disse o agente.



Vindos de um dos privativos ao meu lado, ouço gemidos e respirações. Alguém fazendo sexo ou defecando, não consigo distinguir. O privativo onde estou tem buracos nas duas divisórias, mas não consigo olhar através deles.

Se Fertility já está aqui, eu não sei.

Se Fertility estiver sentada aqui ao meu lado, calada até ficarmos a sós, eu vou implorar pelo meu grande milagre.

Ao lado do buraco, à minha direita, está escrito: Aqui me sento com dor no peito, tento cagar e só peido.

Ao lado dessa frase, está escrito: Essa é a história da minha vida.

Ao lado do buraco, à minha esquerda, está escrito: Pau duro ganha punheta.

Ao lado dessa frase, está escrito: Vá tomar no cu.

Ao lado dessa frase está escrito: Com prazer.

Este é o aeroporto de Nova Orleans, o aeroporto mais próximo do Superdome, onde vai acontecer o Super Bowl amanhã, onde, no intervalo, eu vou me casar.

E o tempo está se esgotando.

Lá fora, no corredor, meu séquito e minha nova noiva estão esperando por mim há mais de duas horas, enquanto fiquei aqui sentado por tanto tempo que minhas entranhas estão prestes a cair da minha bunda. Minhas calças estão esmagadas entre meus tornozelos. O protetor de papel do vaso sanitário está absorvendo água da privada e molhando minha pele. O cheiro das coisas dos outros invade minhas narinas quando respiro.

Descarga após descarga, sempre que um homem vai embora, chega outro.

Na parede, está entalhado: você sabe como a vida e os filmes pornô terminam. A única diferença é que a vida *começa* em um orgasmo.

Ao lado dessa frase está entalhado: Chegar ao fim é que é a parte excitante.

Ao lado dessa frase está entalhado: Que tântrico.

Ao lado dessa frase está entalhado: Esse lugar cheira a merda.

Ouçõ a última descarga. O último homem lava as mãos. Os últimos passos saem pela porta.

Sussurro no buraco à minha esquerda: Fertility? Você está aí?

Sussurro no buraco à minha direita: Fertility? Você está aí?

Não há mais nada além do meu medo de que outro homem entre aqui para ler seu jornal e descarregue mais uma série espetacular de seis refeições.

Aí, do buraco à minha direita, ouço:

— Odiei você ter me chamado de puta na TV.

Sussurro de volta: Sinto muito. Eu só estava lendo o roteiro que me passaram.

— Eu sei disso.

Eu sei que ela sabe.

A boca vermelha dentro do buraco diz:

— Eu liguei sabendo que você ia me trair. Livre-arbítrio não tem nada a ver com isso. Foi um lance Jesus/Judas. Basicamente, você

é meu fantoche.

Obrigado, eu digo.

Passos adentram o banheiro masculino e, seja lá quem for, sentou-se no privativo à minha esquerda.

Sussurro para o buraco à direita: não podemos conversar agora. Alguém entrou aqui.

— Não tem problema. É só o grande irmão — diz a boca vermelha.

Grande irmão?

— Seu irmão, Adam Branson — diz a boca.

E, através do buraco à minha esquerda, surge o cano de uma arma.

E uma voz, uma voz masculina, diz:

— Olá, irmãozinho.

A arma no buraco mira cegamente para todos os lados, aponta para meu pé, aponta para meu peito, minha cabeça, para a privada.

Ao lado do cano da arma está entalhado: Chupe isto.

— Não se apavore. Ele não vai matar você. Eu sei disso — diz Fertility.

— Eu não consigo ver você, mas tenho seis balas e alguma delas vai achá-lo — diz Adam.

— Você não vai matar ninguém — diz a boca vermelha à arma preta, ambos conversando em torno de mim. — Ele foi ao meu apartamento ontem à noite e colocou essa arma na minha cabeça, e só o que conseguiu foi bagunçar meu cabelo.

— Cala a boca — diz a arma.

— A arma está sem balas — diz a boca.

— Cala a boca! — diz a arma.

— Eu sonhei com você de novo na noite passada. Eu sei o que fizeram com você quando era criança. Eu sei que o que aconteceu com você foi horrível. Agora eu entendo por que você tem tanto medo de fazer sexo — diz a boca.

Eu sussurro: Não aconteceu nada comigo.

— Eu tentei fazê-los parar, mas só a ideia do que os presbíteros faziam com as crianças me dava enjoos — diz a arma.

Eu sussurro: Não foi assim tão ruim.

— No meu sonho, você estava chorando. Na primeira vez, você era apenas um garotinho e não tinha ideia do que ia acontecer — diz a boca.

Eu sussurro: Eu deixei tudo isso para trás. Sou uma celebridade religiosa renomada.

— Você não deixou nada para trás — diz a arma.

Deixei sim.

— Então por que você ainda é virgem? — diz a boca.

Eu vou me casar amanhã.

— Mas você não vai transar com ela — diz a boca.

Eu digo: Ela é uma moça adorável e envolvente.

— Mas você não vai transar com ela. Você não vai consumir o matrimônio — diz a boca.

— Era isso que a igreja fazia para que ninguém quisesse fazer sexo com alguém do mundo aqui fora — diz a arma para a boca.

— Bem, a coisa toda era sádica — diz a boca para a arma.

Por falar em casamento, eu digo, preciso do maior milagre que você tiver.

— Você precisa de mais do que isso. Amanhã, enquanto você estiver se casando, seu agente vai cair morto. Você vai precisar de um ótimo milagre e de um ótimo advogado — diz a boca.

A ideia de o meu agente morrer não é tão ruim assim.

— A polícia vai suspeitar que foi você — diz a boca.

Mas por quê?

— Há um frasco do seu novo perfume, Verdade, A Fragrância, e ele vai morrer sufocado com o cheiro — diz a boca.

— É só água sanitária misturada com amoníaco — diz a arma.

Eu pergunto: Como no caso da assistente social?

— É por isso que a polícia irá atrás de você — diz a boca.

Mas meu irmão matou a assistente social, eu digo.

— Culpado da acusação. E eu roubei o MDE e seu histórico — diz a arma.

— E foi ele quem armou para o agente morrer sufocado — diz a boca.

— Conte a ele a melhor parte — diz a arma para a boca.

— Nos meus sonhos, a polícia vem suspeitando cada vez mais de que foi você que matou todos os sobreviventes Crentes cujos suicídios pareceram forjados.

Todos os Crentes que Adam matou.

— Esses mesmos — diz a arma.

— A polícia acha que você matou toda essa gente para ficar famoso. De um dia para o outro, você deixou de ser o empregado gordo e feio para ser um líder religioso, e amanhã você vai ser acusado de ser o assassino em série mais bem-sucedido do país — diz a boca.

— Bem-sucedido provavelmente não é a palavra certa — diz a arma.

Eu digo: Eu não era tão gordo assim.

— Quanto você pesava? Seja sincero — diz a arma.

Na parede está escrito: Hoje é o pior dia do resto da sua vida.

— Você era gordo. Você é gordo — diz a boca.

Eu pergunto: Então por que você não me mata agora? Por que não coloca umas balas nessa arma e simplesmente atira em mim?

— A arma está carregada — diz a arma, e o cano gira e aponta para a minha cara, joelhos, pés, para a boca de Fertility.

— Você não tem balas — diz a boca.

— Tenho sim — diz a arma.

— Então prove. Atire nele. Agora mesmo. Atire nele. Atire! — diz a boca.

Eu digo: Não atire em mim.

— Não estou a fim — diz a arma.

— Mentiroso — diz a boca.

— Bem, talvez eu quisesse atirar nele há muito tempo, mas agora, quanto mais famoso ele ficar, melhor. Foi por isso que matei a assistente social e destruí os registros de saúde mental dele. Foi por isso que deixei lá aquele frasco falso de cloro gasoso para o agente cheirar — diz a arma.

Eu só fingi ser um louco pervertido para a assistente social, eu digo.

Entalhado na parede está escrito: Cague ou caia fora.

— Não interessa quem vai matar o agente. A polícia vai estar na linha das cinquenta jardas para prendê-lo por assassinatos em massa assim que você sair da mira das câmeras — diz a boca.

— Mas não se preocupe, vamos estar lá para salvar você — diz a arma.

Me salvar?

— Ofereça esse milagre a eles e o caos vai se instalar por tempo o suficiente para tirarmos você do estádio — diz a boca.

Eu pergunto: Caos?

— Procure por nós em um carro — diz a arma.

— Um carro vermelho — diz a boca.

— Como você sabe? Ainda não o roubamos — diz a arma.

— Eu sei de tudo. Vamos roubar um carro vermelho com câmbio automático, por que eu não sei usar marchas — diz a boca.

— Tá bom. Um carro vermelho — diz a arma.

— Tá bom — diz a boca.

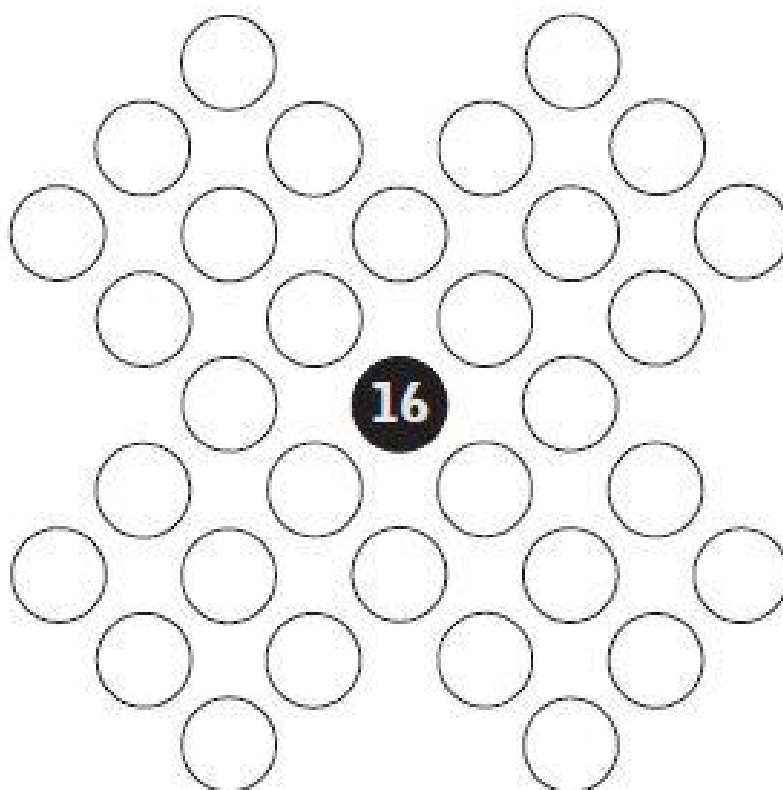
Eu não tinha como estar menos empolgado. Eu digo: Apenas me dê o milagre.

E Fertility me dá o milagre. O maior milagre da minha carreira.

E ela está certa.

E vai ser um caos.

Vai ser um pandemônio generalizado.



Às onze horas da manhã seguinte, o agente ainda estava vivo.

O agente estava vivo às onze horas e dez minutos e às onze horas e quinze minutos.

O agente estava vivo às onze horas e trinta minutos e às onze horas e quarenta e cinco minutos.

Às onze horas e cinquenta minutos, o coordenador de eventos me levou do hotel para o estádio.

Com todo mundo sempre nos cercando, coordenadores, representantes e gerentes, não consigo perguntar ao agente se ele trouxe o frasco de Verdade, A Fragrância, e se planeja sentir seu cheiro. Eu não posso simplesmente dizer para ele não cheirar o perfume hoje. Que, na verdade, é um veneno. Que o irmão que não tenho e que nunca vi mexeu nas coisas do agente e armou para ele. Toda vez que vejo o agente, toda vez que ele desaparece no

banheiro ou que viro as costas por um minuto, pode ser a última vez que o vejo.

Não é que eu ame o agente tanto assim. Consigo facilmente me imaginar no funeral dele, o que eu vestiria, o que diria no meu discurso. As risadas. Aí vejo Fertility e eu dançando um tango argentino na cova dele.

Eu só não quero ser condenado como assassino em massa.

Isso é o que a assistente social chamaria de uma situação de aproximação e evasão.

Seja lá o que eu disser sobre o perfume, o séquito vai repeti-lo para a polícia se ele aparecer morto por sufocamento.

Às dezesseis horas e trinta minutos, estamos nos bastidores do estádio com as mesas dobráveis e o bufê e o guarda-roupas alugado, o terno e o vestido de noiva pendurados, e o agente ainda está vivo e me perguntando o que eu planejo declarar como meu grande milagre do intervalo.

Não vou dizer.

— Mas é algo grande? — o agente quer saber.

É grande sim.

É grande o suficiente para fazer todos os homens neste estádio terem vontade de quebrar a minha cara.

O agente olha para mim com uma sobrelha arqueada e a cara fechada.

O milagre é tão grande que vamos precisar de todos os policiais desta cidade para impedir a multidão de me matar. Isso eu não digo ao agente. Eu não digo que essa é a ideia. A polícia vai estar tão ocupada tentando me manter vivo que não vai conseguir me prender por assassinato. Eu não conto essa parte ao agente.

Às dezessete horas, o agente ainda está vivo e eu estou me metendo em um terno branco com uma gravata branca. O juiz de paz se aproxima e me diz que está tudo sob controle. Eu só preciso continuar a respirar.

A noiva chega no vestido de noiva e, enquanto esfrega vaselina no dedo anelar, diz:

— Meu nome é Laura.

Esta não é a garota que estava na limusine ontem.

— Aquela era a Trisha — diz a noiva. Trisha ficou doente, então Laura é a substituta. Está tudo bem. Ainda vou estar casado com Trisha embora ela não esteja aqui. Trisha continua sendo a noiva que o agente quer.

— As câmeras não vão mostrar — diz Laura. Ela veste um véu que cobre o rosto.

As pessoas comem a comida do bufê. Próximo das portas de aço que se abrem para os lados, o pessoal da floricultura está a postos para montar o altar no campo de futebol americano. Os candelabros. Os gazebos cobertos de flores de seda brancas. Rosas e peônias e ervilhas-de-cheiro e alelis, todas quebradiças e grudentas por causa do *spray* de cabelo usado para deixá-las firmes. O buquê que a noiva vai carregar é composto de gladiolos de seda e dalias e tulipas de mescla, tudo enrolado em madressilvas brancas de seda.

Tudo parece lindo e real se você estiver longe o suficiente.

As luzes do campo são radiantes, diz a maquiadora, e me deixam com a boca enorme e vermelha.

Às dezoito horas, o Super Bowl começa. É futebol americano. São os Cardinals contra os Colts.

Cinco minutos depois do primeiro quarto, o placar é Colts 6, Cardinals 0, e o agente ainda está vivo.

Próximo das portas de aço que dão para o estádio estão os coroinhas e as damas de honra vestidas de anjos, flertando e fumando cigarros.

Com os Colts na linha das quarenta jardas, é o segundo *down* e seis jardas deles, e o programador de pós-evento está me informando que passarei a lua de mel em uma turnê de dezessete cidades para promover os livros, os jogos, a estatueta. Ainda não descartamos fundar minha própria religião mundial. Estão programando uma turnê pelo mundo, agora que o problema incômodo da minha virgindade está resolvido. O plano inclui visitas religiosas a Europa, Japão, China, Austrália, Cingapura, África do Sul, Argentina, Ilhas Virgens Britânicas e Nova Guiné, e vou estar de volta aos EUA a tempo do nascimento do meu primeiro filho.

Para não deixar nada ao acaso, o coordenador me conta que o agente tomou certas liberdades para se certificar de que a minha esposa vai dar à luz ao nosso primeiro filho ao final da minha turnê de nove meses.

Nos planos de longo prazo, minha esposa vai ter seis ou sete filhos, uma família Crente modelo.

O coordenador de eventos diz que não vou precisar mexer um dedo.

Vai ser uma concepção imaculada no tocante a mim.

As luzes do campo são radiantes demais, diz a maquiadora, e passa algo que deixa minhas bochechas vermelhas.

Ao final do primeiro quarto, o agente aparece para fazer que eu assinasse alguns papéis. Documentos de participação nos lucros, o agente me diz. A parte de nome Tender Branson, doravante denominada Vítima, concede à parte doravante denominada Agente o poder de receber e dispor de todo o dinheiro pago ao Consórcio de Mídia e Comércio Tender Branson, incluindo, mas não limitado a, vendas de livros, programas de TV, obras de arte, apresentações ao vivo e cosméticos, ou seja, perfume masculino.

— Assine aqui — diz o agente.

E aqui.

Aqui.

E aqui.

Alguém está prendendo uma rosa branca à minha lapela. Alguém está de joelhos limpando meus sapatos. A maquiadora continua esfumando.

O agente agora detém os direitos da minha imagem. E do meu nome.

É o fim do primeiro quarto e o jogo está empatado, 7 a 7, e o agente ainda está vivo.

O *personal trainer* me injeta dez cc de adrenalina para dar brilho ao meu olhar.

O coordenador de eventos sênior diz que tudo o que preciso fazer é andar na linha das cinquenta jardas até onde o casamento foi montado, no meio do estádio. A noiva vai chegar pelo outro lado. Todos nós vamos estar em cima de um tablado de caixas de

madeira com cinco mil pombos brancos dentro delas. O som da cerimônia foi gravado em um estúdio e é isso que a plateia vai ouvir. Eu não preciso falar nada até a previsão.

Quando eu pisar em uma alavanca escondida sob meu pé, os pombos vão ser soltos. Andar. Falar. Pombos. Uma moleza.

O supervisor de figurino avisa que temos de usar o espartilho para conseguirmos a silhueta perfeita e fala para eu me apressar e tirar a roupa na frente de todo mundo. Dos anjos, da equipe, do pessoal do bufê, da floricultura. Do agente. Agora. Tudo, menos a cueca e as meias. Agora. O supervisor de figurino está segurando a tortura do espartilho de borracha e aço para eu vestir e diz que é a minha última chance de dar uma mijada pelas próximas três horas.

— Não seria necessário vestir esse monstro se você conseguisse manter a forma — me diz o agente.

Já se foram quatro minutos do segundo quarto e ninguém consegue achar a aliança.

O agente põe a culpa no coordenador de eventos, que põe a culpa no supervisor de figurino, que põe a culpa no encarregado pelos acessórios, que põe a culpa no joalheiro, que teoricamente cederia uma aliança em troca da exibição de propaganda no dirigível que circula o estádio. Lá fora, o dirigível passa piscando o nome do joalheiro. Aqui dentro, o agente está ameaçando entrar com processos por quebra de contrato e tentando se comunicar com o dirigível.

— Finja que tem uma aliança — o coordenador de eventos me diz.

As câmeras vão nos filmar em plano americano. Basta fingir que estou colocando a aliança no dedo de Trisha.

A noiva diz que ela não é a Trisha.

— E lembre-se, basta dublar as palavras, pois já está tudo gravado — diz o coordenador.

Nove minutos do segundo tempo e o agente está vivo e gritando ao telefone.

— Tire-o do ar. Desligue-o. Me arrume uma arma e eu resolvo isso — ele está gritando. — Apenas tire esse maldito dirigível do ar.

— Não vai dar — diz o coordenador de eventos. Assim que todos da cerimônia deixarem o estádio, a equipe do dirigível vai soltar oito toneladas de arroz no estacionamento.

— Pode me acompanhar? — diz o programador sênior. Está na hora de tomarmos nossos lugares.

Os Colts e os Cardinals fazem um estardalhaço ao deixar o campo e o placar indica 20 a 17.

A multidão grita por mais jogo.

Os anjos e a equipe de acessórios correm com o altar e as flores brancas, os candelabros iluminados e o tablado lotado de pombos.

O espartilho espreme todos os meus órgãos internos até a garganta.

O relógio faz a contagem regressiva para o início do segundo tempo e o agente ainda está vivo. Só consigo respirar um pouco por vez.

O *personal trainer* se aproxima ao meu lado e diz:

— Tome, isso aqui vai deixar você um pouco mais corado.

Ele coloca um frasco debaixo do meu nariz e diz para eu respirar fundo.

A multidão está batendo os pés no chão com força, o relógio bate, o placar está apertado, e eu aspiro.

— Agora a outra narina — diz o *personal trainer*.

E eu aspiro.

Aí tudo desaparece. A não ser pelo zumbido do meu sangue correndo pelas veias nas minhas orelhas e do coração batendo contra o abraço do espartilho, não tenho consciência de nada.

Não sinto o mal. Não vejo o mal. Não ouço o mal. Não temo o mal.

A distância, o coordenador está acenando para mim, parado na grama artificial. Ele está apontando para a linha desenhada no campo, depois para um grupo de pessoas no tablado do casamento, coberto de flores brancas no meio do campo.

O zumbido do sangue vai desaparecendo e eu ouço uma música. Passo pelo coordenador e entro no estádio com milhares de pessoas gritando em seus lugares. A música ecoa vinda de lugar

nenhum. O dirigível está circulando lá fora e mostrando a mensagem:

Felicidades é o que deseja a família de produtos Philip Morris.

A noiva, Laura, Trisha, sei lá, chega pelo outro lado.

Sem abrir a boca, o juiz de paz diz:

VOCÊ, TENDER BRANSON, ACEITA TRISHA CONNERS AQUI PRESENTE COMO SUA LEGÍTIMA ESPOSA, PARA AMÁ-LA, RESPEITÁ-LA, E SEREM FECUNDOS E SE MULTIPLICAREM TANTO QUANTO POSSÍVEL ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE?

Dá para sentir a vibração das centenas de alto-falantes.

Sem abrir a boca, eu digo:

SIM.

Sem abrir a boca, o juiz de paz diz:

VOCÊ, TRISHA CONNERS, ACEITA TENDER BRANSON COMO LEGÍTIMO ESPOSO ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE?

E Laura faz a dublagem:

SIM.

Com as câmeras de TV se aproximando, fingimos trocar alianças.

Fingimos nos beijar.

O véu continua praticamente no mesmo lugar. Laura continua sendo Trisha. De longe, tudo parece perfeito.

Fora das câmeras, a polícia começa a entrar em campo. O agente deve estar morto. O perfume. Cloro gasoso.

A polícia está na linha das dez jardas.

Peço um microfone ao juiz de paz para falar minha previsão, meu milagre.

A polícia está na linha das vinte jardas.

Pego o microfone, mas ele está mudo.

A polícia está na linha das vinte e cinco jardas.

Eu digo: Testando, testando, um, dois, três.

Testando, um, dois, três.

A polícia está na linha das trinta jardas, com as algemas abertas e prontas para me prender.

O microfone ganha vida e minha voz ressoa nos alto-falantes.

A polícia está na linha das quarenta jardas dizendo: Você tem o direito de permanecer calado e tudo o que disser poderá ser usado

contra você...

E eu abro a boca.

Faço minha previsão.

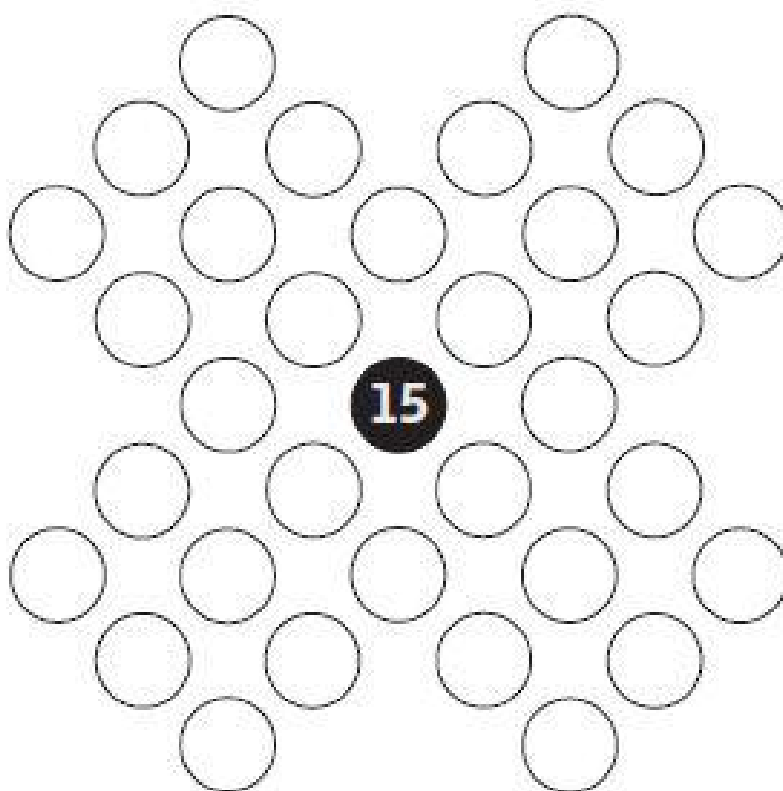
A polícia está na linha das quarenta e cinco jardas.

Com a minha voz ressoando em todo o estádio, eu digo:

O PLACAR FINAL DO JOGO DE HOJE SERÁ COLTS 27, CARDINALS
24. OS COLTS GANHARÃO O SUPER BOWL HOJE POR TRÊS PONTOS.

E a coisa pega fogo.

O pior é que o motor número dois acaba de pifar. Aqui em cima,
sozinho no voo 2039, tenho somente mais dois motores.



Para fazer o trabalho direito, pegue uma folha de papel amarelo e a dobre com uma folha de papel branco. Coloque um cupom nas folhas dobradas. Segure uma folha de selos de mercadorias com os papéis dobrados. Aí, dobre uma folha de papel timbrado em volta disso tudo e meta em um envelope.

Cole a etiqueta com o endereço correspondente no envelope e você acaba de ganhar três centavos.

Faça isso trinta e três vezes e você vai ter ganhado quase um dólar.

Onde estamos hoje à noite foi ideia do Adam Branson.

A carta que estou dobrando começa assim:

A água da casa dos WILSON traz com ela parasitas perigosos?

Onde estamos, teoricamente, é seguro.

O papel amarelo dobrado com o branco, o cupom dentro, a folha de selos, o papel timbrado, tudo vai para dentro do envelope, e eu

estou três centavos mais perto da fuga.

A água da casa dos CAMERON traz com ela parasitas perigosos?

Nós três estamos sentados em torno da mesa de jantar, eu, Adam e Fertility, enchendo esses envelopes. Às dez horas, a governanta tranca a porta da frente e, ao voltar, para na cozinha para perguntar se nossa filha está melhor. Os médicos conseguiram algum avanço? Ela vai sobreviver?

Fertility, ainda com arroz no cabelo, responde:

— Ela ainda não está fora de perigo.

É lógico que não temos uma filha.

Termos uma filha foi ideia do Adam Branson.

Ao nosso redor, há uma mistura de três ou quatro famílias, crianças e pais que conversam sobre câncer e quimioterapia, queimaduras e enxertos de pele. Infecções. A governanta pergunta o nome da nossa menininha.

Adam, Fertility e eu nos entreolhamos, Fertility com a língua de fora lambendo a aba de um envelope. Olhar para Adam é o mesmo que olhar para uma foto de quem eu era.

Juntos, respondemos três nomes diferentes.

— Amanda — diz Fertility.

— Patty — diz Adam.

Laura, eu digo. Só que os três nomes se misturam.

Nossa filha.

A governanta olha para mim, vestido com os restos do terno, e pergunta: Para que é o tratamento que sua filha está fazendo no hospital?

Juntos, respondemos três problemas diferentes.

— Escoliose — diz Fertility.

— Poliomielite — diz Adam.

Tuberculose, eu digo.

A governanta nos observa dobrando os papéis amarelos nos brancos, o cupom, os selos, o papel timbrado, e seus olhos se voltam para as algemas presas em um dos meus pulsos.

A água da casa dos DIXON traz com ela parasitas perigosos?

Foi Adam quem nos trouxe aqui. Só por uma noite, diz ele. Aqui é seguro. Agora que sou um assassino em série, Adam sabe como

podemos seguir para o norte pela manhã até chegarmos ao Canadá, mas esta noite precisamos de um esconderijo. Precisávamos de comida. Precisávamos ganhar algum dinheiro, então ele nos trouxe para cá.

Isso foi depois que o estádio e a multidão derrubaram a barreira de proteção policial. Isso foi depois da farsa do meu casamento, quando o agente estava morto e a polícia lutava para me manter vivo para que eu pudesse ser executado por assassinato. Todo o Superdome desceu para o campo no minuto em que anunciei a vitória dos Colts. Com metade das algemas já presa no meu pulso, a polícia não podia fazer nada para impedir a maré de bêbados que correu para nos cercar.

Em algum lugar, a banda tocava o hino nacional.

De todas as direções, as pessoas invadiam o campo vindas das arquibancadas. As pessoas corriam em nossa direção com os punhos em riste. Havia os Arizona Cardinals vestidos em seus uniformes. Havia os Indianapolis Colts ainda no banco, fazendo gestos de comemoração.

Assim que a polícia chegou à beirada do tablado, acionei a alavanca e cinco mil pombos brancos saíram voando, formando uma parede maciça ao meu redor.

Os pombos afastam a polícia por tempo o suficiente para que a multidão de fãs chegue ao centro do campo.

A polícia tenta contê-la e eu pego o buquê da noiva.

Sentado aqui enquanto preparo esses envelopes, quero contar para todo mundo como foi a minha fuga espetacular. Como o gás lacrimogêneo da barreira de proteção policial voava para todos os lados. Como o urro da multidão ecoou pelo estádio. Como eu peguei o buquê de flores de seda branca da noiva, que tinha lágrimas descendo pelo rosto. Como simplesmente passei o buquê cheio de *spray* de cabelo na chama de uma vela e fiz uma tocha para me defender de qualquer ataque.

Enquanto segurava a tocha de gladiolos e os arames incandescentes das madressilvas à minha frente, pulei do tablado e consegui abrir caminho até o campo de futebol. A linha das cinquenta jardas. A linha das quarenta jardas. Das trinta jardas. Eu,

no meu terno branco, corri e driblei como um zagueiro, disparando e torcendo o corpo. A linha das vinte jardas. Para evitar ataques, eu sacudia as dalias flamejantes à minha frente para todos os lados. A linha das dez jardas.

Há dez mil zagueiros doidos para me derrubar.

Alguns estão bêbados, alguns são profissionais, nenhum deles está turbinado pelas substâncias químicas de primeira que eu tenho no corpo.

Mãos seguram por trás meu paletó branco.

Homens se jogam nas minhas pernas.

Os esteroides é que salvaram a minha vida.

E aí, é gol.

Passo por baixo das traves em direção às portas de aço que me levarão para fora do campo.

A tocha foi consumida até sobraarem somente alguns trílios de seda quando a atiro por cima do ombro. Eu me espremo entre as portas de aço e tranco a fechadura pelo lado de fora.

Com a multidão do Super Bowl espancando as portas trancadas, estou seguro por algum tempo com a comida do bufê e a maquiadora. O cadáver do agente está coberto com um lençol branco em uma maca ao lado do bufê. O bufê é composto basicamente de sanduíches de peru, água mineral e frutas frescas. Salada de macarrão. Bolo de casamento.

A maquiadora está comendo um sanduíche. Ela inclina a cabeça para o agente morto e diz:

— Ótimo trabalho — ela diz que também sempre o odiou.

Ela está usando o Rolex de ouro do agente.

— Você quer um sanduíche? — pergunta a maquiadora.

Eu pergunto: Só tem de peru ou mais algum outro tipo?

A maquiadora me passa uma garrafa de água mineral e diz que meu terno está pegando fogo na parte de trás.

Eu pergunto: Como saio daqui?

Por aquela porta ali, diz a maquiadora.

As portas de aço atrás de mim estão ficando tortas.

Atravesse o salão, diz a maquiadora.

Vire à direita no final.

Saia pela porta escrito Saída.

Eu agradeço.

Ela diz que sobrou um sanduíche de carne moída, se eu quiser.

Com o sanduíche em uma mão, saio pela porta que ela me indicou, atravesso o corredor, passo pela saída.

Lá fora, no estacionamento, há um carro vermelho, um carro vermelho com câmbio automático. Fertility está atrás do volante e Adam está sentado ao lado dela.

Sento no banco de trás e tranco a porta. Para Fertility, no banco da frente, digo para fechar a janela. Ela brinca com os controles do rádio.

Atrás de mim, a multidão transborda pelas saídas, correndo para tentar nos cercar.

Os rostos chegam tão perto que já consigo sentir as cusparadas.

Então, vindo do céu, acontece o maior dos milagres.

Começa a chover.

Uma chuva branca.

Um maná do Paraíso. Eu juro.

Uma chuva tão grossa e pesada que a multidão cai, escorrega e cai, estatelada no chão. Grãos brancos de chuva quicam nas janelas dos carros e param no nosso cabelo.

Adam observa maravilhado o milagre da chuva branca que nos ajuda a escapar.

— É um milagre — diz Adam.

As rodas de trás giram em falso e deixam marcas pretas enquanto fugimos.

— Não, é arroz — diz Fertility enquanto pisa fundo.

O dirigível que circula o estádio diz "PARABÉNS!" e "FELIZ LUA DE MEL!".

— Eu gostaria que parassem com isso. Esse arroz mata os passarinhos — diz Fertility.

Digo a ela que esse arroz que mata passarinhos salvou nossa vida.

Estávamos na rua. Depois, estávamos em uma estrada.

Adam se virou no banco da frente para me perguntar:

— Você vai comer esse sanduíche todo?

Eu digo: É de carne moída.

Precisamos de uma carona para o norte, disse Adam. Ele tinha uma, mas a pessoa só deixaria Nova Orleans na manhã seguinte. Ele tinha dez anos de experiência nisso, viajar pelo país escondido e sem um tostão.

Matando pessoas, eu digo.

— Libertando pessoas para Deus — ele retruca.

— Calem a boca — diz Fertility.

Precisamos de dinheiro, Adam nos diz. Precisamos dormir. De comida. E ele sabia onde arrumar essas coisas. Ele conhecia um lugar onde as pessoas tinham mais problemas do que nós.

Só precisávamos mentir um pouquinho.

— De agora em diante, vocês têm uma filha — diz Adam.

Não temos, não.

— A filha de vocês está muito doente — diz Adam.

Não está, não.

— Vocês estão em Nova Orleans para levarem-na ao hospital. É só o que precisam dizer — diz Adam.

Adam diz que cuidará do resto. Ele diz a Fertility — Vire aqui.

— Agora vire à direita aqui — ele diz.

— Vire à esquerda daqui a dois quarteirões — ele diz.

Para onde ele está nos levando, poderemos passar a noite de graça. Nos darão comida para comer. Podemos trabalhar organizando documentos ou preparando envelopes para ganhar algum dinheiro. Podemos tomar banho. Podemos nos assistir na TV, nossa fuga no noticiário da noite. Adam me diz que estou desarrumado demais para ser reconhecido como o fugitivo assassino em massa que arruinou o Super Bowl. Para onde vamos, diz ele, as pessoas têm seus próprios problemas com que se preocupar.

— Quantas pessoas você precisa matar para passar de assassino em massa para assassino em série? — pergunta Fertility.

— Fiquem aqui no carro que eu vou entrar e ver o que consigo fazer. Lembrem-se, a filha de vocês está muito doente — diz Adam.

Aí ele diz:

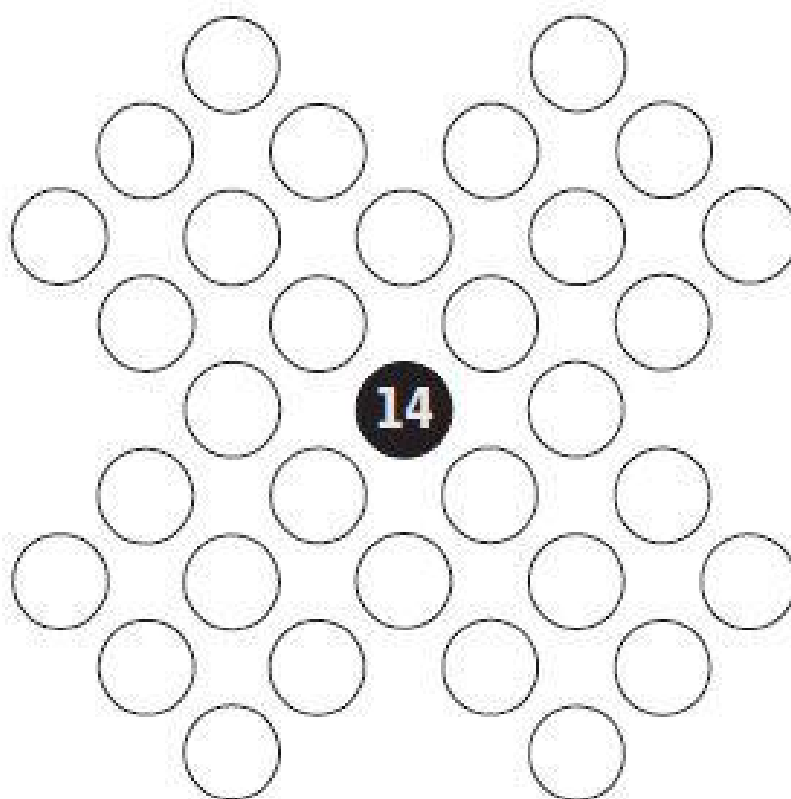
— Chegamos.

Fertility olha para a casa e para Adam e diz:

— Você é que é muito doente.

— Eu sou o padrinho da sua pobre filha — diz Adam.

A placa na frente da casa diz: Casa do Ronald McDonald.



Imagine morar em uma casa que muda de cidade todos os dias.

Adam conhecia três saídas de Nova Orleans. Ele nos levou para uma parada de caminhões nos limites da cidade e disse para escolhermos. Os aeroportos estavam sendo vigiados. As estações de trem e ônibus estavam cercadas. Não dava para nós três pegarmos carona e Fertility se recusou a dirigir até o Canadá.

— Eu simplesmente detesto dirigir. Além disso, o jeito de viajar do seu irmão é bem mais divertido — diz Fertility.

No dia seguinte à nossa estada na Casa do Ronald McDonald, estamos parados no estacionamento de cascalho do lado de fora de uma lanchonete para caminhoneiros quando Adam puxa um canivete do bolso de trás e abre a lâmina.

— E aí, o que vai ser? — diz ele.

Ninguém aqui vai para o norte. Adam estava lá dentro, conversando com os caminhoneiros. Nossas alternativas são estas,

diz Adam enquanto aponta para cada opção.

Tem a Westbury Estate que segue para o oeste pela Rodovia 10 até Houston.

Tem a Plantation Manor que segue para o nordeste pela Rodovia 55 até Jackson.

Tem a Springhill Castle que segue para noroeste, até Bossier City, pela Rodovia 49, com paradas em Alexandria e Pineville, e depois para o oeste na Rodovia 20 até Dallas.

Ao nosso redor, estacionadas no cascalho, há casas pré-fabricadas, casas de alvenaria, *trailers*. Elas estão separadas no meio ou em três partes e acopladas às traseiras de caminhonetes. A parte aberta de cada módulo está lacrada com um plástico transparente e, lá dentro, dá para ver as sombras de sofás, camas, carpetes enrolados. Eletrodomésticos. Mesas e cadeiras de jantar. Poltronas.

Enquanto Adam conversava com os caminhoneiros, tentando descobrir para onde iam, Fertility estava no banheiro da lanchonete pintando meu cabelo loiro de preto na pia e tirando o bronzeador do meu rosto e das minhas mãos. Preparamos envelopes o suficiente para comprarmos roupas usadas e um saco de frango frito com guardanapos de papel e salada de repolho.

Com nós três parados no estacionamento, Adam gira o canivete e diz:

— Escolha. Os homens que entregam essas casas adoráveis não vão passar a noite toda jantando.

A maioria dos caminhoneiros dirige a noite toda, conta Adam. Há menos trânsito. É mais fresco. Durante os dias quentes e lotados, os caminhoneiros saem da estrada e dormem no compartimento na parte de trás da cabine dos caminhões.

— Que diferença faz a nossa escolha? — pergunta Fertility.

— A diferença é se você faz questão de conforto — diz Adam.

É assim que Adam vem cruzando o país nos últimos dez anos.

A Westbury Estate tem uma sala de jantar e uma lareira embutida na sala de estar.

A Plantation Manor tem armários grandes e uma saleta para o café.

A Springhill Castle tem uma banheira de hidromassagem no banheiro especial. Um banheiro especial tem duas pias e uma parede de espelhos. A sala de estar e o quarto principal têm claraboias. A saleta de jantar tem uma cristaleira embutida com portas de vidro temperado.

Isso, dependendo da metade que você pegar. Como eu disse, são somente partes de casas. Casas partidas.

Casas disfuncionais.

A metade que você pegar pode ter só o quarto ou só a cozinha e a sala de estar, sem quartos. Pode haver três banheiros e mais nada, ou você pode pegar uma parte sem banheiro nenhum.

As luzes não funcionam. A parte hidráulica está toda seca.

Não importa o luxo que você conseguir arrumar, vai faltar alguma coisa.

Não importa o quão cuidadosa tenha sido sua escolha, você nunca vai ficar completamente satisfeito.

Escolhemos a Springhill Castle, e Adam passa o canivete no lacre de plástico que fecha a parte aberta. Adam abre somente meio metro, o suficiente para que ele consiga meter a cabeça e os ombros lá dentro.

O ar viciado da casa sai quente e seco da abertura.

Adam está enfiado lá dentro até a cintura, a bunda e as pernas ainda aqui fora conosco, e diz:

— O interior dessa é azul — com a voz vindo da parede de plástico transparente, ele diz: — Essa aqui tem mobília especial. Um conjunto de jantar modular. Um micro-ondas embutido na cozinha. Um candelabro de acrílico na sala de jantar.

Adam mete o corpo inteiro na casa e depois mete a cabeça para fora da abertura no plástico e dá um sorriso irônico para nós.

— Camas *king size* estilo Califórnia. Bancadas com revestimento que imita madeira. Cômoda rebaixada em estilo europeu e persianas verticais nas janelas. Vocês fizeram uma ótima escolha para uma primeira casa — diz ele.

Passamos pelo plástico, primeiro Fertility e depois eu.

A maneira como as formas e cores da mobília pareciam embaçadas e confusas pelo lado de fora da casa é como o mundo

exterior, o mundo real, parece ser fora de foco e irreal pelo lado de dentro do plástico. As luzes neon da lanchonete acabam de acender, fracas e borradas através do plástico. O barulho da rodovia chega fraco e abafado no lado de dentro.

Adam ajoelha-se com um rolo de fita adesiva transparente e fecha a abertura por dentro.

— Não vamos mais precisar disso. Para onde vamos, entraremos pela porta dos fundos ou da frente, como qualquer pessoa normal — diz ele.

O carpete, que cobre todo o chão, está enrolado e encostado na parede, esperando o resto da casa antes de ocupar seu lugar. A mobília e os colchões estão cobertos com uma capa de plástico fino, como o usado nas roupas lavadas a seco. Os armários da cozinha estão lacrados.

Fertility tenta acender a luz do candelabro da sala de jantar. Nada acontece.

— Também não use a privada ou vamos ter de conviver com suas coisas até sairmos daqui — diz Adam.

As luzes neon da lanchonete e dos faróis vindos da estrada cintilam através das portas francesas da sala de jantar enquanto comemos o frango frito sentados em torno da mesa embutida de madeira.

Essa parte da nossa casa partida tem um quarto, sala de estar, cozinha e sala de jantar, além de metade de um banheiro.

Se conseguirmos chegar a Dallas, diz Adam, podemos nos mudar para uma casa que siga em direção à Interestadual 35 até Oklahoma. De lá, podemos pegar casas pela Interestadual 35 até o Kansas. Depois, para o norte pela Interestadual 135 em Kansas até o oeste pela Interestadual 70 até Denver. No Colorado, vamos pegar uma casa que vá para o nordeste pela Interestadual 76 até que ela vire a Interestadual 80 em Nebraska.

Nebraska?

Adam olha para mim e diz:

— É. Nossa boa e velha terrinha, sua e minha — ele fala, com a boca cheia de frango frito mastigado.

Por que Nebraska?

— Para chegar ao Canadá — Adam diz e olha para Fertility que olha para a comida. — Vamos seguir a Interestadual 80 até a Interestadual 29 na fronteira com Iowa. Depois, seguimos para o norte pela 29 cruzando South Dakota e North Dakota até chegarmos ao Canadá.

— Direto para o Canadá — diz Fertility e me dá um sorriso que parece falso porque ela nunca sorri.

Quando nos despedimos à noite, Fertility leva o colchão para o quarto. Adam cai no sono deitado em uma parte do sofá de veludo azul.

Com a cabeça recostada no veludo azul, ele parece um cadáver em um caixão.

Fico acordado por um bom tempo na outra parte do sofá e penso sobre a vida que deixamos para trás. O irmão de Fertility, Trevor. A assistente social. O agente. Minha falecida família. Quase todos estão mortos.

Adam ronca e o motor a *diesel* de um caminhão faz um estrondo ao ligar, próximo de nós.

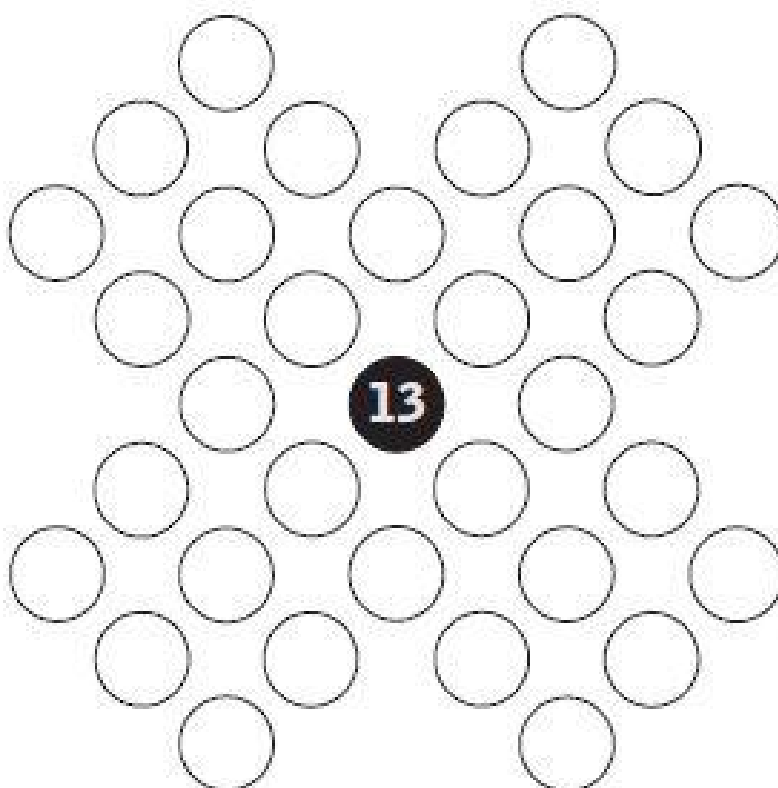
Penso no Canadá, se fugir vai resolver alguma coisa.

Deitado aqui na escuridão azul, fico pensando se fugir também é uma solução para uma solução para uma solução para uma solução para uma solução para um problema do qual não consigo me lembrar.

A casa inteira estremece. O candelabro balança. As folhas das samambaias de seda nos cestos de vime vibram. As janelas sacodem. Silêncio.

Do lado de fora do plástico, o mundo começa a se mover, deslizando, cada vez mais rápido, até ser apagado.

Até eu adormecer.



No segundo dia de estrada, meus dentes estão dormentes e amarelos. Meus músculos estão menos definidos. Não consigo viver como uma pessoa morena. Eu preciso de um pouco de tempo, só um minuto, só trinta segundos, sob os holofotes.

Independente do quanto eu tente esconder isso, pouco a pouco começo a desabar.

Estamos em Dallas, Texas, pensando em usar a metade de uma Wilmington Villa com balcões revestidos com imitações de ladrilhos e um bidê no banheiro principal. Não há quarto principal, mas tem uma lavanderia com área para lavadora e secadora de roupas. Lógico que não tem água nem energia nem telefone. Há eletrodomésticos cor de amêndoa na cozinha. Não há lareira, mas a sala de jantar tem cortinas que vão até o chão.

Isso depois de termos procurado mais casas do que consigo recordar. Casas com lareiras a gás. Casas com mobília em estilo

provinciano francês, com grandes mesinhas de centro com tampo de vidro e guias de luz.

Isso acontece com o pôr do sol vermelho e dourado no horizonte chapado do Texas, no estacionamento de uma parada de caminhões fora do território de Dallas. Eu queria a casa com quartos separados para cada um de nós, mas que não tinha cozinha. Adam queria a casa que só tinha dois quartos, uma cozinha, mas não tinha banheiro.

Tínhamos pouco tempo. O sol havia quase desaparecido e os caminhoneiros estavam prestes a começar a viagem, que duraria a noite toda.

Minha pele estava fria e escorrendo suor. Todo meu corpo doía, até as raízes loiras do meu cabelo. Ali mesmo no cascalho, comecei a fazer flexões bem no meio do estacionamento. Virei de costas e comecei a fazer abdominais com a intensidade de convulsões.

A gordura subcutânea já estava se acumulando. Meus músculos abdominais estavam desaparecendo. Meu peitorais começando a cair. Eu precisava de um bronzeador. Eu precisava marcar uma hora em uma clínica de bronzeamento.

Só cinco minutos, imploro a Adam e Fertility. Antes de pegarmos a estrada novamente, me deem dez minutos em uma câmara de bronzeamento Wolff.

— Não vai dar, irmãozinho. O FBI está de olho em todas as academias e clínicas de bronzeamento e lojas de produtos naturais do Meio-Oeste — diz Adam.

Depois de dois dias, eu estava cansado da porcaria de comida frita servida nas paradas de caminhões. Eu queria aipo. Eu queria faséolos. Eu queria fibras e farelo de aveia e arroz integral e diuréticos.

— Aquilo que falei para você está começando. Precisamos urgentemente trancafiá-lo em algum lugar. Ele vai entrar em Síndrome de Abstinência de Atenção — diz Fertility.

Os dois me carregam para uma Maison d'Élégance um pouco antes de o motorista engrenar o motor. Eles me enfiaram em um quarto nos fundos com apenas um colchão sem roupas de cama e um gigantesco armário em estilo mediterrâneo debaixo de um

grande espelho. Pela porta do quarto, eu conseguia ouvi-los empilhando a mobília em estilo mediterrâneo, conjuntos de sofás e mesinhas, lâmpadas feitas para se parecerem com garrafas de vinho, *home theaters* e banquetas contra a porta do quarto.

O Texas passa rapidamente pela janela do quarto. No crepúsculo, passou pela janela uma placa que dizia: Oklahoma, 400 km. O quarto inteiro estremece. As paredes são cobertas por papel enfeitado com pequenas flores amarelas vibrando tão rápido que me deixam enjoado. Para qualquer lugar que eu ande nesse quarto, ainda me vejo no espelho.

Minha pele está voltando ao branco natural sem a luz ultravioleta de que preciso. Talvez seja apenas minha imaginação, mas uma das minhas rótulas parece estar solta. Tento não entrar em pânico.

Eu rasgo minha camisa e procuro os danos no meu corpo. Fico de lado e contraio a barriga. Eu realmente preciso de uma seringa preparada de Durateston, agora. Ou Anavar. Ou Deca Durabolin. A nova cor do meu cabelo me deixa pálido. Minha última cirurgia plástica nas pálpebras não deu certo e já estou com bolsas debaixo dos olhos. Meus implantes capilares parecem estar caindo. Eu me viro para conferir no espelho se há pelos nascendo nas minhas costas.

Passou pela janela uma placa que dizia: Não trafegue pelo acostamento.

O resto do meu bronzeador está acumulado nos cantos dos olhos e nas rugas em volta da boca e em toda a testa.

Tento tirar um cochilo. Arranco o revestimento do colchão com as unhas.

Passou pela janela uma placa que dizia: Diminua a velocidade e trafegue pela direita.

Alguém bate na porta.

— Se você quiser, eu tenho um *cheeseburger* — diz Fertility através da porta e da mobília empilhada.

Eu não quero um maldito *cheeseburger* gorduroso, grito de volta.

— Você precisa ingerir açúcar, gordura e sal até voltar ao normal. É para o seu próprio bem — diz Fertility.

Eu preciso é de uma depilação completa, grito. Preciso de uma musse para cabelo.

Estou esmurrando a porta.

Eu preciso de duas horas em uma sala de musculação. Eu preciso subir trezentos andares em uma máquina de *step*.

— Você só precisa de uma intervenção. Você vai ficar bem — diz Fertility.

Ela está me matando.

— Estamos salvando sua vida.

Estou retendo água. Estou perdendo a definição nos ombros. As bolsas dos meus olhos precisam de corretivo. Meus dentes estão se deslocando. Preciso que apertem meu aparelho. Eu preciso da minha nutricionista. Liguem para o meu ortodontista. Minhas panturrilhas estão definindo. Eu dou o que você quiser. Eu dou dinheiro.

— Você não tem dinheiro — diz Fertility.

Eu sou famoso.

— Você é procurado por assassinatos em massa.

Ela e Adam têm de me arrumar uns diuréticos.

— Na próxima parada compro um *espresso* duplo americano para você — diz Fertility.

Isso não serve.

— É mais do que dariam a você na prisão.

Vamos repensar isso, eu digo. Na prisão haveria equipamento de musculação. Eu teria um banho de sol. Deve haver bancos para abdominais na prisão. Talvez eu conseguisse Winstrol no mercado negro. Eu digo: Me deixem sair. Liberem a porta.

— Só quando você colocar a cabeça no lugar.

EU QUERO IR PARA A PRISÃO!

— Na prisão tem uma cadeira elétrica.

Eu assumo o risco.

— Mas eles podem matar você.

Sem problemas. Eu só preciso ser o centro de muita atenção. Só mais uma vez.

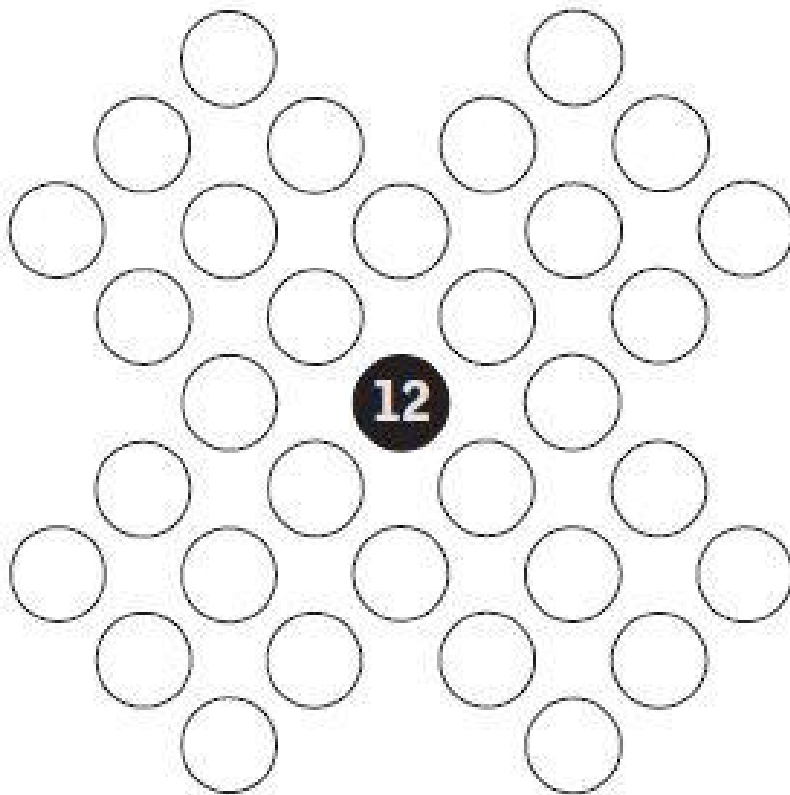
— Ah, se você for para a prisão, vai ser o centro de todas as atenções.

Eu preciso de hidratante. Preciso ser fotografado. Não sou uma pessoa comum, para sobreviver preciso de entrevistas constantes. Preciso estar no meu hábitat natural, a TV. Preciso ser livre e autografar livros.

— Vou deixar você sozinho um pouco — diz Fertility através da porta. — Você precisa de um tempo.

Odeio ser mortal.

— Pense nisso como *My Fair Lady* ou *Pigmaleão*, só que de trás para a frente.



Quando acordo novamente, estou delirando e Fertility está sentada na beirada da cama, massageando um hidratante vagabundo à base de petróleo no meu peito e nos meus braços.

— Bem-vindo de volta. Quase achamos que você não sobreviveria — diz ela.

Onde estou?

Fertility olha em volta.

— Você está em um Maplewood Chateau com o pacote de decoração comum. Linóleo na cozinha, piso de vinil que não precisa ser encerado nos dois banheiros. Tem um compensado de vinil fácil de limpar em vez de gesso cartonado nas paredes e é decorado com um tema costeiro azul e verde.

Não, sussurro, onde no mundo?

— Eu sabia que era essa a sua pergunta.

Passou pela janela uma placa que dizia: Retorno à frente.

O quarto ao nosso redor é diferente do que eu me lembro. Uma moldura de elefantes dançantes circula o quarto próximo ao teto. A cama na qual estou tem um dossel e cortinas brancas de renda fabricada penduradas ao redor e amarradas atrás com fitas de cetim rosa. Há persianas brancas em torno das janelas. Nosso reflexo está emoldurado por um espelho em forma de coração na parede.

Eu pergunto: O que aconteceu com a Maison?

— Isso foi há duas casas. Estamos em Kansas agora. Na metade de um Maplewood Chateau de quatro quartos. É o que há de melhor em casas fabricadas.

Então ele é bem bacana?

— Adam diz que é o melhor — diz ela, esticando as cobertas por cima de mim. — Ele vem com roupas de cama em cores coordenadas e há louças nos armários da sala de jantar que combinam com o malva do sofá e da poltrona de veludo da sala. Tem até toalhas em cores combinadas em tom de malva no banheiro. Não tem cozinha, ao menos não nessa metade. Mas tenho certeza de que, esteja onde estiver, a cor da cozinha é malva.

Eu pergunto: Onde está Adam?

— Está dormindo.

Ele não estava preocupado comigo?

— Eu disse a ele como as coisas iam funcionar. Na verdade, ele está bem feliz — diz Fertility.

As cortinas da cama dançam e balançam com o movimento da casa.

Passou pela janela uma placa que dizia: Cuidado.

Odeio que Fertility saiba de tudo.

— Eu sei que você odeia que eu saiba de tudo — diz Fertility.

Pergunto se ela sabe que matei o irmão dela.

Do nada, a verdade vem à tona. Minha grande confissão do leito de morte.

— Eu sei que você conversou com ele na noite em que morreu, mas Trevor se matou — diz ela.

E eu não era o amante homossexual dele.

— Eu sabia disso também.

E eu era a voz na linha de emergência com quem ela falava.

— Eu sei.

Ela esfrega um bocado de hidratante nas palmas das mãos e o passa nos meus ombros.

— Trevor ligou para a sua falsa linha de emergência porque estava à procura de uma surpresa. E estou seguindo você pelo mesmo motivo.

Com os olhos fechados, pergunto se ela sabe como tudo isso vai acabar.

— A longo ou a curto prazo? — ela pergunta.

Os dois.

— A longo prazo vamos todos morrer. Aí nosso corpo vai apodrecer. Não há nenhuma surpresa nisso. A curto prazo, nós vamos viver felizes para sempre — ela diz.

Sério?

— Sério. Então, não se preocupe.

Eu me vejo envelhecer no espelho em forma de coração.

Passou pela janela uma placa que dizia: Dirija com cuidado.

Passou pela janela uma placa que dizia: Velocidade controlada por radar.

Passou pela janela uma placa que dizia: Mantenha o farol aceso.

— Você consegue relaxar e deixar as coisas fluírem? — pergunta Fertility.

Eu pergunto: Ela quer dizer, tipo as tragédias, tipo o sofrimento? Se eu consigo simplesmente deixar isso rolar?

— E a Alegria, a Serenidade, a Felicidade, o Contentamento — ela lista todas as alas do mausoléu Memorial de Columbia. — Você não tem de controlar tudo. Você não pode controlar tudo.

Mas você pode estar preparado para a tragédia.

Passou uma placa que dizia: Aperte os cintos.

— Se você se preocupar com tragédias o tempo todo, é só isso o que vai ter — diz Fertility.

Passou uma placa que dizia: Área de desmoroamento.

Passou uma placa que dizia: Curvas perigosas à frente.

Passou uma placa que dizia: Pista escorregadia.

Lá fora, Nebraska está cada vez mais perto.

O mundo inteiro é um desastre anunciado.

— Quero que você saiba que não vou estar sempre aqui, mas sempre vou encontrá-lo — diz Fertility.

Passou pela janela uma placa que dizia: Oklahoma, 40 km.

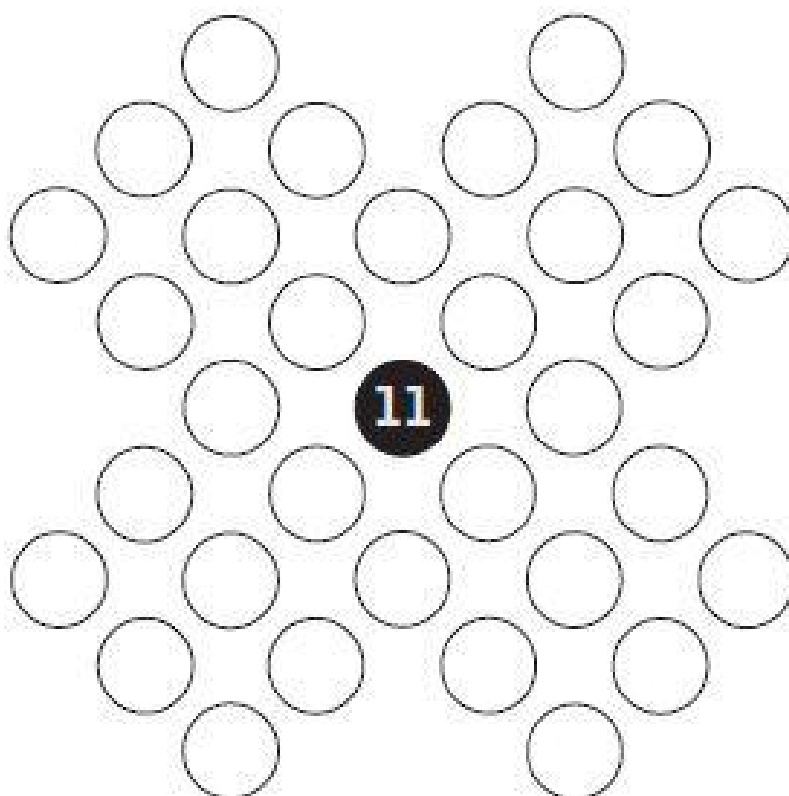
— O que quer que aconteça, o que quer que você ou seu irmão façam, é a coisa certa a fazer — diz Fertility.

— Você tem de confiar em mim — diz ela.

Eu pergunto: Você pode me dar um hidratante labial? Para os meus lábios. Estão ressecados.

Passou uma placa que dizia: Pare.

— Tá — diz ela. — Eu perdoei os seus pecados. Se isso ajudar você a relaxar um pouco, eu lhe trago um hidratante labial.



Lógico que perdemos Fertility em uma parada para caminhões em Denver, Colorado. Até eu conseguiria prever isso. Ela sai de mansinho para pegar um hidratante labial para mim enquanto o motorista do caminhão sai para mijar. Adam e eu estamos dormindo quando a ouvimos gritar.

E, claro, ela planejou tudo assim.

No escuro, com o luar reluzindo através das janelas, eu esbarro nos móveis até onde Adam deixou abertas as duas portas da frente.

Estamos saindo da parada e acelerando conforme o caminhoneiro troca de marchas com Fertility correndo atrás de nós. A mão dela está esticada com a embalagem de hidratante labial na mão. O cabelo vermelho esvoaça atrás dela. Os sapatos estalam no asfalto.

Adam estica a mão para salvá-la. A outra mão está segurando o batente da porta.

Com a agitação da casa, uma mesinha com tampo de mármore cai e sai rolando, passa por Adam e sai pelas portas. Fertility se desvia da mesa, que quebra na rua.

— Segure a minha mão. Você consegue alcançá-la — diz Adam.

Uma cadeira da sala de jantar sai sacudindo para fora da casa e quase acerta Fertility ao quebrar, e ela diz:

— Não!

Com as palavras quase engolidas pelo rugido do motor, ela diz:

— Pegue o hidratante.

— Não. Se eu não conseguir pegar você, vamos pular. Temos de ficar juntos — diz Adam.

— Não — diz Fertility. — Pegue o hidratante, ele precisa do hidratante.

— Ele precisa mais de você — diz Adam.

As janelas que deixamos abertas puxam o ar para dentro e o vão entre os móveis direciona o fluxo de ar através das portas. Almofadas bordadas pulam do sofá e quicam para fora das portas ao redor de Adam. Elas voam até Fertility, acertam seu rosto e quase a derrubam. Quadros decorativos, a maioria reproduções elegantes de plantas e de cavalos de corrida, são arrancados das paredes e voam até explodir em cacos de vidro e lascas de madeira e arte.

Como me sinto, quero ajuda, mas estou fraco. Tenho tido muito pouca atenção nos últimos dias. Mal consigo ficar em pé. Os níveis de açúcar no meu sangue estão enlouquecidos. Só posso observar enquanto Fertility fica para trás e Adam se arrisca, esticando-se mais e mais.

Os arranjos de flores de seda tombam e as rosas vermelhas, os gerânios vermelhos e as íris azuis de seda voam pela porta e tremulam em torno de Fertility. O símbolo do esquecimento, as papoulas, caem na estrada e ela as pisoteia. O vento joga laranjas falsas e ervilhas-de-cheiro, brancas e rosadas, mosquitinhos e orquídeas, brancas e roxas, aos pés de Fertility.

— Não pulem — diz Fertility.

— Eu vou achar você. Eu sei para onde você vai — diz ela.

Por um momento, ela quase consegue. Fertility quase alcança a mão de Adam, mas, quando ele tenta agarrá-la e puxá-la para dentro, as mãos se desencontram.

Quase se desencontram. Adam abre a mão e, dentro dela, está o hidratante labial.

E Fertility ficou na escuridão e no passado atrás de nós.

Fertility se foi. Devemos estar correndo a cem quilômetros por hora agora, e Adam se vira e atira tão forte o hidratante em mim que ele ricocheteia em duas paredes. Adam resmunga:

— Espero que esteja satisfeito e que seus lábios melhorem.

O armário da sala de jantar se abre, e pratos, saladeiras, sopeiras, taças e xícaras quicam e saem rolando pelas portas. Tudo isso se espatifa na rua. Tudo isso deixa um largo rastro cintilante sob o luar atrás da gente.

Não há ninguém correndo atrás de nós, e Adam luta para empurrar na direção da porta uma TV colorida embutida em uma mesa, com som *surround* e uma qualidade de imagem quase digital. Ele solta um grito ao jogá-la fora da varanda. Depois, joga uma poltrona de veludo pela varanda. Depois joga o cravo. Tudo explode ao cair na estrada.

Aí ele olha para mim.

O idiota, o fraco, o desesperado eu, estou rastejando pelo chão, tentando encontrar o hidratante labial.

Com os dentes à mostra e cabelo caindo no rosto, Adam diz:

— Eu devia jogar você lá fora.

Aí passou uma placa que dizia: Nebraska, 150 km.

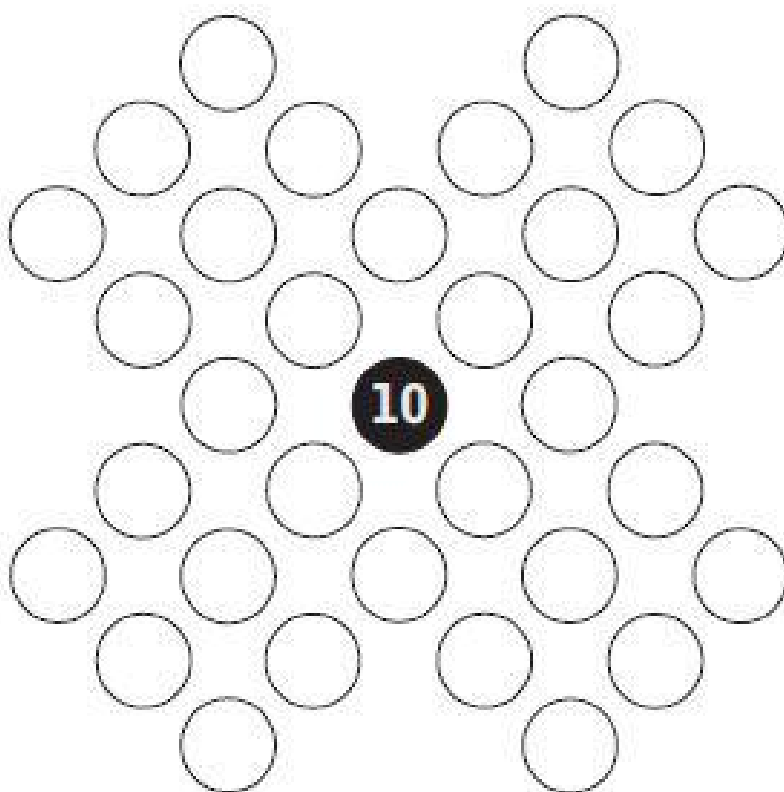
E um sorriso cobre lenta e sombriamente a expressão de Adam. Aos trancos, ele vai até as portas abertas e grita para o vento que uiva à sua volta.

— Fertility Hollis! — ele grita.

— Obrigado! — grita.

Na escuridão atrás de nós, toda aquela escuridão e os detritos e vidros e destruição atrás de nós, Adam grita:

— Não vou esquecer de tudo que você disse que vai acontecer!



Na última noite antes de chegarmos em casa, digo ao meu grande irmão tudo o que me lembro sobre a igreja da Crendice.

Na igreja, criávamos tudo o que comíamos. O trigo e os ovos e as ovelhas e o gado. Eu me lembro de que cultivávamos pomares perfeitos e pegávamos trutas cintilantes no rio.

Estamos na varanda dos fundos de uma Casa Castile a noventa quilômetros por hora na noite de Nebraska pela Interestadual 80. A Casa Castile tem candeeiros de vidro lapidado em todas as paredes e luminárias banhadas a ouro no banheiro, mas não tem energia nem água. Tudo é lindo, mas nada funciona.

— Sem eletricidade nem água. Tipo a nossa infância — diz Adam.

Estamos sentados na varanda com as pernas balançando por cima do asfalto que passa sob os nossos pés. A fumaça fedorenta do escapamento do *diesel* faz um turbilhão em torno de nós.

Na igreja da Crendice, digo a Adam, as pessoas tinham uma vida simples e recompensadora. Nós éramos um povo firme e orgulhoso. Nosso ar e nossa água eram limpos. Nossos dias eram úteis. Nossas noites eram absolutas. É disso que me lembro.

É por isso que não quero voltar para lá.

Não vai haver nada lá, exceto o Aterro Sanitário para Materiais Delicados Tender Branson. Como vão estar todos os anos de pornografia do país guardados trazidos para cá para apodrecer, eu não quero ver pessoalmente. O agente me mostrou os recibos. Toneladas de putaria, caminhões de descarga e despejo lotados, caminhões de lixo e vagões de carga cheios de putaria, chegavam lá todos os meses, e as escavadeiras a enterravam a um metro de profundidade, espalhada por todos os vinte mil hectares.

Eu não quero ver isso. Não quero que Adam veja isso, mas ele ainda tem a arma e Fertility não está aqui para me dizer se ela está carregada. Além disso, estou bastante acostumado a receber ordens sobre o que fazer. Para onde ir. Como agir.

Meu novo trabalho é acompanhar Adam.

Portanto, estamos voltando à igreja. Vamos roubar um carro em Grand Island, diz Adam. Vamos chegar ao vale por volta do nascer do sol, Adam prevê. É apenas uma questão de horas. Vamos chegar em casa em uma manhã de domingo.

Com nós dois observando a escuridão atrás de nós e tudo o que perdemos até agora, Adam diz:

— Do que mais você se lembra?

Tudo na igreja estava sempre limpo. As estradas estavam sempre bem conservadas. Os verões eram longos e brandos, com chuva a cada dez dias. Lembro-me dos invernos calmos e serenos. Lembro-me de separar as sementes, colhidas de cravos e girassóis. Lembro-me de cortar lenha.

— Você se lembra da minha esposa? — questiona Adam.

Na verdade, não.

— Ela não era muito inesquecível — diz Adam. A arma está na mão dele sobre o colo, ou eu não estaria sentado aqui. — Ela era uma Bidy Gleason. A gente deveria ter sido muito feliz junto.

Até que alguém avisou o governo e começou a investigação.

— A gente deveria ter tido uma penca de filhos e ganhado rios de dinheiro — comenta Adam.

Até o xerife ir lá pedir a documentação de todas as crianças.

— A gente deveria ter envelhecido naquela fazenda, com cada ano exatamente igual ao anterior.

Até o FBI dar início à investigação.

— Nós deveríamos ter nos tornado presbíteros da igreja em algum momento — diz Adam.

Até a Libertação.

— Até a Libertação.

Lembro-me de que a vida era tranquila e serena no vale da igreja. As vacas e galinhas passeando livremente. A roupa pendurada para secar. O cheiro de feno no celeiro. Tortas de maçã esfriando no parapeito de todas as janelas. Eu me lembro de que era um estilo de vida perfeito.

Adam olha para mim e balança a cabeça.

— Você é um idiota sobre tudo isso.

A aparência de Adam na escuridão seria a minha se todo esse caos nunca tivesse acontecido comigo. Adam é o que Fertility chamaria de um grupo controle de mim. Se eu não tivesse sido batizado e mandado para o mundo aqui fora, se eu nunca tivesse tido uma fama exagerada, assim eu seria, com os olhos azuis humildes e os cabelos claros de Adam. Meus ombros seriam retos e teriam um tamanho normal. Minhas mãos pintadas com esmalte transparente seriam as mãos fortes dele. Os meus lábios rachados seriam como os dele. Minhas costas seriam eretas. Meu coração seria o coração dele.

Adam contempla a escuridão e diz:

— Eu os destruí.

Os sobreviventes Crentes.

— Não — diz Adam. — Todos eles. A colônia inteira. Eu liguei para a polícia. Saí do vale uma noite e caminhei até achar um telefone.

Havia pássaros em todas as árvores Crentes, eu me lembro. E pegávamos lagostins com um pedaço de toucinho amarrado em um

barbante jogado no riacho. Quando o puxávamos para fora, a gordura estava coberta de lagostins.

— Eu devo ter discado zero no telefone, mas procurava pelo xerife. Eu disse à pessoa que atendeu que só uma em cada vinte crianças Crentes tinha uma certidão de nascimento oficial. Eu disse que os Crentes ocultavam seus filhos do governo.

Dos cavalos, eu me lembro. Nós tínhamos cavalos para arar e levar carroças. E nós os chamávamos pelo nome da sua cor, porque era pecado nomear um animal.

— Eu contei que os Crentes abusavam dos filhos e não pagavam impostos sobre a maioria da sua renda. Eu disse que os Crentes eram preguiçosos e indolentes. Eu contei que, para os pais Crentes, os filhos eram uma fonte de renda. Os filhos eram seus bens.

Do gelo pendurado nas casas, eu me lembro. Das abóboras. Das fogueiras da colheita.

— Eu dei início à investigação — diz Adam.

Da cantoria na igreja, eu me lembro. Da costura. Da construção dos celeiros.

— Deixei a colônia naquela noite e nunca mais voltei — diz Adam.

De ser amado e bem cuidado, eu me lembro.

— Nunca tivemos cavalos. As poucas galinhas e porcos que tínhamos eram só para manter as aparências. Você estava sempre na escola. Você acabou de se lembrar do que eles ensinaram a você sobre como era a vida dos Crentes cem anos atrás. Porra, há um século todo mundo tinha cavalos — explica Adam.

De ser feliz e pertencer à comunidade, eu me lembro.

— Não havia Crentes negros. Os presbíteros Crentes eram um bando de brancos racistas, sexistas e escravagistas — diz Adam.

Lembro-me de me sentir protegido.

— Tudo de que você se lembra está errado — diz Adam.

De ser valorizado e querido, eu me lembro.

— Você se lembra de uma mentira. Você foi criado e treinado e vendido — diz Adam.

E ele não.

Não, Adam Branson era um primogênito. Três minutos fizeram toda a diferença. Ele ficaria com tudo. Com os celeiros e as galinhas e os cordeiros. Com a paz e a proteção. Ele herdaria o futuro e eu seria um missionário do trabalho, que apara o gramado e apara o gramado, um trabalho sem fim.

A noite escura de Nebraska e a estrada deslizando rápida e quente ao nosso redor. Com um empurrão, digo para mim mesmo, eu poderia me livrar de Adam Branson para sempre.

— Quase tudo o que comíamos era comprado do mundo aqui fora. Eu herdei uma fazenda para criar e vender meus filhos — diz Adam.

— Nós nem ao menos reciclávamos as coisas — diz ele.

Então foi por isso que ele ligou para o xerife?

— Não espero sua compreensão. Você ainda é a criança de oito anos na escola, sentado na igreja, acreditando em tudo o que diziam. Você se lembra das imagens nos livros. Eles planejaram como você ia viver a vida inteira. Você ainda está dormindo.

E Adam Branson está acordado?

— Eu acordei na noite em que dei esse telefonema. Naquela noite, eu fiz algo que não poderia ser desfeito — diz Adam.

E agora todos estão mortos.

— Todos, menos eu e você.

E a única coisa que me resta a fazer é me matar.

— Isso é só o que você foi treinado para fazer. Seria a derradeira atitude de um escravo.

Então, o que mais eu posso fazer para que minha vida seja diferente?

— A única maneira de encontrar sua própria identidade é fazer a única coisa que os presbíteros Crentes mais o orientaram a não fazer. Cometer a maior transgressão. O pecado final. Dar as costas para a doutrina da igreja — diz Adam.

— Mesmo o Jardim do Éden não passa de uma gaiola enfeitada. Você vai ser um escravo pelo resto da vida, a menos que morda a maçã.

Eu comi a maçã inteira. Eu fiz de tudo. Eu apareci na TV e denunciei a igreja. Eu blasfemei na frente de milhões de pessoas.

Eu menti e roubei e matei, se você contar Trevor Hollis. Eu poluí meu corpo com drogas. Eu destruí o vale da igreja da Crendice. Eu trabalhei todos os domingos dos últimos dez anos.

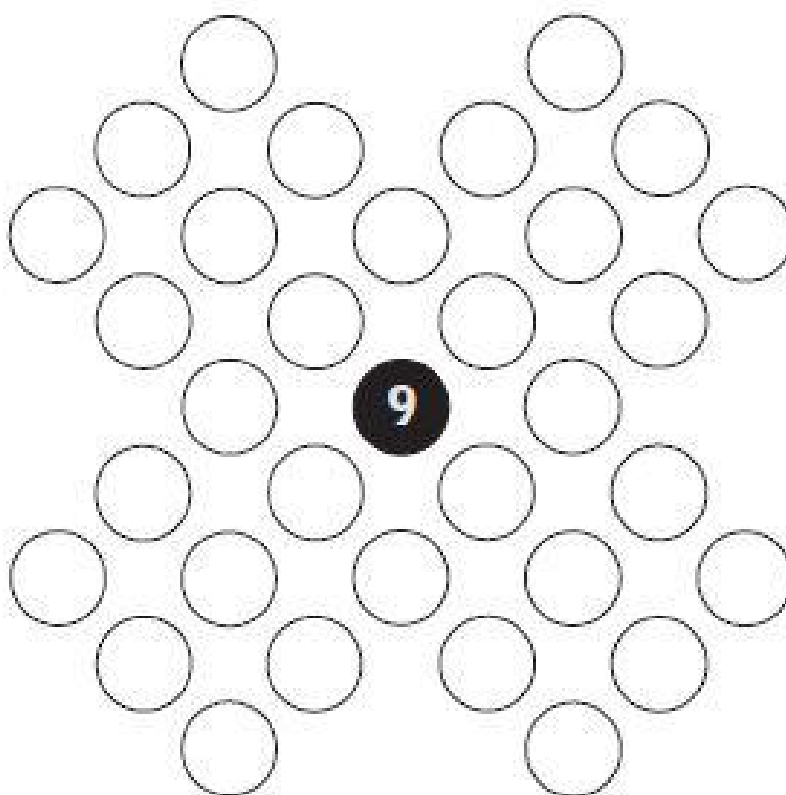
— Você ainda é virgem — diz Adam.

Em um salto, digo a mim mesmo, eu poderia resolver todos os meus problemas para sempre.

— Você sabe, afogar o ganso. Molhar o biscoito. Esquentar as coisas. O grande O. Dar umazinha. Ir até o fim. Meter a bola na caçapa. Abater a presa. Levar a tora pra serrar. Dar um tapa na aranha. Agasalhar o croquete. Fazer sujeira — diz Adam.

— Pare de tentar solucionar a sua vida. Lide com o seu maior problema — adverte Adam.

— Irmãozinho — diz ele —, você precisa trepar.



As terras da igreja da Crendice têm vinte mil e quinhentos e sessenta acres, quase todo o vale da cabeceira do rio Flemming, a noroeste de Grand Island, Nebraska. De Grand Island, é uma viagem de carro de quatro horas. Saindo de Sioux Falls, é uma viagem de nove horas.

Isso eu sei que é verdade.

A maneira pela qual Adam explicou todo o resto, eu ainda estou imaginando. Adam disse que, na maioria das culturas, o primeiro passo para torná-lo um escravo é castrá-lo. Eunucos, é como são chamados. Um pouco mais delicadas, outras culturas fazem você não gostar tanto assim de sexo. Elas cortam algumas partes. Partes do clitóris, como Adam chama. Ou a pele do prepúcio. Depois, as partes sensíveis do seu corpo, as partes das quais mais gostaria, você tem cada vez menos sensibilidade.

É essa mesmo a ideia, diz Adam.

Viajamos para o oeste pelo resto da noite, para longe de onde o sol vai surgir, tentando vencê-lo nessa corrida, tentando não ver o que ele vai nos mostrar ao chegarmos em casa.

No painel do carro, há uma estatueta de plástico de quinze centímetros de um homem em trajes da igreja da Crendice, as calças largas, o casaco de lã, o chapéu. Os olhos são feitos de plástico que brilha no escuro. As mãos estão em posição de oração, tão erguidas e tão distantes do corpo que parecem estar prestes a dar um mergulho para o lado direito do painel.

Fertility mandou Adam procurar um Chevette verde em algum lugar a dois quarteirões da parada de caminhões em Grand Island. Ela disse que as chaves estariam na ignição e o tanque estaria cheio. Depois que saímos da Casa Castile, levamos cerca de cinco minutos para encontrá-lo.

Enquanto olha para a estatueta no painel à sua frente, Adam diz:

— Que porra é essa?

Teoricamente, sou eu.

— Não parece nem um pouco com você.

Teoricamente, deveria parecer muito piedoso.

— Parece um demônio — diz Adam.

Eu dirijo.

Adam fala.

Adam diz: as culturas que não castram você para escravizá-lo castram a sua mente. Elas tornam o sexo tão nojento e mau e perigoso que, por mais que imagine que será uma delícia ter relações sexuais, você não vai tê-las.

É assim que a maioria das religiões no mundo aqui fora faz, fala Adam. É assim que os Crentes faziam.

Eu não quero ouvir nada disso, mas, quando tento ligar o rádio, todos os botões de sintonia estão programados em estações religiosas. Corais. Pregadores do evangelho que dizem que eu sou perverso e errado. Esbarro em uma estação com uma voz familiar, o Sacerdócio pelo Rádio Tender Branson. É um dos milhares de programas de rádio que gravei em um estúdio que nem me lembro onde fica.

O abuso dos presbíteros Crentes era indescritível, estou dizendo no rádio.

— Você se lembra do que fizeram com você? — pergunta Adam.

No rádio, estou dizendo: O abuso era interminável.

— Quero dizer, quando você era criança — corrige Adam.

Lá fora, o sol começa a se levantar, dando forma à escuridão total.

No rádio, estou dizendo: Pela maneira como nossa mente era totalmente controlada, não tínhamos escolha. Nenhum de nós desejaria fazer sexo no mundo aqui fora. Nunca trairíamos a igreja. Passaríamos a vida inteira trabalhando.

— E, se nunca fizer sexo, você nunca consegue ter senso de poder. Você nunca tem uma voz ou uma identidade própria. Sexo é o que nos separa dos nossos pais. As crianças dos adultos. É pelo sexo que os adolescentes se revoltam primeiro.

E, se nunca fizer sexo, explica Adam, você nunca vai superar tudo o mais que seus pais lhe ensinaram. Se você nunca quebrar a regra do sexo, não vai quebrar nenhuma outra regra.

No rádio, eu digo: É difícil para alguém no mundo exterior imaginar o quanto nós éramos treinados.

— A guerra do Vietnã não provocou a desordem dos anos 1960. As drogas também não. Bem, tirando um medicamento. A pílula anticoncepcional. Pela primeira vez na história, todo mundo podia fazer tanto sexo quanto desejasse. Todo mundo podia ter esse nível de poder.

Ao longo da história, os governantes mais poderosos foram maníacos sexuais. E ele pergunta: O apetite sexual deles vinha da sede de poder ou a sede de poder vinha do apetite sexual?

— E, se você não deseja sexo, vai desejar poder?

Não, ele afirma.

— E em vez de eleger políticos decentes, chatos, sexualmente reprimidos, talvez devêssemos achar os candidatos mais depravados e conseguir realizar alguma coisa — diz ele.

Passou uma placa que dizia: Aterro Sanitário para Materiais Delicados Tender Branson, 15 km.

— Você consegue perceber aonde quero chegar? — pergunta Adam.

Vamos chegar em casa em dez minutos.

— Você tem de se lembrar do que aconteceu — diz Adam.

Não aconteceu nada.

No rádio, eu digo: É impossível descrever o horror dos abusos.

No acostamento, surgem cada vez mais pedaços de revistas de sacanagem que voaram de caminhões descobertos. Fotos esmaecidas da nudez frontal de lindas mulheres se enroscam nos troncos das árvores. Homens suados e com enormes ereções roxas estão frouxamente pendurados nos galhos. As caixas pretas de vídeos estão jogadas no cascalho da estrada. Uma mulher perfurada feita de vinil rosa está deitada no mato com o vento sacudindo os cabelos e as mãos depois que passamos por ela.

— Sexo não é uma coisa apavorante e medonha — diz Adam.

No rádio, eu digo: É melhor eu simplesmente deixar o passado para trás e seguir com a vida.

Mais à frente, tem um ponto onde as árvores que ladeiam a estrada somem e não há mais nada. O sol lá em cima está nos alcançando e lá adiante não há nada além de um terreno baldio.

Uma placa passa dizendo: Bem-vindo ao Aterro Sanitário para Materiais Delicados Tender Branson.

E chegamos em casa.

Depois da placa, o vale estende-se até o horizonte, exposto, imundo e cinza, exceto pelo amarelo brilhante de algumas escavadeiras estacionadas e mudas por ser domingo.

Não há uma só árvore.

Não há um só pássaro.

Há um único marco no centro do vale, um pilar imponente de concreto, apenas uma coluna quadrada e cinza de concreto eleva-se no local onde ficava a capela da Crendice, com toda aquela gente morta lá dentro. Há dez anos. Espalhadas no chão à nossa volta, há fotos de homens com mulheres, mulheres com mulheres, homens com homens, homens e mulheres com animais e aparelhos elétricos.

Adam não diz uma palavra.

No rádio, eu digo: Minha vida agora é plena de alegria e amor.

No rádio, eu digo: Estou ansioso para me casar com a mulher escolhida na Campanha do Gênesis.

No rádio, eu digo: Com a ajuda dos meus seguidores, erradicarei o desejo sexual que controla o mundo.

A estrada entre o leito do vale e o pilar de concreto no centro é longa e esburacada. Em ambos os lados, conforme passamos, vibradores e revistas e vaginas de látex e camisinhas texturizadas se unem em montes ardentes, e a fumaça desses montes se movimenta como uma névoa sufocante de branco sujo do outro lado da estrada.

Mais adiante, o pilar fica cada vez maior e, em alguns momentos, perde-se atrás da fumaça de pornografia em chamas, apenas para ressurgir como um vulto.

No rádio, eu digo: Toda minha vida está à venda em uma livraria perto de você.

No rádio, eu digo: Com a ajuda de Deus, vou livrar o mundo do desejo por sexo.

Adam desliga o rádio.

— Eu abandonei o vale na noite em que descobri o que os presbíteros faziam a vocês, Tenders e Biddys — diz Adam.

A fumaça assenta sobre a estrada. Ela invade o carro e os nossos pulmões, ácida e corroendo nossos olhos.

Com lágrimas escorrendo pelas bochechas, eu digo: ninguém fez nada.

— Admita — fala Adam enquanto tosse.

O pilar reaparece, mais próximo.

Não há nada para admitir.

A fumaça obscurece tudo.

Aí Adam fala.

— Eles obrigavam você a olhar — fala Adam.

Não consigo enxergar, mas continuo a dirigir.

— Na noite em que minha esposa deu à luz nosso primeiro filho — diz Adam, enquanto a fumaça fazia as lágrimas deixarem um rastro negro no rosto dele —, os presbíteros levaram todos os Tenders e Biddys até lá e os obrigaram a olhar. Minha esposa gritou

como haviam mandado que fizesse. Ela gritou e os anciãos pregavam e lamentavam que o preço do sexo fosse a morte. Ela gritou e eles tornaram o parto o mais doloroso que puderam. Ela gritou e o bebê morreu. Nosso filho. Ela gritou, e depois morreu.

As duas primeiras vítimas da Libertação.

Foi nessa noite que Adam saiu do distrito da igreja da Crendice e deu aquele telefonema.

— Os presbíteros obrigavam vocês a assistir a todas as vezes que alguém no distrito da igreja tivesse um filho — diz Adam.

Estamos dirigindo a somente trinta ou quarenta quilômetros por hora, mas, perdido em meio à fumaça à nossa frente, está o gigante pilar de concreto do memorial da igreja.

Eu não consigo dizer nada, mas continuo a respirar.

— Então é lógico que você nunca desejaria sexo. Você nunca desejaria sexo porque toda vez que a nossa mãe teve mais um filho eles obrigaram você a se sentar lá e assistir. Porque sexo, para você, é só dor e pecado e sua mãe gritando deitada na cama.

E foi assim que ele falou.

A fumaça está tão densa que mal consigo ver Adam.

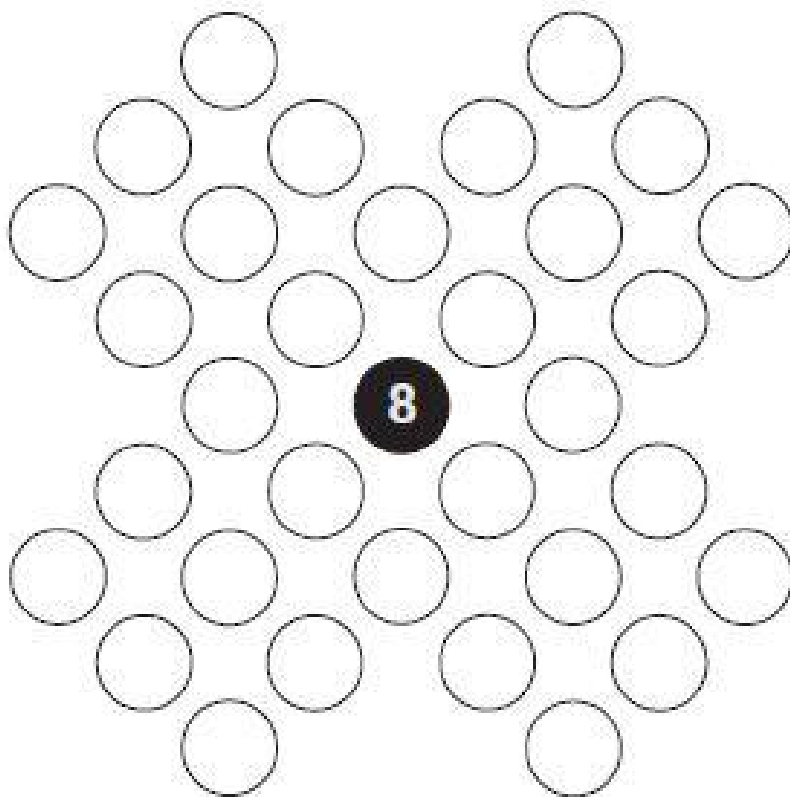
— A essa altura, sexo não deve ser nada além de tortura para você.

Ele simplesmente vomita tudo isso.

Verdade, A Fragrância.

E, nesse instante, a fumaça se dissipa.

E nós batemos de frente na parede de concreto.



No início, não há nada além de poeira. Um pó fino e branco flutua no carro, misturado à fumaça.

A poeira e a fumaça fazem redemoinhos no ar.

O único som vem do motor do carro, que pinga alguma coisa, óleo, anticongelante, gasolina.

Até Adam começar a gritar.

A poeira vem dos *air bags* que nos protegeram no momento do impacto. Eles estão agora murchos e vazios no painel e, enquanto a poeira assenta, Adam grita e agarra o rosto. O sangue que escorre de entre os dedos dele é negro em contraste com o branco que recobre todo o resto. Uma mão segura o rosto e a outra abre bruscamente a porta do passageiro, e ele sai cambaleando para o deserto.

Aí ele fica perdido na fumaça ao nosso redor, tropeçando em corpos nus, camadas de pessoas fornicando eternamente e eu grito

por ele.

Eu estou gritando o nome dele.

Em qual direção ele foi, eu não sei dizer.

Eu grito o nome dele.

Onde quer que eu pise, há as revistas que oferecem Garotas Tesudas.

Amantes de Paus Grandes.

Peitudas, Rabudas e Greludas.

Os gemidos vêm de todas as direções.

Eu grito: Adam Branson.

E só o que vejo são Aventuras Anais Masculinas.

E Garotas que Amam Garotas.

E Festinhas Bissexuais.

E, atrás de mim, o carro batido explode.

O pilar de concreto, cinza e elevado sobre nós, só chamas de um lado e, à luz do fogo, vejo Adam ajoelhado a alguns metros dali, as mãos agarradas ao rosto, balançando o corpo para a frente e para trás enquanto chora.

Sangue escorre das suas mãos, pelo rosto, pela face cheia de poeira branca, e, quando tento pegar suas mãos, ele grita:

— Não!

— Este é o meu castigo! — berra Adam.

Seus gritos se transformam em gargalhadas e Adam me mostra as mãos, agora abertas.

Os pequenos pés de plástico da estatueta para para-brisas de carros Tender Branson estão se projetando da confusão de sangue onde antes era o olho esquerdo dele.

— Este é o meu castigo! — diz Adam, meio gritando, meio gargalhando.

O resto da estátua está afundado, não sei até que profundidade.

O segredo, eu digo, é não entrar em pânico.

O modo de lidar com isso é que precisamos de um médico.

A fumaça negra do carro em chamas nos recobre. Sem um carro, os vinte mil hectares ao nosso redor são desolados e vastos.

Adam cai para o lado e vira de costas, olhando para o céu, cego de um olho por causa da estatueta e, do outro, por causa do

sangue.

— Você não pode me deixar aqui — diz ele.

Eu digo que não vou a lugar algum.

— Você não pode deixar que me prendam por assassinato em massa — Adam diz.

Eu digo que não fui eu quem libertou as pessoas para o Paraíso.

Com a respiração pesada e rápida, Adam diz:

— Você tem de me libertar.

Eu vou pedir ajuda.

— Você tem de me libertar!

Eu vou arrumar um médico, eu digo. Vou arrumar um bom advogado. Vamos alegar insanidade. Ele foi tão treinado pela igreja quanto eu. Ele apenas estava fazendo o que foi treinado a vida toda para fazer.

— Você sabe — Adam diz e engole —, você sabe o que acontece com homens na prisão? Você sabe o que acontece. Não deixe acontecer comigo.

Uma revista próxima diz: Bacanal Anal.

Eu não vou libertá-lo para o Paraíso.

— Então acabe com a minha aparência. Deixe-me tão monstruoso que ninguém nunca mais me deseje — diz Adam.

Uma revista diz: Fixação Anal.

E eu pergunto: Como?

— Ache uma pedra. Ache algo duro sob todo este lixo. Uma pedra. Cave.

Ainda deitado de costas, Adam puxa com as duas mãos os pés de plástico da estatueta, respirando fundo conforme retorce e puxa.

Com as duas mãos, eu cavo. Entre pessoas com virilhas grudadas, rostos grudados, virilhas grudadas, virilhas grudadas em bundas e bundas grudadas em caras, eu cavo um buraco.

Eu cavei um buraco do tamanho de uma sepultura antes de chegar ao solo, o adro Crente, o solo sagrado, e pego uma pedra do tamanho da minha mão fechada.

Em uma das mãos, Adam segura a estatueta suja de sangue, mais demoníaca que nunca.

Com a outra mão, Adam agarra o chão ao lado e arrasta uma revista aberta para o rosto mutilado. A revista mostra um homem e uma mulher copulando e, por debaixo dela, Adam diz:

— Quando você encontrar uma pedra, atire-a na minha cara quando eu avisar.

Não posso fazer isso.

— Eu não vou deixar você me matar — diz Adam.

Eu não confio nele.

— Você vai me dar uma vida melhor. Está nas suas mãos — diz Adam sob a revista. — Se você quiser salvar minha vida, faça isso por mim antes.

— Se você não fizer isso, assim que for buscar ajuda eu vou rastejar e me esconder, e vou morrer aqui — diz Adam.

Eu sinto o peso da pedra na mão.

Eu pergunto: Ele vai me avisar a hora de parar?

— Eu vou avisar quando for o bastante.

Ele promete?

— Eu prometo.

Levanto a pedra até a sombra dela recair nas pessoas que fazem sexo sobre o rosto de Adam.

E eu a atiro.

A pedra afunda.

— De novo! — grita Adam. — Mais forte.

E eu atiro a pedra.

E ela afunda ainda mais.

— De novo!

E eu a atiro.

— De novo!

E eu a atiro mais uma vez.

O sangue encharca as páginas até colorir o casal fodendo de vermelho e depois de roxo.

— De novo! — diz Adam, e suas palavras saem distorcidas, a boca e o nariz já deformados.

E eu atiro a pedra nos braços do casal e nas pernas e nos rostos.

— De novo.

E eu atiro a pedra até ela ficar pegajosa de sangue, até a revista estar destruída na parte do meio. Até minhas mãos ficarem grudentas e vermelhas.

Aí eu paro.

Eu pergunto: Adam?

Eu tento levantar a revista, mas ela se rasga. Está completamente empapada.

A mão de Adam que segurava a estatueta se abre, e a estatueta cheia de sangue rola para dentro da sepultura que cavei para encontrar algo duro.

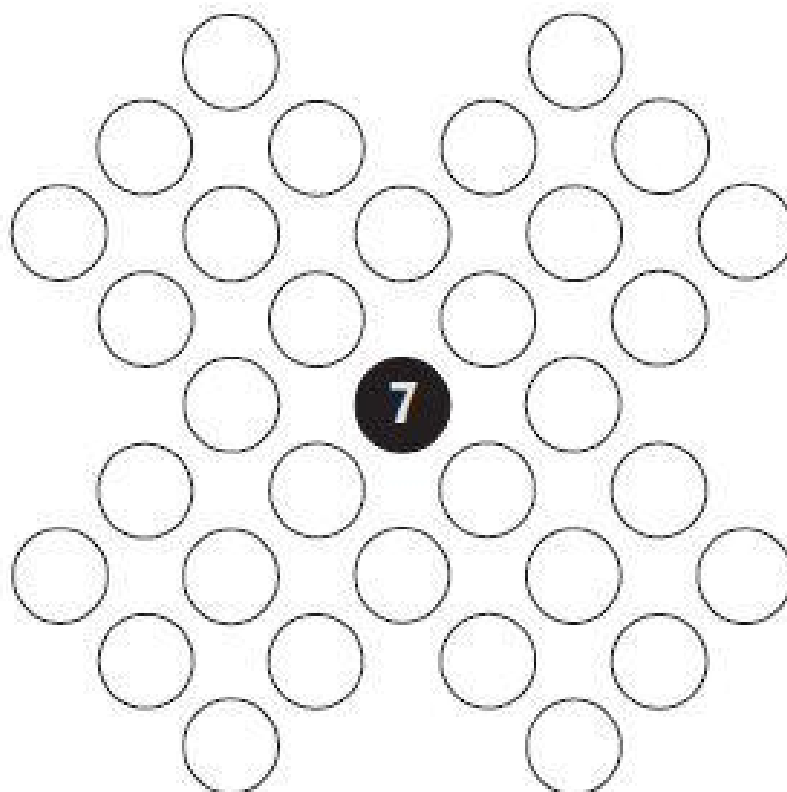
Eu pergunto: Adam?

O vento sopra a fumaça sobre nós.

Uma sombra enorme vem da base do pilar em nossa direção. Em um momento, ela apenas toca Adam. No momento seguinte, a sombra o recobre.

Senhoras e senhores, aqui no voo 2039, nosso terceiro motor acaba de pifar.

Temos apenas um motor esquerdo antes de começarmos nossa descida terminal.



A sombra fria do monumento da igreja da Crendice cai sobre mim durante a manhã toda enquanto enterro Adam Branson. Sob as camadas de obscenidade, sob os Cus Gulosos, sob as Travecas Gostosas, cavo com as mãos a terra do adro. Pedras maiores esculpidas com salgueiros e crânios estão enterradas por todos os lados. Os epitáfios escritos nelas são previsíveis.

Jamais serás esquecido.

Descansai no Paraíso com vossos erros.

Amado pai.

Adorada mãe.

Família confusa.

Que algum Deus vos conceda perdão e paz.

Assistente social inútil.

Odioso agente.

Irmão equivocado.

Pode ser o Botox que me injetaram ou as interações medicamentosas ou a falta de sono ou os efeitos de longo prazo da Síndrome de Abstinência de Atenção, mas eu não sinto nada. O interior da minha boca tem um gosto amargo. Aperto os gânglios linfáticos no meu pescoço, mas tudo o que sinto é desdém.

Pode ser que, depois que todo mundo à minha volta morreu, eu tenha desenvolvido uma habilidade para perder as pessoas. Um talento natural. Uma bênção.

Como ser estéril é uma habilidade profissional perfeita para que Fertility seja mãe de aluguel, pode ser que eu tenha desenvolvido uma ausência útil de sentimentos.

Assim como você consegue olhar para sua perna amputada na altura do joelho e não sentir nada a princípio, pode ser que seja apenas o choque.

Mas eu espero que não seja.

Não quero que isso passe.

Rezo para nunca mais sentir nada.

Porque, se isso passar, vai doer muito. Vai doer muito pelo resto da minha vida.

Você não aprende isso em uma escola de etiqueta qualquer, mas, para evitar que os cães cavem algo que você enterrou, despeje amoníaco no local. Para evitar formigas, borrife bórax.

Para evitar baratas, use sulfato de alumínio.

Óleo de hortelã evita ratos.

Para retirar manchas de sangue sob as unhas, enfie os dedos na metade de um limão e mexa-os. Enxágue-os em água morna.

Os restos do carro queimaram até sobrar somente os assentos incandescentes. Apenas uma faixa de fumaça flutua sobre o vale.

Quando tento levantar o corpo de Adam, a arma cai do bolso do casaco. O único som vem de algumas moscas que zunem em torno da pedra ainda gravada com uma cópia ensanguentada da minha mão.

O que sobrou do rosto de Adam ainda está envolto na revista pegajosa e vermelha, e, quando abaixo primeiro os pés e depois os ombros na cova que escavei, um táxi amarelo surge no horizonte e vem aos solavancos na minha direção.

A cova só tem espaço para Adam curvado de lado, e, ajoelhado na borda, começo a jogar a terra sobre ele.

Quando acaba a terra limpa, jogo a pornografia desgastada, livros obscenos sem lombada, Traci Lords e John Holmes, Kayla Kleeavage e Dick Rambone, vibradores sem pilhas, baralhos com cartas marcadas, camisinhas vencidas, ressecadas e frágeis, mas sem uso.

Eu sei como é.

Camisinhas texturizadas para maior sensibilidade.

A última coisa de que preciso é sensibilidade.

Tem uma camisinha recheada com um anestésico tópico para oferecer ação prolongada. Que paradoxo. Você não sente nada, mas consegue foder por horas.

Isso realmente não parece fazer sentido.

Eu queria que minha vida toda fosse recheada com um anestésico tópico.

O táxi amarelo desvia dos buracos e se aproxima. Tem uma pessoa dirigindo. Tem uma pessoa no banco de trás.

Quem é essa pessoa, eu não sei, mas consigo imaginar.

Eu pego a arma e tento encaixá-la no bolso do meu casaco. O cano rasga o forro do bolso e depois fica tudo escondido. Se está carregada, eu não sei.

O táxi corre até parar a uma pequena distância.

Fertility sai dele e acena. Ela se inclina na janela do motorista e a brisa me traz suas palavras:

— Espere, por favor. Só vai levar um minuto.

Aí ela vem na minha direção com os braços erguidos para se equilibrar e a cabeça baixa por todo o caminho escorregadio de camadas de revistas usadas. Garotos da Orgia. Engolidoras de Porra.

— Eu achei que você precisaria de companhia agora — ela grita para mim.

Eu procuro um lenço ou uma calcinha sem fundilhos pra tirar o sangue das minhas mãos.

Olhando para cima, Fertility diz:

— Nossa, a sombra do monumento mortal dos Crentes está cobrindo a sepultura do Adam de um jeito tão simbólico.

As três horas que passei enterrando Adam foram o período mais longo que já fiquei sem emprego. Agora, Fertility Hollis está aqui para me dizer o que fazer. Meu novo trabalho é acompanhá-la.

Fertility se vira para observar o horizonte e diz:

— Isso *sim* é que é o Vale da Sombra da Morte. Você certamente escolheu o lugar certo para esmagar o crânio do seu irmão. É tão Caim e Abel que mal consigo aguentar.

Eu matei meu irmão.

Eu matei o irmão dela.

Adam Branson.

Trevor Hollis.

Não me deixe perto do irmão de alguém com um telefone ou uma pedra.

Fertility coloca a mão na bolsa e diz:

— Você quer umas balinhas de alcaçuz?

Estendo as mãos cobertas de sangue seco.

— Acho que não — diz ela.

Ela olha por cima do ombro para o táxi, parado, e acena. Um braço sai pela janela do motorista e acena de volta.

Para mim, ela diz:

— Deixe-me resumir a história. Adam e Trevor praticamente se mataram.

Ela me diz que Trevor se matou porque a vida não guardava mais surpresas nem aventuras para ele. Ele estava doente e em estado terminal. Estava morrendo de tédio. O único mistério que lhe restou foi a morte.

Adam queria morrer porque sabia que, da maneira como foi treinado, nunca seria nada além de um Crente. Adam matou os Crentes que sobreviveram porque sabia que uma antiga cultura de escravos não podia ser a base de uma nova cultura de homens livres. Como Moisés guiando as tribos de Israel pelo deserto por uma geração, Adam queria que eu sobrevivesse, mas não a minha mentalidade escravizada.

— Você não matou meu irmão — diz Fertility.

— Você também não matou o seu irmão. O que você fez estava mais para o que chamam de eutanásia — diz Fertility.

Ela tira algumas flores da bolsa, flores de verdade, um ramalhete de rosas e cravos viçosos. Rosas vermelhas e cravos brancos amarrados juntos.

— Olha só — ela diz e se agacha para colocá-lo sobre as revistas onde Adam está enterrado.

— Aí está outro grande símbolo — diz ela, ainda agachada e olhando para mim. — Estas flores vão apodrecer em poucas horas. Pássaros vão cagar nelas. Essa fumaça fará que elas fiquem fedorentas e amanhã uma escavadeira provavelmente vai passar por cima delas, mas por enquanto são tão bonitas.

Ela tem uma personalidade tão atenciosa e amável.

— É, eu sei — diz ela.

Fertility se levanta e me segura por uma parte limpa do braço, uma parte sem cascas de sangue seco, e começa a me guiar em direção ao táxi.

— Podemos ficar exaustos e desanimados mais tarde, quando não me custar tanta grana — diz ela.

No caminho para o táxi, ela diz que a nação inteira está em alvoroço por causa do modo como acabei com o Super Bowl. Não vamos conseguir pegar um avião ou um ônibus em lugar algum. Os jornais estão me chamando de Anticristo. O assassino em massa Crente. O preço dos produtos Tender Branson disparou, mas pelos motivos errados. Todas as grandes religiões do mundo, os católicos e judeus e batistas e tudo o mais estão dizendo: nós avisamos.

Antes de chegarmos ao táxi, eu escondo as mãos sangrentas no bolso. A arma gruda no meu indicador.

Fertility abre a porta de trás do táxi e me faz entrar. Depois dá a volta e entra pelo outro lado.

Ela sorri para o motorista pelo retrovisor e diz:

— De volta a Grand Island, eu acho.

O taxímetro marca setecentos e oitenta dólares.

O motorista me olha pelo retrovisor e diz:

— Sua mãe jogou fora sua revista preferida para bater bronha? Este lugar não tem fim. Se você perder alguma coisa, não vai ter

como encontrá-la aqui.

— Não o deixe atingir você — sussurra Fertility.

O motorista é alcoólatra, ela sussurra. Ela pretende pagar a corrida com cartão de crédito, porque ele vai morrer em um acidente daqui a dois dias. Ele não vai ter tempo de receber o dinheiro.

Conforme o sol chega ao meio-dia, a sombra do pilar de concreto fica menor a cada minuto.

Eu pergunto: Como vai meu peixinho?

— Oh, puxa, seu peixinho — responde ela.

O táxi sacode em direção ao mundo aqui fora.

Nada deveria doer agora, mas não quero ouvir isso.

— Seu peixinho, lamento, ele acabou de morrer — Fertility diz.

Peixinho número 641.

Eu pergunto: Ele sentiu dor?

— Acho que não — diz Fertility.

Eu pergunto: Você se esqueceu de alimentá-lo?

— Não.

Eu pergunto: Então, o que houve?

— Não sei. Um dia ele simplesmente estava morto.

Sem nenhum motivo.

Não significava nada.

Não foi nenhum grande gesto político.

Ele simplesmente morreu.

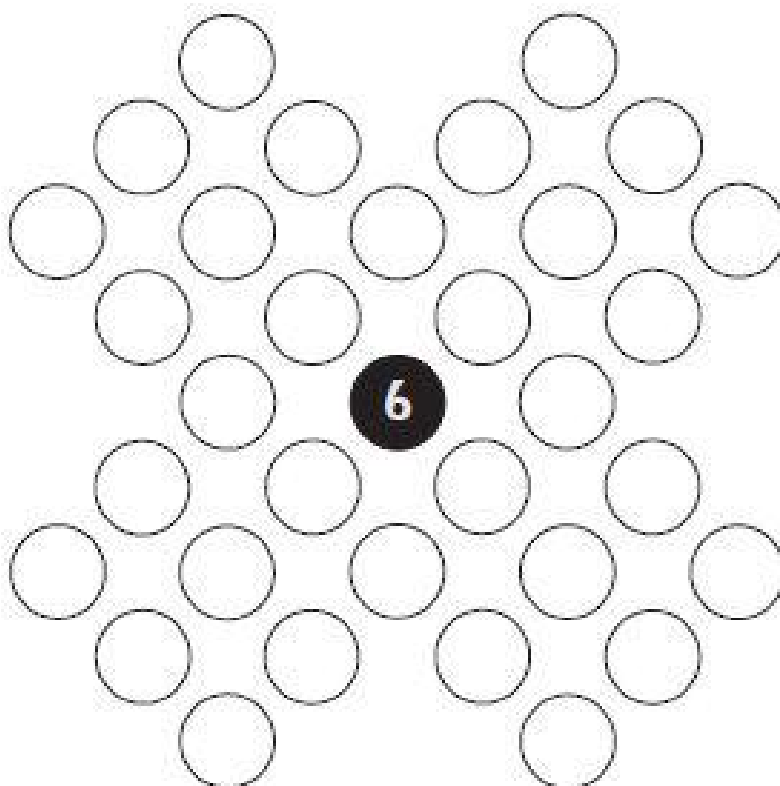
Era apenas uma porra de peixinho maldito, mas era tudo o que eu tinha.

Amado peixinho.

E depois de tudo o que aconteceu, isso deveria ter sido fácil de ouvir.

Adorado peixinho.

Mas, sentado ali no banco de trás do táxi, a arma na mão, as mãos nos bolsos, eu começo a chorar.



Em Grand Island, tínhamos um filho pequeno com lúpus para que pudéssemos passar alguns dias na Casa do Ronald McDonald de lá.

Depois disso, pegamos uma carona na metade de uma Mansion Parkwood que ia para o oeste. Não tinha nada além de quatro quartos, e nós dormimos separados com dois quartos vazios entre nós.

Em Denver, éramos pais de uma menina com pólio para que pudéssemos ficar em outra Casa do Ronald McDonald e comer e não ficar sentindo o mundo passar por debaixo de nós enquanto dormíamos à noite. Na Casa do Ronald McDonald, tivemos de dividir um quarto, mas que tinha duas camas.

Ao sair de Denver, pegamos uma Manor Estate Topsail que ia para Cheyenne. Estávamos simplesmente à deriva. Não estávamos gastando dinheiro nenhum.

Pegamos metade de uma Townhome Sutton Place que ia para não sabíamos onde e acabamos em Billings, Montana.

Nós começamos a jogar roleta-russa de casas.

Não parávamos nas lanchonetes de paradas de caminhões para ficar perguntando qual casa ia para onde. Fertility e eu simplesmente cortávamos o plástico para entrar e o fechávamos quando saíamos.

Nós rodamos por três dias e noites presos em metade de um Lodge Flamingo e só acordamos quando começaram a montá-la em Hamilton, Montana. Saímos pela porta dos fundos bem na hora em que a família feliz que a comprou entrava pela porta da frente.

Tudo o que levávamos era a bolsa da Fertility e a arma de Adam. Estávamos perdidos no deserto.

Ao sairmos de Missoula, Montana, pegamos um terço de uma Craftsman Manor que ia para oeste na Interestadual 90.

Passou uma placa que dizia: Spokane, 500 km.

Depois de Spokane, passou uma placa que dizia: Seattle, 300 km.

Em Seattle, tínhamos um garotinho com um buraco no coração.

Em Tacoma, tínhamos uma menina sem sensibilidade nos braços e nas pernas. Dissemos às pessoas que os médicos não sabiam o que havia de errado.

As pessoas nos disseram para torcer por um milagre.

Pessoas que realmente tinham filhos já mortos ou morrendo de câncer nos diziam que Deus era bom e generoso.

Nós vivíamos juntos como se fôssemos casados, mas quase nunca conversávamos.

Seguindo para o sul na Interestadual 5 por Portland, Oregon, nós pegamos carona na metade de uma Holly Hills Estate.

Antes de nos sentirmos prontos para isso, chegamos em casa, de volta à cidade onde nos conhecemos, de pé na calçada. Nossa última casa vai se afastando e nós deixamos que vá.

Eu ainda não contei a Fertility que o último desejo de Adam era que fizéssemos sexo.

Como se ela já não soubesse.

Ela sabe. Durante todas aquelas noites em que eu estava desmaiado, foi só sobre isso que Adam conversou com Fertility. Eu e

ela temos de fazer sexo. Para me libertar e me empoderar. Para provar a Fertility que o sexo poderia ser mais do que um rico consultor de *marketing* de meia-idade esguichando o DNA dele dentro dela.

Mas agora não moramos em lugar nenhum por aqui, não mais. O apartamento dela e o meu foram alugados para outras pessoas, Fertility sabe disso.

— Eu tenho um lugar onde podemos ficar esta noite, mas tenho de ligar antes para avisar — diz ela.

No orelhão há um dos meus adesivos de um milhão de anos antes.

Dê a si mesmo, à sua vida, só mais uma chance. Ligue para ser ajudado. E aí meu telefone.

Eu ligo e uma gravação diz que meu número foi desligado.

Para a gravação, eu digo: Não brinca.

Fertility liga para o lugar onde ela acha que podemos ficar. No telefone, ela diz:

— Meu nome é Fertility Hollis e fui indicada a você pelo dr. Webster Ambrose.

É o trabalho perverso dela.

É a história em eterna repetição do agente. A onisciência de Fertility parece uma moleza. Nunca acontece nada de novo.

— Sim, eu tenho o endereço. Desculpe-me por avisar em cima da hora, mas esta foi a primeira oportunidade que tive. Não — diz ela —, não dá para deduzir do imposto de renda. Não — diz ela —, esse é o preço da noite inteira, mas há um custo separado para cada tentativa. Não — diz ela —, não há desconto para pagamento à vista.

— Podemos combinar os detalhes pessoalmente — ela diz.

No telefone, ela diz:

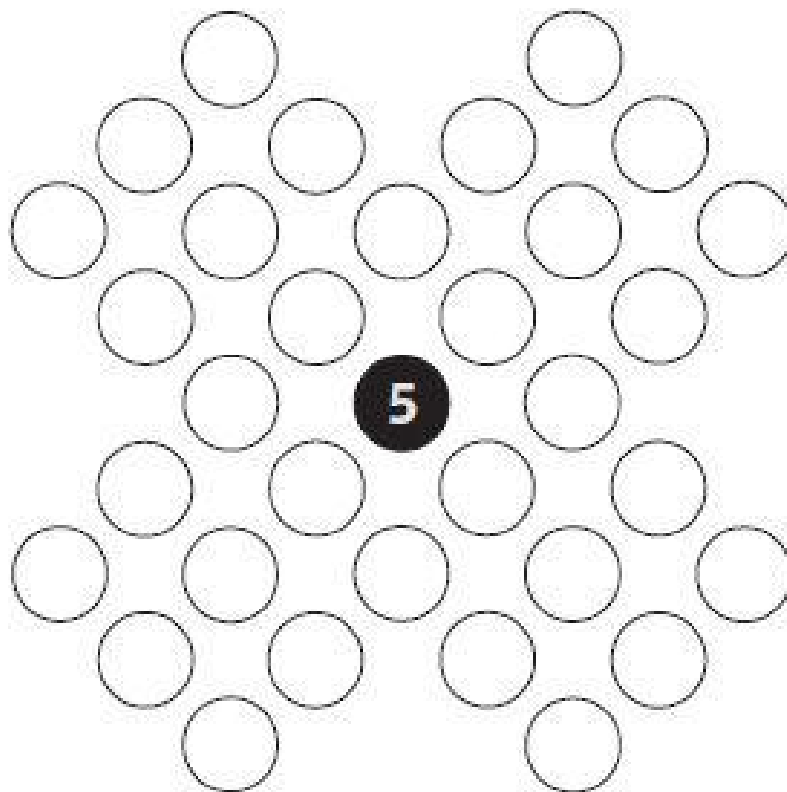
— Não, você não precisa me dar gorjeta.

Ela estala os dedos para mim e balbucia a palavra “caneta”. Aí, no adesivo da minha linha de emergência, ela escreve um endereço, repetindo o número e a rua para o telefone.

— Certo. Às sete horas então. Tchau — ela diz.

No céu acima de nós está o mesmo sol que nos observa cometer os mesmos erros sem parar. É o mesmo céu azul depois de tudo que passamos. Nada de novo. Sem surpresas.

O lugar para onde ela está me levando é a casa que eu costumava limpar. O casal para o qual ela vai procriar hoje à noite são meus patrões do interfone.



O caminho até a cama de Fertility é marcado por janelas estriadas e pintura descascada. Azulejos mofados e manchas de ferrugem. Ao longo de todo o caminho há ralos entupidos e pisos desgastados. Cortinas frouxas e estofados rasgados. Todas as paradas da *via crucis*.

Isso acontece depois que o homem e a mulher para quem eu trabalhava estavam lá em cima com Fertility fazendo sabe-se lá Deus o quê.

Isso acontece depois de eu entrar pela janela do porão que Fertility sabia que ia estar aberta. Isso acontece depois que eu me escondi entre as flores falsificadas no quintal, todas roubadas de túmulos, e depois que Fertility tocou a campainha às sete em ponto.

A poeira cobre tudo na cozinha. Louças recobertas de restos vindos do micro-ondas lotam a pia. O interior do micro-ondas está cheio de crostas de alimentos que explodiram.

Como o escravo criado e treinado e vendido que sou, vou direto trabalhar na limpeza. É só me perguntar como remover as camadas de sujeira de um micro-ondas.

Não, é sério, vá em frente.

Pergunte-me.

O segredo é ferver um copo com água no micro-ondas por alguns minutos. Isso amolece a crosta para que você possa limpá-la.

Pergunte-me como tirar manchas de sangue das mãos.

O truque é esquecer o quão rápido essas coisas acontecem. Suicídios. Acidentes. Crimes passionais.

Fertility no segundo andar executando seu trabalho.

Basta se concentrar na mancha até a memória ser totalmente apagada. A prática realmente leva à perfeição. Se é que dá para falar nesses termos.

Ignore a sensação de ter, como único talento verdadeiro, a ocultação da verdade. Você tem uma dádiva, concedida por Deus, para cometer um pecado terrível. É sua vocação. Você tem um dom natural para a negação. Uma bênção.

Se é que dá para falar nesses termos.

Passo a noite inteira limpando e continuo me sentindo sujo.

Fertility me disse que o procedimento acabaria antes da meia-noite. Eles a deixariam no quarto verde com os pés apoiados em travesseiros. Depois que o casal estivesse dormindo em seu próprio quarto, eu poderia entrar de fininho, em segurança.

O relógio do micro-ondas informa vinte e três horas e trinta minutos.

Eu me arrisco, e o caminho até a cama da Fertility é marcado por plantas murchas e maçanetas manchadas, nódoas de moscas e marcas de dedos manchados por tinta de jornal. Marcas de copos e queimaduras de cigarro sujam todos os móveis. Teias de aranha oscilam pelos cantos.

Está escuro no quarto verde e, por entre as sombras, Fertility diz:

— Não deveríamos estar fazendo sexo agora?

Eu digo: Acho que sim.

— Eu espero que você não se incomode em comer as sobras — diz ela.

Não me incomodo. Quero dizer, era isso que Adam queria.

— Você tem camisinhas? — diz ela.

Eu digo: Eu pensei que fosse estéril.

— Lógico, eu sou estéril, mas eu já fiz sexo sem proteção com um milhão de caras. Eu poderia ter alguma terrível doença fatal — ela diz.

Eu digo que isso só seria um problema se eu quisesse viver por um tempão.

— É assim que me sinto quanto à minha dívida gigante do cartão de crédito — diz Fertility.

Aí a gente faz sexo.

Se é que dá para falar nesses termos.

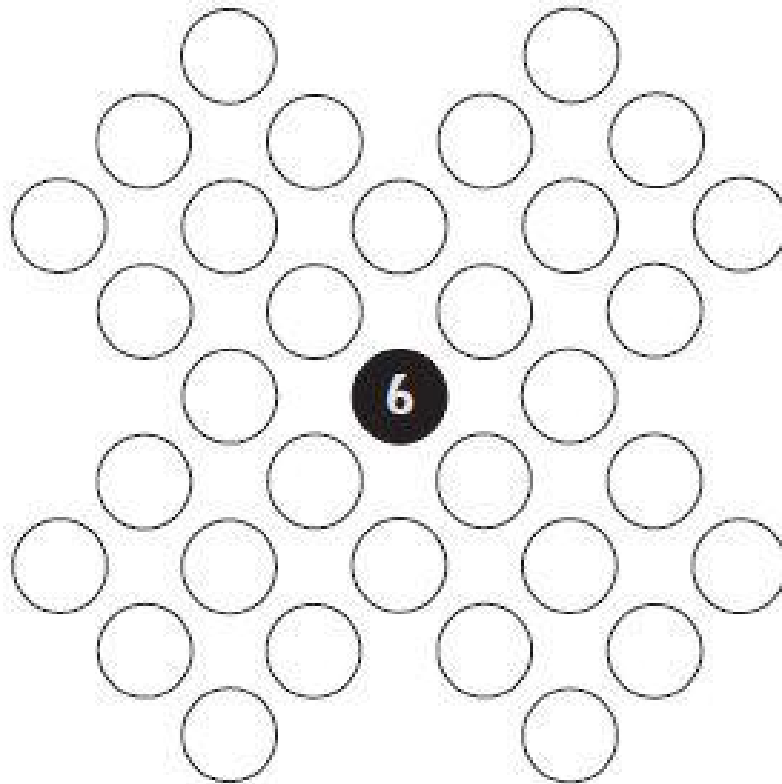
Depois de esperar a vida inteira, eu meto apenas um centímetro em Fertility e pronto.

— Bem — Fertility diz e me afasta. — Espero que isso realmente tenha lhe dado poder.

Ela não me oferece uma segunda chance de fazer amor.

Se é que dá para falar nesses termos.

Muito depois que ela cai no sono, eu a observo e imagino seus sonhos, se está sonhando com algum novo assassinato ou suicídio ou desastre terrível. E se está sonhando comigo.



Na manhã seguinte, Fertility está sussurrando para alguém ao telefone. Eu acordo e ela está vestida e de pé enquanto pergunta:

— Você tem algum voo para Sydney às oito horas?

— Só de ida, por favor. Um assento na janela, se tiver algum. Vocês aceitam Visa?

Assim que ela percebe que a estou observando, já desligou e está calçando os sapatos. Ela começa a guardar a agenda na bolsa, mas a coloca de volta na cômoda.

Eu pergunto: Aonde ela está indo?

— Sydney.

Mas por quê?

— Nada específico.

Eu digo: Me conte.

A essa altura, ela começa a carregar a bolsa em direção à porta do quarto: — Porque eu tive minha surpresa. Eu tive a maldita

surpresa que queria e, porra, eu não a quero. Eu não quero isso!

Isso o quê?

— Eu estou grávida.

Mas como ela sabe disso?

— Eu sei de tudo! — ela berra para mim. — Bem, eu sabia de tudo. Eu não sabia disso. Eu não sabia que ia ter de colocar uma criança neste mundo desgraçado, chato e terrível. Uma criança para herdar o meu dom de prever o futuro e viver uma vida de tédio dilacerante. Uma criança que nunca vai ter surpresas. Eu não previ isso.

E agora?

— Agora eu vou para Sydney, Austrália.

Mas por quê?

— Minha mãe se matou. Meu irmão se matou. Tire suas conclusões.

Mas por que a Austrália?

Agora ela já saiu pela porta do quarto e arrasta a bolsa em direção às escadas. Eu a seguiria, mas estou pelado.

— Pense nisso como um aborto bastante radical — ela grita para mim.

Um homem sai do quarto principal em um terno azul que eu passei mil vezes. Com uma voz que ouvi em mil ligações no interfone, ele me pergunta:

— Você é o dr. Ambrose?

No momento em que termino de vestir minhas roupas, Fertility desce as escadas e sai pela porta da frente. Pela janela do quarto, eu a vejo atravessar o gramado e pegar um táxi.

No corredor, uma mulher vestindo uma blusa de seda que eu lavei mil vezes se aproxima do homem de terno azul. Os dois paralisados na entrada do quarto principal, a mulher para quem eu costumava trabalhar grita:

— É ele! Lembra-se? Ele costumava trabalhar para a gente! É o Anticristo!

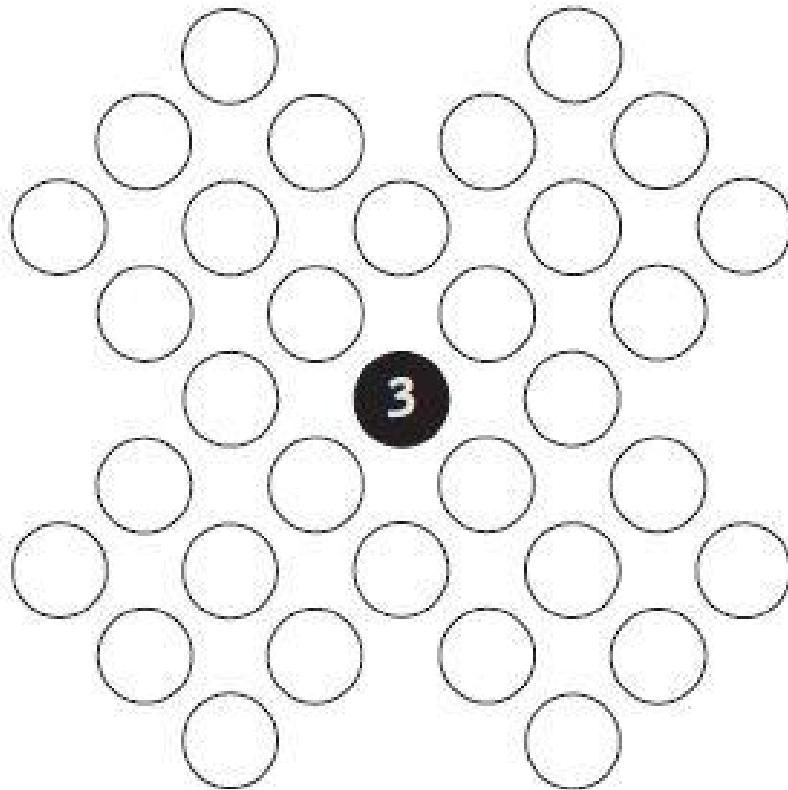
Eu meto a agenda de Fertility debaixo do braço e corro até ela. Ainda correndo, saio pela porta da frente, desço a rua em direção

ao ponto de ônibus, levo mais um minuto para encontrar a data de hoje na agenda, e ali está a resposta.

Às treze horas e vinte e cinco minutos, o voo 2039 direto para Sydney será sequestrado por um maníaco e vai cair em algum lugar do interior da Austrália.

Senhoras e senhores, como a última pessoa a bordo do voo 2039, acima do vasto interior da Austrália, é meu dever informá-los que nosso último motor acaba de pifar.

Por favor, apertem os cintos para começarmos nossa descida terminal para o esquecimento.



O aeroporto está cheio de agentes do FBI procurando por Tender Branson, Assassino em Massa. Tender Branson, Falso Profeta. Tender Branson, Estraga prazeres do Super Bowl. Tender Branson, aquele que abandonou a linda noiva no altar.

Tender Branson, o Anticristo.

Eu alcanço Fertility no balcão da companhia aérea.

— Uma passagem, por favor. Eu tenho reserva — ela está dizendo.

Nós usamos a tintura preta já faz algumas semanas e as raízes loiras estão aparecendo. A comida gordurosa da viagem me deixou gordo novamente. É só o segurança armado certo olhar para mim e apontar sua arma.

Eu verifico o bolso do meu casaco, e vejo que ele está vazio. A arma de Adam desapareceu.

— Se você está procurando a arma do seu irmão, está comigo — Fertility diz e abaixa a cabeça. — Este avião vai ser sequestrado nem que eu tenha de sequestrá-lo eu mesma.

Está descarregada, eu digo. Ela sabe disso.

— Está carregada, sim. Eu estava mentindo para que você não se preocupasse.

Então Adam poderia ter me matado a qualquer momento.

Da bolsa, Fertility tira uma urna de bronze brilhante. Para o funcionário, Fertility diz:

— Eu vou levar as cinzas do meu irmão no voo. Tem algum problema?

O funcionário responde que não, não tem problema. A urna não pode passar pelo raio x da segurança, mas vão deixar que a leve no avião.

Fertility paga as passagens e vamos em direção aos portões. Ela me entrega a bolsa e diz:

— Eu arrastei esse troço por meia hora. Faça algo útil.

A segurança está muito aflita com a urna para dar uma olhada em mim. Ela é de metal e ninguém quer abri-la, muito menos meter a mão nela.

Aqui e ali pelo caminho, todo o pessoal da segurança parece andar aos pares, olhando para nós e falando em *walkie-talkies*. A urna faz atrito contra minha perna através da bolsa. Fertility olha para a passagem e para as placas de cada portão que passamos.

— Aqui — diz ela quando chegamos ao portão. — Devolva-me a bolsa e caia fora daqui — ao nosso redor há pessoas formando uma fila enquanto a companhia aérea faz a primeira chamada de embarque.

Os passageiros com assentos nas fileiras 50 a 75, favor embarcar agora.

Qual dessas pessoas é o sequestrador terrorista enlouquecido, eu não sei.

No saguão atrás de nós, os pares de seguranças se juntaram em quartetos e sextetos.

— Devolva-me a bolsa — Fertility diz. Ela agarra a alça próxima da minha mão e puxa com força.

Levar Trevor com ela não faz sentido algum.

— Eu preciso da minha bolsa.

Os passageiros com assentos nas fileiras 30 a 49, favor embarcar agora.

Os seguranças estão se aproximando, avançando pelo saguão, vindo em nossa direção com todos os coldres abertos, todas as armas com uma mão segurando-as.

E aí me dá o estalo. Onde está a arma do Adam.

Está na urna, eu digo, e tento arrancar a bolsa de Fertility.

Os passageiros com assentos nas fileiras 10 a 29, favor embarcar agora.

Uma alça da bolsa arrebenta e a urna cai com um som metálico no assoalho acarpetado com Fertility e eu atrás dela.

Fertility planeja sequestrar o avião.

— Alguém tem de fazê-lo. É o destino.

A urna está em nossas mãos.

Os passageiros com assentos nas fileiras 1 a 9, favor embarcar agora.

Eu digo: Ninguém precisa morrer.

Esta é a última chamada para o embarque no voo 2039.

— Esse avião tem de cair na Austrália. Eu nunca erro — diz Fertility.

Um segurança grita:

— Parado!

Repetindo, esta é a última chamada para o embarque no voo 2039 para Sydney.

A segurança nos cercou e aí a urna se abre. Os restos mortais de Trevor Hollis se espalham por tudo que é canto. Do pó viestes. Nos olhos de todo mundo. Ao pó retornarás. Nos pulmões de todos. As cinzas de Trevor se espalham em uma nuvem em torno de nós. A arma de Adam bate no carpete com um barulho surdo.

Antes de Fertility, antes da equipe de segurança, antes que o avião saia da ponte de embarque, eu pego a arma. Pego Fertility. Tudo bem, tudo bem, tudo bem, tudo bem, vamos fazer as coisas do jeito dela, digo com a arma na cabeça de Fertility.

Eu nos levo de volta ao portão.

Eu grito: ninguém se mexe.

Eu paro para que o funcionário rasgue o bilhete e aí aceno em direção à urna aberta e à confusão de Trevor esparramado pelo carpete.

Eu digo: Alguém poderia recolher isso e entregá-lo a esta moça aqui? É o irmão dela.

Toda a equipe de segurança está agachada com as armas mirando a minha testa, enquanto um funcionário recolhe Trevor quase inteiro de volta para a urna e a entrega para Fertility.

— Obrigada — Fertility diz. — Isso é tão vergonhoso.

Nós vamos entrar nesse avião, eu digo, nós vamos decolar.

Eu nos levo para a ponte de embarque, tentando imaginar quem é o verdadeiro sequestrador enlouquecido.

Quando pergunto a Fertility, ela ri.

Quando pergunto por que, ela responde:

— Isso é muito irônico. Logo você vai descobrir quem é o sequestrador.

Eu digo: Conte-me.

As pessoas no avião estão amontoadas na parte de trás do avião, encolhidas e com a cabeça abaixada. Estão soluçando. No corredor perto da cabine há uma pilha com as carteiras e relógios e *laptops*, telefones celulares, minigravadores, aparelhos de som e alianças de casamento de todos os passageiros.

As pessoas estão muito bem treinadas.

Como se isso tivesse alguma coisa a ver com elas.

Como se isso tivesse alguma coisa a ver com dinheiro.

Mando a tripulação trancar as portas da cabine. Não é como se eu não tivesse viajado em um monte de aviões de estádio para estádio. Eu digo: Prepare a cabine para a decolagem.

Nos assentos mais próximos de nós há um cara gordo de terno que parece ser paquistanês. Alguns caras brancos que parecem saídos de uma universidade. Um rapaz com aparência de chinês.

Pergunto a Fertility: Qual deles? Quem é o verdadeiro sequestrador?

Ela está de joelhos ao lado da pilha de oferendas escolhendo, e rouba um belo relógio feminino e um colar de pérolas.

— Descubra você mesmo, Sherlock — ela responde.

— Eu sou só uma refém inocente — ela diz e coloca uma pulseira de diamantes no pulso.

Eu grito: Todos mantenham a calma, por favor, mas saibam que há um terrorista assassino perigoso a bordo deste avião e pretende derrubá-lo.

Alguém solta um grito.

Eu digo: Cale a boca. Por favor.

Eu digo a todos: Até eu descobrir quem é o terrorista, fiquem abaixados.

Fertility pega um solitário de diamante das oferendas e o mete no dedo.

Eu digo: Um de vocês é um sequestrador. Eu não sei qual de vocês, mas alguém aqui planeja derrubar este avião.

Fertility continua rindo.

Tenho a péssima sensação de estar perdendo alguma grande piada.

Eu digo: Fiquem calmos, todos vocês.

Eu mando a comissária de bordo ir falar com o capitão. Eu não quero machucar ninguém, mas preciso muito sair deste país. Precisamos decolar e depois pousar em algum lugar seguro, em algum lugar entre este local aqui e a Austrália. Então todos vão desembarcar.

Para Fertility, que ri ao meu lado, eu digo que até ela vai desembarcar. Nós vamos concluir esta viagem, eu digo, mas somente eu e um único piloto. E assim que voltarmos ao ar pela segunda vez, eu digo, vou deixá-lo saltar de paraquedas.

Eu pergunto: Está claro?

E a comissária de bordo com a arma apontada para a cara diz: Sim.

Este avião vai cair na Austrália, eu digo, e somente uma pessoa vai morrer.

E aí eu começo a me dar conta.

Talvez não haja outro sequestrador.

Talvez eu seja o sequestrador.

Ao nosso redor, as pessoas começaram a sussurrar. Elas me reconheceram. Eu sou o assassino em massa da televisão. Eu sou o Anticristo.

Eu sou o sequestrador.

E eu começo a rir.

Pergunto a Fertility: Você armou para mim, não é?

E, ainda rindo, ela diz:

— Um pouquinho.

E, ainda rindo, eu pergunto se ela realmente está grávida.

E, ainda rindo, ela responde:

— Infelizmente sim, mas eu realmente não previ isso. Continua sendo um legítimo milagre.

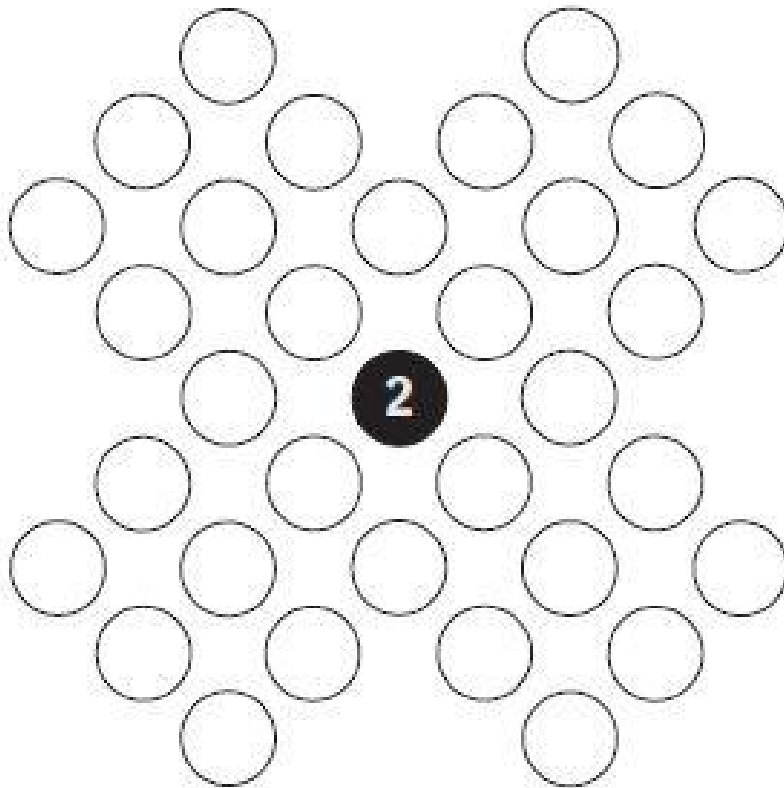
As portas da cabine se fecham com uma pancada e o avião começa a se afastar do terminal.

— Aqui está. Durante toda sua vida, você precisava que outras pessoas lhe dissessem o que fazer: sua família, sua igreja, seus patrões, sua assistente social, seu agente, seu irmão... — diz ela. — Bem, ninguém pode ajudá-lo nesta situação — diz ela.

— Tudo o que sei é que você vai dar um jeito de sair dessa bagunça. Você vai encontrar uma maneira de deixar para trás sua fracassada história de vida. Você vai estar morto para o mundo.

Os motores a jato começam a gemer e Fertility me entrega uma aliança masculina de casamento feita de ouro.

— E depois você pode contar sua história de vida e se afastar dela, e aí vamos começar uma nova vida juntos e viver felizes para sempre.



Em algum lugar a caminho de Port Vila, nas Novas Hébridas, eu sirvo o jantar da maneira que sempre sonhei como última refeição.

Quem eu pegar passando manteiga no pão antes de parti-lo, prometo que vou atirar nessa pessoa.

Quem beber algo com comida ainda na boca também vai levar um tiro.

Quem for pego metendo a colher no prato alheio vai morrer.

Quem for pego sem um guardanapo no colo—

Quem for pego usando os dedos para mexer na comida—

Quem começar a comer antes que todos sejam servidos—

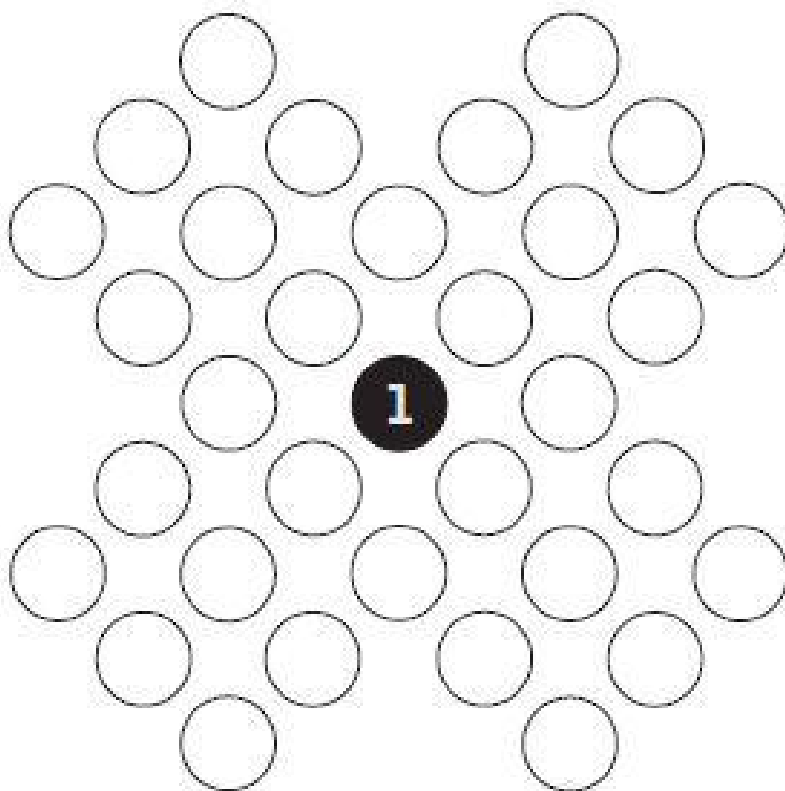
Quem assoprar a comida para esfriá-la—

Quem falar de boca cheia—

Quem beber vinho branco segurando a taça pelo corpo ou beber vinho tinto segurando a taça pela haste—

Cada um de vocês vai levar um tiro na cabeça.

Estamos a cem mil pés acima do solo, voando a setecentos quilômetros por segundo. Estamos no auge da realização humana e vamos fazer esta refeição como seres humanos civilizados.



Então, aqui vai a minha confissão.

Testando, testando, um, dois, três.

E, segundo Fertility, é só eu descobrir como escapar. Eu poderia escapar de estar aqui em cima. Eu poderia escapar da queda. Eu poderia escapar de ser Tender Branson. Eu poderia escapar da polícia. Eu poderia escapar do meu passado, da minha história de vida tortuosa, infeliz, desgraçada e confusa até agora.

Fertility disse que o truque era simplesmente contar às pessoas a história de como cheguei a este ponto e eu descobriria uma saída.

Se eu pudesse sumir e deixar minha antiga história de vida para trás.

Se eu sobrevivesse, ela disse, poderíamos aprimorar o sexo.

Poderíamos dar um jeito de termos uma nova vida juntos.

Poderíamos ter aulas de dança.

Ela me disse para contar a minha história de vida até o momento em que o avião bater no solo. Aí o mundo pensaria que eu estou morto. Ela me disse para começar do final.

Testando, testando. Um, dois, três.

Testando, testando. Um, dois, três.

Talvez isto esteja funcionando. Eu não sei. Se você ao menos pode me ouvir, eu não sei.

Mas, se você consegue me ouvir, preste atenção. E, se estiver prestando atenção, então o que você encontrou é a história de tudo que deu errado. Isto é o que você chamaria de registro do voo 2039. A caixa-preta, como as pessoas a chamam apesar de ser laranja, contém, no interior dela, um emaranhado de fios que faz o registro permanente de tudo o que restou. O que você achou é a história do que aconteceu.

E vá em frente.

Você pode aquecer esses fios até ficarem incandescentes e eles ainda contarão exatamente a mesma história.

Testando, testando. Um, dois, três.

E se você estiver ouvindo, deve saber que os passageiros foram retirados do avião em Port Vila, na República de Vanuatu, em troca de meia dúzia de paraquedas e de mais garrafinhas de gim.

E depois voltamos ao ar e fomos para a Austrália, aí o piloto saltou de paraquedas para a liberdade.

Vou continuar a dizer isso, mas é verdade. Não sou um assassino.

E estou sozinho aqui em cima.

Todos os quatro motores pifaram e eu estou na minha descida controlada, minha queda livre no solo. Esta é a *fase terminal* da minha descida, para onde estou indo a dez metros por segundo direto para a Austrália, a minha *velocidade terminal*.

Testando, testando. Um, dois, três.

Mais uma vez, você está ouvindo o registro do voo 2039.

E, a essa altitude, ouça, e nessa velocidade, com o avião vazio, essa é a minha história. E a minha história não vai se desfazer em um zilhão de pedaços sangrentos e depois queimar com mil toneladas de jato flamejante. Além disso, depois que o avião bater,

as pessoas irão atrás do registro de voo. E a minha história vai sobreviver.

E eu vou continuar a viver, para sempre.

E, se eu conseguisse descobrir o que Fertility quis dizer, eu poderia me salvar, mas não consigo. Eu sou burro.

Testando, testando. Um, dois, três.

Esta é minha prece.

A minha história. Meu sortilégio.

Ouçá-me. Veja-me. Lembre-se de mim.

Amado perdedor.

Messias mal-ajambrado.

Aspirante a amante. Libertado para Deus.

Eu estou preso aqui, em queda livre, na minha vida, na cabine de um jato comercial com a planície amarelada do interior da Austrália aproximando-se rapidamente.

E há tantas coisas que eu quero mudar, mas não posso. Tudo está feito. Agora, tudo é apenas uma história.

Essas são a vida e a morte de Tender Branson, e eu posso simplesmente sair delas.

E o céu está azul e virtuoso em todas as direções.

O sol está completo e em chamas e bem ali na frente, e hoje é um dia lindo.

Testando, testando, um, dois—